Griots

V CONGRESSO INTERNACIONAL DE LITERATURAS E CULTURAS AFRICANAS

CADERNO ESPIRALAR
ROSILDA ALVES BEZERRA

Resumos
Simpósios Temáticos

23, 24, 25 de outubro de 2024
Natal (RN)

V GRIOTS CONGRESSO INTERNACIONAL DE LITERATURA E CULTURAS AFRICANAS

Caderno de Resumos: Simpósios Temáticos
23, 24 e 25 de outubro 2024

Catalogação da publicação na fonte.
Bibliotecária/Documentalista:
Rosa Milena dos Santos – CRB 15/ 847

G868 V Griots congresso internacional de literatura e culturas africanas – cadernos de resumos: simpósios temáticos 23, 24 e 25 de outubro 2024 [recurso eletrônico] / Tânia Lima; Izabel Nascimento... [*et al.*] (Orgs.). – Natal: Caule de Papiro, 2024.
396p.

Vários autores.
ISBN 978-65-5477-072-9

1. Cultura africana. 2. Literatura africana. 3. Negros - história. I. Lima, Tânia. II. Nascimento, Izabel. III. Título.

CDU 82-94

editora CAULE DE PAPIRO®

Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte
Natal/RN, outubro de 2024

PoemaRó

Singela poesia dedicada à amada irmã,
Nova Estrela do Universo:
Rosilda:
pelo que fostes,
pelo que és e sempre serás:
Raios de Sol,
Farol.

NegrAnória d'Oxum

Linda Ró,
era uma vez...

Negros olhos cor da noite
Cabelos pretos, sedosos, lindos, lindos.

RosaRó:
Suave, serena, sorri:
Abre os braços. Olha ao redor:
- Onde estou?
Escuta:
- SSSSSSSilêncio
sinta...

Rara-Ró
Raios e sol
Raios de Sol
Sonhos e céus,
embalos.
- Onde estou? Indaga...

SSSSlêncio
ouve

Lado de cá,
Rios e mares,
Choro, choro...
Sua viagem,
corto.
- Ró? Ró! Por quê???
Lágrimas jorro sobre a terra seca,
Desassossego.
desmorono.

Sonho?
Pesadelo!

Ouça...
Vejo:

Ró, ao longe, mira...
suave, serena,
 segue.

Leve, leve, viagem...

Imersa em lágrimas,
Estou.

Ró transita
 Leve, leve, leve

Parentes, amigos, procura...
 Serena, segue.

Miragem, avista, grita:
- Gabi, Mamãe!
   Mamãe, Gabi!
Desacredita.

 Sonho, eu?
Desperto.
Um nó na garganta.
Aprisionada em minhas lágrimas, Rosa-Ró vai-volta,
Se perde...

Mira ao longe,
parentes, procura, procura...
Sono profundo... Pesadelo?
Transe? Talvez...

Segundos, fração...

Visualiza Ró:
Rios e lágrimas:
Alaga-se.
Engasga, balbucia:
- “Crápula”, escuto.
Rosa-Ró, cata cacos de si, desfaz o peso passado.
 Turbilhões de emoções exaure, expurga.

E a vida vibra, voa, voa...
Translúcida, insurge.

Afagos, amores...
Ró...

Segundos em frações, visualiza:
RosaRó, linda menina...
Pés descalço sob a terra fofa
em rios e mares,
n’areia suave, brinca.
Menina Ró:
teias e tempos, rasga.
Corre solta sob a chuva

Adolesce
Sonha, chora, sorri.
Rosa-Ró.
Sorri de si.

Doce-Ró:
Entre cobras, passeia.
Tristezas, vomita.
Reage, alarga-se, reluz
Odores outros, exala:
Jasmins, alecrins, alfazemas...

LindaRó,
Adulesce.
Caminha, caminha...
Perigos, supera
Viaja em livros
Saber, sabor e alegrias, exprime.

Mas...
Covid-21
Rosa rara
Menina-moça-mulher
Do sono, às travessias:
Serena, suave:
Transmutou.

Mas,
Amada Ró..
A dor em mim dilata, devasta, devora.
Rosa-Ró acolhe, acalenta.
Lágrimas e rios
Reajo.

Rosa-Ró,
Rosilda
Vida nova.
Liberto.
...

BA, 25/02/21

Homenagem à Rosilda Alves Bezerra

Por João Batista Teixeira

Sendo o Griots 2024 uma festa da cultura e intelectualidade dos povos africanos, afro-brasileiros, brasileiros, latino-americanos e todos as gentes que formam a comunidade terra, se construiu com as mãos de todas aquelas pessoas que acreditavam e acreditam na construção de um mundo humano e fraterno, antirracista e que convida e recebe com alegria de família, poetas, pesquisadores, professores e professoras, líderes comunitários, escritores e narrativas que digam da construção de uma mentalidade e cidadania que se elaboram a partir das urgências, necessidades e pautas de todos que historicamente se viram e foram ameaçados, silenciados e muitos dizimados pelo poder colonial.

As pessoas que pelo *Griots* passaram foram numerosas em suas contribuições e presenças sempre significativas. Pesquisadores e pesquisadoras de todo Brasil, do Continente africano, da América Latina e outros povos fomentaram as leituras e pesquisas em Literaturas Africanas e suas relações com um mundo que se descoloniza para além dos territórios políticos,já que a descolonização da mente como nos lembra Alberto Memmi é uma urgência dos tempos que vivemos – o ser humano de um modo geral – estudantes de letras e outras humanidades se beneficiaram do *Griots* com as falas, posturas e propositurs de conhecimento científico,filosófico,cultural,político e literário, compromissos altamente necessários à valorização de culturas antes minorizadas pelo colonizador.

Nessa história de 15 tivemos a presença amiga e muito dedicada da querida Rosilda Alves Bezerra, professora de vida política e acadêmica, o que vinha em forma de pesquisas dos seus alunos e alunas nos eventos, os quais organizava, participava e de forma amorosa em torno de si trazia uma geração de pesquisadores e pesquisadoras de Literaturas Africanas e Afro-brasileira o que a tornou uma referência na área dos Estudos Africanos.

Quem conviveu com a querida Rosilda Alves Bezerra tem em lembrança e memória o afeto que generosamente distribuía aos que dela precisassem. Essa generosidade abarcava a todos no empréstimo constante de livros, orientações científicas que extrapolavam o número de alunos, conversas e conselhos, cuidados que tornavam o ambiente acadêmico conhecido pela frieza das relações e o distanciamento entre orientador e orientandos em um lugar sobre o qual temos as melhores recordações à guisa do Campus I e III da Universidade Estadual da Paraíba e outros centros acadêmicos como os corredores, salas e auditórios de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e também na Universidade de Coimbra onde realizou seu estágio Pós-doutoral em Letras.

Essa edição do *Griots* se enobrece, se agiganta e cresce em trabalhos, opiniões, vidas transformadas em histórias melhores, pessoas que adentram narrativas, autores, condutas, posturas e modos diferentes de construção de uma humanidade respeitosa e feliz com as diferenças. Rosilda Alves Bezerra

nos ensinou e nos ensina a ler a mulher africana e brasileira, o homem da savana e da metrópole africana, os direitos civis a serem mantidos e conquistados,a ler e a fazer literatura com o olhar e o cuidado de não repetir a história única como nos diz Chimamanda Adichie, a nos buscar em meio aos destroços da colonização e encontrar a nossa narrativa em Mia Couto,Sholastique Mukasonga, Noêmia de Souza,Ungulani Ba Ka Kosa,João Paulo Borges Coelho, Paulina Chiziane,Agualusa,Ondjaki,Luandino Vieira, Conceição Evaristo,Cuti,Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto,Machado de Assis, alguns nomes que a querida Rosilda nos ensinou a ler e a construir dissertações,teses,artigos o que resultou e está disponível à sociedade brasileira e aos africanos uma produção científica de alto nível realizada sob a orientação desta mulher que trouxe à universidade brasileira da Região Nordeste, contribuições significativas para o processo de descolonização do Currículo da Educação Básica e do Ensino Superior no que diz respeito à Língua Portuguesa e sua Literatura e às Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, o que nos permitiu reescrever caminhos e escrever novas perspectivas de descolonização do pensamento.

Vive Rosilda Alves Bezerra na memória e vida dos seus familiares, alunos e alunas. Vive também na memória afetiva dos seus amigos e em cada autor que leu e nos apresentou em suas aulas e conversas a ponto de seu nome ser lembrado constantemente por gerações que foram seus alunos e alunas desde a graduação ao doutorado.

Ficamos todos um pouco órfãos com a sua partida em 2021, mas nos enchemos de coragem e esperança para tornar o mundo um lugar sem fome e pobreza, que sejamos todos compromissados em nossas pesquisas e vida prática em construir uma sociedade mais humana e a terra um lugar de paz com assim nos ensinaram todos os mestres que tinham em seus corações o desejo da fraternidade humana e Rosilda Alves Bezerra não nos ensinou diferente!

Axé!

Oxalá, Comunidade Griots!

O evento Griots é como um terreiro de macumba, um carnaval espiritual, festa das entidades que se organiza no meio de uma encruzilhada que é o RN e tudo fica bonito! A energia gira, toca-se o baticum com o som dos ancestrais. Todos são convidados para a festa literária africana no Nordeste brasileiro e todos entram na roda de contação, pés fazem baticum, mãos tocam atabaques. E assim que os tambores abrem a festa, cada palavra celebra o fogo da imaginação. No reino das palavras, a fogueira do ato de contar e ouvir se reúnem em um ritual do verbo espiral. Entre falas e escutas de afetos, que este Griots 2024 possa nos elevar a sabença e a benção do que há de mais sagrado em todos nós: as relações humanas!

Laroyê, Exu!

Tânia Lima e Izabel Nascimento
Coordenação Griots 2024

ORGANIZADORES E COLABORADORES – GRIOTS 2024

Tânia Lima
Izabel Nascimento
ORGANIZADORAS DO GRIOTS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (NORDESTE – BRASIL)

Alberto Mathe
Dionísio Bahule
ORGANIZADORES GRIOTS (MOÇAMBIQUE – ÁFRICA)

João Paulo Pinto Có
William Ferreira
COLABORADORES GRIOTS (GUINÉ-BISSAU – ÁFRICA)

Pingrewaoga Bema Abdoul Hadi Savadogo
COLABORADOR GRIOTS (BURKINA FASO – ÁFRICA)

Aline França
WEB DESIGNER

Renildo Medeiros
Victhória Cristhiêne
MÍDIAS DIGITAIS E DIVULGAÇÃO

Thamise Cerqueira
FOTÓGRAFA DO EVENTO

ORGANIZADORES E COLABORADORES – GRIOTS 2024

Luana Antunes
Carlos Subuhana
Luís Tomás Domingos
COLABORADORES NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)

Assunção Sousa
Feliciano Bezerra
Raimundo Silvino
Margareth Alencar (Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro - Nepa)
COLABORADORES ÁFRICA/BRASIL

Marcelo Magalhaes
Stélio Torquato
COLABORADORES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

Maria de Fátima B. Costa (Faculdade de Ciências Humanas ESUDA)
Ana Cláudia Gualberto (Universidade Federal da Paraíba - UFPB)
COLABORADORAS SOBRE O SERTÃO

Anória Oliveira
Iraneide Silva
COLABORADORAS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PESQUISADORES NEGROS (ABPN)

Maria do Socorro da Silva
COLABORADORA DO NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, GÊNERO E DIVERSIDADE (NEGEDI) DO IFRN E DO YALODÊ INSTITUTO AFROACADEMIA LÉLIA GONZÁLEZ

Dalvaci André da Silva Neves
Ivaneide Paulina do Nascimento
COLABORADORAS DO KILOMBO (ORGANIZAÇÃO NEGRA – RN)

Francy Silva
Fabiana Carneiro
Sávio Freitas
Vanessa Riambau
COLABORADORES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)

Agnaldo Silva
Algemira Macedo
Marinei Almeida
COLABORADORES DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURAIS AFRICANOS (AFROLIC)

Doris Wieser
Geni Brito
COLABORADORAS EM COIMBRA - PORTUGAL

João Batista de Morais Neto
Jucely Régis
Suely Souza
COLABORADORES DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE (IFRN)

Giselma Omilê
COLABORADORA NA COORDENADORIA DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CONSELHO CIENTÍFICO – GRIOTS 2024

Ana Rita Santiago
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

Andrea Cristina Muraro
NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)

Basilele Malomalo
NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)

Dionísio Bahule
MOÇAMBIQUE

Érica Cristina Bispo
Universidade de São Paulo (USP)

Feliciano José Bezerra Filho
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PIAUÍ (UESPI)

Franciane Conceição da Silva
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA PARAÍBA (UEPB)

Leda Maria Martins
ESCRITORA

Luana Antunes Costa
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)

Norma Sueli Rosa Lima
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)

Pingrewaoga Bema Abdoul Hadi Savadogo
(BURKINA FASO)

Roland Walter
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PERNAMBUCO (UFPE)

Renata Beatriz Rolon
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS (UEA)

Savio Roberto Fonseca de Freitas
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)

Simone Caputo Gomes
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

Simone Pereira Schmidt
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

Vanessa Neves Riambau Pinheiro
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)

ÍNDICE DE SIMPÓSIOS

SIMPÓSIO 02 13
SIMPÓSIO 03 26
SIMPÓSIO 04 45
SIMPÓSIO 05 63
SIMPÓSIO 06 78
SIMPÓSIO 07 95
SIMPÓSIO 08 111
SIMPÓSIO 09 123
SIMPÓSIO 10 142
SIMPÓSIO 11 160
SIMPÓSIO 12 176
SIMPÓSIO 13 188
SIMPÓSIO 14 202
SIMPÓSIO 15 222
SIMPÓSIO 17 237
SIMPÓSIO 19 243
SIMPÓSIO 21 257
SIMPÓSIO 22 269
SIMPÓSIO 23 278
SIMPÓSIO 24 292
SIMPÓSIO 25 307
SIMPÓSIO 27 320
SIMPÓSIO 28 335
SIMPÓSIO 29 342
SIMPÓSIO 30 358
SIMPÓSIO 32 373
SIMPÓSIO 33 389

Eu te darei o meu amor

eu te darei o céu/ eu te darei o mar

o sol, a chuva, a lua, o ar

eu te darei o planeta azul

e rios de águas cristalinas

e o canto dos pássaros ao amanhecer do dia.”.

Elio Ferreira, *Contra Lei* (1997, pág.134)

SIMPÓSIO 02

TRADIÇÃO ORAL- MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE: ORALITURAS E CANTOPOEMAS EM ÁFRICA E NAS EXPRESSÕES CULTURAIS TRADICIONAIS EM DIÁSPORA

Organização do Simpósio:
Daniela Barros Pontes e Silva (UniCEUB)
Saulo Pequeno Nogueira Florencio (UniCEUB

RESUMO
Tradição Oral faz referência a um modo de ser/estar específico e diverso. Específico porque inscreve nas vidas e territórios as particularidades de cada história, de cada pessoa que na sua própria existência expande e aprofunda o movimento da oralidade no Tempo. Diversos porque, nas suas especificidades, mantém-se assentada nos seus fundamentos em toda comunidade, povos, territórios ou expressões culturais autorreconhecidas como tradicionais de matrizes africanas: Terreiros, Comunidades Quilombolas, Congadas, Reinados, Cheganças, Embaixadas, Marujadas, Cavalos Marinhos, Ternos de Moçambique, Levadas de Caboclas, Sambas de Roda, Rendas de Bilros, Sambas de Coco, Capoeiras, Umbigadas...Por ser inscrição, no corpo e na cultura, a Tradição Oral é processo que constitui tanto a comunidade quanto a pessoa e, assim, é então força educativa, que orienta os pilares sociais e o comportamento em comunalidade. Fundada e orientada pela Ancestralidade, do antes e de agora — a pessoa vivente é um ancestral que está sendo — a Ancestralidade torna-se também o fio condutor da educação pela oralidade, num corpus espiritual epistêmico (SILVA, 2023). A oralidade é um sistema de pensamento, um lócus epistêmico, organizador da memória – um cosmos de fundamentos e valores que indicam, enunciam e organizam as diversas comunidades, territórios e grupos, por ela constituídos num processo contínuo e espiralar coletivo-indivíduo-coletivo, que acompanha o próprio Tempo (SILVA, 2023). Por meio de Oralituras (MARTINS 1997, SEMEDO 2011) e Cantopoemas (ALMEIDA 2007), as Expressões Culturais Tradicionais Africanas e na Diáspora tecem a Tradição Oral como o imenso território intangível que se constitui a partir das várias formas de reexistência dos povos africanos em África e na Diáspora, nas literaturas que transcendem a palavra escrita e a palavra falada, inscrevendo no corpo, que é oralidade, a “Tradição Viva” (Hampaté Bâ).
Palavras-chave: Tradição oral. Oralituras. Cantopoemas.)

A TRADIÇÃO ORAL DE MATRIZ AFRICANA: O EXISTIR AFRODIASPÓRICO NAS EXPRESSÕES CULTURAIS TRADICIONAIS POR MEIO DE ORALITURAS E CANTOPOEMAS

Daniela Barros Pontes e Silva (UniCEUB)

RESUMO
Compreendendo a Tradição Oral de Matriz Africana enquanto sistema de pensamento, lugar de salvaguarda e produção epistêmica e de criação de existências desde África até a Diáspora, o presente trabalho tem por objetivo refletir a respeito da dimensão educativa da Tradição Oral e da Oralidade enquanto território de sustentação da Diáspora na Latinoamérica. Afirmar a sua dimensão educativa e de constituição da pessoa, de modo que de África à Diáspora, a oralidade se desloca do lugar de lógica, episteme, organizadora e sustentadora dos pensamentos, cosmopercepções e saberes africanos, de constituição das Existências para ocupar lugar de resistência e produção de Reexistência na Diáspora. Reexistência, de acordo com Silva (2023), destaca "o processo de existir novamente, sem deixar o passado para trás, num movimento que acompanha o espiralar do Tempo. Esse é o próprio movimento da Tradição Oral, que retorna-cria-retorna continuamente, sem negar as rupturas, mas considerando as lacunas como parte do processo histórico". Por isso, pronuncio REEXISTÊNCIA, a partir do verbo existir, incorporando na escrita o movimento Sagrado, espiralar e ancestral de reexistir. O resistir é intrínseco ao reexistir na modernidade-colonialidade, mas a reexistência compõe a metodologia das Tradições Orais em África, desde muito antes, no movimento vivo do conhecimento oral entre gerações, sendo o mesmo, mas recriado em cada corpo, cada voz, promove o contínuo da oralidade, na refazenda da Existência (SILVA, 2023). As oralituras (MARTINS, 1997) e Cantopoemas (PEREIRA, 2007) emergem nesse processo, como tecnologias do Existir, acionando a agência da Ancestralidade no Tempo, por meio da palavra e do ser-saber, uma espiritualidade científica, materializada e vivenciada na pessoa em seu estar-sendo (RAMOSE, 2011) por meio do exercício de si, em corpOralidade (SILVA, 2018) reexistente.
Palavras-Chave: Tradição Oral; Reexistência; Expressões Culturais Tradicionais de Matriz Africana

ÌPÀDÉ: O RITUAL DO ENCONTRO

Andréa Valentim Alves (UNB)
Babalorixá Lucas Matheus Ti Ayrá
Monica Celeida (UNB)

RESUMO
O ìpàdé é um ritual litúrgico a ser realizado em momentos solenes tais como iniciações, obrigações anuais dos orixás e no ritual de aṣéṣé, no qual são invocados primeiramente Èṣù, os ancestrais masculinos, as ìyami òṣòròngà , as ancestrais femininas e os orixás que pertencem ao contexto do Terreiro ou da obrigação em que se realizou. No ìpàdé, o tempo gira no formato espiralar, se vive o passado, o presente e o futuro, por meio daqueles que estão presentes, daqueles que não estão nesse mundo e daqueles que estão por vir. É onde ser vivo não representa estar vivo. Diante disso, a proposta deste trabalho é demonstrar como se deu a (re)construção da história do írandíran do ará ilé àṣẹ do Ilé Àṣẹ Ọdẹ Onísèwé Wúre, do Rio de Janeiro, a partir da escuta das narrativas do(as) mais velhos(as) desta comunidade, sobre ancestralidade, conhecimento de axé, família de axé e hierarquia no Terreiro. Demonstrando a metodologia utilizada e os resultados adquiridos.
Palavras-chave: Tradição Oral. Povos de Terreiro. Candomble.

A ORALIDADE AFRICANA COMO MONUMENTO DE TRANSIÇÃO DE SABERES E PARTE IDENTITÁRIA DO POVO GUINEENSE E AFRO DIASPÓRICA

Euclides Morna Iala (UFC)

RESUMO
Este trabalho tem por objetivo apresentar e relatar o processo da oralidade em Guiné-Bissau, evidenciando sua importância na afirmação da identidade, emancipação do povo guineense e herança africana na literatura e cultura brasileira. Para entender essa importância da oralidade para povos africanos, em particular para os guineenses, precisou-se primeiro situar geográfica e sócio historicamente Guiné-Bissau. A pesquisa, fazendo uso da metodologia de cunho bibliográfico e qualitativo, utilizou-se do aparato da tese de doutorado "As mandjuandadi - cantiga de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura" (2010), de Maria Odete Costa Semedo, do documentário Sotigui Kouyaté, um griot no Brasil (2014), e dos escritos Amkoullel, o menino fula (2003) de Amadou Hampâté Bâ e O desafio do escombro: Nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau (2007), de Moema Parente Augel. Desta forma, foi possível tecer ideias e alinhar pensamentos sobre a oralidade como parte da herança africana, proporcionando assim reflexões sobre um dos pilares da construção de identidade africana, especificamente do país Guiné-Bissau. Quando falamos da herança africana não se deve fixar unicamente nos países africanos, a fim de evitar cair no perigo de uma história única ou de perpetuar a negação e o apagamento da história negra tanto dos africanos quanto dos afrodescendentes. É nesta ótica que os afrodescendentes brasileiros/as, como parte da construção de história e identidade brasileira, merecem ser valorizadas nessa luta de repaginação de identidade oral, literária, cultural e de história africana. Este último como peça-chave para retomar e reconstruir as origens do qual todos africanos e afrodescendentes devem se orgulhar.
Palavras-chave: Africanidades. Afrodescendência. Cultura guineense.

A ANCESTRALIDADE EM ÁGUA DE BARRELA DE ELIANA ALVES CRUZ

Kelvin Igor Araujo Santos (UESPI)

RESUMO
A presente pesquisa investigou as marcas de ancestralidade na obra Água de Barrela (2018) de Eliana Alves Cruz, com foco em como essas marcas contribuem para a valorização da identidade negra e da cultura afrodiaspórica à luz da cosmovisão africana. O estudo tem como objetivo principal investigar a forma como a ancestralidade é representada e evocada para garantir a supravivência e a identidade cultural-histórica das personagens, além de desafiar paradigmas estéticos coloniais que prevaleceram por gerações na literatura brasileira. A pesquisa teve um viés qualitativo, descritivo e reflexivo, para a análise crítica da estrutura narrativa e dos elementos simbólicos presentes na obra, incluindo paratextos como capa, fotografias, e a árvore genealógica, além das seções textuais principais, tendo a perspectiva do pensamento decolonial de Quijano (2005), Oyèronké Oyewùmi (2002), Rufino (2021), agregando, do mesmo modo, as ideias de Rufino e Simas (2022), Oliveira (2021), Prandi e Vallado (2022) entre outros/as. Os resultados indicam que Água de Barrela revisita e reconfigura perspectivas históricas e culturais marginalizadas, oferecendo uma visão histórica da diáspora e das comunidades negras ao integrar tradições e valores africanos em suas supravivências. Por esse viés, a análise revelou que a obra atua como um espaço de resistência cultural e de descolonização, promovendo a valorização da relação entre o passado e o presente para a consolidação de uma identidade ancestral, nesse contexto, da linhagem matrilinear dos Sangokunle, protagonistas da narrativa, identificada como um elemento de interconexão entre a África e o Brasil, destacando a importância das mulheres afro-brasileiras na transmissão de saberes e histórias por meio da oralidade.
Palavras-chave: Ancestralidade. Cosmovisão Africana. Decolonialidade. Literatura afro-brasileira.

A ORALIDADE PRETA EM UM DEFEITO DE COR, DE ANA MARIA GONÇALVES

Rafaela Linhares Junqueira (EMEIEF Maria Dulce dos Santos)

RESUMO
Este trabalho possui como principal objetivo analisar como se constrói a oralidade no romance contemporâneo “Um defeito de cor”, da autora Ana Maria Gonçalves (2020). Para solidificar a pesquisa, realizou-se um estudo bibliográfico, buscando fundamentá-lo a partir do respaldo teórico de pensadores como Zumthor (2010), Bakhtin (1997), Maingueneau (2001) e Faraco (2019). Desse modo, pressupõe-se que a oralidade preta em “Um defeito de cor” expressa, através da personagem Kehinde, uma fala íntima do cotidiano, dispondo de palavras que são ditas e ouvidas costumeiramente. Além disso, a autora escolhe uma estética literária pautada na memória e nas contações de histórias, marcas tradicionalmente africanas que regem a cultura oral. Por conseguinte, a oralidade preta que Kehinde traz à tona é, sobretudo, uma linguagem que evoca denúncias sociais, preces, gritos, queixas, lutas, reivindicações e vários outros gêneros textuais orais, portanto, uma fala que mimetiza cruamente a escravidão no período colonial do Brasil.
Palavras-chave:

INSIGHT CRIATIVO PARA POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO DO SABER AFRICANO: ANÁLISE DA ORALIDADE EM CONTOS E POEMAS DE ZACARIAS MAHWAY

Dercia Sara Feliciana – Deusa da África (Universidade Save- Moçambique - África)

RESUMO
O saber africano tem sido transmitido desde os tempos remotos em que os povos por via da oralidade narram em forma de contos e poemas, estórias que visam educar a sociedade. O presente trabalho intitulado "Insight Criativo para Possíveis Estratégias de Preservação do Saber Africano: análise da oralidade em contos e poemas de Zacarias Mahway", objectiva estudar as possíveis estratégias de preservação do saber africano por via de análise da oralidade em contos e poemas de Zacarias Mahway tendo como dimensões de estudo os seguintes: comparatismo na literatura oral, o panegírico em Mawhay e função da literatura oral. Recorre-se neste estudo, ao conceito de insight, panegírico, saber africano Kohler (1999), Matusse (1993), Kpoholo (2023), e outros. Esta pesquisa recorre a fontes bibliográficas para suportar os diferentes conceitos e características da literatural oral.
Palavras-chave: literatura oral, insight criativo, comparatismo e panegírico.

OS CONTOS QUE NOS CONTARAM: A LITERATURA COMO POTÊNCIA LIBERTADORA

William Frederico de Souza Rodrigues (UFC)

RESUMO
Este presente estudo é um já-vem para compreender a oralidade ancestral como uma literatura capaz de uma práxis (FREIRE,2005) de libertação, como enigma exuístico (RUFINO E SIMAS,2018), que procura desvendar os meandros de uma linguagem outra, desvinculada do grafocentrismo imposto pelo mundo Ocidental. Dentro desse quadro de uma literatura menor (DELEUZE E GUATARI,2003), encontramos conceitos que nos ajudam a problematizar o conceito canônico de literatura, como o de Literatura Terreiro (FREITAS,2013), Literatura silenciosa (PEREIRA,2010), oratura (GLISSANT,1981) e oralitura (MARTINS,2006) no intuito de propor uma literatura decolonial de libertação se opondo a letramentos e práticas de linguagens que desconsidere a oralidade como uma práxis de encantamento, como uma atitude diante da realidade (VANSINA,1982) para isso utilizamos o método das ciências encantadas das Macumbas (RUFINO E SIMAS,2018) porque percorremos as crônicas exuísticas e os estilhaços Pelintras (SIMAS,2023), do corpo encantado das ruas (SIMAS,2024), bem como das Pedrinhas Miudinhas(SIMAS,2019) atrás de rodopios (RUFINO E SIMAS,2018) para compreender a oralidade nestas tramas, como exu que é a encruzilhada, o movimento e o caminho. Laroyê!
Palavras-chave:

A CAPOEIRA ANGOLA COMO MANIFESTAÇÃO DO PRETUGUÊS

Vanessa Aparecida da Conceição (UNIFESP)

RESUMO
A oralidade e a corporeidade se cruzam de maneira única na capoeira angola, tornando o corpo, a música e a oralidade manifestações do pretuguês. Na roda de capoeira, a comunicação vai além das palavras; ela é vivenciada através do movimento e da música. A fala, as cantigas e os comandos se transformam em ações corporais, onde cada movimento é carregado de significado cultural e histórico. O pretuguês é uma manifestação linguística resultante da mistura da língua portuguesa com influências linguísticas africanas. Na capoeira angola, essa manifestação pode ser vista não apenas na linguagem verbal, mas também na linguagem corporal e na expressão cultural como um todo. Assim, ao considerar o corpo na capoeira angola como uma manifestação do pretuguês, reconhecemos que a linguagem não se limita apenas às palavras faladas, mas inclui a linguagem corporal e a expressão cultural como formas de comunicação, que refletem a identidade e a história da diáspora africana no Brasil. Na capoeira angola, o corpo é visto como um meio dinâmico e ativo de comunicação e criação; o corpo não apenas executa movimentos, mas também transmite histórias, memórias e identidades, performando, por exemplo, a oralitura. Os movimentos da capoeira, os gestos, as expressões faciais e corporais são uma forma de expressão física que incorpora elementos culturais e linguísticos. Assim, o corpo na capoeira angola transmite significados culturais e históricos que refletem a influência das línguas africanas e afro-brasileiras. O presente estudo objetiva, de maneira geral, discorrer sobre conceitos e definições relacionadas ao entendimento linguístico-corporal da capoeira angola enquanto manifestação do pretuguês.
Palavras-chave: Pretuguês. Oralitura. Sociolinguística. Capoeira Angola. Corporeidade.

COMUNALIDADE E INFÂNCIAS: O BRINCAR EM EXPRESSÕES CULTURAIS TRADICIONAIS

Saulo Pequeno Nogueira Florencio Silva (UniCEUB)

RESUMO
Os contextos de expressões culturais tradicionais e territorialidades tradicionais proporcionam experiências e referências que informam as trajetórias das pessoas, desde as infâncias, compondo a forma com que experienciam a existência individual-coletiva. A composição da existência compartilhada no brincar, informado pelas tradições, configura um brincar como afrografias através da expressão das crianças e do seu meio, oralituras (MARTINS, 1997) que acionam o acervo coletivo, mas que também se transformam no próprio brincar. As brincadeiras das crianças, ao agir com o acervo tradicional coletivo, configura a relacionalidade desde as infâncias, a comunalidade desde as infâncias, pela experiência constante das crianças se lançarem, e serem reconhecidas, como detentoras de suas expressões tradicionais.
Palavras-chave:

O COCO QUE SE CANTA, QUE SE BEBE E QUE SE DANÇA, QUE SE REZA E QUE SE ENTRANÇA, E QUE FAZ A VIDA PULSAR DO PIAUÍ AO CEARÁ

Alessandra Sávia da Costa Masullo (UFC)
Osmar Rufino Braga (UFDPar)
Patrícia Pereira de Matos (UFC)

RESUMO
O oficio de subir no coqueiro, quebrar o coco e dele se nutrir, envolve o cotidiano do povo negro. O coco é cultura de alimentação, de artesanato, religiosidades e canto -dança que também são brinquedo e brincadeira, oralidades. Nesses saberes e fazeres acontecem a organização de coletividades que preservam tradição oral africana e afroindígena brasileira em seus corpos, salvaguardando suas histórias, memórias, manifestações, práticas ancestrais dos cânticos, da feitura de alimentos, roupas, danças, rezos e ritmos onde pulsam afetos e alacridade, produzindo e reproduzindo a vida. Esse trabalho objetiva apresentar modos de ser, de estar, saberes e fazeres que brotam da cultura do coco nas vidas das pessoas pescadoras, agricultoras, rezadeiras, artesãs, cantadeiras, escritoras, e com elas refletir sobre o fortalecimento das manifestações ancestrais em territórios do Piauí e Ceará. Nossa metodologia utiliza referencial teórico da Pretagogia e da Pesquisa participativa, com escuta e reflexão acerca de registros, histórias cantadas e contadas na pisada do coco, nos goles da marafa, nas artesanias manuais, corporais, ancestrais vivas. Em diálogos com mestras e mestres da cultura de comunidades no Piauí e Ceará, como Seu Garajau, Ioneide da Ilha, Seu Maguim do Passarinho, Seu Antônio de Laura, Dona Celeste, Dona Edite e as mulheres do Coco da Batateira, dentre outras e outros que estarão conosco na escrita; com textos como os de Hampaté Bâ (1981, 2010), Odete Semedo (2010), Sandra Petit (2015), Leda Martins (1997, 2021), Conceição Evaristo (1996, 2003, 2007), Dani Silva (2017, 2023), Patrícia Adjoke (2018, 2021, 2024), Alessandra Masullo (2015, 2023), Osmar Braga (2016, 2023),e outros, percebemos e sentimos que o coco segue atravessando o Tempo e com ele compondo nos corpos, tecendo nas comunidades, práticas e fundamentos educativos -filosóficos que nos ensinam a ser quem somos e quem queremos nos tornar, anunciando a vida.
Palavras-chave: dança do coco. tradição oral. oralidades. ancestralidade. mestres da cultura

RESGATE DA MEMÓRIA ANCESTRAL NO MARACATU: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DE FÉ E CULTURA NAS LOAS ALAGOANAS

Alice Rodrigues Guedes (UFAL)

RESUMO
As manifestações culturais alagoanas são enraizadas na religiosidade ancestral, na fé oriunda de África. Assim, a partir da escuta das loas de dois coletivos de Alagoas, Baque Alagoano e AfroCaeté, fomos instigados a pensar no maracatu como resistência: as letras são o discurso, objeto de estudo e lugar de produção de sentidos, compreendido e inscrito no real da história. É, também, no estudo histórico alagoano – pensando na migração dos terreiros, oriunda do Quebra de Xangô, em 1912 – que conectaremos o já-dito e o que se está dizendo, como propõe Orlandi (2020), a fim de compreender os conflitos político-ideológicos e as alternativas de transformação que a arte, como prática de resistência, nos apresenta, segundo Sobrinho (2021) – compreendendo que todo discurso é atrelado ao sujeito e esse, por sua vez, é atrelado à ideologia, pois só assim a língua constitui sentido. Fundamentada nessas teorias, esta pesquisa objetiva analisar os traços das religiões de matriz africana na cultura popular alagoana, conectando discurso/memória/resistência na compreensão da importância da ancestralidade para a linguagem cultural e social. Metodologicamente, este estudo se inscreve numa perspectiva de entremeio, tal como se espera de uma pesquisa em análise de discurso, ou seja, buscamos, no batimento entre descrição e interpretação, compreender as letras de loas selecionadas observando-as na relação com a história das comunidades de terreiro em Alagoas. Interessa-nos assim compreender, a partir das suas condições de produção, como, nas letras das loas, se materializa a relação arte, fé e cultura em um processo histórico-social dinâmico e inacabado, cuja memória segue em atualização. Os resultados parciais apresentam um resgate da história alagoana a partir das loas cantadas atualmente, com referências à religiosidade de matriz africana e ao episódio violento do Quebra de Xangô, retomando as raízes dos movimentos culturais e religiosos da terra palmarina.
Palavras-chave: Maracatu. Memória. Quebra de Xangô. Resistência. Análise de discurso.

LUTO, TRAUMA E TESTEMUNHO: OS VESTÍGIOS DA MEMÓRIA NA ESCRITA DE SCHOLASTIQUE MUKASONGA

Cristina Maria da Silva (UFC)

RESUMO

Ao escutar projetos literários de mulheres nos últimos anos, tenho dado atenção aos movimentos da escrita de Scholastique Mukasonga (1956-Ruanda) e em como sua literatura se vincula a um processo de rememoração (Gagnebin) e expressão narrativa do luto. Tenho como objetivo abordar "os espaços da recordação" (Assmann, 2011) acionado em suas obras, aqui principalmente, em Baratas e A Mulher de Pés Descalços e em como ela os expressa em suas obras. A testemunha (testis) não é só a que assiste, é também aquele que subsiste além de, tem não só a visão como referência, mas a audição. "Aquele que se mantém no fato" (Seligmann-Silva). Como uma guardiã das memórias, Mukasonga, em sua escrita alinhava as narrativas pessoais à história de Ruanda e, mais propriamente, ao genocídio que destruiu sua família. Como sobrevivente, seu corpo e as memórias dos lugares lidam com as feridas abertas pelo trauma do genocídio de 1994. Os territórios revisitados após a destruição de sua família contrastam com os territórios sagrados descritos e experimentados com Stefania: a mãe não sepultada. Os saberes transmitidos aos filhos, as geografias narrativas da casa que lhe foi arrancada, os restos e os pesadelos aparecem como inventários e reacendem em imagens as memórias que se posicionam diante da história. Se a colonização e o genocídio desmemorizam, os arquivos vivos que a escritora abre, por meio das suas rememorações, tensionam as lacunas e os cortes da memória, porque evocam um "esquecer não pacificado", (Weinrich), pois "se não há túmulo, não termina o estado de luto" (Klüger). Os traumas são individuais e coletivos, as vinculações temporais se esgarçam e a própria terra está traumatizada, dela regurgitam os ossos e as enunciações dos mortos que pedem para serem escutadas.

Palavras-chave: Espaços da Recordação; Narrativas; Literatura africana; Rememoração.

SIMPÓSIO 03
YORUBANTU:
LITERATURA-TERREIRO, MODERNISMOS NEGROS E ÁFRICAS (YORÙBÁ, BANTU E OUTRAS)

Organização do Simpósio:
José Henrique de Freitas Santos (UFBA)
Ana Rita Santiago (UNEB)
Jorge Augusto de Jesus Silva (UESB)

RESUMO
Este Simpósio se propõe a discutir três tópicos centrais para se pensar na contemporaneidade o campo dos estudos africanos, bem como das literaturas africanas e negra no Brasil: o legado epistemológico africano decisivo, apesar da pilhagem epistêmica, para a formação do campo dos estudos literários brasileiros, sobretudo a herança advinda dos terreiros de candomblé, da capoeira, dos quilombos, do congado e de outros territórios; os Modernismos Negros singulares modulados em produções artísticas de escritorxs, a exemplo de Lima Barreto, Carolina de Jesus, dentre outrxs, em uma perspectiva diferente da proposta da Semana de Arte de 1922; por fim, as diversas Áfricas existentes que dialogam, se chocam e se entrecruzam nas literaturas africanas, a partir das diversas matrizes ancestrais que as constituem (yorùbá, bantu e outras), mas também das clivagens interseccionais (raça, gênero, dentre outras) que também não escapam a essa produção.
Palavras-chave: Literatura-terreiro. Modernismos Negros. Literaturas Africanas.

YANGÍ E A TECNOLOGIA FLUÍDICA ESPIRITUAL: EXU COMO FORMA ARQUITETÔNICA NOS POEMAS PARA EXU E NARIZ FIXO NA POLPA DA BUNDA, DE MA NJANU

Thiago Silva Galvino (URCA)
Edson Silva Martins (URCA)

RESUMO
O trabalho em questão parte dos poemas para Exu e nariz fixo na polpa da, encontrados no livro olho de tigre com fome: considerações sobre a literatura perversa, de Ma Njanu (2020b), poeta negra e marginal/periférica de Fortaleza/CE. O objetivo geral do trabalho era compreender como os poemas emolduram as potencialidades do Orixá Exu em uma forma arquitetônica na obra, a partir da tecnologia fluídica espiritual proposta pela poeta. Para isso, foi necessário dar foco aos objetivos específicos: 1) compreender os movimentos operados no conteúdo e no material do poema para Exu e nariz fixo na polpa da bunda; 2) investigar como a linguagem da autora, seu estilo individual, é configurada para superar a forma composicional, o estilo do gênero; e 3) demonstrar como ocorre a transgressão da forma composicional na proposição de Exu como forma arquitetônica dos poemas. Como referenciais teórico-metodológicos, buscando averiguar os aspectos internos e externos à obra, foi necessário articular as categorias de conteúdo, material e forma composicional e arquitetônica de Mikhail M. Bakhtin (1993). Como ferramentas conceituais utilizamos as categorias de estilo individual e estilo do gênero (Bakhtin, 2003), bem como as noções conceituais de encruzilhada, transgressão e palavras dobradas de Luiz Rufino (2019), conjuntamente com as categorias de eros, erótico em Audre Lorde (2019) às noções dupla traição e dupla crítica da literatura negra de Luiz Maurício Azevedo (2021). Como etapas procedimentais da pesquisa, foram analisados, primeiramente, os poemas, seguidos da revisão dos textos teóricos e metodológicos da crítica e teoria literária, buscando uma abordagem interdisciplinar destes saberes com as discussões da pedagogia e dos estudos raciais e feministas negros. Como resultados obtidos, foi percebido como a dobra da linguagem, de que fala Rufino, é demonstrada na poesia de ma njanu a partir de sua tecnologia fluídica espiritual.
Palavras-chave:

MARABÔ CRUZOU A CALUNGA GRANDE: DOS "FETISSEROS" DE VERGER À APROPRIAÇÃO POÉTICA CONTEMPORÂNEA

Rafael Cunha de Almeida (UFRGS)

RESUMO
Marabu é o nome de um pássaro encontrado na África, cujo nome significa feiticeiro,na transliteração do inglês falado no Sudão do Sul. Na década de 1920-30, uma rebelião conduzida por Profetas da etnia Nuer confrontou as autoridades coloniais inglesas, levando ao combate e confinamento dos grupos e prisão e morte de seus líderes. Evans Pritchard, no seu clássico estudo antropológico, estudou a estrutura social segmentar Nuer e o papel dos Profetas nesta liderança. Na cosmogonia e estrutura social segmentar, a autoridade destes profetas, líderes religiosos locais era a autoridade que avalizava a guerra, dentre outras tarefas espirituais. Na guerra civil de 2013-14, o Líder Nuer da rebelião buscou aconselhamento com a liderança religiosa na mesma região da rebelião de 1920. Os Oirkis e pontos de Marabô,cantados nos terreiros brasileiros, são colocados em forma de poesia na obra de Daniel Claudio, baseados nos estudos e relatos do livro de Pierre Verger "Notas sobre o culto dos Orixás e Voduns". Por meio da etnografia realizada durante a atuação de campo como Oficial de Ligação da ONU na Guerra Civil no Sudão do Sul, as questões da religião e religiosidade e papel dos profetas acabou parte do estudo, no modelo da pesquisa "en bloc" de História e antropologia dialogando com fontes orais e escritores africanos regionais, adequada a uma perspectiva de longa duração na História cultural e sua ligação com a História do Tempo presente na trasnacionalidade da semântica e papel dos Marabouts, seja como entidade espiritual ou no seu papel social de proteção e aconselhamentos. Este caminho percorre os relatos na "Rhila" de Ibn Batuta, e de outras fontes historiográficas que demonstram a interação e sincretismo do islamismo sufi , onde os Marabouts são professores corânicos, líderes religiosos locais e capelão militar, com papel similar aos profetas da religião tradicional Nuer e Dinka. Em sua expansão saariana, os almorávidas levaram a presença e atuação dos Marabouts até a costa africana, provavelmente em interação com as tradições nagô e a etnia Haussá, até as levas de escravizados trazidos pelo Atlântico às costas brasileiras. Entre os malês, na sua resistência, encontravam-se líderes espirituais que faziam as "mandingas", amuletos que incluíam pequenas escritas em árabe e outros objetos guardados em pequenas bolsas de couro, prática trazida de África e da atribuição dos Marabouts. Este trabalho tem por objetivo identificar as ressonâncias culturais que permaneceram e permanecem, alertando a referências culturais relacionais entre fontes africanas e produção e práticas que persistem, desafiando o esforço reprimendo colonizador e referenciando atitudes descolonizadoras. Os contrapontos destas interseções Sul-Sul e os caminhos que levaram a cruzaram o Oceano estas representações, transbordando fronteiras culturais e políticas entre tradições africanas, islamização, migrações, escravidão, continentes, práticas de resistência e permanência sócio-cultural
Palavras-chave:

TORNAR-SE UMA ANCESTRAL: TRAJETÓRIA E MEMÓRIA DE MÃE MARINA DE OSSAIM E A TRADIÇÃO DO ILÊ ASÉ OJU EWÉ

Karolyny Alves Teixeira De Souza
(UFRN)

RESUMO
Esse escrito tem como campo o Ilê Asé Ojú Ewé, fundado por Mãe Marina de Ossaim, em 1973, localizado em Belford Roxo – RJ. Mãe Marina nasceu em Salvador em 01 de janeiro de 1933. Com cinco anos de idade, foi a primeira pessoa iniciada para o Orixá Ossaim na tradição do Terreiro do Gantois, um dos mais antigos do país, pelas mãos da Iyalorixá Menininha de Oxum. Sua iniciação é um marco na tradição oral do candomblé Ketu, tanto por ter ocorrido no histórico "barco das 17", quanto pela raridade dos Orixás que foram iniciados juntos, como Ossaim na própria Mãe Marina e Iroko na Egbome Cidália. Faleceu em 02 de março de 2002, atendendo a sua vontade, o Babalorixá Walmir Leal de Oxossi assume a responsabilidade do Ilê em maio de 2003 até os dias atuais. Por meio da Etnobiografia (Gonçalves, 2012) e da escrevivência (Evaristo, 2017), compartilho aqui fabulações sobre memória, tempo e continuidade, que puderam ser pensadas a partir da vivencia no ritual do Ásèsé (ritual fúnebre) de 21 anos de Mãe Marina, ocorrido em março de 2023, no qual ela tornara-se um Esá (ancestral) de grande importância para a comunidade. Com base nas reflexões da cosmovisão africana (Oliveira, 2021) e compreendendo a morte não como um fim, mas como a ressignificação da convivência e a transposição da vida para o terreno da espiritualidade, dialogo sobre a ancestralidade como matéria que constitui o tempo e que permeia tudo aquilo que compõe o universo das tradições afro religiosas, percebendo o Ásèsé como ritual de passagem e ao mesmo tempo de permanência. Nesse sentido, considero a sabedoria dos mais velhos como vozes conceituais a partir da compreensão da valoração da palavra falada, a oralidade, como elemento que faz nascer a escrita como propõe Hampaté Bá (2010).
Palavras-chave:

POR UMA LITERATURA ENFEITIÇADA: DESATANDO OS NÓS, ATRAVESSANDO PONTOS ENCRUZILHADAS

Lukas Patrick De Medeiros (UFBA)

RESUMO
Com o nosso padê arriado nas encruzilhadas de Maria Padilha e de seu Tranca Rua, entoaremos os pontos cantados dessas duas entidades para abrir gira na elaboração da presente pesquisa, que tem como ponto de partida, ou encruzilhada, articular as memórias ancestrais que permanecem no espaço do terreiro a partir de uma literatura enfeitiçada. Para os iorubás, Exu é sempre o primeiro. Os negros-africanos que chegaram ao Brasil nomearam o atlântico de calunga grande, o grande cemitério. Luiz Rufino, em seu livro pedagogia das encruzilhadas entende que: "combater o esquecimento é uma das principais armas contra o desencanto do mundo." É sabido que a empreitada colonial é responsável pela perpetuação da violência direcionada a determinados corpos. Dessa forma, me aproximo das giras, mesas e consultas espirituais com essas entidades de esquerda, para compreender questões que vão além do aspecto mágico-ritualístico desses trabalhos espirituais. Produzindo assim uma reflexão acerca dos temas que circundam essas literaturas, quais os contextos em que se formam, e quais os usos cotidianos dessas cantigas dentro do espaço do terreiro. Para isso, partiremos da perspectiva de que estas são responsáveis pela manutenção de histórias e memórias que são negociadas nas violências e narrativas produzidas pela colonização. É a partir da tecnologia ancestral de incorporação desses saberes e desses espíritos guardiões que essas memórias permanecem no imaginário dos povos tradicionais. Além disso, queremos compreender as complexidades em torno dos pontos cantados, que aqui para nós, funcionam a partir de aspectos que extrapolam as concepções de documento e literatura, e constroem à sua maneira outras possibilidades de se narrar o Brasil.
Palavras chave: Literatura enfeitiçada. Colonização. Brasil. Exu. Encruzilhada

ALACRIDADE NEGRA E CRÔNICAS DE LIMA BARRETO: O ATO DE FALA E DE CORPO MANDINGUEIRO

Auristela Rafael Lopes (SEDUC)

RESUMO
Este trabalho versa sobre o riso e o risível como elemento constitutivo da cultura e que se manifesta nas crônicas de Lima Barreto produzindo discursos da resistência negra a partir de um riso subversivo, o corpus consiste em trechos de crônicas selecionados em revistas ilustradas de humor do período da Primeira República. A análise dessas crônicas traz a lume os embates/polêmicas discursivos que tangenciam o processo de inserção da população negra e livre na Primeira República, tendo por foco os discursos da Negritude. Tem por objetivo geral: Interpretar nas crônicas de Lima Barreto os atos de fala e de corpo que performatizam os embates/polêmicas discursivos entre eugenia e etnicidade sob a perspectiva da carnavalização literária mandingueira. As categorias de análise do corpus em questão pautam-se no ritual da bufonaria do entronamento dos bufões dos tipos populares que se espraiam nas crônicas limabarretianas evidenciando elementos discursivos associados ao bufão, aos trapaceiros, à voz dos populares das ruas da Belle Époque carioca. Como chave interpretativa das crônicas de Lima Barreto nas revistas ilustradas de humor, evidencia-se sua relação com a arkhé de tradição africana que emana modos de ser e de existir divergentes à proposta monologizante de identidade nacional pautada no ocidentalismo. O caminho teórico dessa empreitada tem viés transdisciplinar fundamentado em estudos do Círculo de Bakhtin, na teoria dos atos de fala e de corpo da Pragmática e nos estudos filosóficos, históricos e sociológicos do pensamento decolonial e afrodiaspórico no Brasil. Os resultados dessa abordagem analítica evidenciam alguns pontos: a escrita limabarretiana como performances de raça realiza o giro decolonial, o riso como constituinte de uma narrativa crítica que discute os modos de subjetividades num contexto complexo da modernidade/colonialidade e a constituição no âmbito das Letras brasileiras de uma escrita dissidente responsável por contribuir para a tradição de um pensamento negro-brasileiro.
Palavras-chave:

LITERATURA RELIGIOSA NOS TERREIROS DE JUREMA: LINGUAGENS DA IMAGINAÇÃO

Marinaldo José Da Silva (UFPB)

RESUMO

Entre as culturas populares do imaginário que dispõem de coisas e signos, há uma manifestação religiosa, denominada Jurema, que dissolve saberes, feitiço e magia são alicerçados em uma tradição oral que são repassados entre gerações e gerações. É no universo encantado dos Senhores Mestres, que ora são malandros, ora são cangaceiros, boiadeiros, marinheiros entre tantos outros 'disfarces', como o próprio Exu, orixá ou "catiço" dos caminhos, da dualidade e da transformação, que mostraremos vários símbolos, signos e linguagens do culto à jurema. Os mestres são entidades alegres e brincalhões; bebem cachaça e fumam cachimbo com fumo de ervas consideradas sagradas pelos juremeiros e fiéis. Alecrim de duas qualidades, fumo de rolo, alfazema e outros preparos. Trataremos em nosso trabalho da Festa dos Mestres na Jurema, enquanto manifestação mágico-religiosa e ritualística e de sua linguagem. É essencialmente relevante dizer que os Mestres são aqueles que exercem com destreza o seu ofício na Jurema e que incorporam nos seus 'cavalos' ou naqueles que são juremeiros, fiéis, filhos de jurema, são responsáveis, na grande maioria, por todo o processo da cerimônia. Utilizaremos alguns resultados de pesquisa de campo (entre 1998 e 2016) sobre o ritual da Jurema, pontuada enquanto um eixo das religiões de matrizes africanas e indígena. Que o nosso trabalho se detenha na simbologia e nos pontos cantados de Jurema, na sequência do ritual, que obedece a uma ordem de chamadas das entidades que compõem o universo desses encantados, nas bebidas oferecidas a Eles, nas roupas utilizadas, no cachimbo e seus atributos, até onde podemos revelar, já que a "Jurema é um pau encantado, é um pau de ciência que todos querem saber". Entre as culturas populares que dispõem de coisas e signos, há uma manifestação religiosa, denominada Jurema, que dissolve saberes, feitiço e magia são alicerçados em uma tradição oral que são repassados entre gerações e gerações. É no universo encantado dos Senhores Mestres, que ora são malandros, ora são cangaceiros, boiadeiros, marinheiros entre tantos outros 'disfarces', como o próprio Exu, orixá ou "catiço" dos caminhos, da dualidade e da transformação. Os mestres são entidades alegres e brincalhões; bebem cachaça e fumam cachimbo com fumo de ervas consideradas sagradas pelos juremeiros e fiéis. Alecrim de duas qualidades, fumo de rolo, alfazema e outros preparos. Trataremos em nosso trabalho da Festa dos Mestres na Jurema, enquanto manifestação mágico-religiosa e ritualística e de sua linguagem. É essencialmente relevante dizer que os Mestres são aqueles que exercem com destreza o seu ofício na Jurema e que incorporam nos seus 'cavalos' ou naqueles que são juremeiros, fiéis, filhos de jurema, são responsáveis, na grande maioria, por todo o processo da cerimônia. Utilizaremos alguns resultados de pesquisa de campo (entre 1998 e 2016) sobre o ritual da Jurema, pontuada enquanto um eixo das religiões de matrizes africanas e indígena. Que o nosso trabalho se detenha nos pontos cantados de Jurema, na sequência do ritual, que obedece a uma ordem de chamadas das entidades que compõem o universo desses encantados, nas bebidas oferecidas a Eles, nas roupas utilizadas, no

cachimbo e seus atributos, até onde podemos revelar, já que a “Jurema é um pau encantado, é um pau de ciência que todos querem saber”.

Palavras-chave:

O QUE NOS ENSINAM OS ÌTÁN? A MITOLOGIA YORUBÁ COMO PROPOSTA DE ENFRENTAMENTO AO RACISMO RELIGIOSO

Janete Baptista Do Nascimento (UFRJ)

RESUMO

A pesquisa denominada O Que Nos Ensinam os Ìtán? A Mitologia Yoruba Como Proposta de Enfrentamento ao Racismo Religioso, tem em seu contexto processos de resistências e superações provocados através das ações de comunidades, que se insurgemse reinventam e fortalecem uma proposta civilizatória de respeito as diversidades. Umas dessas ações concretas é o processo pedagógico de desconstrução do racismo a partir da perspectiva do trabalho orientado pelos Orisás: Esu, Ògún, Sango, Yemojá e Osun, através do funcionamento dos Núcleos de Atendimentos que o terreiro de candomblé de Nação Ketu, Ilê Asé Ògún Àlákòró, oferece a comunidade do Quilombo de Bongaba Magé (RJ). Os Núcleos de Atendimento têm por objetivo assistir à comunidade do terreiro e à comunidade quilombola, no intuito de promover o resgate da cidadania da população local levando-os à emancipação, ao desenvolvimento e à busca de uma melhor qualidade de vida, através do diálogo social e comunitário, da escuta ativa e de oficinas de capacitação e promoção emancipatória do indivíduo e da coletividade, a partir das suas próprias potencialidades e dos valores civilizatórios afro centrados. Compreendendo, ainda, a vivência do Sagrado de Matriz Africana a partir das lógicas de inseparabilidade humanidade-Terra-Natureza, humanidade- divindade-transcendência, humanidade -o igual-o outro-o diferente. Tendo em vista os diversos ataques que as religiões de matrizes africanas vêm sofrendo ao longo dos tempos, suscita-nos a necessidade de buscar pistas que possam contribuir para a resistência frente ao racismo religioso fruto do racismo estrutural e institucional, sendo assim, pretendemos através desse diálogo buscar entendimentos sobre como os Ìtán apresentados através desses Orixás podem contribuir para o enfrentamento ao racismo religioso

Palavras-chave:

PERCURSOS DE CONHECIMENTO E ENFRENTAMENTO: ITAN COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA EM CONTEXTO PLURIVERSAL

Ana Carla Ferreira Dos Santos (UFF)

RESUMO
Um dos quadros atuais que clama por solução no Brasil transborda em práticas de racismo religioso. Elas estão fortemente ligadas à desconhecimento, percepções errôneas, intolerância, desrespeito e que ultrapassam a esfera da punição do indivíduo. São situações que nos envolve enquanto sociedade e implica em vivermos grandes contradições entre prática e teoria, com aspectos dissonantes entre o que está na lei e o que permeia o convívio social do cotidiano. Principalmente, ao pensarmos em respeito a dignidade da pessoa humana em relação às formas de tratamento e no direito da liberdade religiosa presentes em nossa Constituição, por exemplo. Diante deste cenário, este trabalho se propõe a refletir sobre este problema, em prol de caminhos para transformação de pensamento e novos imaginários a partir de informações. Neste sentido, se apoia nos itans – narrativas, relatos de proveniência do povo Yorùbá como um forte aliado, ao compreender que seu aprendizado possibilita um uso muito amplo como ferramenta de resistência e conhecimento. Além de estar em consonância com a Lei 10.639/2003, ao aliar ensinamentos e cultura africana e afrobrasileira. O referencial teórico para este propósito encontra referenciais que partem de diferentes pedagogias e epistemologias para dialogar com as filosofias expressas nos itans. Como o dos autores: Helena Theodoro (2010), Luiz Antonio Simas (2019), Mungi Ngomane (2019), Vanda Machado (2019), Mãe Marcia Marçal (2021), Cidinha da Silva (2022) e Xandy Carvalho (2024). Os itans são muito representativos por serem intrinsecamente relacionados à oralidade transmitida através dos terreiros de religiões de matriz africana no Brasil, eles trazem uma cosmopercepção que se distingue da cosmovisão do ocidente. Os itans, bem como, os orixás funcionam como um contraponto, uma chave de compreensão diversa de conhecimento de nossas origens sem diminuir outros modos de ser.
Palavras-chave: Itan; Lei 10.639/2003. Racismo Religioso. Religiões de Matriz Africana. Yorùbá.

LITERATURA-TERREIRO: ENCANTAMENTO E COCRIAÇÃO NO CAMPO DAS LETRAS BRASILEIRAS

José Henrique De Freitas Santos (UFBA)

RESUMO
Este trabalho se propõe apresentar a pesquisa pós-doutoral desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da UNEB/Alagoinhas na qual discutimos aspectos teórico-críticos e históricos ligados à tese que propomos da existência secular de uma literatura-terreiro que põe em xeque, por seus aspectos formais, éticos, estéticos e discursivos, o campo dos estudos literários no Brasil, a despeito de um processo perverso e sistemático nessa área de pilhagem epistêmica dos saberes que estruturam essa produção. Nesse sentido, exploramos a potência cocriativa e de (re)encantamento do mundo presente na literatura-terreiro como arte negra multimodal que tem aquilombado as Letras no Brasil, mesmo que seu amplo reconhecimento ainda não ocorra.
Palavras-chave:

O (IN)VISÍVEL EM O SÉTIMO JURAMENTO, DE PAULINA CHIZIANE, E EM EU, TITUBA, BRUXA NEGRA DO SALEM, DE MARYSE CONDÉ

Ana Rita Santiago (UNEB)

RESUMO
Na comunicação, será a apresentada um leitura descritivo-interpretativa sobre recorrências do visível e invisível em O Sétimo Juramento, de Paulina Chiziane, e em Eu, Tituba, bruxa negra do Salem, de Maryse Condé. Propõe compartilhar sobre a criação literária delas no que tange à (re)invenção de modos de relações com seres visíveis e invisíveis tatuadas e pinçadas com marcadores de experiências (inter)culturais africanas e afrodiaspóricas. Assim, o foco argumentativo desta comunicação são os trânsitos entre o visível e invisível nos corpos e no cotidiano das personagens femininas protagonistas dessas obras.
Palavras-chave:

O OLHAR FEMININO SOBRE A TRADIÇÃO E ORATURA GUINEENSES NO CONTO ACONTECEU EM GÃ-BIAFADA, DE ODETE SEMEDO

Glaucimara Alves Da Costa Vieira (IFPI)
Terezinha Taborda (PUC -MINAS)

RESUMO
O olhar feminino sobre a tradição e oratura guineenses no conto " Aconteceu em Gã-Biafada", de Odete Semedo. Pretende-se abordar nesta comunicação o papel da personagem principal Lamarana e sua representação transgressora de uma tradição cultural que conferiu às mulheres, por muito tempo, apenas um lugar às tarefas domésticas, ao casamento e à família. A comunicação propõe ainda refletir sobre as escolhas estéticas e linguísticas da escritora Odete Semedo na hora de contar ou performar os fatos narrados que envolvem Lamarana na trama narrativa. A autora ressignifica uma tradição literária que, por muito tempo, foi contada apenas por homens. Para isso, a metodologia adotada seguiu uma abordagem qualitativa e bibliográfica, a partir das leituras de MOREIRA (2005), FONSECA (2004), AUGEL (2007), entre outros.
Palavras-chave:

A DESIGUALDADE SOCIAL NA LITERATURA CABO-VERDIANA: UMA ANÁLISE LITERÁRIA DO CONTO "LIBERDADE ADIADA", DE DINA SALÚSTIO

Thaís Andrade Silva (UFC)

RESUMO
O presente trabalho baseou-se no conto “Liberdade Adiada”, da obra Morna eram as Noites (1994), da escritora Dina Salústio, e tem como objetivo refletir os impactos negativos da vivência feminina cabo-verdiana apoiada por uma reflexão antropológica e literária. A maternidade precoce, o grande número de filhos, a família chefiada pela mulher e o trabalho árduo integram a narrativa. Dessa maneira, a pesquisa fundamenta-se em investigar, a partir da estrutura literária do conto (GOTLIB, 2020), como a referida autora analisa e discute a desigualdade social em que a mulher é submetida, além de perceber as relações hipertextuais que integram a construção dos sentidos do texto (KOCH, 2007). Ademais, verifica-se a relação do preconceito e da desigualdade de gênero sofrida pela figura da mulher presente no enredo ao concordar com Spivak (1988), quando discute a marginalização das vozes femininas. A análise deste conto admite ainda uma compreensão mais aprofundada das dificuldades enfrentadas pelas figuras femininas, destacando a resiliência e a resistência dessas mulheres em um cenário socioeconômico desfavorável. Assim, a temática abordada pela referida autora é de importante contribuição para a literatura africana de autoria feminina, visto a necessidade de exibir questões relevantes sobre gênero, identidade e resistência.
Palavras-chave:

CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES NEGROS: O PAPEL TRANSFORMADOR DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria Eduarda De Melo Paulino (UFPB)
Yve Almeida Leão (UFPB)
Bianca Viana (UFPB)
Franciane Conceição da Silva (UFPB)

RESUMO
Construções identitárias e permanência de estudantes negros: o papel transformador da literatura afro-brasileira na Educação Básica. Este trabalho visa aprofundar a compreensão sobre o impacto da literatura afro-brasileira e africana na construção identitária e na permanência acadêmica de estudantes negros na EEEFM Francisco Leocádio Ribeiro Coutinho, no município de Santa Rita, através do projeto de extensão Palavra Corpo, da Universidade Federal da Paraíba. A pesquisa busca investigar como essas narrativas literárias influenciam a autoestima e a afirmação identitária desses estudantes, além de examinar a implementação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Observa-se que, muitas vezes, esses conteúdos são negligenciados em prol de um cânone literário tradicional, predominantemente branco. Metodologicamente, a pesquisa se apoia em análises documentais, entrevistas com educadores e estudantes, além de oficinas promovidas pelo projeto. Considera também as perspectivas teóricas de Neusa Santos Souza, que em Tornar-se Negro destaca que "ser negro" é um processo contínuo de conscientização e resistência às narrativas opressoras impostas pela sociedade. A pesquisa dialoga ainda com bell hooks, que enfatiza a importância de ensinar as palavras de grandes escritoras negras cujas vozes não podem mais ser silenciadas. As conclusões preliminares indicam que a presença de representações positivas nas literaturas afro-brasileira e africana não apenas fortalece a identidade dos estudantes negros, mas também contribui significativamente para sua permanência e sucesso acadêmico. Ao se reconhecerem nas narrativas e personagens, esses alunos se sentem mais valorizados e engajados, o que favorece sua ascensão educacional e social. Este estudo reforça, assim, a urgência de uma educação antirracista, essencial para a garantia da dignidade e cidadania plena de todos os estudantes e a contestação do modelo imposto pela branquitude, que, a partir da violência racista, os ensinou a negarem sua própria identidade.
Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Educação antirracista; Identidade negra.

CONVERSAS SOBRE A TRAS(NE)GRESSÃO DOS MÉTODOS: A VIDA, A PESQUISA E A VIDA EM PESQUISA EM LITERATURAS INFANTIL E JUVENIL DE AUTORIA NEGRA

Mariana Moreira Costa Do Carmo (UFRN)
Gustavo Tanus Cesário De Souza (UERN)

RESUMO
As pesquisas sobre textos infantis e juvenis de autorias negras estão cada vez mais abundantes. Nesses estudos, têm sido evocadas as questões temáticas, eleitas a priori, a compor reflexões sobre um tema necessário, seja para as aplicações das leis, seja para as ações de letramento. Esses estudos ora estão sob a mira pedagógica, ora sob um escopo de uma celebração temática; porém, há mais coisas a serem pensadas, quando se trata de uma produção que tem se organizado não apenas em representação dessa nossa mácula social, que é o racismo e seus correlatos. Nossa reunião se dá numa perspectiva de trazer pontos sobre os modos renitentes de estudo e pesquisa, vinculados a uma ideia do passado, em que correlacionar temáticas em visadas empenhadas de denúncia ao racismo passa a ser o maior foco, e não, estudando os planos dos enredos, podemos perceber modos diferentes de apresentação de novas formas e experiências estéticas de linguagem, que requerem atenção, para caminhada na crítica, na teoria, na história, em outras perspectivas de trabalho. Não é só o fato de as narrativas infantis e juvenis de autoria negra não poderem mais ser ignoradas, porque são fenômenos cada vez mais lidos e estudados; mas sim, o questionamento das metodologias para suas análises. Nossa proposta é, pois, trazer para a discussão apontamentos ligados à uma ética do-a pesquisador-a de literaturas infantil e juvenil, em buscas de diálogos sobre literaturas produzidas por essas autorias, em reflexões relacionadas às nossas pesquisas, aos nossos diálogos, como amigos e pesquisadores. Usamos, para organização dos nossos pontos, o compósito verbal e conceito elaborado por Ronald Augusto (2007), em leitura do poeta Arnaldo Xavier (1986), que não diz apenas da necessária valorização das autorias, dos seus textos, mas levando para o centro do diálogo questionamentos acerca da tradição literária e dos signos conservadores circulantes nessa/por essa mesma tradição, em que o desvelamento do “sem adjetivo” como norma é a primeira etapa.
Palavras-chave:

A POESIA VOCAL DE ASCENSO FERREIRA: CATIMBÓS, MARACATUS E GRIOTISMO NO MODERNISMO BRASILEIRO

Wilck Camilo Ferreira De Santana (UFPE)

RESUMO
Já há muito tempo, nas sociedades ocidentalizadas, a paixão pela palavra viva vem sendo progressivamente expulsa de sua personalidade de base. Isto é, frente à colonização europeia do pensamento e da escrita, os produtos da arte da linguagem passaram a se identificar à escrita, desencadeando uma aparente recusa do aparelho vocal. Tomando elementos que ultrapassam o dado linguístico e iluminam outras dimensões do signo escrito, a obra de Ascenso Ferreira [1895-1965], poeta modernista pernambucano, é tributária do recurso vocal e está conectada com a retomada da performance oral renovada pelo modernismo regionalista de 1926. Assim como nas culturas africanas, culturas do verbo oral, o poeta rejeita tudo o que quebra o ritmo da voz viva. Partindo desse pressuposto, este trabalho busca analisar aspectos da poesia vocal midiatizada a partir de uma leitura entrecruzada do livro de estreia do poeta, Catimbó [1927], e do álbum duplo de LP 's – "64 poemas escolhidos e 3 historietas populares" [1958]. Essa dimensão performática, possível de ser reconstruída de forma parcial, traz para o modernismo brasileiro uma poesia em que a voz entra como elemento criador. Como processo de restauração e resistência da herança africana, o poeta perpetua conhecimentos e epistemologias que encontraram no corpo e na voz seu modo de produção e propagação, fato que aponta para uma estética griot. Nesse sentido, teóricos como Zumthor (2007), Martins (2021), e Sodré (2002) ajudam a pensar essa performatividade oral a fim de defender que a poética modernista de Ascenso Ferreira, na contramão do movimento de 1922, reterritorializa a ancestralidade como princípio da cultura brasileira, e isso aparece no tecido poético por meio da dança, da música e dos jogos teatrais que tomam o corpo como fonte de significação, sendo a obra um espaço em que se entrecruzam não só suportes textuais, mas saberes, temporalidades e memórias.
Palavras-chave:

NA PEGADA DO CABOCLO: DANÇA E CONFIGURAÇÕES ARTÍSTICAS E ESTÉTICA DA CABOCARIA

Marcilio De Souza Vieira (UFRN)

RESUMO
A presença do Caboblo é comum nas danças folclóricas do Brasil. Nesta pesquisa registramos a dança dos Caboclinhos do Rio Grande do Norte e de Pernambuco, assim como dos Caboclos de pena dos Maracatus, os Caboclos de Major Sales/RN. A pesquisa tem por objetivo compreender e analisar as configurações artístico e estética da cabocaria nas danças folclóricas e parte da abordagem metodológica baseada na Etnocenologia para a compreensão do fenômeno. Interessa-nos os corpos dançantes, o bailado primário, ritmado ao som da pancada das flechas nos arcos, os saltos e bate-pés, marcado pelos estalidos secos das preacas (espécie de arco e flecha) e a indumentária que se diferencia a cada grupo. Interessa-nos ainda o bailado coreográfico de caça de origem indígena apresentados em tais danças e o preparo corporal para iniciar a dança/brincadeira que se apresenta no formato de filas e evolução que marca a coletividade na dança.
Palavras-chave: Caboclo. Corpo. Dança.

ELA TRAZ UMA NAVALHA QUE CORTA O MAL E A INJUSTIÇA, PROTEGIDA DE ZÉ PELINTRA, MARIA NAVALHA NÃO BRINCA

Raqueli Biscayno Viecili (UFRN)
Marcílio De Souza Vieira (UFRN)

RESUMO
A malandra seria a perfeita representação de uma mulher bem-humorada, cheia de ginga no seu caminhar, sempre escapando dos problemas com o "jeitinho" característico da malandragem brasileira. Com formosura no samba assim como na caminhada da vida, trança suas pernas que provoca e desafia na ginga com seu chapéu de lado e a navalha debaixo da saia. Na cosmogonia, tem uma representação forte e significativa na linha da Malandragem, sendo sua maior representatividade a Maria Navalha. A pesquisa sobre a malandra brasileira representada na figura de Maria Navalha tem por objetivo realizar uma composição coreográfica a partir dos estudos sobre os aspectos conceituais, históricos, socioculturais e cosmogonia que cercam a figura da Malandra Maria Navalha, assim como tecer relações para compreender os aspectos religiosos, de crenças, mitos, composições musicais e singularidades da Malandra da Jurema (região Nordeste) com a Malandra Carioca para a criação do processo coreográfico. A escrita parte da Etnografia como possibilidade de pesquisa e de criação em dança.
Palavras-chave: Malandra. Maria Navalha. Cultura Afro-brasileira.

SIMPÓSIO 04

ANCESTRALIDADE, COLONIALIDADE E DECOLONIALIDADE: DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS NA PRODUÇÃO DE SABERES E CONHECIMENTOS AFRICANOS.

Organização do Simpósio:
Luís Tomás Domingos (UNILAB)
Carlos Subuhana (UNILAB)

RESUMO
O estudo da África, tal como foi desenvolvido até hoje, por uma longa tradição intelectual colonial, faz parte de um projeto abrangente de acumulação do conhecimento iniciado e controlado pela dinâmica da colonialidade. Este simpósio temático tem como objetivo de agregar trabalhos que desenvolvam, analisam, aprimoram e esclareçam os conceitos de Ancestralidade, colonialidade, decolonialidade e seus desafios epistemológicos e metodológicos na produção de saberes e conhecimentos africanos. E esses trabalhos devem diagnosticar e proporcionar o entendimento das práticas de colonialidade e poder no processo histórico de construção de ciências sociais e humanas em África. Sugere-se que os trabalhos a serem submetidos possam desenvolver e propor reflexões que auxiliam o aprofundamento, de forma crítica, os conceitos de pensamento hegemônico, decolonialidade e pluralismo epistémico e metodológico na concepção de gnosis/ saberes, conhecimentos científicos e académicos que abordam as sociedades Africanas.
Palavras-chave: Tradição. Modernidade. Colonialidade.

INTERCULTURALIDADE E ETNICIDADE: um estudo da comunicação da diferença

Giuseppa Maria Daniel Spenillo (UFRPE)

RESUMO: Apresentamos, aqui, um estudo sobre a alteridade no mundo contemporâneo, com ênfase na experiência da multiculturalidade – ou, da co-existência de diferentes indivíduos, povos, culturas, etnias, tribos tradicionais e tribos urbanas, grupos sociais organizados ou não. Estas sociedades multiculturais configuram-se a partir da constatação das diferenças; e conformam-se em espaços urbanos e em espaços virtuais que ressignificam incessantemente o viver contemporâneo. A multiculturalidade se manifesta fortemente no mundo atual inscrevendo um presente potencialmente imaginativo e criativo, seja de modo mais direto em relações interpessoais e cotidianas que se estabelecem em países miscigenados pelos processos de colonização, e nas megalópoles multiétnicas atuais, ou de modo indireto via notícias nas redes digitais ou nos meios de informação de largo alcance. Como vive-se isso e como responde-se a isso? Encontram-se nessas sociedades multiculturais distintas narrativas – ou mediações – sobre sua própria multiculturalidade e suas dinâmicas de interação, de convivência e de representação. Algumas narrativas, em específico, buscam a construção da interculturalidade, como um movimento político para o reconhecimento e a integração das diferenças culturais e da multiplicidade de sujeitos formadores dessas sociedades. Escolhemos aqui as narrativas de Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana com livros publicados no Brasil, como lócus para estudar a comunicação da diferença, ou o exercício da interculturalidade. Com esta escolha do corpus de estudo, acreditamos dialogar abertamente sobre os desafios da interculturalidade manifesta na etnicidade. Nesse estudo, trazemos a expectativa de superar as certezas teóricas e proceder a escutas profundas e abertas das diferenças culturais, religiosas, raciais, individuais que preenchem o mundo contemporâneo. Buscamos enfrentar a exigência real de novas atitudes teóricas e metodológicas, de modo a encontrar uma nova solidez para um conhecimento socialmente válido.

COLONIALISMO, CURANDEIRISMO E CRISTIANISMO EM NGOMA YETHU, DE PAULINA CHIZIANE

Delucidio Aurelio Mavie (UNISAVE – Moçambique/África)

RESUMO
O artigo tem por objectivo apresentar os resultados de um trabalho no âmbito da linguagem e cultura e intentamos analisar os aspectos que ditaram o enfraquecimento da religião africana. O estudo mostrou que o cristianismo e o Curandeirismo representam culturas de povos diferentes, mas com o fim máximo de adorar a Deus, porém, cada um o faz a sua maneira de acordo com a sua cultura. Evidencia-se neste trabalho que tanto a religião cristã assim como a religião africana tem poderes de curar e fazer outros milagres. Vale ressaltar que esta pesquisa está alicerçada nas obras de Paulina Chiziane (2018) e na Bíblia Sagrada.
Palavras-Chave: Curandeirismo. Cristianismo. Religião.

FILOSOFIA KÔNGO

Patrício Batsikama (ISPT)

RESUMO
A discussão da existência ou não dá Filosofia Africana foi associada a rejeição do Direito à Filosofia entre 1940 e 2000. Essa questão foi amplamente respondida por diversos pensadores e estudiosos quer eles sejam africanos ou de outros continentes. A nossa comunicação traz uma discussão diferentes, colocando pensadores Kôngo que existiram antes da chegada de Europeus, assim como todos um sistema de Filosofia com as suas escolas antes de 1482 (chegada de Diogo Cão no Reino do Kôngo).
Palavras-chave:

ESTUDOS INTERCULTURAIS AFRICANOS NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES SUL-SUL

Sebastião Marques Cardoso (UERN)
Jesiel Ferreira De Oliveira Filho (UFBA)

RESUMO
O presente simpósio tem como objetivo acolher trabalhos que debatem imaginários culturais e políticos diversos (na literatura, no teatro, na música, no cinema e na crítica), localizados a partir da(s) África(s), desenvolvendo um enfoque transfronteiriço ou transnacional. No recorte das cartografias do imaginário, serão privilegiados deslocamentos epistêmicos e intertextualidades que se organizam e se destacam por zonas de contato horizontais no Sul global. Desse modo, esse simpósio busca evidenciar leituras críticas que valorizam representações discursivas descentralizadas e que problematizam identidades binárias centradas, ao propor novas perspectivas de identificação e/ou de diferenciação/alteridade entre ex-colonizadores e ex-colonizados, bem como observar dinâmicas paralelas e singulares estabelecidas entre a(s) África(s) e outros territórios do Sul global (Ásia e América Latina, destacadamente). A tradução cultural é um fenômeno inerente à própria cultura quando esta é vista como um organismo híbrido, produtivo, aberto e em constante transformação. Em face disso, a cultura transborda as fronteiras nacionais e políticas do território, ou mesmo pode se constituir nas próprias margens, estabelecendo aqueles tipos de "relação" que, nos termos de Édouard Glissant, revelam "As ressonâncias das culturas, em simbiose ou em conflito (...), na dominação ou na libertação, que abrem à nossa frente um desconhecido incessantemente próximo e diferido". Além disso, como enunciação, a cultura é "tradutória", segundo Bhabha. Portanto, interessa-nos pesquisas que explorem seus objetos, visando uma discussão relacional entre fontes africanas e referentes culturais das sociedades austrais, em especial aquelas derivadas de processos de descolonização. Isso posto, espera-se que esse simpósio possa servir de estímulos para a apresentação de instrumentos alternativos à descolonização ou, noutros termos, à reconfiguração emancipadora dos imaginários culturais e políticos na contemporaneidade. Espera-se, por fim, que esse recorte rizomático dessa "literatura mundo", onde se entrecruzam os excessos de universalismos como também os excessos de nacionalismos, contribua para o alargamento dos cânones estéticos e literários em escala global, a partir da confluência e da tradução das experiências divergentes ou das representações contrapontuais necessárias à atividade crítica.
Palavras-chave: Áfricas. Interculturalidades. Representações.

"O REI MOCHO" E AS TRADIÇÕES MOÇAMBICANAS

Luciana Soares Da Silva (UFRJ)

RESUMO
Neste trabalho refletimos sobre aspectos das tradições moçambicanas presentes em "O rei mocho", obra de Ungulani Ba Ka Khosa publicada em 2016. Trata-se de um livro infantojuvenil em que um mais velho, o pai, explica a um mais novo, o filho, como as mentiras chegaram ao mundo. Nessa história, seres humanos e animais vivem em uma sociedade horizontal, sem hierarquias. Em determinado momento, os animais decidem que precisam de um rei para representá-los e defendê-los em casos críticos, como uma guerra. O eleito é o mocho, por ter chifres, algo visto como um diferencial. Os animais ficam satisfeitos com a escolha até descobrirem que o mocho não tem chifres de verdade, dado científico fornecido por um ser humano. A informação gera caos e instabilidade social na comunidade animal. Assim, trataremos da questão da verdade e da mentira com base em dois sistemas de valores, o dos animais e o dos homens, e abordaremos aspectos da tradição moçambicana utilizados para a construção da narrativa: a oralidade, a contação de história, o uso de provérbio e a presença das ilustrações de Americo Amos Mavale, produzidas com a técnica batique, importante e tradicional arte em Moçambique.
Palavras-chave:

DA ANCESTRALIDADE AFRICANO-TSONGA À (DES)CONSTRUÇÃO DECOLONIAL: DOS SENTIDOS DE TRADIÇÃO E MODERNIDADE: UMA ABORDAGEM SOCIOANTROPOFILOSÓFICA DAS CATEGORIAS NATIVAS EM MOÇAMBIQUE.

Dulcídio Manuel Albuquerque Cossa (UFS)

RESUMO
Desde os tempos passados quando do surgimento daquilo que conhecemos hoje como ciência, a produção do conhecimento científico sempre esteve intrinsecamente ligada à uma tendência de produção hegemônico-ocidental, marginalizando, de forma deliberada, os saberes não-ocidentais. Nesse contexto, a África e seus múltiplos saberes foi e tem sido a maior vítima desse negligenciamento acadêmico-científico. Neste trabalho objetivo, a partir do contexto africano-tsonga, no sul de Moçambique, explorar as categorias nativas que possam, provavelmente, constituir, se calhar, de forma aproximada, aquilo que conhecemos no pensamento ocidental como "tradicional" e "moderno". Pretendo, portanto, propor uma (des)construção africana dos discursos ocidentais de "tradição" e "modernidade". Uma proposta guiada pelos propósitos teórico-metodológicos de "multiperspectivas" de Oyěwùmí (2021), segundo as quais o mundo e a realidade social não devem ser lidos/compreendidos através de uma única "visão" ("cosmovisão") – a ocidental –, mas também, por intermédio de múltiplas formas epistêmicas ("cosmopercepções"), particularmente africanas. Posicionamento reforçado pela afroperspectividade de Noguera (2019), através da qual o mundo é inteligível também pelos cosmosentidos afro-pindorâmicos, pelos quais podemos vê-lo, senti-lo, ouvi-lo, tateá-lo e saboreá-lo. A estes empreendimentos metodológicos junta-se a abordagem filosófica da intersubjetivação de Castiano (2010), que advoga a necessidade de um diálogo intercultural entre e com os saberes encontrados nas ditas culturas locais. Destarte, o trabalho destaca, sobretudo, a possibilidade de construção, reconstrução e difusão de espaços de intersubjetivação, onde os múltiplos saberes e conhecimentos de diversas culturas possam estabelecer um diálogo dialogante, construindo formas epistêmicas outras. Este estudo e suas abordagens teórico-metodológicas pretendem, ao fim e ao cabo, contribuir no confronto e combate ao racismo epistêmico.
Palavras-chave:

PAN-AFRICANISMO UTÓPICO

Cláudio Do Carmo Gonçalves (UNEB)

RESUMO
Este trabalho objetiva discutir a ideia de pan-africanismo, a partir das suas relações com a diáspora, notadamente a brasileira. Entende-se diáspora no âmbito deste trabalho como um espalhamento gerado a partir de origem única, neste caso o continente africano. Assim, os desdobramentos conceituais e históricos que resultam numa prática contemporânea e modos de ver e tratar a cultura africana são tratados aqui. Para tanto tem especial relevância as razões africanas, caracterizado como modos de pensamento e argumentações que possibilitam narrativas diversas e atualizadas do tema, bem como o uso especial da literatura que se revela um instrumento perspicaz ao apontar possíveis problemas no âmbito do debate. Deste modo, propomos problematizar a ideia de pan-africanismo, desde sua acepção mais básica e histórica iniciada ainda no século XIX, notadamente na diáspora norte-americana e caribenha e entendida como a união ou conjunto de povos e países africanos em torno de uma solidariedade comum e apontar para o argumento que posta maneiras de ler e praticar o pan-africanismo, bem como suas consequências imediatas. Destarte, ao menos três maneiras diversas, sendo que cada uma destas resultará em consequências fundamentais na construção e realidade africana, alcançando inclusive as reverberações diaspóricas. O pan-africanismo autóctone; o pan-africanismo eurocêntrico; e por último, o não-pan-africanismo; constituem narrativas de destaque que devem ser problematizadas. Para tanto nos valemos de uma base teórica relacionada aos chamados estudos decoloniais, sobretudo autores da diáspora que tem tido contribuição singular na construção e interpretação do pensamento africano e suas ramificações. Assim, autores tais como o pioneiro afro-americano John Clark, o laureado com prêmio jabuti, sueco-brasileiro Muryatan S. Barbosa; o camaronês Achille Mbembe, além do polígrafo e intelectual negro brasileiro Nei Lopes.
Palavras-chave:

CONFLITOS INTERCULTURAIS NA OBRA DE PAULE MARSHALL: ENTRE A ÁFRICA ANCESTRAL E O NOVO MUNDO

Sueli Meira Liebig (UEPB)

.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar, apontar e discutir os conflitos interculturais existentes entre a África ancestral e a América contemporânea evidenciados no conjunto da obra de Paule Marshall, escritora afro-americana de origem caribenha. Por motivos práticos, o romance Praisesong for the Widow, publicado em 1983 pela New American Library, será discutido neste estudo crítico como sinédoque dos questionamentos suscitados pelas demais obras da autora. Como grande admiradora dos seus ancestrais negros, principalmente das matriarcas africanas, Marshall procura explorar e discutir em sua escrita a importância dessa ancestralidade para o entendimento, a aceitação e a divulgação das raízes culturais africanas entre os mais jovens, bem como o seu lugar nas comunidades da Diáspora negra no Novo Mundo, especialmente nos Estados Unidos, onde nasceu e viveu até 1919 uma jornada dedicada à intelectualidade e ao ativismo negros. Para tal finalidade desenvolvi uma pesquisa de cunho qualitativo baseada nas fundamentações teórico-críticas de HERSKOVITS (1941), MARSHALL(1973), HARRISON (1974) ,RAY(1976) e WILENTZ (1992) e a conclusão a que chego ao analisar metonimicamente Praisesong for the Widow sob o ponto de vista dos conflitos interculturais entre o Velho e o Novo Mundo, é a de que através da travessia física e espiritual e das práticas culturais africanas executadas por Avey Johnson no mar do Caribe, ela não só promove a integração do seu ser dividido, mas também se propõe a divulgar e eternizar as histórias e tradições africanas para aqueles que não as conhecem.

Palavras-chave: Conflitos interculturais. Paule Marshall. Ancestralidade africana. Raízes culturais. Caribe.

AZANIAN POLITICAL THOUGHT E ABAHLALISM: CAMINHOS PLURIVERSAIS DE DECOLONIZAÇÃO EPISTÊMICA E CONSTRUÇÃO DE EMANCIPAÇÃO NA ÁFRICA DO SUL

Antonino Condorelli (UFRN)

RESUMO
Este estudo se propõe a apontar reverberações e continuidades entre o Azanian Political Thought, que questionou os pressupostos das ciências sociais e das concepções políticas hegemônicas nos movimentos anti-apartheid sul-africanos, e o pensamento enraizado na praxe de auto-organização popular do Abahlali baseMjondolo (Movimento de Moradores de Barracos), que problematiza os fundamentos da ordem social, política e legal do pós-apartheid. Em primeiro lugar, aponto as críticas levantadas pelo pensamento de Azania às ciências sociais e ao pensamento político sul-africanos: o apagamento da violência fundacional docolonialismo e do roubo de terras de povos nativos, reificando o mundo construído pelos colonizadores (Webster, 2021); e a transformação dos pilares ontoepistêmicos desse mundo - o "mito da raça" (essencialização da categoria), a alterização e objetificação dos povos africanos, as concepções eurocêntricas de sujeito, soberania, estado, lei, terra, desenvolvimento etc. – em pressupostos apriorísticos da produção intelectual e do pensamento social e político, incluindo perspectivas que se pretendiam emancipatórias como a do African Nation Congress (ANC) e da Freedom Charter (Modiri, 2021). A libertação, nessa perspectiva, não implicava na "convivência multicultural pacífica" entre grupos essencializados, mas na restituição da terra aos nativos e na construção de novos sujeitos, valores, instituições e uma nova ordem social a partir da experiência histórica dos povos africanos Em seguida, defendo que essa visão ecoa na política popular praticada pelo Abahlali (Pithouse, 2008), que em sua filosofia enraizada na construção diária de democracia de base – um pensamento autobatizado Abahlalism (Gibson, 2009) – questiona a ordem social pós- Constituição de 1996 como estruturada nos pressupostos não problematizados do euro/brancocentrismo e o sistema atual de propriedade da terra como a configuração contemporânea da (nunca desconstruída) supremacia branca. Por último, aponto o diálogo entre Azanian Political Thought e Abahlalism como um caminho para o tensionamento da colonialidade no pós-apartheid e a construção de alternativas emancipatórias pluriversais.
Palavras-chave:

LETRAMENTO RACIAL DE RESISTENCIA: OS DESAFIOS NA DECOLONIALIDADE.

Seli Santos De Jesus (UNEB)
Maria de Fátima Berenice da Cruz (UNEB)

RESUMO
Este trabalho consiste em uma investigação sobre o letramento racial de reexistência e os desafios na decolonialidade encontrados pelos docentes em desconstruir os saberes epistemológicos hegemônicos na escola. A proposta inclina-se a analisar como o professor pode romper com os paradigmas das epistemologias coloniais através dos discursos sociais e, ao mesmo tempo, refletir sobre os desafios encontrados para construir uma base epistemológica decolonial que valorize os diversos saberes no espaço escolar. Como embasamento teórico para esta proposta, teceremos diálogos com Paulo Freire (1996), Fanon (2008), Oliveira (2018), Souza (2011), Ferreira (2015), Araujo (2006), Hooks (2017), Kleiman (1995), Lorde (2019), dentre outros. A pesquisa em questão será de caráter exploratório, pois o processo de letramento decolonial oferece caminhos para uma justiça social, promove a valorização das culturas e identidades, além de transformar o sujeito subalterno em um indivíduo crítico, capaz de questionar e romper com as estruturas eurocêntricas. A investigação ocorrerá com um grupo de professores e alunos das séries finais, que nos permitirá aprofundar a perspectiva qualitativa, a partir de entrevistas feitas em escolas da rede municipal, sobre como estão sendo trabalhado o letramento de reexistência em classe. Espera-se que este estudo possibilite aos docentes e discentes uma conscientização e mudança de atitudes quanto ao letramento racial e de reexistência no contexto escolar e a partir de práticas decoloniais, o espaço escolar seja transformado em um local de resistência, onde as epistemologias diversas tenham seu lugar e o discente seja capaz de reexistir, engajar-se, resistir e empoderar-se na sociedade.
Palavras-chave: Decolonialidade Letramento racial. Reexistência.

A PRÁXIS DE SUELI RODRIGUES E O PENSAMENTO DECOLONIAL

Natasha Karenina de Sousa Rego (UESPI/UFPI)
Lucas Vieira Barros De Andrade (Coletivo Antônia Flor – PI)

.

RESUMO

Maria Sueli Rodrigues de Sousa foi uma intelectual negra piauiense que, no campo do direito, refletiu sobre as colonialidades e apontou e produziu resistências em sua vida pessoal, política e acadêmica, em diálogo com os movimentos sociais e as comunidades tradicionais. A pesquisa busca responder o problema: A práxis de Sueli Rodrigues expressa o pensamento decolonial? O objetivo geral é apontar as contribuições da práxis de Sueli Rodrigues para o pensamento decolonial. De forma específica, objetiva-se: apresentar, de forma telegráfica, o pensamento decolonial; relacionar a práxis de Sueli Rodrigues com o pensamento decolonial; indicar as contribuições da intelectual. O estudo se realiza de forma exploratória com revisão bibliográfica. O pensamento decolonial será caracterizado a partir de Ballestrin (2013), com aporte de Nêgo Bispo para a discussão contracolonial (Santos, 2015). A práxis de Sueli Rodrigues será investigada a partir de seu livro (Sousa, 2021) e entrevistas. Espera-se perceber que as temáticas de pesquisa desenvolvidas por Sueli Rodrigues e o modo com ela vivia e inspirava à vida são decoloniais/contracoloniais, assim como sua relação com os movimentos sociais, as comunidades tradicionais e os "sujeitos desconstitucionalizados" (Sousa, 2021). Conclui-se que a práxis de Sueli, enquanto intelectual, educadora, pesquisadora negra indica a "radical imaginação das mulheres negras" (Lourenço, Franco, 2021), que mesmo após a sua ancestralização, continua a inspirar pesquisas e pesquisadores.

Palavras-chave:

O PENSAMENTO QUILOMBOLA DE ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS E SUA RELAÇÃO COM A PRÁTICA DA AGROECOLOGIA

Cesar Luís Barbosa Calonio (UFRPE)

RESUMO
Antonio Bispo dos Santos (Nego Bispo) é dos mais importantes autores brasileiros a pensar e criticar os movimentos colonialistas, apontando para práticas e discursos hegemônicos dos quais por vezes não nos damos conta. Vem sendo recentemente apresentado e discutido nas Universidades como importante contraponto aos inúmeros pensadores europeus e norte-americanos presentes nas ementas dos cursos de graduação e pós graduação nas Ciências sociais e humanas. O pouco material escrito que nos deixou, aliado a algumas conferências gravadas das suas participações em eventos permitem a estudantes, professores e pesquisadores reflexões noutras bases de pensamento, em que a colonialidade dá lugar ao espaço que à ancestralidade, ao pluralismo e à voz de povos como os quilombolas (Nego Bispo nasceu e viveu numa comunidade, no Piauí), que permitem entender as relações sociais sob concepções horizontais e transversais. Temos usado das ideias e vivências de Nego Bispo durante os estudos dentro do Programa de pós graduação em agroecologia e desenvolvimento territorial (PPGADT / UFRPE). A perspectiva da biointeração trazida por Bispo colabora na quebra de paradigmas e lança outros modelos de vivência ecológica, através do resgate da simplicidade e da cooperação entre seres humanos de forma a combater o “ecocídio”. Na proposta que ele nos trouxe de biointeração cada qual tem seu papel e todos fazem a parte que lhes cabe para dar conta do todo necessário para o bem comum. Para combater a extinção do Planeta e da espécie há que contar com a cooperação da maioria dos viventes na face da Terra.
Palavras-chave:

AS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA ESPANHOLA ENTRE AS HISPANIDADES E AFRICANIDADES.

Rogério Mendes (UFRN)

RESUMO
Esta proposta é um convite para (re)pensar as maneiras como concebemos o conceito de Hispanidade e as Literaturas de Língua Espanhola no século XXI a partir do Brasil. Ao apresentar uma edição interessada no estudo de perspectivas advindas do sul global a ideia consiste não apenas investir em cartografias literárias de uma África Hispanófona ainda pouco conhecida para as humanidades latino-americanas mas acreditar na força da contribuição de vozes às margens da realidade geopolítica global que invisibiliza vozes e narrativas outras subalternizadas. Espera-se, com isso, além de ampliar escopo de pesquisas e estudos críticos envolvendo tanto as literaturas hispânicas quanto das literaturas africanas também ampliar as possibilidades do pensamento crítico das humanidades na contemporaneidade. Ao considerar o que o escritor, professor e crítico literário de Guiné Equatorial, Donato Ndongo Bydiogo, chamou "Las Otras Literaturas Hispánicas" (2014) a proposta tem como objetivo visibilizar as relações que se apresentam como ética e estética; poética e política na compreensão e alcance das Literaturas de Língua Espanhola. Na prática torna-se estímulo para revisitar a maneira como nos relacionamos com a educação cultural e literária de língua espanhola ao incluir projetos críticos e criativos hispano-africanos quando muitas vezes as literaturas hispânicas ficam restritas à perspectiva latino-americana, espanhola e estadunidense. Mais: além visibilizar estudos africanos a partir das línguas e literaturas de língua espanhola em Guiné Equatorial, Camarões, Saara Ocidental e Marrocos. O trabalho pretende apresentar um panorama das realidades e perspectivas da ética e poética; estética e política nas Literaturas Africanas de Língua Espanhola e seus desafios tanto para as hispanidades quanto para as africanidades no século XXI em diálogo com os Estudos literários e culturais.
Palavras-chave:

CONCEITO DE DIVINO E PROFANO NAS FICÇÕES DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE E JEFERSON TENÓRIO

Kamilla Da Silva Ferreira (UFPE)

RESUMO
Este trabalho tem como objetivo analisar e discutir o conceito de divino e profano por meio da abordagem religiosa presentes na obra “Hibisco Roxo” da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie e em “Estela sem Deus” do escritor brasileiro Jeferson Tenório, diante dos comportamentos das personagens protagonistas, Kambili e Estela, e os seus respectivos desenvolvimentos ao longo das narrativas. Obras que se assemelham por possuírem uma escrita marcante e com personagens emblemáticos, obras ricas em cultura, tradições, denúncia e identidade. Analisando sob o viés de “Literatura Comparada” por Tânia Franco Carvalhal (2009), assim como, analisar diante da perspectiva da obra “Cultura, Interculturalidade, Inculturação” de Xavier Albó (2005) as relações de interculturalidade, com intuito de observar a intertextualidade entre as duas obras, ponto de partida para compreender as semelhanças e diferenças de divino e profano nos dois países mediante a intolerância e perda das religiões tradicionais e o apagamento da ancestralidade.
Palavras-chave:

A PERFORMANCE DO TEMPO EM NADA DIGO DE TI, QUE EM TI NÃO VEJA, DE ELIANA ALVES CRUZ

Amanda Pinto Da Silva Candido (UFPB)

RESUMO
O devir negro na literatura brasileira provoca tensionamentos nas concepções literárias canônicas, na medida em que as cosmovisões africanas e afro-brasileiras diferem das epistemologias ocidentais e promovem experiências que inscrevem outros tempos/espaços na literatura. Nesse sentido, este trabalho, de caráter bibliográfico, tem como objetivo propor uma leitura centrada na performance do tempo da obra Nada digo de ti, que em ti não veja, de Eliana Alves Cruz, a fim de compreender como o tempo espiralar se inscreve e desafia a lógica linear. Sob uma perspectiva contracolonial, fundamenta-se nas contribuições teóricas de Antônio Bispo (2023) e Krenak (2020) para compreender as implicações da lógica linear enquanto um mecanismo colonial de regulação do tempo/espaço das personagens na narrativa. Ademais, considerando que o tempo espiralar se entrelaça com os conceitos de corpo, performance, ancestralidade e encruzilhada, recorre-se aos pressupostos de Sodré (2017), Oliveira (2007), Martins (1997; 2021), Zumthor (1977) e à leitura e tradução de Santos (2019) acerca do pensamento filosófico de Bunseki Fu-kiau, com o intuito de compreender como as tradições Nagô e Bantu oferecem o conceito de ancestralidade como subsídio para pensar o tempo e sua reconfiguração no contexto brasileiro. Desse modo, a análise se atém à Vitória, uma das protagonistas da referida obra, pois a personagem espiraliza o tempo por meio de práticas performativas, as quais evocam saberes ancestrais que não concebem o tempo como uma unidade de medida, mas como uma experiência vivida que performatiza a reversibilidade e o devir simultâneo.
Palavras-Chave: literatura negro-brasileira; tempo espiralar; performance; Eliana Alves Cruz.

NÃO FICA GORDA A TERRA": LEITURA DE UM TEXTO DA TRADIÇÃO NGONI, EM VERSÃO POÉTICA DE RUY DUARTE DE CARVALHO

Dalyson Dos Santos Oliveira (UFOP)

RESUMO
Publicado originalmente em 1982, Ondula, savana branca, obra poética de Ruy Duarte de Carvalho, mostra bem as interfaces entre a formação e a atuação como antropólogo do autor e a sua experimentação poética. Trata-se de poemas construídos a partir de fontes da tradição oral de diversos povos africanos. Quatro deles, dos povos Ngoni, Akan, Dinkas e Somali, são traduções de textos publicados por Ruth Finnegan, em 1970, no livro Oral literature in Africa. Para a comunicação que proponho, escolho trabalhar com o poema do povo Ngoni, recolhido e traduzido para o inglês por Margaret Read e publicado pela primeira vez em Songs of Ngoni People (1937). Através da leitura atenta do poema, e tendo em vista as modificações que Carvalho promove, em relação à versão que lhe serve de base, buscarei compreender como a poesia do autor traduz ou reinventa a tradição oral com a qual tem contato, apontando para a forma como o seu projeto poético busca preservar cosmovisões africanas e uma memória cultural. Para a realização do trabalho, será necessário recorrer às duas versões do poema: à de Carvalho e à de Read, com atenção para as diferenças na tradução; bem como à leitura do citado Songs of Ngoni People e do livro de Finnegan, onde se encontram outras referências ao povo Ngoni. Com a pesquisa e a análise do poema, espero chegar a alguma compreensão sobre a integração entre cosmovisões africanas, com o foco no universo dos Ngoni, do Malawi, e textos da tradição oral, cogitando sobre o papel do próprio Carvalho como uma espécie modificada de griot, que contribui para a preservação de tradições.
Palavras-chave:

LITERATURA NEGRA BRASILEIRA: PERFORMANCES POÉTICAS DE ESCRITA, LEITURA E OUTRAS PRETICES

Selma Maria Da Silva (Artesã das palavras escritas, faladas, cantadas e dançadas)

RESUMO
O arcabouço teórico desta investigação elegeu o diálogo horizontal e não hierárquico entre a produção estético literária, com as reflexões teóricas dos leitores/escritores negros. Compreende-se, portanto, que a "Primavera Negra Brasileira" como um fenômeno artístico performado em múltiplas expressões da – PALAVRA – DISCURSO – ESCRITA – LEITURA de re-existência estética e ética de negros. Apesar de nomearmos este tópico como referencial teórico, este mesmo referencial teórico busca o não aprisionamento aos paradigmas da – arte da palavra – convencionalmente pré-estabelecida pelo pensamento hegemônico, ainda determinante para alguns do belo literário. Destaca-se, assim a escuta afetiva com sabor da fruta sedutora que lambuza para preparar o gozo orgástico do corpo. Compreende-se como corpus de investigação e análise, às produções literárias nos mais diversos suportes e formas, além dos meios e canais de divulgação, comercialização, propagação destas produções. A escrita de autores e autoras autodeclarados negros e negras no contexto literário brasileiro materializa inúmeras tensões culturais e políticas. Dentre elas, destaco o processo da invenção ser negro na diáspora brasileira, o qual se traduz pela linguagem escrita, no contexto da historiografia literária brasileira. As relações sociais, os valores culturais e os comportamentos de negros e não negros. Compreende-se as categorias socioculturais negros e não-negros conforme a significação empregada pelos movimentos sociais e culturais de combate ao racismo. A diáspora negra brasileira provocou e exigiu a construção da humanidade negada aos diferentes e diversos povos africanos oprimidos e subjugados no passado. Desta forma, precisaram inventar-se como homens e mulheres, negros e negras, rememorar suas religiões, elaborar suas danças, suas comidas, suas músicas, enfim alimentar suas memórias e narrativas, no novo território frente à imposição aos negros e negras, na atualidade, de práticas como o racismo, a discriminação e o sexismo.
Palavras-chave: literatura negra brasileira; poéticas da escrita; diáspora brasileira; pretices.

SIMPÓSIO 05
AMÉRICA NEGRA E A POÉTICA DE ELIO FERREIRA

Organização do Simpósio:
Margareth Torres de Alencar Costa (UESPI)
Assunção de Maria Sousa e Silva (UESPI)
Feliciano José Bezerra Filho (UESPI)

RESUMO
O pensamento e a poesia de Elio Ferreira se fundamentam na tradição negro-africana e nos modos de reafirmar existência. O menino e o homem não se intimidaram com os mecanismos de controle, as reservadas posições de subserviência e a estratificação dos lugares subalternos predominantes na sociedade brasileira. O poeta-professor trazia em seu corpo-discurso o gingado e a inquietação reflexivos para desestabilizar o pensamento eurocêntrico e excludente. Se por um lado, confirma-se a medida de seu rasgo incontido no tecido colonial o qual se reatualiza na "colonialidade do ser, do ter e do saber" (Anibal Quijano, 2005); por outro, o corpo-escrita do poeta piauiense se reconfigura numa estética destemida e disjuntiva do patrão de universalidade / colonialidade a se desdobrar em feitura de contínua resistência e reinvenção da palavra-griot vinculada a reinscrição no mundo numa dimensão de cocriação "quilombista" (Abdias Nascimento, 2002) cujo propósito incide em fazer valer ações coletivas capazes de romper com o racismo, a exclusão em todos os níveis e a apropriação de novas formas de existência das pessoas negras. A negritude se apresenta como princípio e movimento de reflexão em seus poemas. Nesse sentido, é possível identificar em sua obra literária e acadêmica uma base movente na qual ressoam ideias do panafricanista W. E. B. Du Bois, ampliadas por diálogos viscerais com expoentes do movimento de negritude como Langston Hughes, Leopold Sedar Senghor, Aimé Cesaire e uma distinta atenção à perspectiva teórica de Paul Gilroy (2012). Todavia, a reverência do poeta era aos seus mais velhos griots, às pessoas negras com quem conviveu na infância em sua cidade natal e aos seus ancestrais, à vida em comunidade. Este simpósio tem como objetivo evocar "a roda de tambores" de Élio Ferreira para pensar a poesia e a prosa de autoria negra, especialmente sua própria poética. Serão aceitos resultados de pesquisas que abordem a coletividade negra, embates, violências pelas quais negros e negras são afetados, as negações e os abusos do privilégio branco, o racismo, a ancestralidade, o epistemicídio, mas também será um espaço para refletir sobre as gingas, a palavra livre e solta, o corpo negro em revide, a literatura negra com lugar de luta, de resistência e a preservação da memória ancestral, recorrendo, de alguma maneira, a poética de Élio Ferreira, numa perspectiva decolonial que pode se desdobrar e/ou confluir com as ideias contracoloniais de outro pensador piauiense, Nêgo Bispo.
Palavras-chave: América negra. Poética. Élio Ferreira.

ELIO FERREIRA: A NEGRALIZAÇÃO CALIBANESCA ATRAVÉS DA PÓETICA E MILITÂNCIA DE UM CAPOEIRISTA, POETA E PROFESSOR

Josinaldo Oliveira Dos Santos (UESPI)

RESUMO
O trabalho tem como objetivo geral de discutir a negralização calibanesca através da poética e militância de um capoeirista, poeta e professor: Elio Ferreira. Ele, poeta contemporâneo do Piauí, é uma voz importante na literatura afro-brasileira. Seu estilo poético é marcado por uma escrita "martelada", que foge de regularidades e se inscreve em uma tradição textual afro-brasileira. O entrecruzamento da literatura negra com a música das Américas, a performance do griot, do poeta piauiense, como também a memória pessoal e coletiva no discurso poético, a construção da identidade negra, o discurso engajado da negritude marxista, a história da escravidão, a violência, o exílio social do negro, a cultura e suas estratégias de resistência. O problema norteador da pesquisa mostra-se da seguinte maneira: como a negralização calibanesca através da poética e militância de um capoeirista, poeta e professor pode mostrar Elio Ferreira de Souza um sujeito na sociedade piauiense e um representante identitário americano? Fundamenta-se em Alves (2018), Duarte (2004), Evaristo (2009), Souza (2017), Vieira (2021). A metodologia é de natureza básica, sendo exploratória e bibliográfica. Os resultados encontrados foram que o autor desafia preceitos ideológicos da cultura hegemônica e afirma valores muitas vezes obliterados, especialmente para os negros no Brasil e que contribui para a inserção da literatura afro-brasileira como um suplemento à literatura brasileira, da qual foi historicamente excluída. As considerações foram que foi um ativista pela causa da população negra e deixou um legado significativo na literatura afro-brasileira e piauiense.
Palavras-chave:

AS “ESCREVIVÊNCIAS” DE ELIO FERREIRA ATRAVÉS DE SUA POESIA: HOMEM, NEGRO, NORDESTINO E PIAUIENSE

Joana D’arc Almeida Da Silva (UFPI)

RESUMO
O objetivo geral é discutir estratégias de construção a partir do conceito “escrevivência[s]”, formulado pela Conceição Evaristo, o qual oferece rastros da inserção do sujeito autoral na narrativa de Elio Ferreira. É um trabalho faz parte do PIBIC-UESPI. O processo de colonização brasileira impôs, desde o início, uma forma de organização social baseada na construção de barreiras que visam anular qualquer ascensão social ou manifestação cultural dos povos oprimidos. Em relação ao racismo e suas implicações ideológicas, podemos dizer que a sociedade brasileira se organizou em uma perspectiva sistematicamente guiada por critérios fenotípicos. A questão de pesquisa: como as escrivivências se apresentam nos poemas de Elio Ferreira? A natureza é básica, a abordagem é qualitativa, o objetivo é exploratório e o método é bibliográfico. A base teórica é: Bento (2002), Bernard (1987, 2003), Bicalho (2008), Damascemo (1988) e Schwarez (1993, 1996). Os resultados encontrados foram que Elio Ferreira transferiu para sua poesia a dualidade com que o negro havia sido percebido durante os tempos e como essa visão de "ser negro afro-brasileiro" ou simplesmente "afro-americano" implicava que a formação de sua identidade tivesse de ser conquistada pela força, pelo contrário. concepções racistas do que é ser negro. As considerações finais foram que a Literatura Negra é espaço e esta por sua vez é poder. Apresentar este espaço é controlar o poder que nele está inscrito. Se não entendermos o racismo brasileiro e suas ideias implícitas, o que não é uma tarefa fácil, não poderemos ver a poesia negra com bons olhos e, o que é pior, não poderemos desfrutar do prazer que a escrita pode oferecer.
Palavras-chave:

NEGRALIZAR PARA (RE) EXISTIR: A POÉTICA DE ELIO FERREIRA

Susyane Alves De Oliveira (UESPI)
Rosy Dos Santos Lima (UESPI)
Nádia Nara Da Silva (UESPI)

RESUMO
O presente estudo procura debruçar-se sobre a poética de Élio Ferreira em América negra (2004). Tendo em vista se tratar da produção de um poeta multifacetado, faz-se pertinente abraçar toda a obra em seus diálogos com a memória e a ancestralidade sob o viés da amefricanidade. Assim, embasados nas ideias de Du Bois (2021) sobre a formação dos homens negros amparados nos saberes ancestrais e na produção de poesias e canções de lamento como forma de repassar a cultura à frente; no conceito de contracultura da modernidade trazido por Gilroy (2001) que aborda as modificações na arte vernacular negra influenciadas pela experiência da diáspora; bem como na confluência da poética de Élio Ferreira com a natureza de suas análises interpretativas sobre a poesia e sobre a vivência de si. Ademais, através também das contribuições da intelectual Lélia Gonzalez (1988) e, por conseguinte, da ideia de Amefricanidade em que aborda uma perspectiva que reorienta a criação de uma nova maneira de compreender a experiência vivida por negros(as) nas Américas para uma postura afrocêntica, servindo para a descolonização e descentramento epistêmico, conforme suas próprias categorias. Objetiva-se analisar o canto poético, o grito de negralização e o retorno à memória de uma África arraigada no corpo-poesia de Élio Ferreira, acentuando-se as marcas da musicalidade, do engajamento e do apelo à valorização da cultura amefricana pelo viés de um retorno ao berço-áfrica, no qual a narrativa griot sobrevive. Metodologicamente o trabalho faz o uso de uma revisão bibliográfica, de cunho exploratório, mantendo diálogo com o campo teórico afrocêntrico. Como resultado, a pesquisa encontra-se em desenvolvimento, com considerações parciais em construção.
Palavras-chave: Élio. Poética. Memória. Amefricanidade.

IDENTIDADE, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NA ESCRITA DO POETA-PROFESSOR ELIO FERREIRA

Nágila Alves Da Silva (UESPI)

RESUMO
O presente trabalho se propõe a analisar a identidade negra atrelada a memória e resistência na poesia contemporânea de Élio Ferreira, a partir da leitura da obra América Negra (2004). O poeta-professor, no exercício de sua poesia, tem apresentado uma representação da negritude que se contrapõe às imagens estereotipadas e negativas construídas pelo cânone em relação as pessoas negras. Tomado por uma consciência étnica afrodescendente assumida, o poeta piauiense estilhaça a máscara do silenciamento e com isso rompe a ótica do colonizador, e constrói um discurso no qual emerge um enunciador negro que enaltece a sua negritude e ancestralidade. De caráter bibliográfico, a pesquisa em questão analisa a obra América Negra (2004), à luz dos pressupostos teóricos de Hall (2003), Nascimento (2019), Césaire (2006), Ferreira (2017), Fanon (2020), entre outros. A escrita de Élio Ferreira é marcada pela resistência frente às mazelas e feridas causadas pela escravização vivenciada pelos seus ancestrais e à discriminação racial que ainda é presente na sociedade brasileira.
Palavras-chave: Poesia; Literatura afro-brasileira; Élio Ferreira; Identidade, Resistência.

DO GRITO AO CANTO: VOZES NEGRAS DAS AMÉRICAS E A RESSIGNIFICAÇÃO DA DOR

Vanessa Ribeiro Teixeira (UFRJ)

RESUMO
A partir da experiência visual e sonora provocada ela performance de expoentes da música negra nas Américas, nomeadamente Abbey Lincon (1964) e Milton Nascimento (1987), pretendo ler, com Fred Moten (2023), a pretitude como "um movimento estendido de uma revolta específica, uma irrupção contínua que anarranja [anarranjes] cada linha" (p. 27). Antes do verbo e da letra, a música comunica e, no caso da diáspora negra, é elemento primaz. Convido, então, o poema "Súplica", de Noémia de Sousa (Moçambique), para corroborar o lugar de originariedade - originário, mais do que original - da música entre "os modos de reafirmar existência", como bem sabia Élio Ferreira. As errâncias e experimentações sonoras que estão na base dos spirituals, do blues, do jazz, do canto dos vissungos mineiros, remetem à mesma experiência seminal da diáspora negra: o tumbeiro, a corrente, o chicote, a dor. A resistência à coisificação à qual as vidas pretas estavam condenadas produziu algo que, entre a dor e o gozo, fica na memória do tempo, transmitido por gerações, como um código da cor. Paul Gilroy (2012) afirma que "[o] poder e significado da música no âmbito do Atlântico negro têm crescido em proporção inversa ao limitado poder expressivo da língua" (p. 160), tendo em vista o "topos de indizibilidade" que marcou a vivência escravizada. Assim, entendo que a melodia, nascida no seio de uma "estética da tradição radical preta" (Moten) é ferro burilado, transformado em ponta de lança de uma subjetividade poética anterior à escrita e tantas vezes "incorporada" pelos poemas do ferreiro-poeta-professor piauiense, que canta: "Me rebelei,/ matei o senhor, a sinhá/ o sinhozinho, a sinhazinha/ o feitor, o capitão-do-mato/ e me refugiei nos quilombos." (América Negra, 2004, p. 18-19).
Palavras-chave:

A VANGUARDA POÉTICA AFRO-BRASILEIRA DE ELIO FERREIRA DE SOUZA

Feliciano José Bezerra Filho (UESPI)

RESUMO
O trabalho a ser apresentado avaliará a poesia de Elio Ferreira e a projeção de seu corpo negro em performance, sob o signo da vanguarda. Conceito duplamente aqui pensado: enquanto "desvio da norma" (Viktor Chklósvski), do ponto de vista estético em relação ao cânone literário; e como comportamento desviante de dimensão existencial, de inscrição na vida e no corpo do poeta. O compromisso de intervenção literária de Elio está na projeção de formas poéticas que se lançam na construção de um modo de fazer poesia negra, arregimentando elementos da identidade, da ancestralidade e da diáspora negras ajustados ao investimento no código verbal enquanto estrutura significante. Bem como, a projeção dessa poética está para além da página escrita, a energia criativa de Elio se fez ouvir no suporte corporal, na oralidade, em atualização vocal de intervenção por meio da performance como elemento principal e fator constitutivo (Zumthor, 1997). É sob o impacto da oralização de seus textos poéticos que informaremos a proposição de vanguarda encontrada na obra de Elio Ferreira, uma cena poética com a qual interveio no espaço de cultura por onde circulou. Em sua obra são encontrados esses elementos, evidenciando a presença corporificada do agente negro, da poesia negra brasileira sob signos de antecipação e de voz diferenciada. A investigação buscará, por meio da análise de poemas e de performances em vídeo realizadas pelo poeta, o grau de semantização e de alcance da energia linguística de invenção poética.
Palavras-chave:

ENTOAR PARA DESPRENDER-SE DOS VATICÍNIOS

Assunção De Maria Sousa E Silva (UESPI)

RESUMO
Abdias Nascimento, ao exaltar escritores e escritoras de seu tempo, considera a poesia negra como um fenômeno que revela “a eclosão de um potencial reprimido há longo tempo, e que emerge levando todas as limitações para a periferia de sua identidade” (Nascimento, 2021, p.147). Desde a criação de Cadernos Negros (1978), e outras importantes antologias, vigora no Brasil, uma dimensão plural e insurgente de vozes que expressam afirmação de si, negando concessões aos ditames dominantes, e em combate incessante ao racismo que destrói as subjetividades negras. Autores e autoras fazem de suas poesias - ato e expressão estéticos - espaço do sentir, do ser e estar marcado pela negrura a resultar em insubmissão e subversão, seja contra a hegemônica forma da estética canonizada, seja contra os poderes dominantes que tendem a sufocar os valores e saberes negros. Élio Ferreira escreveu seus poemas na esteira dessas reflexões e discussões como ato de transgressão. Desse modo, essa comunicação focalizará momentos da poética do Élio em que a voz enunciadora busca, na esfera construtiva do texto, presentificar a figura materna e de outras mulheres que lhe dão impulso para fazer-se voz desprendida no mundo.
Palavras-chave:

ANCESTRALIDADE E NARRATIVA DE FILIAÇÃO COMO MARCADA ESCRITA DE SI NA POÉTICA DE ELIO FERREIRA

Margareth Torres De Alencar Costa (UESPI)

RESUMO
O objetivo deste trabalho é revisitar a poética de Elio Ferreira de Sousa e analisar as marcas da ancestralidade e narrativa de filiação como marcas da escrita de si em sua poética. Quais marcas subjetivas e biografemas comprovam que esta obra pertence ao gênero da escrita de si, caracterizando-a como texto autoficcional? A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Elio Ferreira escreveu, pesquisou, produziu e lutou pelos direitos dos negros e afrodescendentes seja através de sua poética, produções científicas, eventos como o África Brasil, fundando Núcleos de pesquisa como o NEPA e apoiando a escrita da Lei de Cotas 10.639de 2003. Antes dessa Lei, a relevância da cultura afro e afrodescendente no Brasil se restringia ao Dia da Consciência Negra. Para efetivar este debate nos baseamos nos estudos efetivados por: em Lejeune (2008), nas discussões acerca do que seja escrita autobiográfica; em Assmann (2011), Halbwachs (2013), Pollak (1989, 1992) e Ricoeur (2007), para definir memória individual e memória coletiva; em Costa (2022), Noronha (2014) e Viart (2008), no que diz respeito à narrativa de filiação; em Du Bois (1903) sobre ancestralidade e racismo. Os resultados obtidos apontam para uma poética carregada de dado biográficos e marcada pela subjetividade ficcionalizada em versos do Griot do século XXI.
Palavras-chave: Ancestralidade; subjetividade e ficcionalidade; América Negra; Elio Ferreira.

O GRIOT COMO NARRATIVA DE TRADIÇÃO E IDENTIDADE NA POÉTICA DE ELIO FERREIRA DE SOUZA

Laura Torres De Alencar Neta (UESPI)

RESUMO
O objetivo deste trabalho é revisitar a poética de Elio Ferreira de Sousa e analisar as marcas da ancestralidade que o configuram como um Griot do século XXI em sua poética. Quais marcas subjetivas que comprovam que esta obra pertence ao gênero da escrita de si, caracterizando-a como texto marcado pela ancestralidade? A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Elio Ferreira escreveu, pesquisou, produziu e lutou pelos direitos dos negros e afrodescendentes seja através de sua poética, produções científicas, eventos como o Afríca Brasil, fundando Núcleos de pesquisa como o NEPA e apoiando a escrita da Lei de Cotas 10.639de 2003. Antes dessa Lei, a relevância da cultura afro e afrodescendente no Brasil se restringia ao Dia da Consciência Negra. Para efetivar este debate nos baseamos nos estudos efetivados por: em Lejeune (2008), nas discussões acerca do que seja escrita autobiográfica; em Assmann (2011), Halbwachs (2013), Pollak (1989, 1992) e Ricoeur (2007), para definir memória individual e memória coletiva; em Costa (2022), em Du Bois (1903) sobre ancestralidade e racismo. Os resultados obtidos apontam para uma poética carregada de dado biográficos e marcada pela subjetividade ficcionalizada em versos do Griot do século XXI.
Palavras-chave: Ancestralidade; subjetividade; América Negra; Elio Ferreira.

NARRATIVA DE FILIAÇÃO COMO MARCA DA ESCRITA DE SI NA POÉTICA DE ELIO FERREIRA DE SOUSA

Wilson Cavalcante Costa Junior (UFPI)

RESUMO
O objetivo deste trabalho é revisitar a poética de Elio Ferreira de Sousa e analisar as marcas da ancestralidade e narrativa de filiação como marcas da escrita de si em sua poética. Quais marcas subjetivas e biografemas comprovam que esta obra pertence ao gênero da escrita de si, caracterizando-a como texto autoficcional? A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Elio Ferreira escreveu, pesquisou, produziu e lutou pelos direitos dos negros e afrodescendentes seja através de sua poética, produções científicas, eventos como o Afríca Brasil, fundando Núcleos de pesquisa como o NEPA e apoiando a escrita da Lei de Cotas 10.639de 2003. Antes dessa Lei, a relevância da cultura afro e afrodescendente no Brasil se restringia ao Dia da Consciência Negra. Para efetivar este debate nos baseamos nos estudos efetivados por: em Lejeune (2008), nas discussões acerca do que seja escrita autobiográfica; em Assmann (2011), Halbwachs (2013), Pollak (1989, 1992) e Ricoeur (2007), para definir memória individual e memória coletiva; em Costa (2022), Noronha (2014) e Viart (2008), no que diz respeito à narrativa de filiação; em Du Bois (1903) sobre ancestralidade e racismo. Os resultados obtidos apontam para uma poética carregada de dado biográficos e marcada pela subjetividade ficcionalizada em versos do Griot do século XXI.
Palavras-chave: Ancestralidade; subjetividade e ficcionalidade; América Negra; Elio Ferreira.

COLONIALISMO, CURANDEIRISMO E CRISTIANISMO EM NGOMA YETHU DE PAU

Hélio Lionélio Moiane (UNISAVE - Moçambique/África)
Dlucidio Mavie (UNISAVE - Moçambique/África)
Alberto Mathe (UNISAVE - Moçambique/África)

RESUMO
O artigo tem por objectivo apresentar os resultados de um trabalho no âmbito da linguagem e cultura e intentamos analisar os aspectos que ditaram o enfraquecimento da religião africana. O estudo mostrou que o cristianismo e o Curandeirismo representam culturas de povos diferentes, mas com o fim máximo de adorar a Deus, porém, cada um o faz a sua maneira de acordo com a sua cultura. Evidencia-se neste trabalho que tanto a religião cristã assim como a religião africana tem poderes de curar e fazer outros milagres. Vale ressaltar que esta pesquisa está alicerçada nas obras de Paulina Chiziane (2018) e na Bíblia Sagrada.
Palavras-chave:

O PROCESSO DE TRADUÇÃO DO PORTUGUÊS PARA O ESPANHOL EM AMÉRICA NEGRA DE ELIO FERREIRA

Melane De Miranda Macedo (UESPI)

RESUMO
O objetivo deste trabalho é identificar os efeitos dos processos da tradução alcançados a partir da análise dos poemas, em especial o de crítica política, na obra América Negra de Elio Ferreira. É um trabalho do PIBIC-UESPI que visa trazer autoras e autores latino-americanos. A tradução é uma atividade inerente ao humano. Mesmo que, muitas vezes de forma inconsciente, traduz-se a todo instante. Se traduzir é tornar inteligível, sem que se perceba, a tradução ocorre diariamente, a todos os momentos, independentemente de teorizações e reflexões acerca de pertencimentos teóricos. A pergunta norteadora da pesquisa é: Como identificar os efeitos dos processos da tradução alcançados a partir da análise dos poemas, em especial o de crítica política, na obra América Negra de Elio Ferreira? A investigação é de cunho básico e o procedimento de análise do objeto é bibliográfico. Fundamenta- se em Albir (2011), Brito (2012), Cariello (2013), Carvalhal (2016), Eco (2009), Falconi (2014), Ferreira (2014) e Moraes (2011). Os resultados encontrados foram que o entendimento de toda tradução literária como um ato criativo abre caminho para novas posições, que têm em conta a natureza criadora do ato de traduzir e seus aspectos contextuais e que, além disso, compreendem a tradução como um ato de comunicação e de intermediação entre culturas. As considerações são que a análise do processo de tradução da obra América Negra de Elio Ferreira do português para o espanhol ajudará a entender que elementos da tradução foram utilizados e que caminhos foram percorridos para pesquisadores, professores e alunos.
Palavras-chave:

NO LIMITE ENTRE O CÉU E O PURGATÓRIO DE ESPERANÇA GARCIA

Francymary Da Silva Santana (UESPI)

RESUMO
Esperança Garcia foi uma mulher negra escravizada no século XVIII, em Oeiras,município a 300 km de Teresina. Nasceu na fazenda Algodões, propriedade que pertencia a padres jesuítas brasileiros. Ela aprendeu a ler, escrever e aos 16 anos, casou e teve seu primeiro filho. Com o tempo os catequistas foram expulsos pelo diplomata português Marquês de Pombal e a fazenda foi transferida para outros senhores de escravo dando início ao martírio vivenciado por Esperança. Aos seus 19 anos, fora separada dos filhos e do marido, e enviada para outras terras para facilitar a opressão patriarcalista. Esperança Garcia sofreu toda a má sorte de dores e sofrimentos passando a ser como ela própria descreve um “colchão de pancadas”, porém nunca desistiu de ser resgatada, por isso decide escrever uma carta endereçada ao Governo do Piauí solicitando ajuda a ela e ao grupo que ali estava denunciando toda a atrocidade e situações de violência a qual era submetida. A carta tem registro de seis de setembro de 1770, e apesar da parca escrita, ela consegue articular seu pedido de ajuda, através dos relatos de maus tratos sofridos por ela, outros homens e mulheres negras em uma fazenda da região.
Palavras-chave:

MEDITAÇÃO DE GONÇALVES DIAS: A POÉTICA DE RESISTÊNCIA E IDENTIDADE NEGRA NO BRASIL COLONIAL

Francisco Das Chagas Melo Dos Santos (UESPI)

RESUMO
A obra em prosa poética de Gonçalves Dias intitulada Meditação é marcada por uma reflexão sobre a identidade, o sofrimento e a resistência dos povos escravizados no Brasil colonial. Sua escrita pode ser vista como uma resposta ao contexto sociopolítico do século XIX, em que o eurocentrismo e a colonialidade impunham opressão e exclusão ao povo negro. A análise dessa obra revela a força de Meditação como um ato de resistência e reafirmação identitária. O presente estudo tem como objetivo analisar a obra "Meditação" de Gonçalves Dias, destacando como sua poética se configura como uma forma de resistência contra a opressão colonial. O estudo busca explorar a maneira como Gonçalves Dias, através de dessa daquela obra, desafia as estruturas coloniais e propõe uma reconfiguração da identidade brasileira, aproximando-se das reflexões de pensadores como Abdias Nascimento e Aníbal Quijano sobre colonialidade, negritude e resistência cultural. A pesquisa será conduzida por meio de uma análise literária da obra "Meditação", utilizando uma abordagem interdisciplinar que integra teorias decoloniais, estudos afrocentrados e a crítica literária. Serão realizadas leituras comparativas com obras de outros poetas e pensadores negros, como Élio Ferreira e W. E. B. Du Bois, para identificar as influências e convergências na poética de resistência de Gonçalves Dias. A análise também envolverá um exame das referências históricas e culturais presentes no texto, buscando compreender como a obra dialoga com o contexto de sua produção e com questões contemporâneas de identidade e resistência. A análise da obra "Meditação" revela que Gonçalves Dias utiliza sua escrita não apenas como denúncia contra a opressão e a violência, mas também propõe a inserção de uma tradição de luta e reafirmação cultural, que continua a inspirar movimentos de resistência e reflexões sobre a identidade e a história no Brasil contemporâneo.
Palavras-chave:

SIMPÓSIO 06
O MAR QUE SEPARA É O MESMO QUE LEVA DE VOLTA: MEMÓRIAS QUE O TEMPO NÃO APAGA

Organização do Simpósio:
Regina Simon da Silva (UFRN)
Rosanne Bezerra de Araújo (UFRN)

RESUMO
O século XX foi marcado por uma época de revisão histórica, de tomada de consciência dos erros do passado, mesmo que, apesar dessa tomada de consciência, o mundo continue a testemunhar guerras civis e genocídios de grupos étnicos em alguns países. A partir desse movimento de ruptura, o continente africano passou a ganhar cada vez mais voz, rompendo com o círculo vicioso da hegemonia de nações colonizadoras. Novos nomes de escritores africanos e de países que têm raízes africanas foram surgindo, revelando enredos de um passado que vinha sendo sempre posto de lado, e preservar as tradições e costumes e suas (re)adaptações (Hobsbawn, 2008) é uma forma de manter vida a memória de um povo, e encontrar no passado as suas raízes, base para a construção das identidades. Pensando nessa problemática, este simpósio acolhe trabalhos relacionados à temática da ancestralidade, memória cultural e tradições africanas, como traumas de guerras civis, diáspora, genocídios, enfim, histórias que são trazidas para ficção, para o universo literário, revelando que a arte é sempre uma via possível. Como referencial teórico serão pertinentes os autores, Stuart Hall Da diáspora (2003), Maurice Halbwachs A memória coletiva (2006), Paul Ricoeur A memória, a história, o esquecimento (2007), Fabio Leite A questão ancestral: África negra (2008), entre outros teóricos.
Palavras-chave: Ancestralidade. Memória cultural. Diáspora.

ÁGUAS-LEMBRANÇAS: DA DIÁSPORA E DA MEMÓRIA EM "RECORDAR É PRECISO" E "CERTIDÃO DE ÓBITO", DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Gisana Karen Araújo Costa Lira (UFRN)
Tito Matias-Ferreira Júnior (IFRN)

RESUMO
Este trabalho tem como objetivo analisar os poemas “Recordar é preciso” e “Certidão de óbito” de Conceição Evaristo, da obra Poemas da recordação e outros movimentos (2017), destacando aspectos relacionados a temas como memória, diáspora, entre outros, que permeiam seus versos, a partir da escrevivência de Conceição Evaristo que, através de uma poética particular, retoma aspectos que não devem ser esquecidos do ponto de vista social, tampouco estético. Sua escrita representa muito mais do que a exploração de temáticas que envolvem o afro-descendente, demonstram sua genialidade ao abordar temas que desenvolve, com maestria, através também dos aspectos formais de sua estética literária.Nos poemas em análise, percebemos a relação de complementaridade entre eles e, que reivindicam, através de temáticas como a memória, uma reflexão sobre o passado e a atualidade de afro-descendentes brasileiros. Seguindo discussões que abordam a poesia negra-feminina e afro-diaspórica, a partir de Souza (2020), pensamentos feministas, por Audre Lorde (2019), simbologia das palavras, segundo o dicionário de símbolos de Chevalier e Gheerbrant (2001) e sobre memória coletiva, a partir de Maurice Halbwachs (1990), faremos uma abordagem crítico-analítica dos poemas, integrando os aspectos textuais e sociais explorados neles. Na reflexão desenvolvida, a partir dos poemas analisados, identificamos a temática da memória como sendo necessariamente revisitada e suscitada em caráter de busca por regeneração. Unir a histórias dos ancestrais e promover esse encontro de rememoração e recontagem das situações vividas aos seus atuais, pode promover a esses grupos um contato em que: “o que lhes falta precisamente para se compreenderem, se entenderem e confirmarem mutuamente as lembranças desse passado de vida comum é a faculdade de esquecer as barreiras que os separem no presente” (Halbwachs, 1990, p. 35).
Palavras-chave: Conceição Evaristo. Poema. ‘Recordar é preciso’. ‘Certidão de óbito’Memória. Diáspora.

A LITERATURA COMO DEVER DE MEMÓRIA EM A MULHER DE PÉS DESCALÇOS, DE SCHOLASTIQUE MUCASONGA

Jaiza Lopes Dutra Serafim (COOPEDU)

RESUMO
O tempo histórico no qual estamos inseridos tem nos mostrado que esquecer os erros do passado é correr o risco de repeti-los na mesma intensidade no presente. Firmar o compromisso com o não-esquecimento através da literatura é um importante passo para discutir o caminho, se não reparador, mas privilegiado e fecundo de reflexão, da literatura contemporânea como espaço de reconstituição dos fragmentos não-ditos da memória de um povo. Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo investigar os papéis que a memória, enquanto produção individual e coletiva, cumpre na literatura afrodiaspórica de autoria feminina, no romance A mulher de pés descalços da ruandesa Scholastique Mukasonga. A proposta é ler a obra a partir de pressupostos teórico-metodológicos vinculados à teoria literária cultural e à crítica pós-colonial, em articulação com saberes da memória, da história e das teorias feministas de mulheres negras. Aqui, são apresentados breves apontamentos sobre a necessidade de "escavar a história a contrapelo", como sugere Benjamin (2019), e "contar a história que a história não conta", na tentativa de fazer o caminho de conciliação com passado.
Palavras-chave: Scholastique Mukasonga. A mulher de pés descalços. Literatura Afrodiaspórica. Literatura como dever de memória.

LENTES DE WANGERO - RETALHOS DE MEMÓRIA COSTURADOS COLETIVAMENTE EM 'EVERYDAY USE' DE ALICE WALKER

Douglas De Medeiros Pessoa (UFRN)

RESUMO
In Love and Trouble, de Alice Walker, é uma coletânea de contos que apresenta perspectivas de personagens femininas negras, predominantemente sulistas. As histórias frequentemente exploram questões familiares, relações econômicas, dinâmicas sociais, lutas por direitos civis e interferência política e militar internacional dos EUA em países de sua periferia. Everyday Use inicia com "para sua avó", que nos remete ao estilo epistolar utilizado com maestria pela autora em seus contos e narrativas longas. As experiências que atravessam a ativista, mesmo as mais traumáticas, permitiu que a autora demonstrasse conflitos de mulheres revolucionárias que lutavam não apenas por garantia de direitos internos em seu país, mas também um reconhecível trabalho atuante contra barbáries bélicas e sanções econômicas. Analisar os símbolos semióticos presentes em contos de uma autora negra, ativista social, da zona rural do sul dos EUA necessita de uma leitura intertextual dos acontecimentos que possam ter transpassado as personagens. Contamos com uma escrita que permeia entre o tempo monumental da visita de Wangero às suas origens e pelo fluxo de memórias da narradora, algumas de sua infância, do incêndio e outras que precedem sua existência. Desse modo, como objetos podem ser instrumentos que transferem relatos e heranças culturais? Para responder esse questionamento precisamos explorar a dicotomia entre o valor estético e a utilidade prática, por analisar os enquadramentos fotográficos presentes no conto sob a ótica da semiótica, assim como a Imagologia da colcha de retalhos e a desvalorização estética das colchas costuradas à máquina em relação à costura artesanal. Wangeroo busca por memórias que remetem o continente africano como uma ruptura da cultura hegemônica. Maggie pode não ter o olhar aguçado de sua irmã para valores estéticos, mas sua "memória de elefante", pois o valor da tradição se reflete tanto nos objetos quanto nos costumes.
Palavras-chave:

O RIO, O TEMPO, A CASA, A TERRA: DIÁLOGOS ENTRE MEMÓRIA, ESPAÇO E PAISAGEM NA PROSA DE MIA COUTO

Susane Martins Ribeiro Silva (UFPE)

RESUMO
Considerado grande nome da literatura moçambicana (africana de expressão portuguesa), Mia Couto promove, em suas produções literárias, reflexões a respeito do passado, da vivência com pessoas marcantes em lugares afetivos. Diante dessa perspectiva, considera-se a obra "Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra" (2003) com o intuito de analisar a maneira como o sujeito (narrador) encara os espaços de vivências da infância após um período distante de sua terra natal, possibilitando também um diálogo com as paisagens percebidas no passado e no presente, tendo como elemento fundamental nesse processo a experiência desse narrador com pessoas e acontecimentos passadinos em seus espaços de convívio. Como diretriz para a leitura e análise dessa obra, a proposta fundamenta-se principalmente nos estudos relacionados à memória a partir da experiência sob a ótica de Benjamin (2012), Halbwachs (2006), Gagnebin (1994; 2009) e a teoria do espaço ficcional, enfatizando os estudos de Bachelard (2005), Borges Filho (2009), Brandão (2013), Lins (1976), dentre outros que se fizerem necessários para um possível diálogo com os estudos sobre a paisagem segundo Berque (1998), Collot (2012; 2013; 2015), Bertrand (2004), enaltecendo as relações com os espaços ressignificados tanto pelo exercício mnemônico (espaços de memória) quanto pelo presente da rememoração (regresso à terra natal). Levando em considerando o papel e a posição do narrador, adota-se também, nesta leitura, as perspectivas propostas por Adorno (2003) e Agambem (2012), bem como as proposições sobre o ato de narrar segundo Benjamin (2012). A partir de tais premissas, adota-se para o melhor desenvolvimento da pesquisa proposta o método teórico-investigativo, visando a leitura desta obra a partir do olhar da memória, do espaço e da paisagem, focando nas experiências desse indivíduo com pessoas de seus meios sociais afetivos em lugares de vivência.
Palavras-chave:

MÃE, A NOSSA PRIMEIRA TERRA: O LEGADO DA TRADIÇÃO ANCESTRAL NA NARRATIVA DE SOUMYA AMMAR KHODJA

Rosanne Bezerra De Araujo (UFRN)

RESUMO
A temática da diáspora abarca a literatura movente de autores africanos, especialmente no contexto da pós-colonialidade. Sujeitos e textos viajam e retornam ao seu local de origem, num constante movimento que contribui de forma significativa para o reconhecimento e a circulação de obras literárias. Relatos autobiográficos ganham relevância assim como as memórias de (i)migrantes, exilados e refugiados. Com o foco nas temáticas da ancestralidade e da memória cultural, proponho estudar a obra de Soumya Ammar Khodja (1955), especialmente a narrativa Elle était ma première terre (2015). Nesse livro, a autora franco-argelina revela as raízes e o passado de sua cultura, por meio de um relato íntimo dos instantes ao lado de sua mãe no hospital. Diante da morte iminente desta, a protagonista retorna da França para a Argélia, a sua primeira terra. De modo geral, no universo literário de Ammar Khodja, evidenciamos temas traumáticos como o exílio, a construção de uma identidade e a falta de irmandade numa terra permeada de violência e intolerância. Para este estudo, proponho analisar a narrativa íntima de Elle était ma première terre, destacando o movimento de uma diáspora externa e, sobretudo, interna da personagem. Apesar da violência, seja a violência no país, seja a violência do câncer devastador que acomete a sua mãe, é possível destacar a delicadeza e a ternura na narrativa em meio ao trauma. O eterno elo entre mãe e filha é o cerne desta pesquisa, pois, para além de países ou terras adotadas como nação, a mãe é a nossa primeira e única pátria. Esta pesquisa acolhe o pensamento de Chimamanda Adichie (2017) e de Édouard Glissant (2008) no que diz respeito à interação entre errância e enraizamento, entre sair da terra e retornar para ela.
Palavras-chave:

O CORPO-TEMPO E A TRAVESSIA DA MEMÓRIA NO CONTO BAZILISA, DE BEATA UMUBYEYI MAIRESSE

Aniely Walesca Oliveira Santiago (UFPB)

RESUMO
Em 1994, na Ruanda, ocorreu um dos maiores crimes contra a humanidade do século XX: o genocídio do povo tutsi. Muitas famílias foram dizimadas, vidas foram ceifadas de forma abrupta. Alguns sobreviventes desse massacre, em especial às mulheres, encontraram na literatura uma forma de compartilhar com o outro as suas dores, angústias, traumas, perdas, lutas, relação de poder, submissão e possíveis maneiras de continuarem sobrevivendo. Foi o caso da escritora ruandesa Beata Umubyeyi Mairesse , sobrevivente do genocídio, exilada na França, ela partilha através dos seus textos maneiras de (re) construir a história e a MemÓRÍa do seu povo e do seu país, sua identidade, e as possíveis novas formas e estratégias de existência. Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo analisar o conto Bazilisa - Meiões, de Beata Umubyeyi Mairesse, presente em sua obra Ejo e outros contos (2021), a partir dos conceitos de corpo- tempo espiralar (MARTINS, 2021), e das experiências da autora, resultando na produção de escrevivências (EVARISTO, 2008), e pensando a travessia (BIDIMA, 2002), como um lugar de construção, desconstrução e reconstrução, seja ela de identidade, de uma história, de um país, ou de uma geração, e a noção de memÓRÍa (PESSANHA, PAZ, SARAIVA, 2019), sendo a memória relacionada com o orí, associado à noção de identidade, força-potência criadora, capaz de definir novos caminhos, trajetos, maneiras de pensar e projetos de viver “um tempo que não elide as cronologias, mas que a subverte” (MARTINS, 2021, p. 42), sem ignorar os traumas, as dores e a barbárie da colonização e das guerras na formação dessas mulheres que são agentes de sua própria narrativa. Para a referida análise será utilizado os estudos de Lélia Gonzalez (1993), Beatriz Nascimento (1989), Glória Anzaldúa (2005), Françoise Vergès (2021), Conceição Evaristo (2008), Bidima (2002), Leda Maria Martins (2021), dentre outros.
Palavras-chave: feminismo, decolonial, genocídio, Ruanda, travessia, memÓRÍa, escrevivência.

O UNIVERSO DE ORÏSHA: O REINO DE FANTASIA E A INVENÇÃO DA TRADIÇÃO EM FILHOS DE SANGUE E OSSO, DE TOMI ADEYEMI

Hélia Da Silva Alves Cardoso (UFRN)
Regina Simon Da Silva (UFRN)

RESUMO
O gênero de fantasia é pouco abordado nos estudos acadêmicos, em sua maioria por ser considerado uma ficção de entretenimento, no entanto, quando se aprofunda na análise de Filhos de sangue e osso (2018), da escritora afro-estadunidense de origem nigeriana, Tomi Adeyemi, percebe-se que de sua escrita emerge uma temática discursiva de suma importância e que merece ser discutida. Esse romance de fantasia, baseado na cultura iorubá da África Ocidental, cria um ambiente estético em que a tradição incita a personagem Zélie a recuperar o poder maji perdido. Este trabalho é um recorte da dissertação, e aqui tem-se como objetivo principal analisar acomposição estética e os elementos simbólicos da obra que se integram no texto como um todo na saga em busca da magia. Pesquisa de caráter qualitativo e de fonte bibliográfica tem como suporte teórico, Bakhtin (1998) para abordar a estética da obra, Chevalier; Gheerbrant (2022) para identificar as simbologias presentes na obra e Hobsbawm; Ranger (2008) para análise da invenção das tradições, entre outros. Tomi Adeyemi, mulher negra, traz em sua escrita elementos de sua origem nigeriana como meio de resistência, ao dar visibilidade ao povo negro de África representado em sua obra.
Palavras-chave:

NA DESORDEM DO BELLUM, A PERSISTÊNCIA DO BELO: UMA LEITURA DE “OS OLHOS DA COBRA VERDE”, DE LÍLIA MOMPLÉ

Fabio Gustavo Romero Simeão (UFPB)
Vanessa Riambau (UFPB)

RESUMO
A identidade cultural é uma construção dinâmica, multifacetada, em constante reconfiguração, influenciada por fatores históricos, sociais e pessoais. Em contextos de guerra civil e deslocamentos em massa, como ocorreu em Moçambique logo após a sofrida conquista pela independência nacional, essa identidade é testada e transformada de maneiras drásticas, podendo ser fragmentada ou ressignificada. A guerra civil moçambicana, que se estendeu por dezesseis anos, desestruturou o tecido social e provocou deslocamentos internos, obrigando as comunidades a reavaliarem suas referências culturais. Isto posto, o presente trabalho propõe uma análise do conto "Os olhos da cobra verde," incluída na coletânea homônima de 1997, de Lília Momplé, focando na problemática da identidade cultural diante dos traumas gerados pela violência do contexto bélico, de modo geral, e pelo deslocamento forçado, mais especificamente. A narrativa aborda as desventuras da protagonista, que lida com os efeitos devastadores do conflito, e sua complexa relação com a figura mítica da cobra de olhos verdes, um símbolo que transcende o imaginário popular e desempenha um papel central na história. A leitura proposta busca explorar como a truculência da guerra pode moldar a identidade cultural, destacando os dilemas enfrentados pelos personagens em meio à destruição material e à perda de referenciais. Ao investigar a interação entre a protagonista e a cobra mítica, o estudo pretende compreender as dinâmicas sociais impostas pelo conflito em tela, revelando as tensões entre identidade cultural e memória em um cenário de sofrimento e deslocamento. As principais referências teóricas incluem a seminal discussão sobre memória e identidade do historiador francês Maurice Halbwachs e as releituras contemporâneas dessa discussão propostas por Michael Pollak e Joël Candau. Além disso, serão considerados outros autores para aprofundar o rigor da análise, bem como críticos literários que estudaram a história da literatura moçambicana e a recepção crítica da obra de Lília Momplé.
Palavras-chave:

ORALITURA DO PATUÁ: O ELO ENTRE PALAVRA E MEMÓRIA COMO FEITIÇO DE RETORNO

Thaís Gomes Lira (UFPB)
Fabiana Carneiro Da Silva (UFPB)

RESUMO
O patuá, nas religiões de matriz africana é um símbolo portador de memória coletiva e cultural de um povo diaspórico que atravessou a "kalunga" (o atlântico) em direção à "terra dos mortos" (américa), carregando em suas capangas a memória e o imaginário de símbolos ritualizados por meio das diversas performances orais grafadas no corpo e na voz e que encontraram novos sentidos em novos territórios através de um sincretismo de resistência cultural. As bolsas de mandinga, assim como as oralituras, termo sustentado por Leda Maria Martins (2003), criadas a partir do encontro entre os povos de África e povos de Pindorama, têm sido como amuletos de proteção para corpos marcados pelas violências coloniais. Em uma continuidade histórica, os patuás têm alcançado as novas gerações, sendo portal de diálogo ancestral e caminho de retorno. O despertar dos patuás engavetados e o ato de refazê-los é um reencontro há muito esperado pelos ancestrais que sempre quiseram nos ensinar algo em suas histórias contadas. Assim, este trabalho trata do estudo de uma performance literária oral com uma comunicação que pretende alinhavar a relação do patuá com as oralituras sobre este símbolo, as narrativas autobiográficas, as escrevivências e com as narrativas compartilhadas por mestres e mestras que são Escolas Vivas no Buraco D'água, comunidade da Serra da Boa vista, localizada em Alagoa Nova, Paraíba. Um território de origem quilombola e indígena repleto de saberes relacionados aos ritos de reza e de canto, à terra, às plantas de cura e à memória de hábitos como o de enterrar o cordão umbilical dos recém- nacidos. O diálogo será realizado por meio de pesquisa- ação dentro do projeto "Educação Popular: co-edição de materiais didáticos a partir de encontros de saberes com as escolas vivas da Comunidade do Buraco D´água e suas pedagogias e poéticas territorializadas", da UFPB.
Palavras-chave:

A OSGA E O PORCO-ESPINHO: NARRADORES ANIMAIS EM DOIS ROMANCES AFRICANOS – TRADIÇÕES E MODALIZAÇÕES

Júlio César De Araújo Cadó (UFRN)

RESUMO
Nosso estudo articula, em perspectiva comparada, uma análise dos romances O vendedor de passados [2004], do angolano José Eduardo Agualusa, e Mémoires de porc-épic [2006], do escritor congolês Alain Mabanckou. Inscrevemos nossa abordagem no campo dos estudos comparados das literaturas africanas (Brugioni, 2021), indo além das fronteiras linguísticas derivadas dos processos de colonização pelos quais passaram os territórios em que se ambientam as narrativas. Especificamente, detemo-nos na configuração de vozes de narradores animais nos dois romances (nessa ordem, a osga chamada Eulálio e o porco-espinho Ngumbá), tendo em vista o movimento de retomada da tradição das narrativas orais tradicionais e das fábulas (Padilha, 2007; Desblache, 2011) e a rearticulação desses aspectos na forma romanesca (Bakhtin, 2019). Valemo-nos, também, da abordagem teórico-crítica da Zooliteratura (Maciel, 2016, 2022, 2023), considerando os procedimentos de configuração de subjetividades não humanas em textos literários. Nos romances em análise, Agualusa e Mabanckou recorrem a aspectos de cosmologias animistas para respaldar a posição de narrador ocupada pelos dois animais: no primeiro, a existência de uma vida passada de Eulálio em um corpo humano, já no segundo, a crença em duplos animais interligados a sujeitos humanos. Ao tomar a palavra, a osga e o porco-espinho expõem um ponto de vista crítico acerca da postura colonial da humanidade frente ao mundo vivo, desvelando, por conseguinte, a hipocrisia no tratamento dispensado aos demais animais e, igualmente, a outros de sua própria espécie. Além do destaque aos dois narradores, nos romances, vislumbramos um conjunto diverso de viventes que constroem relações dinâmicas e múltiplas entre si. Convocados para compor a trama romanesca e a trama da vida, esses bichos colocam em tensão a leitura reducionista que cerca os animais. Longe da lógica maquínica cartesiana, os bichos emergem dos textos como sujeitos dotados de um olhar singular sobre o mundo.
Palavras-chave:

MULHERES, SLAMS E O DIREITO À CIDADE

Itamara Patricia De Souza Almeida (UFPB)

RESUMO
Slams são campeonatos de performances poéticas com regras específicas e variáveis, a depender do contexto em que são realizados. Há slams em diversos países do mundo e eles se articulam em redes estaduais, nacionais e internacionais, difundindo a ideia de democratização da voz, da palavra e da literatura. No Brasil, os slams são majoritariamente realizações das periferias e assimilaram-se, desde o seu surgimento em nosso território, à luta dos povos periféricos, predominantemente, jovens negros e negras; à proposta de reivindicação do direito à cidade. Vinculam-se, ainda, à Literatura Marginal do início dos anos 2000. Atualmente há uma crescente na participação/atuação das mulheres seja competindo ou organizando slams. A proposta dessa comunicação é analisar poemas e/ou performances em que as slammers tecem estratégias para reivindicar o direito à cidade, tendo em vista que as cidades não foram pensadas para as mulheres (Berth, 2023), sendo assim um espaço de vulnerabilidade e violências.
Palavras-chave: Performance; Slam; Literatura; Direito à cidade.

O TRABALHO POÉTICO DE ALDA ESPÍRITO SANTO NA IDENTIDADE NACIONAL DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Vitória Machado Da Costa (UERJ)

RESUMO

O trabalho tem por objetivo analisar através das poesias da escritora santomense, Alda Espírito Santo, o processo de libertação e a construção de uma Identidade Nacional que não seja mais forjada, por meio de uma perspectiva decolonial, que conte para além de histórias de dores e opressões. A autora busca reivindicar a subjetividade do povo negro santomense e, sobretudo a subjetividade da mulher negra. Sua poética está de todo modo ligada ao Movimento Pan-Africanista, que tinha como lema o retorno físico e, para além disso, ancestral, do berço da humanidade: ‘’Voltar e tomar o que é seu’’. É na militância e na escrita que Alda Espírito Santo compõe a fundação da Casa dos Estudantes (1943) que tem por objetivo acabar com a mentalidade imperial e sentimentalismo português, visto que nessa época diversos países africanos eram colônia de Portugal. A escritora santomense nasceu no dia 30 de Abril de 1926, na cidade de São Tomé e Príncipe que está localizada no Golfo da Guiné, na África Central. Apelidada como Poetisa do Meio Mundo, devido a localização geográfica e os históricos processos de colonização, Alda é recordada por usar de suas poesias como fonte de denúncias ao sistema opressor. Atuava como professora, ativista política, escritora e Ministra da Educação (1980) à medida que entra em contato com o Centro de Estudos Africanos (1951), desloca-se de São Tomé para Lisboa com o intuito de ter uma melhor formação, e acaba por ir ao encontro de grandes nomes de pensadores africanos, tais como José Tenreiro, Amílcar Cabral e Agostinho Neto. Em 1951, Alda Espírito Santo começa a publicar na Revista Présence Africaine, com os intelectuais do Centro de Estudos Africanos, que tinham por interesse reivindicar um projeto que os enxergassem como sujeitos que valorizavam a sua identidade cultural africana.

Palavras-chave:

POESIA COMPLETA DE YOLANDA MORAZZO - MEMÓRIA CABO-VERDIANA NA DIÁSPORA

Norma Sueli Rosa Lima (UERJ)

RESUMO
A proposta tem por objetivo a leitura selecionada de poemas de quatro livros de Yolanda Morazzo, a primeira escritora cabo-verdiana a publicar na imprensa, em 1950, e a segunda a lançar um livro, em 1976, que tematizem a denúncia que ela faz a respeito da condição colonizada, em escritos da diáspora de trânsitos atlânticos e culturais evocadores da memória, na dispersão causada pela traumática partida. Com Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco, Simone Caputo Gomes, Elsa Rodrigues dos Santos, Inocência Mata, Julia Kristeva, Toni Morrison, Edward Said, Manuel Brito-Semedo, entre outro/as, vou tecer os versos, identificados pela autora como catalisadores de novas eras, que a auxiliavam a preencher o vazio da saudade, na busca pela utopia da qual igualmente é representativa a literatura.
Palavras-chave:

ANCESTRALIDADE, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA CULTURAL EM: EU, TITUBA BRUXA NEGRA DE SALÉM

Rouse Klebia Rodrigues Candido (UFRN)

RESUMO
A literatura pós-colonial é capaz de recontar e remontar uma história que por muito tempo foi contado a partir do ponto de vista do colonizador, trazendo à tona a violência e apagamento cultural sofrido pelos países desfavorecidos por parte dos países colonizadores. A procura por impor uma cultura considerada superior, fazendo com que pessoas fossem deslocadas e aniquiladas de sua própria existência para satisfazer apenas um povo, sucedeu em vários lugares do mundo. Um desses lugares foi na aldeia de Salém, que em 1692 homens e mulheres foram mortos acusados de bruxaria e levados à forca; contudo, apenas uma mulher sobreviveu a esse cruel senário, Tituba mulher negra e escravizada. Embora tenha sido a única sobrevivente, seu nome foi esquecido e apagado da história, o que se deve em grande parte por sua origem afro-caribenha. Nessa perspectiva, esse trabalho tem por objetivo analisar a ancestralidade, memória e resistência cultural resgatado através da literatura pós-colonial de Maryse Condé por meio da personagem Tituba, em sua obra de ficção-histórica Eu, Tituba - Bruxa Negra de Salém, na qual Condé resgata a essa personagem de uma história real, porém esquecida no tempo. utilizando como aporte teórico Silvia Federici (2017 e 2019), Thomas Bonicci (1998), Stuart Hall (2020), Tomaz Tadeu da Silva (2000) e a própria Maryse Condé (2020), analisamos a trajetória da protagonista a fim comprovar suas estratégias de resistência a fim de se conectar com sua memória cultural e ancestralidade.
Palavras-chave: Ancestralidade. Memória. Resistência Cultural.

OLD SARAH/HARRIET TUBMAN: SABERES, VIVÊNCIAS E FORMAÇÃO INTELECTUAL EM CÓMO SE ATREVE. UNA VIDA DE JUANA PAULA MANSO, DE SILVIA MIGUENS

Nathalia Oliveira De Barros Carvalho (Secretaria Municipal de Educação de Parnamirim)
Regina Simon Da Silva (UFRN)

RESUMO
Entre as diversas personagens que compõem o romance Cómo se atreve. Una vida de Juana Paula Manso (2004), da escritora argentina Silvia Miguens, destaca-se para este estudo Old Sarah, ficcionalização de Harriet Tubman. Importante figura histórica na luta pela libertação dos escravizados nos Estados Unidos, Tubman, ficcionalizada como Old Sarah, estabelece uma relação de amizade com a protagonista do romance, Juana Paula. Assim, neste artigo busca-se analisar a relevância de Old Sarah para a formação intelectual da personagem principal e para a narrativa como um todo, considerando a escolha da autora de fazer com que a voz dessa mulher negra, escravizada, seja ouvida e valorizada. Estudo de caráter qualitativo e de base bibliográfica, tem como referências principais Bradford (2018), Vidal (2018), Torres (2021), Velasco y Arias (1937), entre outras. Juana Paula viajou por diferentes países e teve acesso a livros e materiais diversos que contribuíram para sua formação intelectual, mas através da amizade criada com Old Sarah ela adquiriu o conhecimento por outro caminho que foi o da convivência, o da troca de experiências. Old Sarah compartilha suas lutas, sua visão de mundo, sua realidade com a protagonista. Além disso, ressalta-se, através da escrita ficcional, a relevância dessa figura histórica, o protagonismo feminino, mais de 100 anos após seu falecimento.
Palavras-chave: Harriet Tubman. Cómo se atreve. Formação intelectual. Silvia Miguens.Powered

SENTIDOS DA MESTIÇAGEM E DA CONSTRUÇÃO NACIONAL EM ANGOLA A PARTIR DA OBRA DE PEPETELA

João Matias De Oliveira Neto (URCA)

RESUMO
A resistência colonial em Angola, ao não se resumir em uma suposta "integração mestiça", deu-se por diversas frentes, com lideranças e movimentações políticas diversas, descentralizada em suas muitas fronteiras. Este artigo explora, dentre outros aspectos, o período posterior à independência de Angola, em 1975, pelo ponto de vista da obra do escritor angolano Pepetela. No romance A Geração da Utopia, publicado em 1993, como em outros da obra do escritor angolano, percebemos a associação entre a mestiçagem e características que remetem à nacionalidade, a modernidade e o sentido de como os sujeitos se veem dentro uma história nacional atravessada por divisões, etnias, culturas e regiões distintas. Aqui, interpretamos que a mestiçagem, a partir da leitura do romance, encontra-se associada a metáforas da colonização, escamoteando conflitos que se dão no terreno de concepções diversas da modernidade, da autodeterminação política e da própria afirmação identitária mediante a construção do nacional. Assim, analisamos o romance pelo prisma de duas mulheres que iniciam e encerram a narrativa: a jovem branca Sara e a sua filha, mestiça, Judite. Entre elas, o "Sábio" e a geração que o sucedeu fornecem elementos para pensar a construção de Angola por um paradigma crítico e desalentador, resultado do que de fato ocorreu nos processos de independência, aquém das utopias acalentadas.
Palavras-chave: mestiçagem, nacionalismo, Pepetela, colonialismo, A geração da utopia, Angola.

SIMPÓSIO 07

LITERATURA CONTEMPORÂNEA: VOZES FEMININAS NEGRAS E A REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE SOCIAL

Organização do Simpósio:
Érica Luciana de Souza Silva (IFF)
Ekaterina Vólkova Américo (UFF)
Roberta Maria Ferreira Alves (UFVJM)

RESUMO

Os textos literários contemporâneos vão além do deleite. Eles frequentemente traduzem a dor dos que foram impedidos de expor suas próprias perspectivas sociais e culturais em um mundo que, até então, assumia apenas uma representação dominante. Homi K. Bhabha, em O local da cultura (2013) destaca a responsabilidade política do crítico literário em trazer à tona os "passados não ditos, não representados, que assombram o presente histórico", referindo-se a povos e culturas marginalizados na narrativa histórica mundial. Bell hooks, em O feminismo é para todo mundo (2019) complementa essa visão ao afirmar que "continuamos o trabalho de conectar raça e classe". A literatura produzida por mulheres, especialmente mulheres negras, reflete essas considerações de Bhabha e hooks. Fabiane Albuquerque, em Cartas a um homem negro que amei (2022), corrobora tais informações ao discutir as imposições diárias sobre a mulher negra: “Para nós, mulheres negras, é tomar consciência de estar no último lugar da hierarquia social [...] onde não há nenhum outro grupo abaixo da gente.” (ALBUQUERQUE, 2022, p. 101). Pela escrita, autoras negras ampliam e disseminam experiências silenciadas, enriquecendo o panorama literário. Assim, o objetivo deste simpósio é reunir trabalhos e pesquisas que abordem a percepção das mulheres escritoras sobre as mudanças sociais e políticas que afetam diretamente a vida e o corpo feminino, as variações na constituição familiar, a maternidade e o mercado de trabalho. Convidamos pesquisadores e pesquisadoras cujos trabalhos se concentrem na análise crítica e literária de textos escritos por mulheres africanas e afrodiaspóricas, bem como na sua tradução e circulação.

Palavras-Chave: Palavras-chave: Escritas femininas. Textos literários. Novas perspectivas.

LITERATURAS AFRICANAS NA URSS E NA RÚSSIA.

Ekaterina Vólkova Américo (UFF)

RESUMO
A URSS herdou do século XIX a convicção de que a cultura e a literatura são capazes de transformar o mundo. Após a 2ª Guerra Mundial e com o fim do período stalinista, intensificaram-se os investimentos estatais em apoio aos movimentos anticoloniais e pela independência. A partir do final da década de 1950, obras de escritoras e escritores africanos passaram a ser publicadas na URSS com grandes tiragens. O critério de escolha das obras a serem traduzidas muitas vezes não era determinado pelo seu valor literário, mas pela orientação considerada politicamente correta. Depois de 1960 (ano de África), com o crescente interesse pelas culturas africanas, a quantidade de traduções, livros e artigos aumentou ainda mais. Nesse processo, o papel de destaque foi desempenhado pela revista Literatura Estrangeira (Inostránnaia Literatura), principal divulgadora soviética das literaturas traduzidas. Após a queda da URSS, a quantidade das traduções e dos eventos culturais diminuiu consideravelmente, mas não cessou. Ao contrário da época soviética, em que a escolha das obras a serem traduzidas era condicionada pela orientação política, hoje predominam os fatores comercias. Se na URSS a maior parte das obras traduzidas era de autoria masculina, atualmente a escritora africana mais traduzida para a língua russa é Chimamanda Ngozi Adichie.
Palavras-chave:

POESIA E LUTA ENTRE O KASAI E O MOSA: LISETTE MOMBÉ E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Hanna Letícia Pedroza Machado Gomes Da Silva (UFRJ)

RESUMO
Na antologia Brûler, Brûler, Brûler (2020), Lisette Lombé entrelaça sua vida e obra, revelando-se simultaneamente como o sujeito e o objeto de sua criação, e explorando os sutis limites que separam vida e arte. Nascida em 1978, Lombé é uma artista belgo-congolesa multifacetada, cujas expressões abrangem poesia, artes cênicas, visuais e educativas. Em suas publicações, a poesia compartilha espaço com fotografias e colagens também de sua autoria, caracterizando a intermidialidade que define seu modo de dizer e se expor. Com uma presença marcante no movimento de slam poetry na Bélgica e na França, Lombé também é cofundadora do Coletivo L-SLAM e foi reconhecida em 2017 como Cidadã Honorária da Cidade de Liège por sua contribuição ao slam e sua atuação como embaixadora cultural. Em 2020, recebeu o Golden Afro Artistic Awards por seu romance Venus Poetica (2019) e o Prix Grenades/RTBF por Brûler, Brûler, Brûler (2020). A arte de Lombé é engajada e afirma o poeta como ser social e racializado, sempre evidenciando as marcas da exploração colonial belga no Congo. O ato poético de Lombé está profundamente enraizado nas consequências da colonização e nas tensões raciais que ainda moldam a sociedade contemporânea. Sua linguagem, marcada por radicalidade, sensibilidade e ironia, confunde o corpo desejante e o político, criando um espaço de resistência onde narrativas subjugadas se transformam em forças de mudança. Este trabalho propõe uma reflexão baseada na obra de Lisette Lombé sobre o impacto e a circulação da literatura de mulheres negras nos contextos francófono e brasileiro, além de apresentar uma seleção de traduções de Brûler, Brûler, Brûler (2020). Também pretende-se compartilhar os desafios, reflexões e sentimentos da minha experiência como a primeira tradutora de Lombé no Brasil.
Palavras-chave:

DECOLONIZAR O ENSINO PARA EVOLUIR O JURISTA: A TRANSFORMAÇÃO DO PADRÃO DE REFERÊNCIA EDUCACIONAL ATRAVÉS DO PENSAMENTO FEMINISTA NA OBRA DE BELL HOOKS.

Lorena Maria Medeiros De Oliveira (UERN)
Lorna Beatriz De Araújo (UNIFOR)

RESUMO
O trabalho pretende explorar a evolução dos padrões de referência educacional tradicionais, incorporando a perspectiva feminista, diversa e inclusiva. A obra "Ensinando a transgredir" de bell Hooks é central para essa discussão, porque argumenta a educação convencional padrão que perpetua estruturas de poder opressivas, refletindo e reforçando desigualdades interseccionais. Em seus escritos, a autora propõe uma abordagem pedagógica, que desafia as normas estereotipadas, e promove uma prática educativa que valoriza a voz feminina e as minorias. A transcendência do tradicionalismo promove um ambiente de aprendizado mais inclusivo e emancipador, permitindo uma visão diferente sobre as estruturas sociais e a promoção da justiça. Nesse aspecto, a pesquisa tem como objetivo demonstrar que a revisão da literatura jurídica trabalhada na academia, substituindo uma formação anteriormente padrão - que ignorava a historicidade, a inclusão das minorias e a interseccionalidade - pelo ensino crítico, permite um progresso educacional significativo, especialmente quando a fonte doutrinária é permeada por autoras negras. A metodologia utilizada será análise de discurso, e se realizará em dois momentos: o primeiro irá expor brevemente a evolução da formação jurídica tradicional para a feminista e seus reflexos. O segundo trabalhará a importância de autoras negras para a concretização da perspectiva crítica na evolução do jurista. A análise baseada na obra de hooks se justifica por proporcionar uma base teórica sólida para a reestruturação educacional que visa não apenas a inclusão, mas a verdadeira transformação das práticas pedagógicas estabelecidas na formação acadêmica, propondo uma formação libertária.
Palavras-chave:

O ALEGRE CANTO DA PERDIZ: O DISCURSO DA LOUCURA COMO ENUNCIADOR DAS VOZES FEMININAS ENUNCIADAS EM MOÇAMBIQUE.

Érica Luciana De Souza Silva (IFF)

RESUMO
Em O alegre canto da perdiz, romance de Paulina Chiziane, a protagonista é Maria das Dores, a louca do rio que ousou invadir a margem do rio exclusiva aos homens e com sua nudez afrontou toda uma comunidade. Maria das Dores, aquela que carrega as dores do mundo, a louca do rio, traz em seu sorriso e em seu olhar a audácia e a coragem que desestabilizam as pseudoverdades machistas e coloniais. Junto com sua mãe, Delfina, Maria das Dores expõe as inúmeras violências impetradas pelo colonialismo às mulheres e às terras moçambicanas. Juntas, elas descortinam a dura realidade que cerceia as mulheres negras. Ainda em Maria das Dores, será observado como o processo da loucura, já apontado por Michel Foucault, abre espaço para a enunciação de proposições silenciadas. Não é coincidência que em todos os romances de Paulina Chiziane há a presença de uma mulher louca ou beirando a loucura. É uma das formas que autora encontra para fazer reverberar a voz da mulher moçambicana.
Palavras-chave:

A CLAUSURA DO AMOR ROMÂNTICO E O ENGESSAMENTO DA POTÊNCIA FEMININA: UMA ANÁLISE FEMINISTA DE O ESCRAVO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS.

Mônica Saldanha Dalcol (UEMA)

RESUMO
Em seu romance inédito O escravo, Carolina Maria de Jesus inaugura, conforme afirma Denise Carrascosa, o gênero romance proverbia l na literatura brasileira, fornecendo ao decorrer da fluidez de sua narrativa, diversos ensinamentos em conta-gotas. O romance tem como protagonista Rosa e Renato, dois primos que se apaixonam muito jovens, porém, o atravessamento da discrepância de classe social arruína a relação. Como olhar analítico e social para as trocas humanas, a escritora expõe a fragilidade das relações humanas na casa grande/ elite, expondo, deste modo, os danos oriundos das relações baseadas exclusivamente numa troca monetária. Nossa proposta, é analisar os efeitos drásticos da perspectiva do amor romântico no que tange à questão de gênero, bem como os efeitos dele na produção da anulação das potencialidades femininas, bem como as suas consequências, a saber, o resultado de uma vida enclausurada como destino para as mulheres.
Palavras- chave: Carolina Maria de Jesus, crítica feminista, amor.

ADAH, UMA MÃE E ESCRITORA NIGERIANA EM TERRITÓRIO BRITÂNICO, NO ROMANCE DE BUCHI EMECHETA.

Nôva Marques Brando (UFRGS)

RESUMO
O deslocamento entre territórios, o trânsito entre culturas e a emigração de parte considerável da população são características do colonialismo. Responsável pela diáspora de populações africanas e pela invasão e colonização de territórios, ofereceu as condições necessárias ao projeto europeu de modernidade. No cenário de movimentação de pessoas, narrativas emergentes, sujeitos literários e práticas discursivas cruzam fronteiras físicas e culturais, como no caso de As alegrias da Maternidade, da escritora Buchi Emecheta, texto proposto para análise. Das experiências da narradora Adah, nigeriana que emigrou para Londres e que se debruçou sobre as dificuldades pelas quais passavam mulheres africanas em solo britânico, foram selecionadas e problematizadas aquelas relativas à maternidade, ao direito à moradia e à escrita. Para isso, buscamos nos estudos pós-coloniais e nos debates do feminismo decolonial, ferramentas que julgamos adequadas para análises das vivências das personagens. Dos primeiros, as contribuições de Anibal Quijano, Edward Said e Frantz Fanon quanto à colonialidade do poder e a formulação quanto à produção de conhecimento, linguagem e mentalidades dominadoras; do segundo, as pesquisas de Françoise Vergès, Bell Hooks, Grada Kilomba, relacionadas à reprodução social e racialização, à relação entre raça e classe, ao controle da fala e enunciação, ao privilégio epistêmico e à escrita como agência de enfrentamento ao colonialismo. A partir do diálogo entre texto literário e referências teóricas, seria possível afirmar a existência de uma relação entre o lugar que mulheres racializadas ocupam na reprodução social da ordem capitalista e a escrita como resistência e protagonismo diante das políticas colonialistas.
Palavras-chave:

IDENTIDADE AFROFEMININA EM CECÍLIA VALDEZ, DE CIRILO VILLAVERDE E CARTAS PARA MINHA MÃE, DE TERESA CÁRDENAS.

Aline De Sousa Rodrigues (UFC)

RESUMO
Questões relacionadas ao racismo, identidade afrofeminina e de gênero sempre estiveram presentes na literatura latino-americana em suas diferentes culturas e esferas sociais. Obras como Cecilia Valdés, de Cirilo Villaverde e Cartas para a minha mãe, de Teresa Cárdenas evidenciam que na base da sua discussão estão os estereótipos criados em relação à mulher negra, geralmente vista como um indivíduo sem beleza, sendo colocada como desprezível e solitária. Neste sentido, o presente estudo objetiva comparar as obras Cecilia Valdés, de Cirilo Villaverde, e Cartas para a minha mãe, de Teresa Cárdenas, para analisar, nos dois romances, os estereótipos criados em relação às mulheres negras e que impactaram o processo de desenvolvimento da identidade afrofeminina na literatura cubana ao esboçar uma falsa ideia de igualdade racial e de beleza padronizada. A metodologia possui uma abordagem de natureza qualitativa de objetivo exploratório e com procedimentos de análise bibliográfica das obras propostas.
Palavras-chave: literatura latino-americana; romance do século XIX; romance do século XXI; personagens femininas; autoria feminina.

QUANDO AS CARTAS E OS DIÁRIOS SE ENCONTRAM: A TRADUÇÃO DO CORPO EM FRANÇOISE EGA E CAROLINA MARIA DE JESUS

Ana Izabel De Oliveira Sant'anna Luz (UFRJ)

RESUMO
No âmbito acadêmico, conhecimento, ciência e erudição estão – ainda – profundamente pactuados com as relações de poder, pertencimento e autoridade racial (Kilomba, 2020; Bento, 2022). Nesse sentido, o epistemicídio, descrito como "(...) uma forma de sequestro, rebaixamento ou assassinato da razão" (Carneiro, 2023, p. 14), promove sistematicamente o assujeitamento e a desqualificação intelectual, artística e política dos sujeitos considerados "outros" (Kilomba, 2020; Carneiro, 2023). A diáspora negra, por sua vez, "(...) compartilha uma experiência histórica comum de escravização e opressão racial, além de um éthos cultural determinado pelas formas objetivas e subjetivas de resistência a essa opressão" (Carneiro, 2023, pp. 56-57). Assim, a cultura negra, independentemente do território, é patrimônio dos negros, conforme expressa a filósofa Sueli Carneiro (2023). No campo das letras, essa perspectiva se torna particularmente visível, especialmente ao analisarmos as produções literárias negras, sobretudo aquelas escritas por mulheres-negras. Em 1960, no Brasil, Carolina de Jesus publicou Quarto de despejo: diário de uma favelada, obra em que estão reunidos registros escreviventes (Evaristo, 1994), escritos de 1955 até o ano do lançamento do best-seller. Na França, ao ler sobre a autora brasileira, a martinicana Françoise Ega passou a escrever para ela cartas, que nunca foram entregues, mas que foram publicadas postumamente como Lettres à une noire : récit antillais (1978). Diante das distintas percepções territoriais, políticas e sociais, o presente trabalho propõe, a partir da presença do corpo-negro-feminino, contrastar diferentes edições e traduções dos diários e das cartas supracitados, considerando a relação (Glissant, 1990), as semelhanças e diferenças. Objetiva-se, isto posto, investigar como essas variações influenciam a recepção e a (re)interpretação das obras em contextos diversos, contribuindo para os estudos que analisam crítica e literariamente as produções de mulheres afrodiaspóricas.
Palavras-chave:

A CAPITALIZAÇÃO DA FOME EM NOTAS SOBRE A FOME, DE HELENA SILVESTRE

Fabiellen Ramos Ferreira Sousa (UESPI)

RESUMO
A literatura tem um importante papel social, pois através das narrativas pode-se ter contato e refletir acerca de realidades sociais que distantes de seu contexto diário, tornando-nos mais conscientes e críticos. Helena Silvestre em sua obra notas sobre a fome (2019) aborda questões de fome, desigualdade e a perspectiva das mulheres negras, onde por meio de uma narrativa de caráter autobiográfico apresenta ao leitor a história de uma mulher negra, afro-indígena, que tem a vida marcada pela fome, sofrimento, dor, agonia, desesperança e opressão, causadas por um sistema social, econômico, político que se sustenta nas mazelas de sua comunidade. A presente pesquisa fez a análise reflexiva dos efeitos e consequências da relação entre capitalismo, racismo e divisão de classes no contexto da realidade brasileira atual, sem se desvencilhar da estruturação sócio-histórica. Assim, este trabalho científico tem como objetivo analisar as relações entre racismo, colonialismo e capitalismo no livro autobiográfico de Helena Silvestre. Para elaboração do estudo da obra contou-se com a colaboração das ideias de Almeida (2019) para entender como estrutura-se o racismo na sociedade brasileira, as contribuições de Marx (1888) acerca do capitalismo e das classes sociais, além do pensamento de Davis (2018) sobre as questões de raça, gênero e classe - que segundo a autora são indissociáveis no atual contexto social. Assim, os resultados da pesquisa constataram que a obra Notas sobre a fome por meio de sua narrativa autobiográfica dá voz e visibilidade a realidade social de grupos marginalizados, subalternizados que sofrem de inúmeras violências contra seus corpos e contra seu ser social.
Palavras-chave:

A REPRESENTAÇÃO ARQUETÍPICA DA IMAGEM SIMBÓLICA DA BRUXA NO ROMANCE CONTORNOS DO DIA QUE VEM VINDO, DE LÉONORA MIANO

Maria Rita Fernandes Freire (UFCG)

RESUMO
Os espaços literários que contemplam as mulheres negras africanas estão se tornando cada vez mais difundidos na sociedade atual, sendo definida por vozes que combatem a marginalização, estereotipia, subalternização das mulheres. Tendo em vista esse cenário, admite-se que essa literatura possui um efeito estético fundamental prismados na realidade sociocultural das pessoas que sofreram as mais cruéis consequências por serem frutos de uma colonização/subalternização que silenciou não apenas suas vozes, como as subjugou a um lugar de minoria. Mediante essa conjuntura que se destaca o arquétipo da mulher bruxa, negra, pobre e rejeitada pela família, pois os acusados de feitiçaria são condenados ao abandono por parte da família e à violência de diversas naturezas, incluindo a negação de uma vida digna (Silva, 2018). Assim, para elucidarmos como esses processos de negligência se materializam na literatura de autoria feminina franco-camarões, objetivamos analisar a representação arquetípica da mulher bruxa no romance Contornos do dia que vem vindo, de Léonora Miano (2009 [2006]). Para este estudo, lança mão dos pressupostos teóricos postulados em Bonicci (2004), Hilman (1992), Vasconcelos, Braz e Liebig (2020), Said (1995; 2003a; 2003b; 2006; 2007) e Silva (2018). Para atingir ao objetivo pré-estabelecido, toma-se como metodologia de cunho qualitativo a pesquisa descritiva- bibliográfica (Paiva, 2019). Os resultados alcançados nesta pesquisa demonstram que a personagem analisada, de nome Musango, que significa “paz” na língua da República de Camarões, não tinha uma imagem que reverberava seu arquétipo, sofrendo os mais perversos abusos físicos e psicológicos de sua própria mãe. Não obstante a isso, notamos diversos tipos de denúncia de ordem social, histórica e cultural.
Palavras-chave:

O IMAGINÁRIO JURÍDICO NOS CONTOS DE JARID ARRAES: COMENTÁRIOS A QUATRO CONTOS DO LIVRO “REDEMOINHO EM DIA QUENTE

Pablo Petterson Praxedes Da Silva (UFERSA)

RESUMO
O presente texto busca compreender como se reflete o imaginário jurídico e quais os impactos desse elemento nas relações sociais dos personagens de quatro contos do livro “Redemoinho em dia quente” (2019) de Jarid Arraes, escritora negra caririense. Lançado em 2019, o livro elevou a carreira da escritora e concorreu ao Prêmio Jabuti, um dos mais prestigiados do Brasil. Os contos foram selecionados para esta pesquisa de acordo com a similaridade temática e às menções aos elementos jurídicos, portanto, elencou-se os seguintes contos: “Sacola”, “Cinco mil litros”, “Marrom-escuro, marrom-claro” e “Amor com cabeça de oito”. Barthes (2013) ressalta que “a literatura assume muitos saberes” (p. 16) e partir da relação entre Direito e Literatura o trabalho se justifica principalmente pela necessidade de compreender como se dá a interpolação do Direito em outras áreas do saber, assim como o reflexo do imaginário jurídico na ficção. A metodologia proposta é a da análise de discurso a partir do pensamento feminista negro, utilizando hooks (2019) como principal referência. A estrutura do texto se dará de acordo com três momentos: o primeiro abordando a carreira de Jarid Arraes e a importância de sua obra no cenário contemporâneo brasileiro, o segundo destacando a relação entre direito, cultura e literatura, utilizando as perspectivas de Bhabha (2013), Barthes (2013) e os modelos de juiz apresentados por Ost (1993) e o terceiro voltado para a análise dos quatro contos supracitados sob o olhar da análise de discurso.
Palavras-chave:

IDENTIDADE E EMPODERAMENTO ATRAVÉS DA LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA DE GENI GUIMARÃES: UM ESTUDO DOS CONTOS "ALICERCE", "MOMENTO CRISTALINO" E "FORÇA FLUTUANTE

Renata Maria Araújo Silva (UERN)

RESUMO
A literatura contemporânea, especialmente no Brasil, tem se beneficiado grandemente da inclusão de vozes femininas negras que desconstroem visões estereotipadas sobre as pessoas negras, especialmente as mulheres. Essas autoras não só enriquecem o panorama literário com suas perspectivas únicas, como também revisitam questões cruciais relacionadas à identidade, ao racismo, ao gênero e à desigualdade social. Nesta perspectiva, trazemos a escritora contemporânea Geni Mariano Guimarães para discutirmos a temática da identidade e do empoderamento feminino através da análise de três contos extraídos de sua obra A cor da ternura (2017). Os contos Alicerce, Momento cristalino e Força flutuante são o corpus desta análise interpretativa, que sob a luz de pensamentos e conceitos de pesquisadores que tentam desmistificar preconceitos petrificados contra as pessoas negras e ao sistema imposto a elas. Dessa forma, nos concentramos em pressupostos teóricos que se baseiam nos conceitos da pós-colonialidade, e, deste modo, nos fundamentamos em Davis (2016), Fanon (2021), Gomes (2020), Hooks (2014), Lugones (2020), entre outros, para desativar preconceitos sobre a escrita feminina e, sobretudo, o papel do personagem feminino negro na literatura brasileira com o estudo da personagem em questão. Diante do que será apresentado, é possível concluir que, por meio da narrativa envolvente de sua protagonista Geni, os contos nos apresentam uma mulher altiva na construção de sua identidade e fortalecimento de seu empoderamento. Para nos levar a estas características, a autora usa a escrevivência para mostrar a história de uma mulher negra carregada de identidade e empoderamento, para inspirar, através de sua autenticidade, o feminismo-negro na literatura contemporânea brasileira.
Palavras-chave: Identidade; empoderamento; escrita feminina negra; Geni Guimarães.

ENTRE FRONTEIRAS E IDENTIDADES: UM OLHAR PECULIAR SOBRE A DIÁSPORA CABO-VERDIANA EM O VISTO, DE ONDINA FERREIRA.

Roberta Maria Ferreira Alves (UFVJM)

RESUMO
Cabo Verde, um país criado como ponto de ligação entre a Europa e o Novo Mundo durante o tráfico escravista, desenvolveu uma nacionalidade marcada pela mobilidade e intercâmbio cultural. Neste trabalho analisamos o conto O visto (2006), de Ondina Ferreira, que explora a experiência diaspórica do cabo-verdiano, cuja identidade foi moldada pela busca histórica por melhores condições de vida fora do arquipélago. A narrativa pode ser ponderada a partir da teoria da identidade e diáspora de Stuart Hall, que a entende como algo fluido e em constante rearticulação. A personagem principal do conto exemplifica essa fragmentação identitária, oscilando entre suas raízes cabo-verdianas e as exigências de adaptação em um novo contexto, para poder ir se encontrar com o marido nos Estados Unidos da América alinhando-se ao conceito do Atlântico Negro, de Paul Gilroy, no qual culturas híbridas emergem do movimento transatlântico. A experiência diaspórica dos ilhéus, representada no conto, reflete um processo contínuo de redefinição pessoal e de resistência da tradição diante do que não é “di terra”. A partir de Edward Said e suas teorias, encontramos contrapontos que permitem interpretá-lo como uma subversão das narrativas coloniais, oferecendo uma crítica interna sobre a diáspora e as condições que forçam a emigração. E por fim, podemos dialogar com a teoria da necropolítica de Achille Mbembe, examinando como políticas de imigração afetam a vida da personagem e a perspectiva de Frantz Fanon sobre os efeitos psicológicos do colonialismo, destacando a busca por autonomia em um contexto pós-colonial. O conto, portanto, é uma rica fonte para explorar as complexidades da identidade cabo-verdiana em diáspora, utilizando a ironia, o humor e a crítica de forma bem peculiar.
Palavras-chave:

TECENDO FIOS, CONTANDO HISTÓRIAS: ENCANTOS, DESENCANTOS, SONHOS E ESPERANÇAS EM ELIANA ALVES CRUZ.

Giselle Autran Pinheiro Viana (UERJ)

RESUMO
O trabalho tem por objetivo o estudo sobre quatro contos do livro de Eliana Alves Cruz, A vestida (2022), a saber: “Noites sem lua”, “O ferro, a bruma e o tempo”, “Peito de ferro” e “A vestida”. Apoiados nas considerações de Maria Consuelo Cunha Campos e Cristina Ferreira Pinto-Bailey, percorremos a história do conto, do seu surgimento à contemporaneidade, analisando como a oralidade se fez ou faz presente neste percurso ou foi esquecida no decorrer da história ocidental, quando a autoria negra e feminina é resistência na sociedade brasileira, marcada pela colonização, subalternização e patriarcado. A partir da leitura dos contos escolhidos, busca-se interpretar as relações raciais e étnico-culturais, com apoio nos estudos de Grada Kilomba e Norma Lima. Pretendemos também a partir de apontamentos de Gislayne Avelar Matos, e Walter Benjamin analisar como o resgate das memórias coletivas contribuem para aproximação entre a palavra falada e a palavra escrita nas histórias, contadas pelo olhar dos vencidos. Os apontamentos de Achille Mbembe auxiliaram nas reflexões sobre o doloroso processo de racismo estrutural que ainda sobrevive em nossa sociedade. Com Antonio Candido, refletimos sobre a literatura e seu papel social.
Palavras-chave:

CADERNO DE LEITURA SOBRE AS MÚLTIPLAS FACES DAS MULHERES NEGRAS: GÊNERO CORDEL – "HEROÍNAS NEGRAS BRASILEIRAS EM 15 CORDÉIS", DE JARID ARRAES.

Antônia Patrícia De Sousa Costa (Centro de Educação de Jovens e Adultos Uchoa de Albuquerque)
Daise Lilian Fonseca Dias (UFCG)

RESUMO
Este artigo apresenta um recorte da nossa dissertação (PROFLETRAS/UFCG), voltada para a promoção do letramento literário na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Tendo em vista a dificuldade de se encontrar material didático envolvendo literatura para esse público, produzimos um Caderno de Atividades de Leitura, com obras de mulheres negras, visando utilizar aspectos do feminismo (negro) nos textos literários como recurso pedagógico para o desenvolvimento da leitura crítica, e a inclusão das questões de gênero em turmas de 8º e 9º ano da EJA - Ensino Fundamental. Pretendemos promover o letramento literário ao abordar aspectos da forma do texto literário, e oportunizar discussões sobre suas temáticas sociais, como as histórias de autoras e personagens negras. Aqui apresentamos o capítulo destinado ao cordel "Maria Firmina dos Reis" (2020), da cearense Jarid Arraes, uma vez que o cordel pode ser compreendido como um fenômeno de manifestação popular e deve ser valorizado na escola como instrumento da identidade do povo nordestino. Assim, abordaremos a história em verso de "Maria Firmina dos Reis", uma escritora negra maranhense, autodidata, professora que lutou pela abolição dos escravos, pela escolarização de meninos e meninas negras, mas que infelizmente teve seu legado silenciado ao longo do tempo. Para isso, propomos uma Sequência Didática (SD) nos moldes de Cosson (2021) e contaremos com o aporte teórico de Abreu (1999), Bakhtin (2003), Dalvi (2013), Evaristo (2000), Kock e Elias (2006), dentre outros. Trabalhos com SD são relevantes por tratarem de propostas de leitura que ampliam o horizonte de expectativas dos estudantes e fomentam a formação crítica do leitor. Assim, visamos promover o resgate da história de mulheres negras, abordar as questões de gênero na sala de aula por meio da leitura e encorajar outras mulheres a ocuparem espaços de representatividade a partir dos versos de superação dessas personalidades negras.
Palavras-chave:

SIMPÓSIO 08
REPRESENTAÇÕES E CONSTRUÇÕES DO FEMININO NA LITERATURA DE PAULINA CHIZIANE

Organização do Simpósio:
João Batista Teixeira (GELPS)
Zuleide Duarte (UEPB)

RESUMO
Este simpósio convoca e abriga estudos literários e culturais acerca das representações e construções do feminino nas personagens de Paulina Chiziane, ficcionista moçambicana, atentando para o caráter contestador e aguerrido de mulheres que, não obstante o contexto patriarcal de longeva tradição e, principalmente do sistema colonialista, figuram como personagens fortes e proativas, face a uma prática de subalternização e tentativa de invisibilidade, em ambiente corroído pelos vícios oriundos das práticas machistas e discriminatórias face à inserção do ser mulher como elemento ativo e transformador da sociedade. Ao pensarmos Literaturas Africanas, temos escritoras que constroem e reconfiguram as suas personagens – mulheres, as quais apresentam a força da cultura e da manutenção da família, bem como construtoras de uma sociedade justa e igualitária, em que os cidadãos propõem e efetivam mudanças, sem os entraves das políticas de priorizam de gênero, mantenedoras da desvalorização das pessoas não alinhadas às exigências de uma visão de mundo parcelar e cruel. Assim, relações que expõem os frágeis laços que constroem e trazem à cena literária a pessoa mulher, ser que conduz e provoca as forças da natureza, questiona o lugar da tradição e confronta o mundo em crise e o esfacelamento das relações de poder pelo estatuto do ser homem e a violência colonial. As personagens de Chiziane fazem coro com as vozes que se perfilam e mostram-se contrárias ao sistema colonial, em quaisquer literaturas de países que viveram sob o jugo colonialista e aprenderam e mantiveram usos e costumes de subordinação e apequenamento do papel da mulher perante a sociedade. Assim, os trabalhos acatados neste simpósio, referendam as personagens e o sujeito mulher como aquela que pensa e luta por uma transformação social e vislumbram um futuro sem a repetição da violência quer física, quer moral, retratada nas vivências que denuncia. Embora o colonialismo da mente ainda seja a cartilha de muitos, o aprisionamento das vozes femininas já não é mais uma política de fácil manutenção. A mulher aprendeu a fazer-se ouvir e a enfrentar uma luta renhida face aos seus algozes. O relho, a chibata e até a catana, também podem ser manuseados por femininas mãos, afeitas à lavoura e ao amanho da casa. O aconchego do colo materno também se traduz na luta pela sobrevivência digna. As personagens de Chiziane, segundo Ana Mafalda Leite (2020) em Oralidades e escritas pós-coloniais – estudos sobre Literaturas africanas, insistem em dizerem de si, seja em diálogo com um espelho, como Rami em Niketche, uma história de poligamia (2002), ou

em diálogos com os espíritos, como Vera em O sétimo juramento (2000), Minosse em Ventos do Apocalipse, ou Serafina de O Alegre canto da Perdiz, entre outras. O lugar da mulher na sociedade moçambicana, seja na tradição ou no mundo pós-colonial, reclama um destaque nas figuras postas à margem, enfatizando a urgência de ser uma narrativa emanada da voz feminina. A versão feminina dos acontecimentos, como a narrativa da guerra na perspectiva de mulheres velhos, doentes e crianças. A luz trazida pela perspectiva feminina completa um perfil unilateral das sociedades, dominadas pelo discurso do homem que, por melhor escritor que seja e muitos o são, oferecem a imagem do que a vista alcança. A narrativa feminina contempla um mundo invisibilizado e silencioso que rompe as barreiras do discurso, liberando gritos presos na garganta, acostumada a engolir em seco.
Palavras-chave: Literatura Africana. Personagens femininos. Paulina Chiziane.

VENTOS, PRESSÁGIOS, CAVALEIROS E O IMAGINÁRIO DO FIM DO MUNDO NO ROMANCE VENTOS DO APOCALIPSE, DE PAULINA CHIZIANE

Rafael Francisco Braz (UEPB)

RESUMO
As literaturas africanas de língua portuguesa contam com poucas mulheres que se destacam e se tornam conhecidas num território predominantemente masculino e, neste sentido, Paulina Chiziane pode ser considerada uma exceção. Desse modo, as narrativas da literatura africana, de um modo geral, exibem representações da cultura e da tradição de povos, tanto autóctones quanto os que foram trazidos pela colonização ocidental. Para tanto, neste artigo busca interpretar as imagens míticas, simbólicas, metafóricas e arquetípicas dos Cavaleiros do Apocalipse e do Vento que são utilizadas para fazer anunciar as pragas que devastarão o mundo no final dos tempos, no romance Ventos do Apocalipse, de Paulina Chiziane. Cabe ressaltar que, este estudo, ancora-se nas contribuições críticas do imaginário de Durand (1988, 1998 e 1997), Larsen (1991), Turchi (2003) e, também na relação da imagem simbólica e arquetípica, buscou-se subsídios teóricos em Jung (2000 e 2013), Jacobi (2016), Bachelard (2001) Chevalier e Gheerbrant (2002). Do ponto de vista metodológico, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de base interpretativa-descritivo (Paiva, 2019). A pesquisa assinalou como resultados fundamentais que a imagem dos Cavaleiros do Apocalipse e do Vento conota um conteúdo escatológico frutam de visões ou revelações sobre acontecimentos que marcarão o imaginário do fim do mundo, uma vez que a autora reforça este culto de imagens simbólicas às tradições, pois se não houvesse a presença do mais velho, do mito, dos ancestrais, das dicotomias –bem versus mal–e magia, o que seria de África?
Palavras-chave:

PAULINA CHIZIANE E SCHOLASTIQUE MUKASONGA – VOZES QUE DENUNCIAM A VIOLÊNCIA COLONIAL AOS AFRICANOS

Silmara Das Neves Alves (SEMEDUC - PB)

RESUMO
As literaturas africanas de um modo muito particularpartilham narrativas que trazem um esboço das nações com viés histórico e violenta colonização que obliterou a figura do homem, da mulher, família e sociedades africanas, resultando num trauma coletivo em função das constantes formas de cisão dos direitos civis e fundamentais à vida e dignidade humana. Esse exercício de escrita pós-colonial, traz o traço que caracteriza uma literatura que audibiliza as vozes silenciadas pela violência colonial e Paulina Chiziane pela literatura de Moçambique e Scholastique Mukasonga autora de literatura ruandense, são casos bem exemplificadores de um texto literário que pontua de forma muito clara os aspectos da família frente aos agravos e violência constantes em seus países nos longos anos de colonização e guerras civis. Em Ventos do apocalipse(2010) Paulina Chiziane personifica a dura realidade dos moçambicanos reféns da colonização e dos conflitos/guerra civis que caracterizam um mundo em chamas e dores constantes, o que também se verifica na escrita de Scholastique Mukasonga em A mulher de pésdescalços, (2017)narra a história dos conflitos enfrentados pelas mulheres em Ruanda e das lutas fratricidas entre as etnias Tutsi e Hutuque culminaram no genocídio praticado pelos hutus em 1994.Nessa perspectiva este artigo se preocupa em investigar essas relações e refletir sobre o papel da escritora africana – ficcionalizar a história dos excluídos e banidos das suas sociedades pela violência colonial.
Palavras-chave: Literatura Africana. Mulher e autoria. Escrita Pós-colonial.

ENTRE O AMOR E O LOBOLO – ASPECTOS DA TRADIÇÃO E DO PATRIARCADO EM BALADA DE AMOR AO VENTO, DE PAULINA CHIZIANE

Sérgio Valdevino (SEMEDUC-PB)
João Batista Teixeira (GELPS)

RESUMO
A obra ficcional de Paulina Chiziane apresenta a sociedade moçambicana em suas variadas matizes. Sendo essa sociedade atravessada pela colonização portuguesa, passa a incorporar os valores da religião católica e cristã assim como os costumes e ordens do colonizador e nesse contexto também serão os costumes moçambicanos representados na ficção de Chiziane. Em Balada de amor ao vento (2023) a história de amor de Sarnau ao se apaixonar por Mwando – um rapaz cristianizado que a abandona após a engravidar – esse episódio marca o destino da protagonista que para não enlouquecer e ser rejeitada pela sociedade aceita casar-se com o rei em sistema de poligamia e sendo lobolada, passa de fato a ter seu amor como uma canção levada ao vento, como sugere a autora. Temas fulcrais para a compreensão da sociedade moçambicana e os esforços e a violência pela qual passa o indivíduo mulher como forma se sobrevivência no mundo dos homens, é marca pontual da literatura que a autora moçambicana elabora.
Palavras-chave: Literatura moçambicana. Mulher. Lobolo.

RETRATOS DA MULHER NEGRA MOÇAMBICANA EM O ALEGRE CANTO DA PERDIZ, DE PAULINA CHIZIANE

Dores Freire (Escola Antônio Gomes de Sousa)
Francisca Zuleide Duarte De Souza (UEPB)

RESUMO
A ficção de Paulina Chiziane oferece a partir da história de suas personagens as nuances da mulher moçambicana seja na colonização ou após a libertação do país. São personagens que se movimentam na narrativa a dizerem de suas vidas e "escolhas de destinos" frente à fome, à miséria, o patriarcado e as heranças danosas da colonização. Desta feita, em O alegre canto da perdiz (2018) narra a vida de Delfina uma linda mulher negra que como num novelo histórico cumpre forçosamente a tradição de casar-se com um branco colonizador para não morrer de fome e ter uma vida melhor em relação às outras mulheres de sua comunidade. Questões como o patriarcado e as variadas formas de colonizar o outro e sendo esse outro uma mulher, surge nas falas da personagem como um canto de dor e lamento que oferece os retratos de sofrimento do sujeito mulher nas sociedades que mesmo após a descolonização, ainda apresenta a violência e o assujeitamento da mulher em sociedades atravessadas culturalmente por outras tradições e costumes que passam a reforçar o aspecto do patriarcado nesses lugares.
Palavras-chave: Literatura moçambicana. Mulher. Colonização.

RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER SUBALTERNA EM NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE

Rosa Áurea Ferreira Da Silva (UFPI)

RESUMO
Niketche: uma história de poligamia, romance da escritora moçambicana Paulina Chiziane, que se constitui como corpus desta pesquisa, é um romance narrado em primeira pessoa pela personagem Rami, uma mulher que vive em um contexto pós-colonial de uma sociedade patriarcal, que relega à mulher uma posição de subalternidade pontuada pelo binarismo social de gênero, que hierarquiza as diferenças sociais ente homem e mulher. No romance, apesar do contexto social patriarcal dominante, percebe-se uma quebra de paradigmas quando as personagens mulheres, representadas e lideradas pela protagonista Rami, tomam consciência de seu estado de subalternidade e procuram compreender melhor as tradições e o contexto poligâmico da sociedade em que estão inseridas culminando em uma possibilidade de fala e reconstrução identitária. O objetivo da pesquisa é investigar de que forma a troca de conhecimentos, por meio de um processo dialógico entre as mulheres, culmina em uma possibilidade de fala e (re)construção identitária das mulheres subalternas no romance Niketche. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico no campo da crítica literária com diálogo interdisciplinar com a história, sociologia, antropologia e filosofia. A pesquisa foi construída com base na leitura de livros, artigos, dissertações e teses. Para as análises do texto, foram empreendidos os pressupostos teóricos de Bourdieu (2014); Saffioti (1987); Spivak (2010); Rodriguez (2000), Bakhtin (2002); Castells (1999); Hall (2005,2014); dentre outros. As conclusões apontam para uma possibilidade de fala e (re)construção identitária da mulher subalterna no romance, apesar dos obstáculos que esta tem que enfrentar em uma sociedade com construtos sociais patriarcais arraigados como a moçambicana.
Palavras-chave:

CEGUEIRA E ISOLAMENTO DA MULHER EM SANGUE NO OLHO, DE LINA MERUANE

Francisca Zuleide Duarte De Souza (UEPB)
João Batista Teixeira (GELPS)

RESUMO
Pensar o decolonial convoca o pensamento de Quijano (2005, p.16) e expõe a continuada repressão material e subjetiva dos sobreviventes latino-americanos da Colonialidade, que durante séculos foram violentamente coagidos a aceitarem a cultura do colonizador, submetendo-se à condição de camponeses iletrados,explorados e culturalmente colonizados e dependentes. Inermes face para a defesa de valores tradicionais pela violência da subalternização, o colonizado fingiu-se surdo e cego como estratégia de resistência. Nesta perspectiva, a escritora chilena Lina Meruane, em Sangue no olho (2015) narra a cegueira da personagem narradora em uma existência caótica e isolada em seu em seu apartamento, metaforizando a vivência da estrangeiridade e deslocamento no próprio lugar de pertença. Estrangeiros para si mesmos, como tão bem discute Júlia Kristeva (2017). Exilada em sua casa, a personagem é uma “outsider” (Colin Wilson,1985), experienciando uma existência póstuma, em uma sociedade que rejeita códigos já estabelecidos e identidades afirmadas. A vida interrompida nos aspectos subjetivo e social, violência inaudita, leva a personagem a isolar-se e ignorar o mundo lá fora como a bem construída personagem Ludo de José Eduardo Agualusa (2012), que ignorava as mudanças ocorridas em Angola, presa em seu apartamento, longe de qualquer contato. Meruane em seu romance, permite a leitura dos sujeitos sem espaço para serem eles próprios. Esta reflexão leva a considerar sujeitos à margem, atirados aosubmundo da negação e da negação da vida.
Palavras-chave: Resistência. Estrangeiro. Cegueira.

A REVOLUÇÃO FEMINISTA NAS NARRATIVAS DE PAULINA CHIZIANE: ANÁLISE CRUZADA DE BALADA DE AMOR AO VENTO E NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA

Cheila Caetano Vilanculo (UEMG).

RESUMO
Este trabalho tem como objetivo apresentar uma discussão acerca das representações do feminino nas obras de Paulina Chiziane, especificamente em "Balada do Amor ao Vento e Niketche: Uma História de Poligamia". Trata-se de dois romances distintos, mas que convergem ao partilhar preocupações semelhantes. Por isso, a partir da crítica literária, buscamos compreender as estratégias e/ou atitudes feministas revolucionárias empregadas pelas protagonistas para desafiar as imposições sociais e construir uma nova identidade feminina, livre do jugo patriarcal. Através das experiências relatadas nos dois romances, propomos a hipótese de que a revolução feminista nas narrativas de Chiziane, se baseia em uma série de representações e manifestações descritas pelas protagonistas. Dentre essas destacam-se: o questionamento dos mitos socioculturais sobre a submissão feminina; a subversão e a rebeldia contra os padrões tradicionais imposto pelo sistema; e a capacidade de afirmar-se dentro do sistema sociocultural em que vivem. Para validar nossas hipóteses e alcançar os objetivos propostos, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, com ênfase na análise documental. Constatamos que a criação de estratégias feministas adotadas pelas personagens principais e secundárias resultam da insatisfação e inconformidade com os ditames socioculturais, o drama social e psicológico vivido e do papel secundário atribuído às mulheres, que frequentemente as reduz a um ser sem aspirações. O percurso das protagonistas Sarnau e Rami, que consideramos como expressões do feminismo, supera a condição de mulheres submissas, aprisionadas por limitações sociais. Esse processo reflete o desejo de empoderamento na sociedade moçambicana.
Palavras-chave: Feminismo. Gênero. Identidade. Paulina Chiziane. Moçambique.

MODOS DE SER, ESTAR E NARRAR MULHERES: DESAFIOS E CAMINHOS ÉTICOS E ESTÉTICOS NA ESCRITA INCONTORNÁVEL DE PAULINA CHIZIANE

Joseneida Mendes Eloi De Souza (UFBA).

RESUMO
Ancorado na pesquisa de doutorado em sua fase inicial, este recorte estabelece um estudo comparado de perfis, vozes, discursos, corpos e representações/apresentações de personagens femininas, a partir das narrativas de Ventos do Apocalipse e Niketche: uma história de Poligamia, de Paulina Chiziane. Busca-se mapear e analisar desafios e caminhos éticos e estéticos assumidos e presentes na escrita da autora moçambicana, que deslocam e, ao mesmo tempo, relocam o conceito de gênero e a própria categoria "mulheres", para além das costumeiras perspectivas ocidentais, dando ênfase às múltiplas realidades de mulheres moçambicanas. Nesse sentido, são acionados aparatos teóricos e multidisciplinares diversos das Ciências Humanas, dos Estudos Culturais e Literários e do Feminismos Negros contemporâneos, em perspectiva africana e afrodiaspórica. Articula-se, por fim e deste modo, a discussão de gênero às dimensões de raça/etnia, classe e religiosidade, em perspectiva interseccional, pondo em destaque a riqueza, a relevância e a potência/ação da escrita de Chiziane nas discussões e reivindicações contemporâneas por direitos e outras possibilidades de (re)existência para as mulheres.
Palavras-chave: Mulheres moçambicanas. Escritas negro-femininas. Gênero e interseccionalidade. Epistemologias africanas e afro-diaspóricas. Éticas e estéticas literárias

PAULINA CHIZIANE E SUAS VISÕES DE MUNDO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Laís Eulália Silva De Sousa (UECE)

RESUMO
O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência da realização de oficina de escrita literária a partir da escritora moçambicana Paulina Chiziane, que teve como referência bibliográfica o texto “Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo”. Essa atividade formativa voltou-se para o público de mulheres em contexto de vulnerabilidade social em um projeto social localizado na área do Grande Pirambu em Fortaleza - Ceará. A autora moçambicana traz em seu relato, escrito em 1992, questões que vão do mito de criação do mundo para os Dagara, em que crêem que o homem foi criado primeiro e por isso, justifica-se a desigualdade com que são tratadas as mulheres na sociedade moçambicana do período, passando pelas suas próprias experiências e desafios enquanto mulher e escritora. A partir desse texto, realizei uma oficina em que as jovens debatem sobre as questões tratadas e praticam a escrita a partir de exercícios literários. Em suas produções e diálogos percebe-se que, escrever para as jovens do Grande Pirambu em Fortaleza, também é uma forma de existir no mundo e guardando as devidas proporções, essas jovens também vivenciam uma atmosfera de guerra e encontram na prática da literatura uma possibilidade de estar no mundo e inventar outras alternativas de vida.
Palavras-chave: Relato de experiência. Oficina literária. Paulina Chiziane.

"DO GESTAR À OBJETIFICAÇÃO: O CORPO FEMININO NAS TRÊS GERAÇÕES DE MÃES EM O ALEGRE CANTO DA PERDIZ, DE PAULINA CHIZIANE".

Maria Izabel Alves Oliveira (UFPE)

RESUMO
O presente trabalho examina a maternidade como uma forma de resistência feminina no romance O Alegre Canto da Perdiz (2008), de Paulina Chiziane, primeira mulher moçambicana a publicar um livro. Por meio das experiências de três gerações de mulheres – Serafina, Delfina e Maria das Dores – a autora explora as complexas dinâmicas de gênero no contexto do colonialismo e da descolonização em Moçambique. Passando-se na Zambézia, durante o final do regime colonial até os dias atuais, a narrativa retrata as marcas deixadas pela colonização na vida dessas mulheres, com foco na maternidade como um ato político e de resistência. A obra apresenta três gerações de mulheres, sendo Serafina a matriarca, adota a lógica colonial, enxergando o casamento de sua filha com um homem branco como uma forma de ascensão social, perpetuando a visão do corpo feminino como moeda de troca. Delfina, sua filha, tenta resistir, mas acaba sendo capturada pelas armadilhas do patriarcado e do colonialismo, buscando ascensão através da prostituição e de casamentos estratégicos. Maria das Dores, neta de Serafina, rompe com esse ciclo, libertando-se do seu opressor, e representando a figura da mãe que simboliza a continuidade da vida e a luta coletiva dos colonizados. Com uma metodologia bibliográfica, a análise tem como base teórica os estudos de Collins e Bilge (2016), Hampaté-Bâ (1980) e Santos (2007). Dessa forma, o trabalho contribui para a compreensão da literatura moçambicana contemporânea e das representações femininas nela contidas. Busca, com isso, apresentar a maternidade como mais do que um simples papel social, constituindo uma força que fortalece as mulheres e oferece uma forma de resistência contra a opressão colonial e patriarcal. A obra de Chiziane problematiza as tensões culturais e de gênero, mostrando como a memória cultural e a história são recuperadas e reinterpretadas através das experiências maternas.
Palavras-chave:

SIMPÓSIO 09
LITERATURAS AFRICANAS DE AUTORIA FEMININA

Organização do Simpósio:
Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFPB)
Ana Ximenes Gomes de Oliveira (UFAL)
Veronica Prudente Costa (UFRR)

RESUMO
Partindo do princípio de que a literatura africana de autoria feminina estabelece uma política de problematização com as ideologias colonizadoras eurocêntricas, objetivamos por meio deste simpósio discutir como se constituem as interfaces estéticas e ideológicas nas tessituras literárias africanas por meio de um imaginário de representação que se forma através da dissimulação, da militância e da descolonização, evidenciando o modo como as relações de gênero se estabelecem e delimitam os traços políticos e culturais que tangenciam ou tencionam toda a escritura dessas literaturas no tocante aos pactos celebrados na representação do sujeito contemporâneo que não se cansa de encenar e enunciar, pontuando o discurso fragmentado e erguido em meio a representações da memória que perpassa por entre labirintos reconfigurados no processo de construção e desconstrução no qual está imerso. Pretendemos observar nas inferências das pesquisas apresentadas as vozes dos discursos que trazem à baila as aproximações e também os distanciamentos que se operam nos elementos constitutivos do texto literário africano de autoria feminina enquanto função social e espaço de representação desse sujeito. O imaginário e a memória são fatores preponderantes para o cotejamento das literaturas africanas de autoria feminina no que diz respeito à “denúncia” de um sujeito que está sempre em processo de reelaboração impingindo os seus valores socioculturais, religiosos, políticos e econômicos, que evidenciam uma verdadeira polifonia nos seus (inter)discursos.
Palavras-Chave: Poéticas do imaginário. Memória. Literaturas africanas de Autoria feminina.

MATERNIDADE EM FOCO, NO CONTO AS CICATRIZES DO AMOR, DE PAULINA CHIZIANE

Aline Souza Melchiades (UFPB)
Vanessa Riambau Pinheiro (UFPB)

RESUMO
Este estudo intenciona analisar aspectos referentes à maternidade de Maria, protagonista do conto As cicatrizes do amor, da escritora moçambicana Paulina Chiziane – nascida em Gaza em 1955, cresce em Maputo e torna-se também participante da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) e vem a ser considerada a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique cujas obras abordam discussões sobre o feminino, sobretudo, relacionando-o ao enfoque da resistência, nesse contexto na juventude, consoante destaca Souza (2021). Nesse sentido, buscamos dar ênfase ao relato da personagem Maria na narrativa sobre a própria história de vida, por meio do qual é exposta uma experiência traumática vivenciada no passado. Para fundamentação desta análise, algumas discussões teóricas são trazidas à baila, a exemplo de a maternidade em meio à imposição de exigências sociais ao feminino, conforme destaca Donath (2017); a questão da dominação masculina, segundo Bordieu (2002) e direcionada ao gênero, versada por Torres (2010) e o conceito de entrelugar proposto por Bhabha (1998), em analogia ao relato e a ideia de tradição e modernidade sugerida por Moreira (2016), no cenário de Moçambique.
Palavras-chave: As cicatrizes do amor. Maternidade. Paulina Chiziane.

RESSIGNIFICAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: REFLEXÕES SOBRE A POESIA DE TÂNIA TOMÉ

Ana Ximenes Gomes De Oliveira (UFAL)

RESUMO
O presente trabalho se propõe analisar a poesia da escritora moçambicana Tânia Tomé, refletindo a escrita a partir das ressignificações e reinvenções do sujeito, características que dialogam com o escopo da literatura contemporânea de autoria feminina. Observa-se como a metapoesia, o imaginário, a nação, a identidade, a feminilidade, são interrelacionados e postos em contato, criando um território poético emotivo, mas também político, em que o eu-lírico se enuncia e reconfigura sua existência a partir de uma busca em constância. Tal estudo faz parte de investigações acerca de como autoras no contemporâneo repensam a identidade e os lugares de existência na escrita literária. Assim, reflete-se o lugar, em processo e construção, do contemporâneo e a possibilidade de deslocamentos do eu sob o prisma do olhar feminino que se inscreve no mundo através, também, da escrita. A autora em tela instaura poéticas de encantamento que possibilita pensar o mundo contemporâneo e o encontro de si, refletindo sobre seus desejos e emoções. Assim, serão trazidas para o estudo as considerações da crítica e os estudos de gênero, tendo como corpus de análise os poemas Um instante infinito, Moçambique em concerto, Meu poema impossível e (Re)encontro, ambos presentes no livro Agarra-me o sol por trás & outros escritos e melodia. Além disso, coloca-se em diálogo neste estudo as considerações de Lorde (2023) refletindo sobre a escrita poética e seu lugar político, além de Secco (2017), Chiziane (2013) e Mata (2007), entre outras pesquisadoras que refletem caminhos e transgressões do feminino na literatura.
Palavras-chave: Autoria feminina. Escrita. Feminilidade. Tânia Tomé.

VIVO ENTRE MIM E A ANGÚSTIA DE MIM": BREVE ENSAIO SOBRE URDINDO PALAVRAS NO SILÊNCIO DOS DIAS, DE VERA DUARTE

Cátia Monteiro Wankler (UFRR)
Veronica Prudente Costa (UFRR)

RESUMO
Vera Duarte é um dos grandes nomes da Literatura de Cabo Verde contemporânea, que agora, em 2024, presenteou os leitores com um volume de poemas que acreditamos que seja um dos mais significativos da poesia em Língua Portuguesa no momento. Trata-se de Urdindo palavras no silêncio dos dias: poemas de um tempo de pandemia, que, conforme sinaliza o subtítulo, oferece ao leitor um tecido de reflexões várias, sobre temas diversos, gestadas em um período extremamente difícil e atípico que mexeu com o humano em nós, que, talvez, mude para sempre os destinos da Terra, a pandemia de COVID-19. O livro está dividido em quatro "estações", cada uma com uma temática, ao longo das quais estão agrupados poemas de um sentir profundo e subjetivo: a primeira pensa, politicamente, as questões étnico-raciais que se perpetuam no tempo; a segunda tece um "ensaio poético" sobre o amor e suas nuances; a terceira cogita sobre a palavra, suas possibilidades e subjetividades; a terceira acolhe vivências e lembranças que (con)formam o eu como si-mesmo e como outro. O objetivo deste estudo é explorar, em linhas gerais, as interfaces, os sentidos e sentimentos evocados pela, para e sobre a palavra poética por meio da qual Vera Duarte nos estimula a revisitar os tempos pandêmicos que, hoje, nos parecem uma ficção distópica.
Palavras-Chave:

A MEMÓRIA DA ESCRAVIZAÇÃO EM O CANTO DOS ESCRAVIZADOS DE PAULINA CHIZIAN*E*

Cecília Maria Bezerra De Oliveira (UFPB)

RESUMO
Este artigo tem como objetivo analisar a memória da escravização no poema “O Canto dos Escravizados” do livro homônimo de Paulina Chiziane, partindo do princípio teórico-metodológico interdisciplinar de intersecção entre História e Literatura, entendendo que a Literatura situa-se no “lugar de memória” (NORA, 1992) e as suas relações com a história, apresentando: a memória individual/coletiva (HALBWACHS, 2003); a memória como narrativa, identidade; a memória como conteúdo psíquico; a memória social, a memória étnica; as funções da oralidade e da escrita na construção da memória (LE GOFF, 1996), aqui construída pela voz poética e de mulher da autora, que tece a história em O Canto dos Escravizados (2018).
Palavras-Chave:

DESARMANDO A BOMBA CULTURAL: O ATRAVESSAMENTO DE FRONTEIRAS NO CONTO “A HISTORIADORA OBSTINADA”, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Clara Ferreira Pereira Freire (UFAL)
Sophia Maciel Da Silva Barros (UFAL)

RESUMO
Clara Ferreira Pereira Freire Sophia Maciel da Silva Barros Resumo: Este trabalho se propõe a analisar o conto “A historiadora obstinada”, narrativa que integra o livro No seu pescoço (2009), da autora contemporânea Chimamanda Ngozi Adichie, e retrata as dores de uma mãe nigeriana ao ver seu filho tornar-se o projeto perfeito dos colonizadores ingleses. O conto se apresenta aqui como objeto de estudo devido à sua representação da colonização inglesa na sociedade nigeriana a partir do ponto de vista do sujeito colonizado, escolha literária e política indispensável numa perspectiva decolonial. Para isso, identificamos na narrativa possíveis estratégias de colonização/colonialidade e ações de resistência de personagens, bem como as escolhas estéticas da autora para subverter a narrativa do colonizador. Essas reflexões têm como base o conceito de “bomba cultural”, criado pelo escritor Ngũgĩ Wa Thiongo, além das discussões acerca das movências de espaço nas narrativas de autoria feminina apresentadas por Sandra Goulart de Almeida em Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita (2015) e pela própria autora do conto no ensaio O perigo de uma história única (2009). Diante disso, destacamos o papel da mulher como agente de resistência frente à colonização/colonialidade e a valorização da ancestralidade como mecanismo decolonial. Ainda, esperamos contribuir com a valorização das literaturas, em especial as literaturas africanas de autoria feminina, que agem na desmistificação de histórias únicas, como articulado por Adichie (2018), e que, assim, possibilitam reavivar paraísos.
Palavras-chave: Decolonialidade. Autoria feminina. Literatura africana. Chimamanda N. Adichie.

DE SUHURA A ALIMA: A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA E AS PERSONAGENS FEMININAS EM CONTOS DE LILIA MOMPLÉ

Elisangela Heringer (UFF)

RESUMO
O presente artigo tem como propósito discutir como a escrita da moçambicana Lilia Momplé, como parte de seu projeto ficcional, aborda diferentes formas de violência – oriundas do pensamento colonialista que não se esgotou com a independência política da nação e ainda opera na estruturação social – a que as personagens protagonistas foram submetidas, tanto no corpo individual como no social, através da análise dos contos “Ninguém matou Suhura” (2022) e “O baile de Alima” (2008).Nessas produções, a estratégia utilizada pela autora de dar visibilidade à problemática da violência figura como um gesto crítico de revisionismo do silenciamento das vozes subalternizadas da e pela experiência colonial, sobretudo as femininas, e ilumina o papel da memória como um gesto de resistência ao apagamento histórico que opera na contemporaneidade. Nesse sentido, intenta-se analisar como os dois textos contribuem para a confecção de um painel que expõe fraturas colonizatórias que incidiram sobre as mulheres negras, seus corpos e a construção das suas subjetividades.
Palavras-chave:

EXPLORANDO RESISTÊNCIA E IDENTIDADE EM MOÇAMBIQUE: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR DA POESIA DE NOÉMIA DE SOUSA

Fabricio Nascimento Jorge (UFRR)

RESUMO
Este projeto de pesquisa tem como objeto de estudo a obra “Sangue Negro” da poeta moçambicana Noémia de Sousa (1926-2002). Esta obra, publicada em setembro de 2001, se tornou um dos livros mais importantes da literatura moçambicana, é uma coletânea de 46 poemas, escritos entre 1948 e 1951. Somente em 2016, a Editora Kapulana lançou a edição brasileira, com a qual trabalharemos nesta pesquisa. “Sangue Negro” é uma poderosa expressão de resistência ao colonialismo português. Os poemas selecionados, como "Sangue Negro", "Quero Conhecer-te, África" e "Justificação", são representativos do período de opressão colonial em Moçambique, destacando a luta pela liberdade e a denúncia das injustiças sociais e políticas vividas pelo povo moçambicano. O objetivo geral deste estudo é analisar os poemas de "Sangue Negro" sob os aspectos culturais, linguísticos e históricos. Especificamente, busca-se identificar o uso de metáforas e simbolismos, explorar a dimensão antropológica da poesia de Sousa, investigar a perspectiva racial e estudar a intertextualidade presente em sua obra. A metodologia adotada é interdisciplinar, combinando análise literária, estudos culturais e raciais, e contexto histórico. A pesquisa conta com o apoio teórico de Frantz Fanon (2008) e arquivos históricos sobre Moçambique. Espera-se que o estudo forneça uma análise aprofundada e detalhada da obra de Noémia de Sousa, destacando sua importância no cenário literário e histórico de Moçambique e da África de língua portuguesa. Além disso, busca-se contribuir para os estudos literários africanos, elucidando as dinâmicas de resistência e construção de identidade em contextos coloniais e pós-coloniais. A pesquisa também visa fomentar o desenvolvimento de novos pesquisadores na área de Literaturas Africanas, promovendo um maior reconhecimento da relevância de obras moçambicanas e de autoria feminina.
Palavras-chave:

“O CORPO CANDELABRA”: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A ESTRANHEZA FORA DA PÁGINA, DE ANA MAFALDA LEITE E HIRONDINA JOSHUA

Gabriel Dottling Dias (UFRJ)

“

RESUMO
Nossa comunicação se propõe a refletir acerca da metalinguagem em A estranheza fora da página, escrito por Ana Mafalda Leite e Hirondina Joshua. Desde o título, até as divisões por partes dentro do livro, podemos perceber um caráter metalinguístico, isto é, como a escrita dos poemas tensiona e traz como cerne o questionar sobre o fazer poético. As escritoras anunciam na abertura da obra que esta “é um exercício de escrita a quatro mãos que questiona a poesia e a chegada do poema, matéria visível” (A estranheza fora da página, 2021, p. 5). Por conta disso, analisaremos, com base em alguns poemas, a construção imagística, o exercício de escrita e a palavra poética, conjecturando como tais elementos são trabalhados na tessitura dos poemas. Pretendemos, assim, enriquecer a leitura tanto do livro quanto das autoras estudadas.
Palavras-chave:

DE VOZES E CICLOS: O POEMA ENCARNADO DE SÓNIA SULTUANE

Inaldo Da Rocha Aquino (UFPB)

RESUMO
Este artigo tem como objetivo analisar a coletânea de poesias Roda das Encarnações (2017) da poeta moçambicana Sónia Sultuane mostrando que o poema encarnado da referida escritora se estrutura a partir de uma discussão estética e ideológica sobre voz, espiritualidade e ciclos de vida. Sendo assim, a investigação faz uso de um diálogo entre poesia de encarnação no feminino e religiosidades moçambicanas. Para embasar a pesquisa, seguimos as discussões de Paradiso (2019), (2015) e Awolalu (2005) sobre a religiosidade, a literatura e as crenças tradicionais no território moçambicano; de Cooper (1998) e o realismo mágico; Opuko (2010) e sua contribuição para o estudos da formação histórico religiosa em Moçambique, Hampaté Bâ (2010) e a tradição oral ancestral; seguido de Freitas (2020, e sua colaboração aos estudos da literatura de autoria feminina em Moçambique, assim como de Pinheiro (2021) no que se refere à moçambicanidade e à formação do cânone literário. A obra de Sultuane caminha rumo a uma ligação multifacetada com o universo das artes. As análises finais do corpus nos apontam que o eu lírico de Sónia Sultuane caminha intimamente ligado aos ciclos encarnatórios que a coletânea sugere e as vozes poéticas que surgem nos versos trazem a representação de uma espiritualidade multifacetada que faz circular diversos fluxos de vivências encarnadas.
Palavras-chave: Literatura Moçambicana; Poesia; Poema Encarnado; Sónia Sultuane.

CAMINHOS ECOFEMINISTAS: UMA LEITURA DE "AO ENCONTRO DA VIDA OU DA MORTE", DE DEUSA D'ÁFRICA

Joranaide Alves Ramos (UFPB)

RESUMO
O ecofeminismo pode ser descrito como um movimento prático que promove mudanças nas lutas femininas, reescreve histórias que valorizam e reconhecem as diversidades biológica e cultural essenciais para a vida, desafiando as estruturas de dominação existentes; esta consciência ecológica é adotada por Deusa d'África, poeta moçambicana. A partir disso, selecionei Ao encontro vida e da morte, de Deusa d'África, para analisar como essa coletânea questiona os sistemas estabelecidos, ao tempo que relaciona diretamente naturezas humana e mais-que-humana, outra prerrogativa ecofeminista, associada, neste caso, ao projeto de moçambicanidade. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, baseada, principalmente, em Brandão (2003), Freitas (2020), Mies e Shiva (1993) e Hutcheon, (2000). Acredito que esta coletânea de Deusa d'África transcende as fronteiras da literatura e se insere em um contexto mais amplo de luta e resistência, robustecendo o projeto de moçambicanidade referido que vejo fortalecido pela consciência ecofeminista que alimenta esta obra. Sua capacidade de entrelaçar temas subjetivos com questões universais destaca a importância de uma voz poética que não apenas celebra a beleza da natureza, mas também denuncia as injustiças e desigualdades socioambientais, com um olhar atento para a situação das mulheres moçambicanas.
Palavras-chave:

BENDITA LOUCURA POR ENTRE MANCHAS DE PÓLVORA NA ROSEIRA E NO CAPIM: SIGNOS DO CORPO-IDENTIDADE E DO CORPO-RESISTÊNCIA NA POÉTICA DA GUINEENSE SALIATU DA COSTA

Luís Carlos Alves De Melo (UFRRJ)

RESUMO
Esse trabalho examina como a poesia de autoria feminina em língua portuguesa da Guiné-Bissau retrata literariamente os conflitos recentes pelos quais o país tem passado e de que forma tais conflitos literariamente elaborados têm moldado a identidade guineense em alguns aspectos, além de fortalecer os processos de resistência contínua e permanente. Buscamos estabelecer uma análise centrada na poesia da escritora guineense Saliatu da Costa, nas obras Bendita Loucura (2008) e Entre a Roseira e a Pólvora, o Capim (2011), a fim de observar os traços simbólicos materializados a partir dos signos do corpo feminino como representação do povo, da nação ou mais especificamente da Pátria-Mãe. Nas obras elencadas, na tessitura dos seus versos, a poeta corporifica uma fiandeira que de fio em fio faz emergir de suas mãos poemas em trajes femininos, signos de sua própria identidade e de sua resistência. Embora seja ainda pouco conhecida nos nossos meios acadêmicos, Salitu da Costa figura entre os grandes nomes da poesia contemporânea guineense e é considerada uma das mais produtivas e promissoras escritoras da sua geração. Ligada desde o berço às questões políticas, Saliatu é para alguns um símbolo da força da resistência das jovens mulheres da Guiné-Bissau que lutam e resistem para encontrarem seus espaços numa sociedade ainda com forte viés patriarcal, se reafirmando identitariamente e pavimentando os caminhos para aquelas e aqueles que virão.
Palavras-chave: Literatura guineense; Saliatu da Costa; Resistência; Identidades; Corpo feminino.

DESVELANDO A VIOLÊNCIA: ANÁLISE DO CONTO “FORÇADAMENTE MULHER, FORÇOSAMENTE MÃE”, DE DINA SALÚSTIO

Maria Karolyne Reis Santana (UFC)

RESUMO
Resumo (máx. 300 palavras):: A literatura contemporânea de autoria feminina de Cabo Verde apresenta um grande encadeamento de problemas sociais enfrentados por meninas e mulheres na sociedade. Dina Salústio, considerada a primeira mulher a publicar um romance em Cabo Verde, também é cronista e autora de outros livros, entre eles Mornas Eram as Noites (2002), que inclui o conto "Forçadamente Mulher, Forçosamente Mãe", analisado neste trabalho. Os objetivos desta pesquisa são compreender de que forma a escritora constrói a narrativa, bem como investigar os problemas e denúncias que ela traz à tona por meio da literatura. A pesquisa adota um método qualitativo e bibliográfico, buscando entender as sensações, percepções e sentimentos provocados nos leitores. Além disso, teorizo o trabalho literário com base em autores renomados, com o intuito de compreender os temas ressaltados intrinsecamente no conto analisado. A fundamentação teórica será baseada em estudiosas da literatura cabo-verdiana, como Geni Mendes de Brito, Cristina Maria da Silva, Simone Caputo Gomes, Maria Nazareth Soares Fonseca, entre outras. Proponho também uma análise do cotidiano, pois a escrita de Salústio ilumina questões reais e vivenciadas por meninas e mulheres. Em conclusão, é possível perceber que a literatura cabo-verdiana feminina propõe denunciar as violências vividas por meninas que muitas vezes são invisibilizadas e esquecidas nas margens da sociedade. Por isso, Dina Salústio torna-se uma importante escritora contemporânea, já que em suas obras oportuniza as vozes de meninas que são silenciadas e violentadas, construindo uma literatura dolorosa, mas de resistência, despertando no leitor um sentimento de solidariedade com aquelas que são vítimas de barbáries e crueldades humanas.
Palavras-chave: Denúncia. Literatura Cabo-verdiana. Violência de gênero.

PÊNDULO DA MATERNAGEM: AS PERFORMANCES E AS FRAGMENTAÇÕES DE GÊNERO NA OBRA “FIQUE COMIGO”.

Amanda Gomes Dos Santos (UFPB)
Jéssica Rodrigues Férrer (UFPB)
Thamires Sousa de Vasconcelos (UFPB)

RESUMO
Este trabalho propõe uma reflexão acerca da obra *Fique comigo* (2018), da escritora Ayóbámi Adébáyó -publicada no Brasil pela editora Haper Collins. A partir de uma perspectiva das performances do ser mulher e a construção de uma maternidade, problematizando a dicotomia entre tradição e modernidade ambientada em uma sociedade nigeriana perpassada por enraizamentos que se desdobram na fragmentação desses papeis sociais. Nessa dinâmica que é construída na narrativa de Adébáyó empreendemos como o objetivo discutir os aspectos na ideação da personagem Yejide e os conflitos que se apresentam no romance sobre o ideal de amor e da maternidade, que atravessam a protagonista e reverberam em suas relações. Diante de episódios que evidenciam as estruturas de poder e o adoecimento físico e mental em prol de uma legitimação acerca de si e da expectativa social norteada por uma tradição nigeriana do conceito de família. A fim de suscitar uma discussão crítica-teórica elegemos o pensamento de bell hooks para dialogar sobre as construções das narrativas do amor, e a ideia de autorrecuperação de mulheres negras nas obras tudo sobre o amor – novas perspectivas (2021) e irmãs do inhame (2023); como também e eu não sou uma mulher? (2019). Como aporte para discutir os caminhos da performance de gênero por um viés africano, priorizamos A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero (2021) de Oyèrónkẹ́ Oyěwùm.
Palavras-chaves: Literaturas africanas de Autoria feminina, Maternidade, Performances de Gênero.

GISÈLE PINEAU, PAROLES DE TERRE EN LARMES: A LITERATURA PRODUZIDA POR MULHERES AFRICANAS E A INTERSECCIONALIDADE

Maria Lídia Dos Santos Silva (UFPI)

RESUMO
Temas como racismo e machismo são muito abordados nos estudos cotidianos e receberam bastante destaque no meio acadêmico, revelando a importância do assunto para o desenvolvimento da sociedade, independente da nacionalidade, seja brasileira ou francesa. Assim, o referido trabalho objetivou mostrar como países formados, majoritariamente, pela população negra, como o Haiti e o Brasil, por exemplo, o racismo consegue predominar e, ainda, é capaz de por suas amarras e formar raízes. Ainda, o artigo teve como base a escrita de Gisèle Pineau, intitulada Paroles de terre e larmes, que nos apresenta dois marcadores sociais (raça e gênero) causadores das opressões vivenciadas por mulheres negras. Outrossim, a partir da análise do texto, é possível evidenciar algumas questões interseccionais, como o machismo e a objetificação do corpo feminino, que Félicie sofreu durante a ausência do seu parceiro, que parte para a guerra em defesa do país que o colonizou, a França. Por conseguinte, o objetivo central desse texto foi analisar a escrita da mulher negra e sua representatividade em um meio tão restrito, a partir do escrito de Pineau (1996), como a sociedade repleta de interseccionalidade, bem como o comportamento do homem em relação a solidão da mulher negra e o que vem após ela. Tentamos sanar algumas questões que cercam a pergunta “O que vem depois da solidão da mulher negra?”, entendendo que sua resposta cerca a inferioridade imposta pela sociedade misógina, racista e patriarcal. Por isso, a perquirição partiu da análise bibliográfica de estudiosas como Sueli Carneiro (2003), Patrícia Hill Collins (2017) e Kimberlé Crenshaw (2002).
Palavras-chave:

O CAMINHO SEM RETORNO: DESLOCAMENTOS, DESVIOS E DEVIRES EM PAULINA CHIZIANE, LONA MAGAIA E LILIA MOMPLÉ

Rodolfo Moraes Farias (UNEMAT)

RESUMO
A presente comunicação aborda os trânsitos de personagens vitimadas pela(s) guerra(s) no contexto pós-colonial moçambicano, especificamente na obra de três de suas maiores autoras/prosadoras, Paulina Chiziane, Lina Magaia e Lília Momplé. Tais escritoras, só tematizar os horrores da guerra civil pelos quais passou Moçambique na alvorada de seu processo de independência, dão uma ótica feminina a uma situação calamitosa que afetou sobretudo mulheres e crianças, minorias sem voz que tiveram suas histórias colocadas em primeiro plano graças ao trabalho das referidas ficcionistas. O hiper-realismo de alguns dos seus textos, como iremos demonstrar, colocam o leitor em contato direto com uma realidade sócio-histórico-cultural ignorada por muitos, mimetizando a dor de uma nação cujo nascimento foi marcado pelo derramamento de muito sangue inocente.
Palavras-chave:

NOTAS SOBRE O FEMINISMO ISLÂMICO EM ROMANCES DE ESCRITORAS AFRICANAS FRANCÓFANAS

Rodrigo Nunes De Souza (UFPB)

RESUMO
Com o objetivo de desmitificar os olhares ocidentais sobre a situação das mulheres em países cujo francês é o idioma oficial e seguem a tradição muçulmana, escritoras africanas utilizam-se do texto literário como uma forma de denunciar as opressões que sofrem, trazendo um novo olhar para seus lugares na sociedade. Nawal El-Saadawi (1931-2021) e Fatema Mernissi (1940-2015) são duas pesquisadoras que, em suas produções, problematizam a questão da mulher, evidenciando suas verves feministas ligadas ao islã, contrariando a ideia de que, como árabes/muçulmanas, precisam de "salvação". Dito isto, o seguinte trabalho busca enfatizar como o feminismo islâmico se coloca em destaque em romances de escritoras africanas francófonas e que seguem a tradição muçulmana. Nestas obras, suas respectivas autoras apresentam situações sociais que, em diálogo com as lutas pelos direitos femininos, como a poligamia, o casamento arranjado, a educação, aborto, violência doméstica, entre outros, buscam denunciar e conscientizar outras mulheres acerca da igualdade entre os gêneros. Além de pesquisadoras, Nawal El-Saadawi, com seu romance A queda do imã (2023), e Fatema Mernissi, através da obra Sonhos de transgressão: minha vida de menina num harém (1996), apresentam discussões que se aproximam do que defende o feminismo islâmico, fazendo com que se perceba como a luta por direitos femininos se faz presentes no Egito e no Marrocos – países de El-Saadawi e Mernissi. Para além destas duas obras, destacam-se os romances A Sede (1958), de Assia Djebar (1936-2015), da Argélia; As Impacientes (2022), de Djaïli Amadou Amal, do Camarões; e Os vigiais de Sangomar (2022), de Fatou Diome, do Senegal, são obras que também se destacam quando se une literatura e questões relacionadas ao feminismo islâmico - contribuindo, assim, para uma maior compreensão da situação das mulheres nos países africanos francófonos.
Palavras-chave:

SÓNIA SULTUANE E HIRONDINA JOSHUA: UM PARALELO DA REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DO QUARTO EM SUAS POESIAS.

Sayonara Souza Da Costa (UFPB)

RESUMO
O processo histórico e a colonização acabaram por fazer com que o acesso das mulheres moçambicanas à escrita fosse tardio, tal fato impactou também a literatura deste país, visto que, a mesma foi prejudicada por este cenário. Porém, com todas as dificuldades existentes, as mulheres foram pouco a pouco alcançando espaços dentro da escrita literária em Moçambique. Para esta pesquisa, escolhemos duas autoras moçambicanas contemporâneas e abordaremos neste trabalho um paralelo entre dois poemas que convergem para o mesmo espaço: o quarto. O primeiro poema é de autoria da escritora moçambicana Hirondina Joshua e foi publicado em seu livro intitulado de "Os Ângulos da casa"(2016). O outro poema que será analisado para fazer a comparação compõe o livro "O lugar das ilhas" (2021) de autoria de Sónia Sultuane. Ambos tratam do mesmo espaço físico, porém verificaremos como eles aparecem no texto, mostrando similitudes e contrastes, destacando também às diferenças entre o modo como cada uma das autoras expressa a sua visão intimista ou mais física para o símbolo do quarto por elas apresentado. Como aporte teórico desta pesquisa, faremos uso de conceitos teóricos voltados para a simbologia, utilizando os fundamentos da poética dos espaços de Bachelard (2008), que versa sobre o estudo no âmbito do psicológico e das relações com os espaços dos lugares físicos. Também utilizaremos os escritos de Chiziane (2012), Noa (2017), entre outros.
Palavras-chave: Autoria. Feminina. Moçambique. Poesia. Quarto.

PERCURSOS INTERGERACIONAIS DE UMA QUEIROZ DA FONSECA: PÓS MEMÓRIA E METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM 'ESSA DAMA BATE BUÉI' DE YARA NAKAHANDA MONTEIRO

Tarcila Beatriz Da Silva Duarte (UFF)

RESUMO
As literaturas contemporâneas de língua portuguesa que abordam temas como a relação entre África-Portugal, colonização, nacionalidade e diáspora, frequentemente evidenciam as gerações, antes invisibilidades, de filhos e netos dos países africanos que foram colônias lusitanas. Diante disto, o presente artigo tem por objetivo analisar o romance de estreia da escritora Yara Nakahanda Monteiro, intitulado Essa dama bate bué! (2018). Sob o viés da pós-memória, também denominada memória intergeracional — conceito que se refere à experiência de pessoas que não viveram eventos históricos traumáticos, mas compartilham e prolongam as memórias daqueles que estavam vivos e crescidos o bastante para lembrarem-se deles — e da metaficção historiográfica através. A viagem empreendida pela personagem principal, Vitória Queiroz da Fonseca, será explorada enquanto busca as suas raízes ancestrais e espaços familiares. Serão, ainda, explanados os movimentos migratórios e a diáspora que leva a família da personagem a cruzar o oceano e fincar residência em Portugal, fazendo com que Vitória fosse educada desde a primeira infância em terras lusitanas. Todo o processo migratório pelo qual a família da personagem passa inclusive no que tange a identidade de Vitória e sua mãe, enquanto mulheres negras nascidas em solo angolano, mas com uma relação tão divergente com o país, abre caminho para a abordagem dos conceitos de pátria e nação, tão importantes para a geografia humanista cultural. Por meio da viagem empreendida em retorno a Luanda, palco fundamental da obra, será possível abordar a lucidez pós-colonial que atinge a consciência identitária da personagem ao vivenciar o país em que nasceu, mas com o qual não desenvolveu uma conexão cultural. Diante disso, o aporte teórico serão principalmente os geógrafos Yi Fu Tuan e Eric Dardel, além da crítica literária Linda Hutcheon.
Palavras-chave:

SIMPÓSIO 10
MEMÓRIA E CULTURA DO PERTENCIMENTO NAS LITERATURAS CONTRA COLONIAIS

Organização do Simpósio:
Ana Cláudia Félix Gualberto (UFPB)
Aline Cunha de Andrade Silva (UFPEL)
Karina Chianca Venâncio (UFPB)

RESUMO
No âmbito do V Congresso Internacional de Literaturas e Culturas Africanas – Griots: amor, afetos em tempos de desigualdades, guerras, antirracismo, epidemias, justiça climática, o nosso simpósio temático focaliza-se no estudo das literaturas contra coloniais em uma análise dos espaços geo-políticos-culturais que permitam revisitar identidades fragmentadas e em reconstrução permanente. Essas vozes contra coloniais na literatura transmitem e ressignificam histórias de seus povos a partir de uma perspectiva de confluência entre os modos de vida, opondo-se à postura monista e exploratória do colonizador. Como bem o coloca Chimamanda Ngozi Adichie, "as histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada" (2019, p.32). Assim, este simpósio traz uma reflexão sobre a presença e a força da história, da cultura do pertencimento, da memória coletiva e individual para a formação de agentes de suas próprias narrativas. Conforme bell hooks, "conhecemos a nós mesmos por meio da arte e do ato de recordar. As memórias nos oferecem um mundo onde não há morte, onde somos sustentados pelos rituais de afeto e lembrança. (2022, p.25). Nesse sentido, as narrativas contra coloniais representam modos de existir e resistir que potencializam as percepções de identidades individuais e coletivas no nosso contexto atual - de país que foi submetido ao processo de colonização exploratória e escravidão - evidenciando a urgência na reavaliação das referências culturais dominantes, de modo a contemplar o heterogêneo. Nesse processo de ressignificação, quando os povos quilombolas e indígenas tomam esses termos impostos pejorativamente pelos colonizadores, como categorias identitárias de lutas pelos direitos, Antônio Bispo nos diz que "Isso demonstra um refluxo filosófico que é um resultado direto da nossa capacidade de pensar e de elaborar conceitos circularmente" (2015, p.95). Neste sentido, o marco teórico deste simpósio temático apoia-se em diferentes áreas de conhecimento, dentro de uma transversalidade cultural e artística.
Palavras-Chave: Memória. Pertencimento. Literaturas. Contra Colonialidade.

LITERATURA, COLONIALISMO, ANTICOLONIALISMO

Valdemir Zamparoni (UFBA)

RESUMO
O colonialismo abrangeu todas as dimensões da existência social, coletiva e individual dos colonizados: a perda da soberania, com todas as implicações práticas e simbólicas, deu-se com base na violência, racialmente direcionada, com coação, chicotes e fuzis. Narrativamente os ideólogos e colonos, agentes e beneficiários desse sistema de coerção produziram ampla literatura tanto criativa quanto "cientifica". Ao lado das narrativas de "aventuras", de viajantes, também colonos e administradores produziram obras nas quais, embevecidos ou horrorizados, descreviam a grandeza da natureza, suas florestas, savanas, rios e animais. Os seres humanos eram apontados, ora como ingênuos, ora como sanguinários, mas sempre inferiores e mesmo irracionais. Milhares e milhares de páginas foram escritas para informar e apaziguar as consciências dos próprios dominadores e seus pares na Europa. Este contexto não sufocou a existente tradição oral e oralitura e depois a emergência de literatura escrita, que embora se desse na língua do opressor, denunciava suas práticas cotidianas de opressão e violência, primeiramente nos jornais fundados, sobretudo a partir das décadas iniciais do século XX, pela minoria que dominava a escrita e circulava nas margens da sociedade colonizadora. Já nestes periódicos se processava uma subversão da língua e a cultura do dominador, ao incorporar personagens, falares, sonoridades, sabores do dia a dia, das ruas, dos bares, batuques. Esses aspectos foram incorporados nos poemas e contos e romances. A comunicação tomará como exemplo quatro autores cujas obras, escritas sob o colonialismo, denunciavam sua violência, esforços de desumanização, mas apontam para recusa à desumanização e um futuro de liberdade.
Palavras-chave: Literatura, colonialismo, anticolonialismo.

ENTRE AFETOS E PALAVRAS, A CORAGEM DE VERDADE: HUMANIZAÇÃO CONTRACOLONIAL EM A PALAVRA QUE RESTA, DE STÊNIO GARDEL

Marcelo Spitzner (UFRA)

RESUMO
O romance A palavra que resta, de Stênio Gardel, protagonizado por Raimundo Gaudêncio, homem nordestino, analfabeto que, aos 71 anos de idade, decide aprender a ler e escrever para compreender uma carta deixada há mais de 50 anos por Cícero, seu grande amor da juventude. Analfabeto, pobre e gay, cuja existência é marcada pela opressão, repressão e pelo medo, discute-se as questões de corpo, identidade, sexualidade num contexto de imposição heterocispatriarcal uma colonialidade do ser confrontada pela construção de personagens dissidentes que rompem estereótipos sobre os corpos socialmente abjetos e se abrem para processos outros de humanização relacionadas às configurações de personagens que fogem da heteronormatividade. Nesse contexto, os afetos, e o ato de aprender, podem ser vistos como ato de coragem e coragem da verdade (Foucault, 2011; Gros, 2004). Desse modo, discute-se como Raimundo através da coragem ressignifica-se e abre-se, pelos afetos, para novas vivências, que lhe proporcionam novos acessos ao mundo e a si mesmo. Para tais discussões, lançamos mão dos estudos de Dalcastagnè (2012), Sedgwick (2007), Pellegrini (2008), Butler (2000, 2003), Foucault (2010, 2011), Louro (2001, 2018), Trevisan (2018), Quijano (2005), Lugones (2008), bell hooks (2013, 2021).
Palavras-chave:

ÀS MARGENS ATLÂNTICAS: OS ENTRE-LUGARES NOS POEMAS MINERAI NOIR DE RENÉ DEPESTRE ET LE SOUFFLE DES ANCÈTRES DE BIRAGO DIOP

Mucane do Nascimento Silva (Celest)

RESUMO
As literaturas negro-africanas se apresentam em uma grande diversidade em todas as formas através das quais ela é composta: literatura infanto-juvenil, conto, romance, poesia, entre outros. dentre toda esta diversidade, é ainda possível encontrar traços similares entre elas, sobretudo em relação à história que alguns países têm em comum, que remetem à época colonial. Trata-se de um elemento que ainda permanece em alguns aspectos nas literaturas negro-africanas e com o objetivo de descobrir como a colonização e a diáspora influenciam estas produções oriundas de espaços diferentes, selecionamos os poemas Minerai Noir (1956) do poeta haitiano René Depestre e le souffle des ancêtres (1960) do autor senegalês Birago Diop, afim de fazer uma análise comparativa entre eles e, para além disso, estabelecer suas relações de similaridades. Para realização desta pesquisa documental, nos embasamos sobre os olhares de alguns pensadores dos estudos culturais e da crítica literária do século XX, como Aimé Césaire (1955); Stuart Hall (2009); Lilyan Kesteloot (1987); Dominique Viart (2008). Poderemos assim extrair desta análise os elementos que demonstram o papel da diáspora negra nessas produções literárias e os mecanismos utilizados pelos poetas na composição de textos que restituem a história da parte dos que foram privados de voz e rompem assim um longo silêncio instaurado na época colonial.
Palavras-chave:

SOMOS GRIOTS COM ALEIJAMENTOS NA FALA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE LINGUAGEM E AUTISMO EM POEMAS DE FLAVIA NEVES E JO MELO

Gustavo Henrique Rückert (UFPel)

RESUMO
A figura do griot presentifica em suas palavras a ancestralidade de determinados povos no Oeste da África. Para o pensador e também griot malinês Hampatê Bâ (2010), a fala atua como elemento de integração nas culturas africanas, já que traz o passado ao presente e conecta assim a vida em uma dimensão de totalidade que inclui a natureza e os antepassados ao cotidiano coletivo. Se, por um lado, ao griot é reservada a condição de guardião da palavra, por outro é reconhecida a presença de linguagem em qualquer elemento. Nos termos de Ba, "no universo tudo fala". No pensamento ocidental, entretanto, a linguagem não é entendida como elemento comum a todos os seres. É justamente a noção de um suposto déficit nos usos de linguagem que foi responsável pelo desenvolvimento do diagnóstico de autismo, que viria a se consolidar na psiquiatria estadunidense em meados do século XX. Ao chegar no Sul Global, a noção ocidental de déficit se choca com a noção tradicional de totalidade. Como pensar os paradigmas de eficiência e de deficiência em contextos da América do Sul ou da África? Questionamentos como esses são trazidos pela teoria aleijada, uma politização situada dos estudos da deficiência, conforme defendem Anahi Mello e Marivete Gesser (2021). Nessa senda, provocamos: como escritores autistas relacionam suas palavras socialmente descredibilizadas à tradição griot dos povos a que pertencem? Para refletir sobre essas questões, abordaremos a poesia de Flavia Neves e de Jo Melo, autistas brasileiras com ancestralidade africana e indígena. Ambas as poetas evocam as palavras como forma de transmissão de um legado de vivências de corpos racializados, genderizados e patologizados. Ao mesmo tempo, sinalizam na força da criação poética a possibilidade de existência e de singularização de seus corpos.
Palavras-chave:

A NARRATIVA FABULAR DE LUANDINO VIEIRA E PAULINA CHIZIANE: RESGATANDO E REESCREVENDO A MEMÓRIA AFRICANA

Mayara Gonçalves Marques Da Silva (UERJ)

RESUMO
O presente trabalho pretende realizar uma análise comparativa dos contos “Estória da galinha e do ovo”, presente no livro "Luuanda" (2006), do escritor angolano José Luandino Vieira, e "Quem manda aqui?", presente no livro "As andorinhas" (2009), da escritora moçambicana Paulina Chiziane, com o intuito de investigar o caráter fabular como uma poderosa ferramenta de resgate da resistência africana durante o contexto histórico marcado pelas lutas de libertação. Ao romper com a historiografia eurocentrada, que tende a apagar e invisibilizar a potência das nações africanas, a análise busca incorporar o conceito de Desobediência Epistêmica, proposto pelo teórico Walter Mignolo (2008), e os pensamentos de resistência à dominação colonial e racista europeia propostos pelo teórico martinicano Frantz Fanon (1968). A análise dos dois contos africanos em língua portuguesa, a partir dos estudos de figuras centrais da crítica decolonial, possibilitará trazer para as literaturas africanas de língua portuguesa uma perspectiva culturalmente rica e múltipla do continente africano, embora violentado e silenciado pelo aparato colonial europeu. Nesse sentido, o artigo propõe uma reflexão sobre a importância das alegorias na narrativa fabular como meio de preservar e recontar as histórias de resistência e resiliência africanas, desafiando as narrativas dominantes e promovendo uma visão própria territorial sobre a sua história, protagonizando, nesse estudo, a perspectiva africana e invertendo os paradigmas coloniais.
Palavras-chave:

FRANÇA, PAÍS MULTILÍNGUE. A RESISTÊNCIA DAS LÍNGUAS AFRICANAS, ÁRABE, LÍNGUAS REGIONAIS FRANCESAS NUM PAÍS COLONIZADOR, PASSADO E PRESENTE

Cristiane Maria de Souza (UFRJ)

RESUMO
Esta pesquisa tem por objetivo verificar a hierarquização do francês oficial e das línguas regionais na França em meio às tentativas instituídas e desenvolvidas no período da Revolução Francesa de aniquilação destas línguas desvalorizadas. Chamadas em nossos dias de línguas regionais na Comunidade Européia, são conhecidas de forma marcada (Labov, 1972) como "patoás" por uma boa parte da população francesa que as considera como elementos marginais na nação. Pretendemos averiguar, assim, a busca por uma identidade nacional francesa que possibilitou a tomada de poder da língua que se tornou oficial e a consequente marginalização das menos aceitas socialmente no solo francês. Esta marginalização fora oriunda da discriminação entre os falares encontrados no país como "falares rústicos", "de ignorância", "corrompidos", "jargões", "dialetos grosseiros", etc. Logo, os indivíduos falantes destas línguas seculares tiveram suas formas de fala taxadas como o "falar mal" socialmente, sendo inaceitável a idéia de bilinguismo na nação que se desenvolvia como Estado Nacional. Os que dominavam o discurso revolucionário expresso através da ferramenta da língua oficial eram considerados como portadores do "falar bem", multiplicadores da "língua da liberdade". Deste modo, usamos como corpus de pesquisa as cartas enviadas ao político jacobino, o abade Henri Grégoire, no período de 1790 a 1794 em resposta ao seu questionário sobre a necessidade de aceitar o francês oficial como língua de todo o território francês e assim, a consequente e imaginada aniquilação das línguas regionais. Assim, através da análise crítica dos documentos citados, procuramos elementos de sentido nacionalistas e de exaltação à língua oficial, a partir das visões de nacionalismo desenvolvidas por Guellner (1989) e Anderson (1983). Do mesmo modo, avaliamos nos documentos as imagens etnocêntricas de língua padrão com escrita standard e portadora do discurso oficial revolucionário a partir do auxílio de textos de Todorov (1989) e Lévi-Strauss (2008) em comparação ao ideal marginalizatório embutido nas línguas regionais no momento histórico em questão. Temos em nosso presente, uma França com múltiplas línguas trazidas elos imigrantes, como o árabe, as línguas do Leste Europeu, inúmeras línguas de países como o Congo, o Mali, a Costa do Marfim, etc. Logo, a França torna-se um país multilíngue, apesar de toda força para ser um país monolíngüe com o francês oficial.
Palavras-chave:

BROTANDO DA TERRA: ESCRITA DE SI COMO FORMA DE VOLTAR A VIVER ENQUANTO POVO

Elivelton Dos Santos Melo (UFBA)

RESUMO
Este trabalho propõe uma análise reflexiva da montagem autoetnográfica "Brotando da Terra" (2024), destacando a importância da escrita de si no contexto indígena do Território Guerém em Valença, Bahia. Inicialmente, são discutidas reflexões sobre o gênero da escrita de self, com base nas teorias de Versiani (2002) e Costa (2017) - esta última explora a expressão autobiográfica dos indígenas nordestinos. Em seguida, estabelece-se um diálogo com a concepção de autoria do "eu-nós-político-lírico" de Truduá (2017), nesse ínterim, tenciona-se o modo como a escrita de si Guerém desafia as subjetividades cristalizadas pelo discurso colonizador. Nesse contexto reflexivo, a obra audiovisual “Brotando da Terra” é interpretada como um "arquivo-vivo" (Wapichana, Manoki, 2023) da ancestralidade Guerém. Assim, a partir da análise do vídeo-performance "Brotando da Terra" (2024) revela registros da memória, canções de Tarú Angry Guerém, e relatos e cânticos de mestres e mestras, posicionando o vídeo-ensaio como um dispositivo político que imagina um inventário representativo da ancestralidade Guerém. Sendo assim, este estudo propõe uma reflexão acerca da importância da escrita de selfies indígenas como meio no qual permite que os povos em processo de autodemarcação, possam retomar suas próprias histórias e maneiras de existir enquanto povo com identidades e modos de vidas próprios.
Palavras-chave: Guerém; escrita de si; arquivo.

UMA GRAMÁTICA DOS AFETOS N'*O AVESSO DA PELE*

Renildo Rene de Oliveira Medeiros (UFC)

RESUMO
Não é mais uma vida como tantas outras. Esse é o resultado do gesto simbólico do narrador Pedro em recuperar a existência individual-particular do seu pai Henrique em O avesso da pele (2020), de Jeferson Tenório. Entre as diversas possibilidades de reconstrução da vida paterna, o filho aproveita encontros e dissonâncias de palavras para solidificar, no nível da linguagem, uma nova dimensão de humanidade ao passo que denuncia o discurso discriminatório que esterotipa o indivíduo negro – e que vitimizou seu pai. Aproveitando-se também da gramática, proponho um estudo de cunho filológico ao romance, partindo do rastreamento linguístico do léxico utilizado pelo narrador em diversas passagens e cenas para sugerir os símbolos ficcionais gerados na leitura memorial de cunho antirracista. A discussão dessas "feridas abertas" ganha forma pela interpretação dialética da qual me fundamento metodologicamente, bem como pela incorporação nas reflexões do trabalho do pensamento contra colonial de Frantz Fanon (2020; 2022); do estudo preciso e psicanalítico de Camila Farias (2018); das considerações históricas de Beatriz Sarlo (2007) e Jeanne Marie-Gagnebin (2014); dos discursos sobre o poder das palavras de Abdias do Nascimento (2016), Toni Morrison (2017), Hortense J. Spillers (2021) e Beatriz Nascimento (2022); e das interpretações musicais de Luiz Melodia (1973), Racionais MC's (1997) e Zeca Pagodinho (2018; 2019). Na nossa trajetória corpo a corpo com a literatura, identifico atos significativos que revisitam a situação da identidade do negro no Brasil e investe em uma elaboração memorialística constante das histórias familiares. Atos formalizados em O aveso da pele para se tornarem ao leitor contemplativos, firmes e distantes da banalidade que o colonialismo formou.
Palavras chave: literatura brasileira contemporânea. o avesso da pele. memória antirracista. estudo filológico. identidade familiar.

ENTRE MINHA AVÓ E EU: A TRANSMISSÃO TRANSGERACIONAL DA CIÊNCIA DAS BENZEDEIRAS COMO PRÁTICA CONTRACOLONIAL

Rhuam Kennedy De Almeida Ramos (Faculdade Guararapes)

RESUMO
Este trabalho sublinha a passagem transgeracional da ciência das benzedeiras, a partir da oralidade, como prática contracolonial. A transmissão oral da ciência benzedeira a um eleito coloca-se como uma contracultura que resiste à hegemonia das práticas escritas e sistemáticas. Ao restringir a circulação desses saberes, a ciência das mulheres benzedeiras afasta-se da apropriação cultural. A ciência do benzimento - para proteção, para cura, para abertura dos caminhos… - passa pela escolha de algum descendente para continuidade da tradição. Vai, portanto, no sentido de um zelo pela ciência ancestral e dos saberes orgânicos (Pereira, 2023), bem como garante a preservação de identidades. O uso medicinal de plantas e práticas espirituais expande-se em função da riqueza de um universo de encantaria em contraste às limitações dos recursos médicos convencionais. No contexto de sincretismo cultural e condições materiais precárias, o mundo espiritual ganha relevo (Marin, Scorsolini-Comin, 2017) A referência das benzedeiras, muitas vezes analfabetas, é por uma ciência transgeracional que encontra, na oralidade, a sua passagem. Faz isso a partir da continuidade da experiência, que não se configura como palavra escrita, mas na escolha da planta, no remediar do "peito aberto", do "ventre-virado", do "mau-olhado". Concretiza-se, então, no resgate da memória como manutenção da ciência, colocado em prática na relação com um outro que a descende e perpetua. As comunidades, devendo apossar e fortalecer suas próprias palavras e conceitos, devem enfeitiçar a linguagem. É esse o caminho para a resistência e a preservação das identidades: falando a língua do inimigo sem permitir que ele entenda (Pereira, 2023). A oralidade surge, então, como esse instrumento autêntico de criação e confluência (Pereira, 2023) de saberes.
Palavras-chave: oralidade; benzedeiras; ancestralidade; contra colonialidade

REPRESENTAÇÕES DE FEMININILIDADES CONTRA COLONIAIS EM MIRÓ DA MURIBECA

Ana Georgia Deoclécio Nunes (UFPE)
Maria Beatriz Santos Vieira (UFPE)
Aline Cunha Andrade Silva (UFPE)

RESUMO
Este trabalho pretende evidenciar a representação do feminino apresentada na literatura contra colonial do poeta Miró da Muribeca. Em algumas de suas produções, o autor reitera figuras que, frente às demandas do cotidiano periférico, priorizam respostas próprias de sua forma de existir. Essa tendência estilística será observada aqui com os poemas “Muita hora nessa calma” e outros dois poemas sem nome, que intitulamos de “D. Anália” e “Vanda”. A análise partirá da observação de incidentes e situações da vida comum que perpassam o sentido de confluência, o que é "(...) a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento (...)" (Bispo, 2023, p. 4). Priorizamos, então, as poesias que enfatizam as figuras femininas e suas vidas em comunidade. A linguagem deve ser ressignificada para o empoderamento de grupos invisibilizados, o que é a chave, segundo Bispo (2023), para a resistência e a preservação das identidades. Tal escolha está presente, quando Miró opta por sublinhar os modos de vida contra coloniais. As mulheres e suas vivências, partindo dessa lente, evidenciam feminilidades não-hegemônicas, e é através da representação que novas identidades são reivindicadas (Rajagopalan apud Freitas, 2006, p. 228). Aqui, entendemos por contra colonial um modo de vida que rejeita o que se coloca enquanto pré-estabelecido por uma narrativa que desconsiderou em grande parte as experiências e produções alheias à lógica eurocêntrica (Bispo, 2023). Concluímos então que o poeta reverbera, em sua poética, “um dos lugares de criação, de manutenção e de difusão de memória, de identidade” (Evaristo, 2010, p. 2). Por isso, endossamos, ao longo do trabalho, que, ao encararmos a obra de Miró da Muribeca, podemos encontrar narrativas que descentralizam a figura feminina da lógica eurocêntrica e, portanto, colonial.
Palavras-chave: Miró, Representação, Feminilidades.

O RESGATE DE VOZES NEGRAS: PERSPECTIVAS DECOLONIAIS DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NO CEARÁ

Marina Silva Pereira Soares (UFC)

RESUMO
Muitas vezes, Literatura e História se misturam para trazer um panorama mais amplo sobre certas questões. A Literatura Brasileira do século XIX tinha como principal objetivo reescrever a história do país, visando a construção de uma nova nação há pouco independente. Um grupo importante nesta construção foram os negros, mas que foram esquecidos ou deliberadamente apagados. As narrativas sobre suas lutas ficaram a dispor da oralidade, contada de boca em boca por seus pares que sobreviveram. Outras foram contadas por brancos que apagavam o corpo e a voz do negro, mesmo quando sua intenção era lutar por ele. Desta forma, quando tentamos entender a História através da Literatura é difícil encontrar as vozes que verdadeiramente deveriam ter falado. Até então, o registro escrito ficou a cargo dos literatos brancos da alta sociedade. Na intenção de resgatar as vozes negras, o presente artigo tem como objetivo apresentar um panorama da história negra cearense através da literatura, por meio de duas escritoras cearenses, uma que vivia à época da abolição e outra atual. A pesquisa, de cunho bibliográfico e qualitativo, tem o intuito de avaliar e comparar as obras A Rainha do Ignoto (1899), de Emília Freitas (1855-1908) e As lendas de Dandara (2015), de Jarid Arraes, para buscar diferenças e talvez semelhanças nas formas de abordar e enxergar o negro e a conturbada questão abolicionista. Para tal, serão utilizados como aportes teóricos sobre literatura feminina e literatura decolonial os escritos de Oliveira (2007), Muzart (1995), Coelho et al (2021) e Quintero et al (2019). A partir destas análises, podemos notar a mudança de perfil dos representantes literários que trabalham com a temática sobre o negro e a questão abolicionista, manifestando uma visão decolonial da literatura e permitindo que vozes antes excluídas sejam agora ouvidas.
Palavras-chave: Escravizados. Abolição. Literatura Cearense.

“AVERIGUAÇÕES”: A REPRESENTAÇÃO DO PERSONAGEM MALANDRO EM UM SAMBA DE WILSON BATISTA

Sávio Augusto Francisco Da Silva (UFPE)

RESUMO
As composições de sambas cariocas das décadas de 20 e 30 do século XX de origem proletário-negra nos apresentam um personagem peculiar que permaneceu no imaginário nacional: o malandro. Signo ambíguo que transita entre a fragilidade econômico-social, o preconceito e a esperteza para driblar as adversidades oriundas dessa condição. O personagem, com seu modo de viver e identidade, tensionava o campo da ordem e o projeto de higienização da sociedade brasileira que objetivava apagar as memórias e os laços culturais étnicos com o passado escravocrata (Wissenbach, 1998). Assim, com base nos estudos teóricos de Matos (1982), Dealtry (2009) e Sodré (1998), objetivamos, por meio de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, aprofundar a perspectiva em relação ao personagem malandro à partir de um estudo sobre a formação do samba como elemento cultural de origem afro-brasileira e da análise interpretativa da canção “Averiguações”, de Wilson Batista, um dos principais compositores do veio temático “samba de malandro”. Nesse sentido, defendemos as letras de samba como obras literárias nacionais legítimas (Dalcastagne 2012) e seus compositores, sambistas de origem periférica, agentes de suas próprias narrativas, escritores e produtores de obras literárias que podem e devem ser apreciadas no seu caráter estético, histórico e político, servindo como elemento para uma compreensão aprofundada do personagem malandro.
Palavras-chave:

MEMÓRIA COLETIVA E INDIVIDUAL ATRAVÉS DA VOZ DE TITUBA, DE MARYSE CONDÉ

Karina Chianca Venâncio (UFPB)

RESUMO
Autores contra coloniais, em suas narrativas, vêm explorando a questão da conscientização no que concerne o esquecimento da história sofrida por povos que foram colonizados, desmistificando algumas das imagens préconcebidas sobre a colonização e a escravidão. Trata-se de obras que expõem uma narrativa sobre eventos históricos fundadores de países que passaram por um processo de colonização, mas que permanecem silenciados pela história oficial. Nessa perspectiva, abordaremos a reescrita da história por vozes que foram historicamente apagadas. Na volta ao passado, passado este que originou a estrutura social contemporânea, podemos refletir acerca da nossa própria identidade em permanente construção. Maryse Condé (1934-2024), autora guadalupense francófona, assim como outros autores da literatura caribenha de língua francesa, a exemplo de Simone Schwars-Bart (1938-), Patrick Chamoiseau (1953-) e Gisèle Pineau (1956-), explora essa temática. Neste trabalho, apoiamo-nos no romance Moi, Tituba, sorcière ... Noire de Salem (Eu, Tituba, bruxa ... negra de Salem), publicado em 1986 pela editora Mercure de France e traduzido em várias línguas, inclusive em português. Através de sua narrativa, Condé reabilita a história utilizando uma personagem que realmente existiu na época dos julgamentos de Salem, nos Estados Unidos do século dezessete, Tituba, ressignificando preconceitos, explorações, torturas, sofrimentos físicos, psicológicos ... vividos por escravos negros na formação do continente Americano. Neste estudo, essas questões serão colocadas e evidenciadas, assim como o trabalho sobre a memória coletiva e individual e a formação de uma identidade plural, crioula. Para o nosso estudo, utilizaremos a fortuna crítica da área de estudos culturais, além
Palavras-chave: Literatura contra colonial; Maryse Condé; memória; identidade.

CANTO SOBRE ILUSTRES DESCONHECIDOS: O PERCURSO POÉTICO E MUSICAL POR UM SERTÃO ANTIGO EM SOLO PARA VIALEJO

Stella Maria Palitot Dias de Lacerda (UFPB)

RESUMO
Solo para vialejo (2019) é uma incursão memorialística de Cida Pedrosa à sua infância em Bodocó, no sertão de Pernambuco. Boa parte dessas memórias parece estar inscrita em um campo sonoro. A musicalidade é um fio condutor importante para esse extenso poema com características épicas e líricas. Transformar a história recente de uma cidade sertaneja em epopeia é um gesto substancialmente contracolonial, pois atribui à essa periferia um lugar de destaque contrário ao apagamento habitual conferido aos sertões. Ademais, as representações dos espaços, ambientes e sujeitos contemplam complexidades e contextualizações extralinguísticas que vão de encontro aos estereótipos construídos sobre os sertões pelas elites nacionais e locais, conforme explicam Trindade Lima (1998) e Albuquerque Júnior (2012). Uma das práticas que contribui para esse resultado é a exploração das histórias de personagens desconhecidos, habitantes de uma Bodocó antiga. Conhecê-los possibilita não só um envolvimento mais profundo com a ambientação da obra, mas também o reconhecimento de figuras familiares aos leitores em suas experiências de recepção. Esse reconhecimento, por sua vez, pode fortalecer uma cultura de pertencimento (hooks, 2022) essencial à resistência de sujeitos atravessados por sistemas de opressão. No mesmo sentido, Pollak (1992) esclarece que os elementos constitutivos da memória são os acontecimentos vividos pessoalmente, vividos pela coletividade à qual se pertence, e eventos que se situam em espaços-tempos aos quais não se pertence, por meio de projeção ou identificação. Essa transmissão de memórias pode ocorrer através de lugares e pessoas ou personagens, e a memória construída coletivamente, herdada, é fundamental para desenvolver um sentimento de identidade. Assim, Pedrosa compõe um poema musical com repetições de palavras, aliterações e evocações a músicos e canções famosos ou desconhecidos, enquanto envolve seus personagens nesse tecido sonoro. O seu solo é também um canto sobre ilustres desconhecidos, familiares à constituição dos sujeitos e espaços sertanejos.
Palavras-chave:

PERTENCIMENTO E (I)MORALIDADE DOS CORPOS-SERTÕES NA LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XXI

Ana Cláudia Félix Gualberto (UFPB)

RESUMO
No imaginário nacional há uma idealização do que é sertão, do que é ser sertaneja, como se esta categoria fosse homogênea, não fosse atravessada de diferenças, interseccionalidades, como se houvesse apenas uma representação possível para este espaço, lugar, não-lugar, entre-lugar. Como desconstruir esse imaginário do sertão que vem sendo elaborado desde a formação da literatura brasileira, por autores e obras que contribuíram/contribuem para a construção desse imaginário nacional sobre a ficcionalização do Sertão e do que é ser sertanejo, tais como: "Os sertões" de Euclides da Cunha, "Grandes sertões: veredas" de João Guimarães Rosa, "Vidas secas" de Graciliano Ramos e "O quinze" de Raquel de Queiroz. Deste modo, quais veredas epistemológicas percorrer? Como desvelar os diversos lugares de enunciação, espaços identitários que transitam no sertão sem cair na armadilha do essencialismo, da estereotipia? Quais ferramentas metodológicas poderiam ser usadas para compreender este(s) sertão(ões) desmembrado em tantos espaços geográficos, psíquicos, linguísticos, sociais, históricos, culturais, políticos? Como mapear, pelas diferenças e/ou semelhanças, rupturas e/ou permanências? Este trabalho busca, portanto, refletir sobre a (i)mobilidade de corpos-territórios pertencentes aos sertões do Nordeste na literatura brasileira do século XXI a partir das teorias contra coloniais.
Palavras-chave: sertão; literatura brasileira; contra colonialidade.

SUBALTERNIDADE E RESISTÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE O SERFEMININO E O SEU LUGAR EM “A DIVORCIADA” E “99 PROBLEMAS”

Lisane Mariádne Melo de Paiva (SEEC-RN)

RESUMO
Este artigo apresenta análises introdutórias sobre as aproximações e dicotomias observadas a partir da leitura comparativa entre as representações femininas construídas pelas autoras nordestinas Francisca Clotilde e Duquesa, respectivamente, no romance “A Divorciada” e na canção “99 problemas”, esta última em parceria com a também rapper MC Luanna. Para tanto, considera-se que o feminino nas produções busca seu estar e falar em meio ao ser mulher entrincheirada no conflito engendrado pelo outro: homem. Nesse sentido, há o enraivecer-se, despedaçar-se e deslocar-se em uma construção física e psicológica rumo a um presente que as reflita e justifique sua (r)existência, cientes de que, como nordestinas, a romancista cearense e a rapper baiana constroem pontes não apenas sobre gênero; há geografias de relações interpessoais, mas também às da terra. A fim de alicerçar este estudo, o olhar de Bell Hooks (2019) e de Judith Butler (2003) quanto às questões de gênero, bem como a ótica de Gayatri Spivak (2010) acerca da subalternidade foram tomados como centrais para esta pesquisa. De tal forma, este artigo pretende abrir possibilidades, e não conclusões frente às leituras por ele sugeridas. Sendo assim, trata-se de um construto em andamento a fim de contribuir para a crítica literária especialmente aquela cujo foco volta-se à mulher do nordeste nas artes brasileiras, não somente por sua representação como também por sua autoria.
Palavras-chave: Literatura feminina brasileira; Rap feminino; Resistência; Subalternidade; Poema canção.

LITERATURA CONTRA-COLONIAL E FEMININA: MEMÓRIA E IDENTIDADE EM “DESPEDIDA DE JUAZEIRO DO NORTE” DE JARID ARRAES.

Carina Targino Gomes (UFPB)

RESUMO

A literatura contra-colonial emerge como uma resposta crítica às narrativas eurocêntricas e coloniais que historicamente dominaram o discurso acadêmico e cultural. Como Ferrara e Carrizo (2020) destacam, a colonialidade do poder perpetua uma visão eurocêntrica como única válida, marginalizando outras formas de conhecimento e experiências. A literatura feminina, em particular, desempenha um papel crucial no processo contra-colonial, ao destacar as experiências e vozes das mulheres, muitas vezes silenciadas pela colonialidade, ela ressignifica o sistema dominante ao integrar perspectivas que desafiam e enriquecem o panorama cultural e intelectual. Isso traduz-se em uma prática literária que não apenas critica o passado colonial, mas também constrói novos espaços para a expressão e o conhecimento. É neste espaço literário que Jarid Arraes mostra a força da história, a cultura de pertencimento e a memória coletiva de diversas mulheres em território sertanejo. Nascida em Juazeiro do Norte, na região do Cariri (CE), Jarid é cordelista, contista e poeta e observamos, a partir de sua escrita, que cada palavra é vivida e que os conceitos surgem extraídos da própria experiência de ser mulher, ser negra e ser nordestina. Com isso, o objetivo deste estudo é observar no conto “Despedida de Juazeiro do Norte” presente na obra “Redemoinho em dia quente” (2019), como as memórias coletivas, conexões emocionais e relações pessoais, todas contextualizadas dentro da atmosfera única de Juazeiro do Norte, uma cidade culturalmente significativa no Ceará, fazem parte do processo de construção da subjetividade e da identidade da protagonista. Realizaremos uma pesquisa qualitativa, utilizando pressupostos teóricos de autoras que abordam o feminismo, como Jessica Antunes Ferrara e Silvina Carrizo (2020), e Curiel (2019). Além disso, para apoiar a discussão sobre Sertanidades, recorreremos a artigos de Ana Maria Veiga e Vânia Vasconcelos (2019) e utilizaremos textos de Lélia González (2020) para fundamentar a análise sobre questões raciais.

Palavras-chave: Identidade. Jarid Arraes. Literatura Contra-Colonial. Literatura Feminina. Memória.

SIMPÓSIO 11
CONFLUÊNCIAS DE SABERES E RESISTÊNCIA: HISTÓRIA, QUILOMBOS E CONTRACOLONIALIDADE NA LITERATURA

Organização do Simpósio
Silvanna Kelly Gomes de Oliveira (UFPB)
Mylena de Lima Queiroz (UECE)
Vanessa Bastos Lima (UERN)

RESUMO
Antônio Bispo dos Santos, mais conhecido como Nêgo Bispo (2023), destaca que a primeira atitude do colonialismo é a renomeação, um gesto que reconfigura e muitas vezes apaga identidades e histórias. Isso é evidente na história da literatura brasileira, que muitas vezes perpetua estereótipos e reproduz desigualdades relacionadas a gênero, raça, classe e regionalidade. Contudo, existe uma corrente crescente de obras literárias que não apenas expõem essas discrepâncias, mas buscam "hackear" esses legados coloniais. Nosso simpósio temático propõe uma reflexão crítica sobre as literaturas de língua portuguesa, assim como sobre narrativas de outras origens, que desafiam a colonialidade por meio da contracolonialidade e dá contracolonização. Inspiramos-nos em pensadores como Muniz Sodré (2017), Leda Maria Martins (2021), e Ailton Krenak (2023), que examinam culturas e saberes diversos. Além desses autores, Chimamanda Ngozi Adichie, em sua obra “O Perigo de uma História Única” (2009), ilumina a importância de múltiplas narrativas para evitar a simplificação e a marginalização cultural. Incorporamos também discussões sobre o quilombismo, abordando a resistência e a resiliência histórica dos quilombos como espaços de liberdade e preservação cultural. Assim, trazendo confluências que promovam o diálogo entre escritores contracoloniais e suas vivências literárias – e para além delas –, é possível rasurar o totalitarismo da palavra dentro dos cânones históricos e literários, dando voz a seres compartilhantes que almejem desenhar outras narrativas de si e do outro. Este encontro visa, logo, a pensar como essas literaturas e teorias podem colaborar na sobrevivência de uma história mais inclusiva e representativa, reavaliando os modos de vida e as culturas não eurocentradas, e propondo novas maneiras de entender a intersecção entre história e resistência - das periferias, dos sertões/agrestes, dos muitos recantos deste país.
Palavras-chave: Contracolonialidade. Quilombismo. Narrativas diversais.

A ANIMALIZAÇÃO DO SER HUMANO: UMA ANÁLISE SOBRE OS IMPACTOS DO COLONIALISMO EM RUANDA A PARTIR DA OBRA BARATAS DE SCHOLASTIQUE MUKASONGA

Joarlan De Sousa Colaço (UFCG)

RESUMO
O presente trabalho tem o intuito de analisar e refletir sobre os impactos do colonialismo europeu, bem como dos silenciamentos desse continente no pós-colonialismo e os impactos dessas ações para com o povo de Ruanda. Buscando em um primeiro momento entender como se deram as relações de poder entre o regime colonial e a elite ruandesa e, como essa relação afetou e segregou grande parte da população, sobretudo das etnias Tutsi e Hutu. Mais adiante nos debruçaremos sobre as questões e discursos de ódio que "animalizaram" seres humanos e com isso incorreram no maior genocídio pós-holocausto que se tem notícia. Nesse segundo momento teremos como principal subsídio teórico a obra Baratas da ruandesa Scholastique Mukasonga. Nossa busca parte de um colonialismo a partir do próprio homem colonizado. Para tanto, nos apoiaremos em nomes como Frantz Fanon (2005), Beluce Bellucci (2010), Butler (2021), Mukasonga (2018), entre outros. Por fim, embora um déficit historiográfico da história de Ruanda, aja vista que as principais informações que se tem sobre esse país da África Central atém-se ao genocídio de 1994. Nossa pesquisa pretende apresentar dados e conclusões acerca de Ruanda desde o regime colonial belga (1918 – 1962) e suas interceções com outros colonialismos ocorridos em África, até o pós-colonialismo e pós-genocídio Tutsi em 1994.
Palavras-chave: Ruanda. Colonialismo europeu. África. Animalização.

AS FACES DE NZINGA: ANÁLISE COMPARADA ENTRE A LITERATURA ANGOLANA E AS ARTES VISUAIS

Jandira Miguel Dala (USP)
Mário Ramos Francisco Júnior (USP)

RESUMO
Esta pesquisa tem o objetivo de analisar, a partir da perspectiva da relação entre literatura e história, a construção discursiva da personagem histórica e cultural angolana Nzinga Mbandi, no romance A Rainha Ginga E De Como As Africanos Inventaram O Mundo (2015), do escritor José Eduardo Agualusa. A análise aprofundada dessa personagem nos conduz, tangencialmente, a algumas questões que aproximam literatura e cultura e que são de grande importância para esta pesquisa, a saber: a relação entre ficção e história; os contrapontos entre a literatura angolana e a literatura europeia, a partir do imaginário sobre a rainha Nzinga Mbandi; e o modo como projeta-se, na construção discursiva da personagem, a própria construção discursiva da angolanidade, uma vez que na literatura europeia Nzinga, descrita como uma rainha barbárie, selvagem, soberba e muito ambiciosa. Por essa razão a proposta pretende discutir a personagem no romance A Rainha Ginga e de Como os Africanos Inventaram o mundo, de Agualusa e na estátua Nzinga Mbande (2018), localizada em Luanda, Angola. Esse espaço e sua condição cultural, relacionado à construção da personagem principal, torna-se também relevante para nosso estudo, que propõe uma discussão de base literária, porém que aponta para questões políticas, sociais e culturais que conformam, junto a outros aspectos, o imaginário angolano. Entretanto, a história da brava rainha Nzinga Mbandi não está presente só no imaginário dos angolanos, pois as narrativas sobre Nzinga fazem parte da memória cultural de todo o mundo afro descendente das Américas e do Caribe (MATA, 2012). Ela é celebrada em culturas orais, em religiões afro-brasileiras e até mesmo, recentemente, foi fonte para a criação de um documentário produzido pela Netflix, que trata sobre a luta e resistência dessa mulher.
Palavras-chave:

AS VOZES DA PERFORMANCE: UMA ANÁLISE DO POEMA 'MENIMELÍMETROS', DE LUZ RIBEIRO

Raíssa De Farias Vitoriano Pereira (UFCG)
José Hélder Pinheiro Alves (UFCG)

RESUMO
Neste artigo, apresentamos a análise do poema "Menimelímetros", de Luz Ribeiro, uma poeta-slammer paulistana, negra, campeã do Slam Br, em 2016, e vice-campeã da Copa do Mundo de Slam de Paris, em 2017. O objetivo é apresentar, a partir de uma análise comparativa entre o poema escrito e sua respectiva performance em apresentação de slams, disponibilizadas no Youtube, de que modo os textos se aproximam e se distanciam, e quais elementos dessas performances são capazes de estruturar uma poética própria. Para tanto, a noção de performance trabalhada aqui estará ancorada nos postulados de Paul Zumthor (2014) e Leda Maria Martins (1997, 2002, 2003, 2023). Além disso, analisaremos o modo como a dimensão corporal e performática participam da construção de uma voz dissidente e descentrada, que encontra no cotidiano da comunidade periférica uma outra episteme para pensar a constituição dos saberes. O poema aqui analisado questiona elementos como "saber", "poder" e "corpos marginalizados", a partir de uma perspectiva reivindicativa de novos espaços e contracolonial. Nesse momento, valeremo-nos do conceito de (1) vocalidade de Zumthor (2005), que analisa o comprometimento da corporeidade do performer, mediada pela voz, na construção dos sentidos; (2) de oralitura, de Martins (2023), que enxerga no registro oral e no que se repete, da voz, no corpo, o surgimento de uma nova episteme, uma transcriação de saberes e uma recriação estética da linguagem; e (3) de vozes singulares, de Adriana Cavarero (2011), que reflete acerca da singularidade dos sujeitos que é ativada pelo discurso, mediante do movimento da voz. Esta é, portanto, uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, de cunho analítico e que defende a existência de elementos próprios da performance como constituinte da literariedade de determinados textos.
Palavras-chave: Poesia. Performance. Slam. Voz. Corpo.

A ESCRITA COMO POSSIBILIDADE CONTRACOLONIAL: REESCRITAS DA MULTIDÃO

Mylena de Lima Queiroz (UECE)

RESUMO
Escrever e teorizar sobre literatura nos foram apresentados – se pensarmos que a história da literatura brasileira é marcada por apagamentos, formações de estereótipos e repetições de desigualdades de gênero, região, raça e classe – como atos possíveis apenas para grupos seletos. Na contramão, notamos resistências e "hackeamentos" dessas desigualdades, estas enquanto reminiscências do colonialismo. Interessa-nos aqui pensar como leituras e escrituras enquanto atos e perspectivas contracoloniais apontam para modos de semear saberes que contrariaram e contrariam a colonialidade e as suas desconexões. As escritas e as reescritas das multidões nos mobilizam. Para isso, colocamos em diálogo conceitos como contracolonização, de Nêgo Bispo (2023) e literatura de multidão, de Luciano Justino (2015), ao pensarmos as obras de Carolina Maria de Jesus (2014) e Geovani Martins (2018).
Palavras-chave:

DA POESIA DO CORPO PARA A POESIA DA ALMA: A (RE)CRIAÇÃO DAS SUBJETIVIDADES DAS INFÂNCIAS DE MENINAS NEGRAS NA FICÇÃO DA AUTORA TAYLANE CRUZ

Bianca Barros Viana Menezes (UFPB)
Maria Eduarda De Melo Paulino (UFPB)
Franciane Conceição Da Silva (UFPB)

RESUMO
O presente resumo pretende investigar as múltiplas formas de violência enfrentadas por mulheres negras, legados do colonialismo escravocrata e do patriarcado sexista, focando especificamente no abuso e exploração sexual de meninas negras retratadas nas obras do gênero conto da escritora sergipana Taylane Cruz, uma vez que apresentam o racismo, o patriarcado e a dominação capitalista como pilares interligados que perpetuam essas violências ao longo dos séculos e são representadas no seu âmbito literário. Através dos conceitos de racismo cotidiano, ferocidade poética e devaneio poético, o estudo pretende desvelar as complexas interações entre violência, gênero e raça nas infâncias de meninas negras. A análise das obras "A Pele das Coisas" (2018), "O Sol dos Dias" (2020) e "As Conchas Não Falam" (2024) revela os recursos estéticos que a autora utiliza para reconstruir as subjetividades dessas personagens, ressignificando suas experiências em contextos de opressão. Além disso, o conceito de Corpo-Território, que integra corporeidade e geografia, oferece uma leitura inovadora das relações de poder e espaço nas narrativas da autora. Metodologicamente, a pesquisa combina revisão bibliográfica e análise textual, ancorando-se em teóricos como Grada Kilomba, Lélia Gonzalez, bell hooks e Conceição Evaristo. Esse arcabouço teórico enriquece a compreensão de como a literatura da jovem escritora sergipana transcende a representação da violência, convertendo-a em expressão estética e política. A pesquisa destaca a singularidade da escrita de Taylane Cruz e contribui significativamente para o debate sobre a representação literária das vivências de meninas negras, abrindo novas perspectivas sobre raça, gênero e infância na sociedade contemporânea.
Palavras-chave: Literatura Afro-brasileira; Taylane Cruz; Corpo-Território; Infâncias Negras.

É A LUTA QUE DEFINE TUDO!': LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIAS DE MULHERES QUILOMBOLAS.

Valéria Correia Lourenço (UFC)
Atílio Bergamini Júnior (UFC)

RESUMO
O presente trabalho analisa, em um primeiro momento, as representações de quilombos e de quilombolas que aparece(ra)m na literatura brasileira, em especial, nos romances "O mulato" (1881/2015), de Aluísio de Azevedo, "Ponciá Vicêncio" (2003), de Conceição Evaristo, "Um defeito de cor" (2006), de Ana Maria Gonçalves e "Torto arado" (2019), de Itamar Vieira Junior. Na segunda parte, entrevistas realizadas com mulheres quilombolas do Ceará, da Bahia e do Maranhão trazem para o centro da cena, as histórias, memórias e as lutas dessas mulheres. Em um diálogo teórico com Alfredo Wagner Berno de Almeida, Antonio Candido, Flávio Gomes, Leda Maria Martins, Nêgo Bispo, Silvio de Almeida e Regina Dalcastagnè, analisaremos de que modo essas histórias ampliam o conceito de literatura brasileira.
Palavras-chave:

ESCOLA VIVA DO BURACO D'ÁGUA: UM LIVRO-TERRITÓRIO

Carolina Fonseca (UFPB)
Francisca Vaz (UFPB)
Matheus Ferreira (UFPB)

RESUMO
Este trabalho apresenta o processo de criação literária e gráfica do livro "Escola Viva do Buraco D´água", publicação nascida e florida entre 2023 e 2024, desde esse território de resistência e poesia junto dos mestres Severino de Petenga, Neguinho, Inácio Delfino de Almeida, Antonio Idelfonso da Silva e todos que vieram antes e seguem vindo, anunciando e dançando os entrançamentos do infinito. Trata-se de um livro literário ilustrado, pensando também como um estandarte, como documento poético agregador dos saberes, artes e memórias da comunidade do Buraco D´água e foi composto em três partes: o cordel "Zabumba Adormecido", as biografias dos mestres reunidas em "Acorda memória" e os cantos desta comunidade reunidos em "Oralituras do Buraco D´água". O livro articula relações entre pedagogias de Escolas Vivas, o campo das Artes Integradas e Interdisciplinares e materiais didáticos diferenciados, produzidos em conjunto por uma rede de pesquisadoras universitárias e mestras de comunidades tradicionais. Essas comunidades escolares são referenciadas pelo conceito de "Escola Viva" do Pajé Duã Busã e de "Livro Vivo", do Pajé Ika Muru, ambos mestres professores Huni Kuin do Alto Jordão no Acre, alargando o campo da escola, do livro e dos materiais pedagógicos para a Floresta, as medicinas e outras dimensões do cotidiano. Este livro foi editado no contexto dos projetos de pesquisa intitulados "Escolas Vivas: pedagogias territorializadas e materiais didáticos diferenciados para promoção da interculturalidade como política de educação pública" e "Edições cosmográficas: criação de materiais didáticos interculturais a partir de poéticas e pedagogias vivas."
Palavras-chave:

ESCRITA, ORALIDADE E PRÁXIS-POÉTICA EM TORTO ARADO

Maria Carolina Morais (UFPE)

RESUMO
No ano eleitoral de 2018, num dos vários vídeos do candidato Jair Bolsonaro que circulavam pelas redes sociais, ele estava numa descontraída palestra voltada a empresários, e referiu-se, em tom jocoso, aos quilombolas como animais parasitários. Em 2019, o grande sucesso editorial Torto Arado conseguiu retrucar à fala do futuro presidente pela narrativa literária. Esta apresentação se propõe explorar uma das primeiras e mais decisivas cenas do romance: o corte e a mutilação das línguas de Bibiana e Belonísia, respectivamente. O objetivo é deslindar, em seguida, a importância da oralidade, de sua maleabilidade narrativa e potencial simbólico e prático, para além de seus poderes mnemônicos, trazendo também à baila o papel da escrita como um dispositivo historicamente opressor que pode ser apropriado e subvertido. Pretende-se mostrar como a memória oral quilombola infiltra-se na forma literária do romance para transpirar vozes e cosmogonias ancestrais, contemplando conceitos de justiça que servem também como cola social diante de momentos de acentuado perigo, como o que continuamos vivendo nos últimos 10 anos. Embora Torto Arado apresente de forma robusta artifícios e expressões da literatura escrita, as ações que tramam o ato final conclamam conceitos que passam ao largo de expectativas meramente maniqueístas. Autores cujo pensamento será conclamado a esta apresentação: Antônio Bispo dos Santos, Walter Benjamin, Antônio Cândido, Terezinha Gomes Taborda, Walter Mignolo, Martin Lienhard, Antonio Cornejo Polar, Toni Morrison, Henry Louis Gates Jr., Conceição Evaristo e Jota Mombaça.
Palavras-chave:

EPISTEMOLOGIA CONTRACOLONIAL E ESPAÇO NARRATIVO: REFLEXÕES INSURGENTES SOBRE IDENTIDADES E RESISTÊNCIAS DE POVOS ACÊNTRICOS

Fábio Pereira de Oliveira (UERN)
Wellington Medeiros de Araújo (UERN)

RESUMO
O objetivo deste trabalho consiste em trazer reflexões sobre as dinâmicas que envolvem o espaço geográfico e algumas de suas narrativas por várias transformações provocadas no constante movimento pós-colonial. Contextualizadas com a atual conjuntura de estudos decoloniais e contracoloniais, tais reflexões buscam situar os movimentos que perfazem os eixos do espaço, do território e da aproximação entre ambos por uma perspectiva indígena e negra. Para isso, buscou-se aporte teórico em leituras como as de BISPO (2023), GONZÁLES (1982), KRENAK (2019), SANTOS (2006), e. Ainda, como proposta de fixação das discussões, recorreu-se ao romance “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo (2017), demonstrando como o texto da autora concatena os diálogos entre espaço, narrativas e identidades por meio de uma epistemologia insurgente sobre o capitalismo. Pretende-se, desse modo, compreender como operam os mecanismos de apagamento e resistência de povos acêntricos, marginalizados nesses espaços e em suas narrativas sociais.
Palavras-chave:

LEI 11.645/08: TERRITÓRIO DE DESCOLONIZAÇÃO PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM EM ARTE-TEATRO

Maria Cristina Da Silva Pereira (UFRN)
Tânia Lima (UFRN)

RESUMO
O presente artigo é resultado de pesquisa bibliográfica a partir de estudos sobre a obrigatoriedade, implementação e importância da Lei.11.645/08, no âmbito da educação brasileira. O artigo faz um levantamento e analisa de que forma a referida Lei está sendo aplicada na proposta curricular de importantes cursos na formação de profissionais que irão atuar na formação docente, no ensino e aprendizagem nas instituições de ensino do Estado do Rio Grande do Norte, na modalidade do ensino superior e da educação básica. Analisa-se a relevância da Educação para as Relações Étnico Raciais (ERER), juntamente com o cumprimento da Lei11.645/08 no combate ao racismo epistemológico e sua aplicabilidade na perspectiva de uma educação decolonial na formação e atuação docente no ensino de arte-teatro.
Palavras-chave:

MEMÓRIA, AFRODIÁSPORA E RESISTÊNCIA EM ÁGUA DE BARRELA E TORTO ARADO: UMA LEITURA CONTRACOLONIAL

André Paulo da Silva (UERN)
Maria Cristina da Silva (UERN)
Vanessa Bastos Lima (UERN)

RESUMO
Este artigo propõe uma análise crítico interpretativa das obras Águas de Barrela de Eliane Alves Cruz e Torto Arado de Itamar Vieira Junior, situando-as no contexto da literatura afro-brasileira e destacando suas abordagens sobre a diáspora negra ancestralidade. A pesquisa investiga os relatos das travessias e das vivências afrodiásporicas das personagens, explorando como a memória e a narrativa histórica operam como formas de resistência cultural e recuperação de uma identidade suprimida pela colonialidade. Ao comparar os aspectos afrodiásporicos em ambas as obras, o estudo busca revelar as conexões profundas entre memória, ancestralidade e resistência, evidenciando como os autores Cruz e Vieira Junior utilizam em suas obras narrativas de forma a reivindicar e preservar a memória coletiva negra. O objetivo deste estudo é destacar o papel da literatura negra que traz à baila matéria de extração histórica, na ressignificação e preservação das identidades negras, oferecendo uma leitura crítica e contracolonial das narrativas dominantes sobre a diáspora africana e suas consequências. A metodologia adotada é indutiva e interpretativa, baseada na análise qualitativa do conteúdo das obras, com apoio da pesquisa bibliográfica. Utilizamos como referenciais teóricos Fanon (2008), que discute a desumanização enfrentada pelos negros a partir do processo escravocrata; Nego Bispo (2023) para discutir sobre contracolonialidade; Stuart Hall (2013) e Paul Gilroy (2012), que abordam identidade e cultura na diáspora negra; As considerações finais enfatizam a importância de revisitar e reinterpretar as narrativas ficcionais de extração histórica através de uma perspectiva contracolonial, evidenciando as conexões entre memória, identidade e ancestralidade presentes nas obras analisadas.
Palavras-chave:

MULHERES, CULTURAS POPULARES E POLÍTICA PÚBLICA: UM ESTUDO DO REGISTRO DO PATRIMÔNIO VIVO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL

Karine De Oliveira Moura (UFPB)
Isabel Santana de Rose (UFPB)

RESUMO
No primeiro decênio do século XXI ocorreu um processo de capilarização de políticas culturais voltadas ao registro do patrimônio vivo na região nordeste do Brasil. Estados e posteriormente municípios começam implementar legislações específicas com o intuito de fomentar a transmissão de saberes e técnicas referentes aos fazeres de mestras e mestres da "cultura popular" e da "cultura tradicional" no país. De acordo com Alves (2011), Pernambuco, Ceará, Alagoas e Paraíba são os primeiros estados a instituir iniciativas nessa perspectiva. A partir da produção etnográfica durante o período de realização da pesquisa de mestrado identifiquei uma série de tensões e assimetrias, entre elas o número inferior de mulheres em relação ao número de homens no Registro do Patrimônio Vivo de Alagoas (RPV/AL). Diante desse dado, somando-se o fato desse conjunto ser composto em sua maioria por pessoas não brancas, a interseccionalidade enquanto instrumento teórico-metodológico foi fundamental para a compreensão das demais vias de opressão que passavam a ser identificadas, sobretudo a partir das narrativas dessas mulheres intituladas pela política, bem como das ações pelas quais opera o Estado através da Secretaria de Estado da Cultura. A falta de reconhecimento na esfera pública é inversamente proporcional à liderança que essas mulheres exercem dentro de seus lares e grupos. Além disso, as trajetórias de vida das mesmas demonstram, em sua maioria, como essa ausência também se replica em diversas outras atividades por elas realizadas e evidenciam pontos comuns que possibilitam a discussão de questões sociais mais amplas, experienciadas por mulheres não brancas. Um desses pontos diz respeito ao não reconhecimento dessas como trabalho, o que se replica no papel que desempenham no âmbito da “cultura popular”. Logo, também nesse campo essas mulheres não são interpretadas como trabalhadoras da cultura, mas sim como brincantes, por exemplo, o que cria dentro do processo de hierarquização da cultura (erudita/popular) outras camadas de subalternização. As produções acadêmicas de intelectuais negras, acessadas às margens desse universo, bem como as narrativas das mestras acerca de suas trajetórias foram fundamentais para a construção dessa pesquisa antropológica.
Palavras-chave:

OS CONTOS QUE NOS CONTARAM: A LITERATURA COMO POTÊNCIA LIBERTADORA

William Frederico De Souza Rodrigues (UFC)

RESUMO
Este presente estudo é um já-vem para compreender a oralidade ancestral como uma literatura capaz de uma práxis (FREIRE,2005) de libertação, como enigma exuístico (RUFINO E SIMAS,2018), que procura desvendar os meandros de uma linguagem outra, desvinculada do grafocentrismo imposto pelo mundo Ocidental. Dentro desse quadro de uma literatura menor (DELEUZE E GUATARI,2003), encontramos conceitos que nos ajudam a problematizar o conceito canônico de literatura, como o de Literatura Terreiro (FREITAS,2013), Literatura silenciosa (PEREIRA,2010), oratura (GLISSANT,1981) e oralitura (MARTINS,2006) no intuito de propor uma literatura decolonial de libertação se opondo a letramentos e práticas de linguagens que desconsidere a oralidade como uma práxis de encantamento, como uma atitude diante da realidade (VANSINA,1982) para isso utilizamos o método das ciências encantadas das Macumbas (RUFINO E SIMAS,2018) porque percorremos as crônicas exuísticas e os estilhaços Pelintras (SIMAS,2023), do corpo encantado das ruas (SIMAS,2024), bem como das Pedrinhas Miudinhas(SIMAS,2019) atrás de rodopios (RUFINO E SIMAS,2018) para compreender a oralidade nestas tramas, como exu que é a encruzilhada, o movimento e o caminho. Laroyê!
Palavras-chave:

POESIAS QUILOMBOLAS: DIÁSPORA/MINHA PELE NÃO ENVELHECE/TEJUCUPAPO – HISTÓRIAS, SABERES E RESILIÊNCIA NA ESCRITA DE CRISLAINE VENCESLAU DE ANDRADE

José Bartolomeu dos Santos Júnior (UFPB)

RESUMO
A Comunidade Quilombola Povoação de São Lourenço está localizada na área rural/estuarina do município de Goiana-PE. Certificada pela Fundação Cultural Palmares por portaria publicada em 08/06/2005, a comunidade é remanescente dos Quilombos do Catucá, que compreendiam matas e mangues do Recife(PE) até Alhandra(PB), tendo atuação de líderes nomeados de Malunguinhos na primeira metade do século XIX. Em 2023, a quilombola Crislaine Venceslau de Andrade publicou o livro intitulado "Sou Eu Quem Conto", que contém 13 poesias de sua autoria, desenhos de Narcelia, sua companheira, e fotografias de Narely Carmo dos Santos. Sua obra como título já indica, apresenta as percepções individuais e coletivas daquela que conta histórias, memórias, saberes, práticas e vivências cotidianas de homens, mulheres, jovens e crianças. Nosso trabalho tem por objetivo geral proporcionar visibilidade ao livro coletivo tendo em vista as dificuldades enfrentadas por novos(as) autores(as) negros(as) quilombolas; e como objetivos específicos valorizar e relacionar as poesias como estratégias sociais e históricas de rompimento com aspectos de colonialidades. Através de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, utilizando metodologia hermenêutica (Gonsalves, 2018, p. 116) vamos expor três poesias que enaltecem situações passadas, presentes e futuras, reverberando decolonialidade, como propõe Nelson Maldonado-Torres (2020), Eduardo Oliveira Miranda (2020) e Boaventura de Sousa Santos (2021). Na poesia que homenageia o pai, ela discorre: "sou filha daquele homem que tem medo de morar na cidade e não ter água pra pescar, não ter cana pra cortar, não ter mata para andar e não ter mangue para extrair alimento" (Andrade, 2023, p. 48).
Palavras-chave: Decolonialidade. Poesias. Povoação. Quilombo. Resiliência.

SOU VÁRIAS, IMITO ESTAÇÕES': REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA NA OBRA 'MENINA DE FOGO', DE TAYLANE CRUZ –

Yve Almeida Leão (UFPB)
Bianca Barros Viana Menezes (UFPB)
Franciane Conceição Da Silva (UFPB)

RESUMO
O presente resumo busca investigar as representações da infância negra no romance "Menina de Fogo", de autoria de Taylane Cruz. O estudo tem como objetivo compreender como a personagem principal, uma criança negra e periférica, expressa sua identidade e experiências através do diário que compõe a narrativa, em função da sua experimentação individual e vivência com a alteridade. A pesquisa se justifica pela necessidade de resistir às lógicas epistemicidas e dar voz aos sujeitos historicamente subalternizados, especialmente mulheres e crianças negras. Metodologicamente, optamos pela abordagem teórico-crítica do corpus literário proposto, tendo como fio condutor metodológico o conceito de afroperspectividade. Essa abordagem filosófica será utilizada para analisar a personagem central e narradora da obra "Menina de Fogo", partindo da afroperspectiva do poder da infância. Além disso, o conceito de Ubuntu será explorado para compreender como a personagem constrói suas relações com a comunidade, a natureza e os seres ao seu redor. A análise literária do romance busca identificar como a criança protagonista articula sua vivência individual e coletiva, ressignificando sua infância a partir de uma perspectiva que valoriza suas raízes culturais e ancestrais. Autoras como Neusa Santos Souza, Grada Kilomba e Abdias do Nascimento nos auxiliarão na compreensão da formação da identidade da personagem negra no que concerne a esses processos de racismo, machismo, sexualidade entre outros temas que perpassem a narrativa. A pesquisa também visa destacar a importância de analisar obras literárias que dão voz às minorias e questionam as estruturas sociais dominantes, contribuindo para um novo olhar sobre a infância negra na literatura contemporânea brasileira. Acreditamos que a leitura do romance possibilite pensar quais são as outras infâncias possíveis para crianças negras.
Palavras-chave: infância negra; poder da infância; identidade.

SIMPÓSIO 12
LITERATURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA PARA CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS: ANÁLISES E EXPERIÊNCIAS

Organização do Simpósio:
Concísia Lopes dos Santos (UERN)
Verônica Palmira Salme de Aragão (UERN)
Emanuela Carla Medeiros Queiros (UERN)

RESUMO

A Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394) no Brasil, afirma a necessidade do conhecimento e reconhecimento da História da África, o que inclui sua cultura e literatura. Posteriormente, em 2004, são aprovadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, que orientam para o efetivo trabalho e real cumprimento da lei do ano anterior, do ensino básico ao superior. Nesse sentido, o(a) professor(a) deve assumir a função também de pesquisador(a) para que possa desenvolver, não apenas pedagogicamente, mas também na dimensão da ética, evidenciar a compreensão, o reconhecimento e o respeito , de forma política e social, as relações étnico-raciais na escola. Considerando também a necessidade de se estimular a leitura de autores e autoras africanos(as) e afro-brasileiros(as) na escola desde cedo, propomos este simpósio, no qual serão discutidas obras literárias africanas e afro-brasileiras dedicadas ao público infanto-juvenil e jovem e sua apreciação na escola. Esta proposta de simpósio vem com o objetivo de discutir a literatura para o público infantil, adolescente e jovem, que costuma ser subutilizada e mesmo vilipendiada na escola e também nas universidades, especialmente nas licenciaturas em Letras. Esse descumprimento da lei se torna ainda mais crítico quando se fala em literatura africana e afro-brasileira, principalmente pela falta de profissionais preparados e interessados nessa literatura, resultado de vários anos de ensino de uma literatura eurocêntrica e colonizadora. Serão aceitos estudos já concluídos, em andamento, análises crítico-literárias, propostas de atividades a ser desenvolvidas em sala de aula, seja do ensino básico ou superior, e relatos de experiência.

Palavras-Chave: Literatura africana. Literatura afro-brasileira. Literatura infância.

ENTRE A PALAVRA ESCRITA E A ORALIDADE: INFÂNCIA E MEMÓRIA NAS NARRATIVAS DE ONDJAKI

Cleanne Nayara Galiza Colaço (UFPI)

RESUMO
O presente trabalho objetiva apresentar propostas de relação entre a memória e a infância a partir do corpus O livro do deslembramento (2020), AvoDezanove e o segredo soviético (2009) e o Bom dia, camaradas (2014) do autor angolano Ondjaki. Fundamentado na concepção que as leituras que envolvem as Literaturas Africanas devem possuir perspectivas voltadas as teorias africanas, afrodiaspóricas e decoloniais, a pesquisa deverá percorrer os ideais de encontros sobre quais são as infâncias existentes a partir do corpus em estudo, no qual, por meio da voz predominante das narrativas (o narrador-menino), encontram-se entrelaçadas por meio da memória nas obras. Além disso, analisar que por meio da oralidade e do narrar histórias de "dentro", a literatura africana, encontra-se em construção. O autor quando escolhe o ambiente da narrativa, os discursos, a forma de escrita, as personagens, como falam, o que falam, o que deve ser dito ao leitor, como é dito. A narrativa ondjakiana busca incluir o africano, pela experiência angolana, em um mundo, sem, no entanto, deixar a África fora disso. Dessa forma, entender as literaturas africanas por meio da história, da cultura, da cosmovisão de mundo africana continua sendo os caminhos fundamentais para a sua compreensão. Nesse contexto, a partir das narrativas em estudo, apreender que as vozes dos mais novos representa uma aproximação da África por meio da escrita de Ondjaki. Os pressupostos teóricos estão pautados em Bhabha (2013), Mbembe (2014), Carvalho Filho (2022) e outros.
Palavras-chave:

O RESGATE DA VOZ DE UMA PERSONAGEM NEGRA: UM DIÁLOGO ENTRE "GUARDE SEGREDO", DE ESMERALDA RIBEIRO, E CLARA DOS ANJOS, DE LIMA BARRETO

Alice Vitória Lira Ferreira (UFPB)
Luciana Misael Da Silva (UFPB)
Franciane Conceição Da Silva (UFPB)

RESUMO
Este trabalho tem por objetivo analisar de forma crítica-literária o diálogo entre as personagens Olívia e Clara, presentes no conto "Guarde Segredo", de Esmeralda Ribeiro e, Clara dos Anjos, de Lima Barreto, respectivamente. À princípio, focando na temporalidade, o conto exprime a volta ao passado de Clara, numa reescrita que objetiva descolonizar as vivências da mulher negra passível de violências e invisibilidade no romance de Lima Barreto, reinterpretando-a como detentora de voz e possibilidades visíveis nas experiências de Olívia, demonstrando uma nova perspectiva para a história da personagem. Na sequência, temos a intenção de explicitar o antagonismo nas vozes das personagens com relação às violências sinônimas as quais ambas foram expostas no decorrer das narrativas. Escolhemos analisar a obra e o texto literário citados anteriormente com base teórica no livro "Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano", da Grada Kilomba; no artigo "Racismo e sexismo na cultura brasileira", de Lélia Gonzales e no livro "Vence-Demanda: educação e descolonização", de Luiz Rufino, observando o atravessamento da raça e gênero presente no romance e a quebra de perspectiva provocada pelo conto, situando pontos de entrelaçamentos das opressões na conjuntura temporal em que é ambientado nos textos literários. Ademais, contemplamos com as leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, visando o trabalho desenvolvido como recurso facilitador para futuras análises de características canônicas e contemporâneas nas escolas, por acreditarmos que a escrita de autoria Afro-Brasileira provoca e estimula as/os leitoras/es no processo de identificação.
Palavras-chave: Literatura Afro-Brasileira; Personagens Negras; Raça; Gênero; Educação; Descolonização.

MODOS DE CONTAR NA LITERATURA INFANTOJUVENIL AFRO-BRASILEIRA

Maria Carolina De Godoy (UEL)

RESUMO
Na literatura afro-brasileira, narrativas míticas dos orixás, vocábulos do campo religioso, batidas dos atabaques, cantos, cores e ritos compõem imagens e sons da linguagem literária, e a representação visual é força imagética para a formação identitária da criança. Nesse contexto, torna-se fundamental propor análises e reflexões sobre obras da literatura afro-brasileira destinadas a crianças e jovens a fim de ampliar debates nos espaços acadêmicos. Nesta proposta de trabalho, foram selecionadas quatro obras destinadas ao público infantojuvenil: A força da palmeira, de Anabella López (2014), Num tronco de Iroko vi a Iúna cantar, de Erika Balbino com ilustrações de Alexandre Keto (2014), Irmãs da chuva, de Gabriela Romeu e ilustrações de Anabella López (2021), À sombra da mangueira, de Angelo Abu e alunos do Hakumana (2021). O objetivo principal é mostrar como o texto verbal e as ilustrações contribuem para ampliar a abordagem das obras de protagonismo negro, nos espaços educacionais, e para luta antirracista, utilizando-se a metodologia de pesquisa e análise bibliográficas. As análises, inicialmente, mostram que essas narrativas se centram em temas ligados à cultura africana e à afro-brasileira, entrelaçando de modo instigante linguagem verbal, não-verbal e recursos contemporâneos para acesso à gravação das vozes das crianças – como ocorre na obra de Angelo Abu. Em outras narrativas como Irmãs da chuva e Num tronco de Iroko vi a Iúna cantar, a análise da temática da religiosidade de matriz africana mostra como a inserção desse assunto, desde a educação básica, instiga o debate, sem perder de vista o tom lúdico e os aspectos artísticos e literários das obras. O recorte teórico inicial consiste em publicações sobre oralidade e performance, a partir de Leite e Fernandes (2007, 2012); sobre literatura infantil e juvenil Carvalho (2011), Rosa (2017), Coelho (2003); identidade e tradução cultural, conforme Hall (2000); letramento negro e ilustrações.
Palavras-chave:

VIRGENS, SEM AMORES NEM PAIXÕES": VIOLÊNCIA NO CONTO "AS TRÊS IRMÃS", DE MIA COUTO – ANÁLISE E PROPOSTAS METODOLÓGICAS

Etiene Mendes Rodrigues (UEPB)

RESUMO
A obra de Mia Couto é repleta de cenas de violência, as quais se manifestam das mais variadas formas, da violência da guerra à violência doméstica. "As três irmãs", conto que integra a coletânea O fio das missangas (2004), é um bom exemplo das histórias de violência que permeiam a produção do escritor moçambicano. Trata-se da história de Gilda, Flornela e Evelina, três irmãs que vivem de acordo com as determinações de seu pai, Rosaldo, "num lugar tanto e tão longe", de modo que elas "dele seriam sempre e para sempre", conforme o narrador. Esse trabalho objetiva analisar as formas de violência a que são submetidas as personagens femininas de "As três irmãs". Para além da análise, também visamos elaborar propostas metodológicas que contemplem a discussão do referido conto e a temática da violência contra mulheres. Como fundamentação teórica, recorreremos às reflexões de Chauí (1984), Cevasco (2009), Saffioti (2004), Perrot (2006), Bourdieu (1998), Mata & Padilha (2007), bell hooks (2019, 2019a e 2019b), Colomer (2003), dentre outros. **Palavras-chave:** Conto moçambicano; Mulher; Violência de gênero; Propostas metodológicas.

CINEAB COMUNITÁRIO: PROMOVENDO A REFLEXÃO CRÍTICA E A (RE)AFIRMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL ATRAVÉS DA LITERATURA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM UMA PERSPECTIVA CONTRACOLONIAL

Michel Platini Da Silva Oliveira (UFPE)
Dayse Cabral De Moura (UFPE)

RESUMO
O “CiNEAB Comunitário” é um projeto de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco (PROExC/UFPE) e ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da mesma universidade (NEAB/UFPE). Esse projeto de extensão dedica-se a analisar, apresentar e discutir produções audiovisuais, literárias, musicais e cinematográficas - nacionais e internacionais - sob a égide das relações étnico-raciais no Brasil. Alinhado às diretrizes da Lei nº 10.639/2003, o projeto atua em uma ampla variedade de espaços, incluindo ambientes acadêmicos, escolas públicas, ONGs e movimentos sociais, buscando fomentar reflexões críticas sobre a historiografia e a cultura africana e afro-brasileira, promovendo a (re)afirmação das identidades e epistemologias negras. Assim, a literatura negra ocupa um lugar central nas atividades do projeto, pois a literatura, ao trazer novas interpretações de mundo, transforma-se em um ato de transgressão, subvertendo uma história que, por muito tempo "só trazia a marca, o selo do colonizador" (Evaristo, 2010). Nessa perspectiva, as ações do projeto abordam a literatura sob uma ótica contracolonial, com o objetivo de afirmar a pluralidade histórico-cultural (Bispo, 2023). Um exemplo significativo desta abordagem é o uso do livro infantojuvenil “A rainha Dandara e a beleza dos cabelos crespos”, escrito por Dayse Cabral de Moura, que integra a comissão colegiada do NEAB/UFPE e coordena o CiNEAB Comunitário. Essa obra, como muitas outras utilizadas pelo projeto de extensão, evidencia narrativas que tendem a ser subalternizadas pelo projeto colonial. Dessa forma, atentando-se ao perigo de uma história única (Adichie, 2009), a literatura e os audiovisuais negros se apresentam como um instrumento poderoso na elaboração de uma sociedade mais inclusiva e consciente de sua pluralidade, promovendo assim, a construção de letramentos literário e racial.
Palavras-chave: Literatura negra; Cultura afro-brasileira; Lei nº 10.639/2003.

O PRÍNCIPE E O BAOBÁ: RELAÇÕES (DE)COLONIAIS

Concísia Lopes dos Santos (UERN)

RESUMO
Ao considerar a emergência dos estudos comparatistas neste começo de século 21 e relacioná-los à reversão do pensamento ocidental que, desde o século passado, abala hierarquias e valores, rasura fronteiras já nitidamente fixadas e delineadas, desnaturaliza valores culturais oriundos dos países colonizadores, tendo em seu horizonte a necessidade do conhecimentos das heterogeneidades humanas, das suas histórias e das suas manifestações simbólicas e culturais, definindo-se assim pelo movimento de descolonização do pensamento, propomos neste estudo a comparação entre as obras O Pequeno Príncipe, de Antoine Saint-Exupéry, publicado pela primeira vez em 1943, e O Pequeno Príncipe Preto, de Rodrigo França, publicado em 2020. Considerando-se que se tratam de duas obras de diferentes séculos e continentes, objetivamos analisar como se constroem as personagens protagonistas dessas obras, os seus planetas, suas viagens pelo Sistema Solar conhecendo novos planetas, suas intenções para as viagens, seus valores e culturas. Tal análise tem o objetivo de situar no tempo e no espaço cada uma das obras para, em seguida, destacar e relacionar os aspectos sociais e culturais que as constroem, observando os valores expressos nos seus elementos constituintes de suas heterogeneidades, de suas histórias e de suas manifestações simbólicas. Para isso, dar-se-á destaque ao baobá, que ocupa lugares e significados nas duas obras a partir de diferentes modos de entendê-lo e reconhecê-lo como um elemento natural e cultural representativo de um continente. Quanto à sua finalidade, trata-se de uma pesquisa básica estratégica, de base teórica, que requer obrigatoriamente uma revisão bibliográfica e a construção de novas ideias de modo sistematizado. Do ponto de vista da abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa, cuja responsabilidade da análise das informações coletadas é do próprio pesquisador, a partir da base teórica selecionada. Assim, deve-se compreender como a obra posterior retoma a sua anterior de modo a descolonizá-la.
Palavras-chave:

AS INFORMAÇÕES IMPLÍCITAS NA OBRA “AMORAS”, DO EMICIDA: UMA REFLEXÃO SOBRE O EMPODERAMENTO DA MENINA NEGRA

Isabel Andrade De Lima (UERN)
Leticia Lawany De Morales Silva (UERN)
Verônica Palmira Salme De Aragão (UERN)

RESUMO
O presente estudo tem como objetivo as análises linguístico-discursivas da obra infanto-juvenil “Amoras”, de Emicida (2018), na qual busca interpretar as informações implícitas no livro, tendo em vista o imaginário social de uma menina negra. Inserindo como base as diretrizes curriculares da Lei 10.639/03 que obriga o ensino de história e cultura afro. Como objetivos específicos, a pesquisa busca, principalmente: a) descrever as imagens advindas da linguagem verbal expressa nos versos; b) examinar os conhecimentos linguístico, enciclopédico e interacional; c) interpretar as imagens poéticas construídas pela linguagem verbal implicitamente; e d) analisar os conhecimentos implícitos às imagens poéticas. Para a abordagem das marcas linguístico-discursivas, o estudo fundamenta-se na Teoria da Análise Semiolinguística do Discurso, de Charaudeau (2014), que retrata o Ato de fala, além do Implícito e Explícito no discurso. Não obstante, para a interpretação das imagens linguísticas e poéticas presentes na obra, referentes à construção social de uma menina negra, o estudo se respalda na obra de Ribeiro (2018) e Berth (2019). Já para apoio na fundamentação da literatura infanto-juvenil, abordou-se Coelho (2000). Ademais, para outras reflexões linguísticas, utilizou-se Oliveira (2003). Assim dizendo, trata-se de um estudo bibliográfico que se pauta na abordagem qualitativa, em que serão feitas interpretações linguístico-discursivas e imagéticas. Dessa maneira, o estudo possibilita perceber a importância do reconhecimento, valorização e afirmação de diretos da comunidade afro-brasileira. Tendo em vista o seu empoderamento e a reconstrução do imaginário social. Acredita-se que, ao final do trabalho, as análises linguístico-discursivas propostas contribuam para a valorização da cultura afro-brasileira, por meio do autorreconhecimento das crianças. Além disso, almeja-se que a visão crítica da literatura possibilite a reflexão do contexto social e histórico das crianças negras do país.
Palavras-chave:

ENTRE OLHOS E DESPEJOS: CENÁRIOS DE RESISTÊNCIA REPRESENTADOS PELA MULHER NEGRA NAS NARRATIVAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E CAROLINA MARIA DE JESUS

Fabíola Oliveira Sousa (UERN)

RESUMO
Este estudo corrobora a lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo das escolas no Brasil. Pensando-se no âmbito do ensino de Língua Portuguesa, foi feita a seleção das narrativas "Olhos d'água", de Conceição Evaristo (2016) e "Quarto de despejo: diário de uma favelada" de Carolina Maria de Jesus (2014), próprias da literatura afro-brasileira a fim de que fosse assegurado o cumprimento da lei. Tem-se como objetivo geral analisar como a literatura Afro-Brasileira, através das narrativas de Conceição Evaristo (2016), no conto "Olhos d'água" e Carolina Maria de Jesus (2014), em "Quarto de despejo: diário de uma favelada", pode contribuir para revelar o cenário de resistência e o protagonismo da mulher negra no Brasil. Como objetivos específicos, a pesquisa visa investigar a intertextualidade entre os corpora; despertar a consciência de gênero somada às questões étnico-raciais, por meio da reflexão e interpretação literária; promover ao(a) professor(a) do Ensino Fundamental um material teórico e metodológico no ensino de Língua Portuguesa. Como fundamentação teórica, a pesquisa é respaldada em Gonzalez (1984) e Kilomba (2019) na abordagem das temáticas de gênero e raça. Gotlib (1990) e Gancho (2002) no que tange à compressão dos aspectos que caracterizam o conto e a narrativa. Fundamentam a categoria da intertextualidade Barthes (2004) e Koch (2022). A pesquisa é conduzida pela abordagem qualitativa, em que as narrativas são fontes direta para coleta, análise e interpretação dos dados. Portanto, a base do construto metodológico é bibliográfica com uma abordagem qualitativa. Dentre os resultados obtidos, foi constatada a possibilidade de um ensino que assegura a lei 10.639/2003, mediante a abordagem da literatura Afro-brasileira. A pesquisa, portanto, fornece à professores(as) de Língua Portuguesa um material teórico e prático para a implementação da lei 10.639/2003.
Palavras-chave: lei 10.639/2003. Literatura afro-brasileira. Resistência. Mulher negra. Narrativas.

QUANDO TERRA E COR SE CRUZAM: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA DO ROMANCE TORTO ARADO

Ana Cristina Pinto Bezerra (IFRN)

RESUMO
O texto literário propicia a abertura de vários diálogos que podem ser explorados como uma via para fomentar a competência literária dos estudantes. Uma das abordagens que podem ser destacadas no ambiente escolar diz respeito à dinâmica das relações étnico-raciais, algo que dialoga tanto com o que preconiza a Lei 10.639/2003 quanto com a importância de promover uma educação antirracista ao revisar os espaços de fala negados à população negra, muitas vezes, invisibilizada. Tendo isso em vista, sobressai a importância da presença da literatura afro-brasileira em sala de aula, o que potencializaria a representação das vozes silenciadas no processo de formação do Brasil e que, por vezes, continuam emudecidas no próprio espaço escolar. É considerando essas questões e o paradigma do letramento literário que a proposta de leitura do romance Torto arado (2019), de Itamar Vieira Júnior, foi pensada a partir de experiência realizada com a turma de terceiro ano do Ensino Médio Integrado, do Curso de Agropecuária, do IFRN, Campus Apodi, no ano de 2023. Dentre as múltiplas questões que essa obra apresenta, sublinham-se as especificidades do cenário agrário brasileiro, o que engendra os conflitos seculares pela posse da terra, as relações de trabalho escravizado, a composição de uma dada imagem sobre o produtor rural que habita os sertões brasileiros e a relação que há entre esses aspectos e a questão racial. Dessa maneira, nesta escrita, o foco parte do questionamento de como a prosa de Itamar, a partir da vivência no campo, suscita o olhar sobre a população negra que ocupa e resiste nesse ambiente, de maneira que são analisadas ações de leituras realizadas com a turma, ressaltando os resultados alcançados com tais ações, bem como são propostas outras atividades que podem auxiliar para que tal experiência de leitura seja realizada e tal questionamento seja mais bem elucidado.
Palavras-chave:

ENTRE OLHOS E DESPEJOS: CENÁRIOS DE RESISTÊNCIA REPRESENTADOS PELA MULHER NEGRA NAS NARRATIVAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E CAROLINA MARIA DE JESUS

Beatriz Pinheiro Lucena (UERN)

RESUMO

Este estudo corrobora a lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo das escolas no Brasil. Pensando-se no âmbito do ensino de Língua Portuguesa, foi feita a seleção das narrativas "Olhos d'água", de Conceição Evaristo (2016) e "Quarto de despejo: diário de uma favelada" de Carolina Maria de Jesus (2014), próprias da literatura afro-brasileira a fim de que fosse assegurado o cumprimento da lei. Tem-se como objetivo geral analisar como a literatura Afro-Brasileira, através das narrativas de Conceição Evaristo (2016), no conto "Olhos d'água" e Carolina Maria de Jesus (2014), em "Quarto de despejo: diário de uma favelada", pode contribuir para revelar o cenário de resistência e o protagonismo da mulher negra no Brasil. Como objetivos específicos, a pesquisa visa investigar a intertextualidade entre os corpora; despertar a consciência de gênero somada às questões étnico-raciais, por meio da reflexão e interpretação literária; promover ao(a) professor(a) do Ensino Fundamental um material teórico e metodológico no ensino de Língua Portuguesa. Como fundamentação teórica, a pesquisa é respaldada em Gonzalez (1984) e Kilomba (2019) na abordagem das temáticas de gênero e raça. Gotlib (1990) e Gancho (2002) no que tange à compressão dos aspectos que caracterizam o conto e a narrativa. Fundamentam a categoria da intertextualidade Barthes (2004) e Koch (2022). A pesquisa é conduzida pela abordagem qualitativa, em que as narrativas são fontes direta para coleta, análise e interpretação dos dados. Portanto, a base do construto metodológico é bibliográfica com uma abordagem qualitativa. Dentre os resultados obtidos, foi constatada a possibilidade de um ensino que assegura a lei 10.639/2003, mediante a abordagem da literatura Afro-brasileira. Carolina Maria de Jesus, mulher negra, ao denunciar sua realidade, chama a atenção da sociedade para a desumanização dos(as) seus(as). Conceição Evaristo, mulher negra, narra uma realidade dura, porém cheia de afeto. Ambas revelaram cenários de resistência, também relataram a condição da mulher negra e brasileira, que "Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!", como expressa Olavo Bilac (1919). A pesquisa, portanto, fornece à professores(as) de Língua Portuguesa um material teórico e prático para a implementação da lei 10.639/2003.

Palavras-chave:

DA LEITURA AO LETRAMENTO LITERÁRIO: PRÁTICAS EXITOSAS POR MEIO DO LIVRO A CONDUTORA DE SONHOS, DE ALEXANDRINA AIRES

Fabricia Soares da Silveira Oliveira (UERN)

RESUMO
A leitura é uma prática social fundamental à vida humana, uma vez que por meio dela o leitor adquire habilidades de compreensão, interpretação, argumentação e, por conseguinte, a criticidade do indivíduo, então, é um importante aliada à escolarização. O presente artigo tem como objetivo promover letramento literário por meio da obra A condutora de sonhos, de Alexandrina Aires, onde os estudantes pudessem vivenciar uma leitura fluida, motivadora e inspiradora, que os influenciassem a romper barreiras que dificultam no dia a dia para buscar seus sonhos, assim como na história da protagonista Sandra; promover espaços de discussões sobre problemas sociais como o racismo e o bullying; além disso, vivenciar metodologias que utilizem textos multissemióticos na esfera digital; e por último promover construções de sentidos que a leitura de uma obra literária pode promover na vida de um indivíduo. A pesquisa é interventiva, a qual utilizou a sequência básica da obra literária A condutora de sonhos, de Alexandrina Aires, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Sales Gadelha de Oliveira, como público-alvo os alunos dos nonos anos do ensino fundamental da referida instituição. Observou-se que esse trabalho foi relevante à escolarização dos alunos, uma vez que eles puderam entrar em contato com a literatura e com quem a produz, por meio dela construir sentidos com a vida social de cada um deles. Para isso, entraram em contato com metodologias da rotina da escola, como resenhas, dinâmicas, discussões, infográficos e vídeos. Além disso, o trabalho em grupo foi preponderante em todos os aspectos, principalmente quanto a produção de materiais concretos para apresentação às suas famílias, comprovando que a literatura além de escolarizar, humaniza, socializa e promove cidadania.
Palavras-chave:

SIMPÓSIO 13
LITERATURA INFANTIL /JUVENIL DAS ÁFRICAS E DA NEGRA DIÁSPORA:
MUITAS HISTÓRIAS IMPORTAM

Organização do Simpósio:
Maria Anória de Jesus Oliveira (UNEB/Pós-Crítica)
Maria Angélica de Oliveira (UFCG/PPGLE – UNEB/Pós-Crítica)

RESUMO
Embora contando com importantes e consolidadas pesquisas em nossas instituições acadêmica, a literatura destinada às crianças e aos jovens (Liju), uma área complexa e de grande relevância social, ainda carece de investimentos e visibilidade no campo das Letras, seja no Brasil, seja em países africanos de Língua Portuguesa. Exceções à parte, já se sabe que tal literatura, assim como os produtos culturais, não ficaram alheias às injunções do tempo, endossaram o viés eurocêntrico, racista, conforme evidenciado em distintas pesquisas (Oliveira, 2003; 2022; Debus, 2017; Araújo, 2018; Nascimento, 2019). Levando-se em conta esse problema social nocivo, em 2003, houve uma mudança de conjectura e conquistamos o direito ao ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação brasileira (Lei 10.639/03). Há, portanto, que se refazer as trilhas do caminhar e ressignificar modos de ver/conceber as Áfricas e a negra diáspora nas artes, no objeto livro, no ensino (Moore, 2007). Com esse objetivo, buscamos ampliar as fontes e frentes de lutas no campo da Literatura infantil/juvenil (Liju) incluindo-se, entre estas, as contribuições de Chimamanda Adichie (2008) e áreas afins (Fanon, 2009; Alves e Oliveira, 2023), para ir de encontro aos perigos de *uma história única*. Ou seja, a história restrita ao viés eurocêntrico, em detrimento das cosmovisões que remontam às matrizes africanas e à negra diáspora (Hall, 2003). Serão acolhidas, nesse ST, pesquisas (concluídas e em andamento) e relatos de experiências que tenham aderência aos propósitos expostos no ST. Esperamos, assim, fortalecer as redes de diálogos e interlocuções, com vistas a contribuir com a formação docente e discente na área em foco, fortalecendo outras travessias entre as Áfricas e a sua diáspora.
Palavras-chave: Literatura infantil/juvenil. África negra. Diáspora. Protagonismos negros.

SEMEANDO PALAVRAS NA/PARA INFÂNCIA DE GUINÉ-BISSAU: UMA LEITURA DE DJARAMA: OBRIGADO (2022), DE ELISEU BANORI E LUYSE COSTA

Cristiane Madanêlo de Oliveira (UFRJ/UFF)

RESUMO

No campo literário brasileiro, vem crescendo o número de publicações de autores dos países africanos de língua oficial portuguesa - PALOP e, em consequência disso, o interesse em pesquisas acadêmicas nessa área. Nesse contexto de cinco países, nota-se um número mais expressivo de títulos de autores angolanos e moçambicanos, já havendo alguns nomes consagrados como José Eduardo Agualusa, Ondjaki, Mia Couto e Paulina Chiziane. Quando se trata da literatura bissau-guineense, poucos são os livros publicados no Brasil. No que diz respeito à literatura produzida para crianças, apesar dos incentivos que a lei 11645/08 (reedição da 10639/03) trouxe aos títulos africanos no mercado editorial brasileiro, o número de publicações de autores da Guiné-Bissau é igualmente pequeno. A fim de colaborar com esses campos de estudo literário pouco pesquisados (literatura bissau-guineense e literatura infantil), este trabalho se propõe a analisar Djarama: obrigado (2022), publicado no Brasil pelo escritor Eliseu Banori e ilustrado por Luyse Costa. O autor da Guiné-bissau, que vive e trabalha no Rio de Janeiro desde 2009, já conta com 10 livros publicados. Neste percurso, pretendemos vislumbrar como a história do protagonista Saliu problematiza aspectos da realidade social de Guiné-bissau e das vivências infantis nesse cenário. Para tanto, estabeleceremos diálogo teórico com vozes como Bhabha (2010), Caputo (2005) e Menezes e Santos (2009), dentre outras, a fim de refletir sobre um retrato dessa parcela de África que esta obra oportuniza aos pequenos leitores brasileiros.

Palavras-chave:

DIÁSPORA NEGRA BRASILEIRA: LITERATURA DO DENGO PARA TODAS AS INFÂNCIAS

Elisangela Aparecida Leitão de Oliveira (Colégio Estadual de Tempo Integral Carlos Roberto Arléo Barbosa)

RESUMO
A Literatura Negra Infantojuvenil é uma encruzilhada de saberes e fazeres que revolucionam as questões socioemocionais e culturais do Brasil. Produções essas que afagam não somente as crianças, mas qualquer pessoa e seus estados de infâncias que entrem em contato com a potência dessa literatura entremeada por histórias e memórias que apresentam e representam a ancestralidade africana e afro-brasileira de forma respeitosa, filosófica e afetiva. O principal objetivo da literatura negra infantojuvenil, sem perder a poesia, a ludicidade é fortalecer a construção das identidades de todas as infâncias. Diante desta perspectiva é necessário alinhar a Educação Básica a partir da Lei 10.639/03, destacando-se o campo da História, Geografia, Literatura, Filosofia e Artes, assegurando o espaço da literatura negra infantojuvenil nas escolas, em espaços educativos informais, em eventos culturais. Diante do exposto, é relevante que essa literatura fora do cânone literário alcance o “chão da escola” em tessituras lidas pelos(as) profissionais de educação, desde a graduação nas diferentes licenciaturas para que cada sujeito mediatizado pelas experiências leitoras e escritoras ao formar, forme-se como mediador de leitura, em conexão com as diferentes linguagens.
Palavras-chave: diáspora negra, construção de identidade, literatura negra infantojuvenil, educação básica, lei 10.639/03.

LITERATURA INFANTOJUVENIL DE AUTORIA NEGRA BAIANA: PROTAGONISMOS E AFRICANIDADES

Ana Fátima Cruz dos Santos (UNEB)

RESUMO
O presente trabalho tem como foco de investigação algumas obras literárias infantojuvenis de autoria negra baiana. Trata-se de livros publicados entre 2013 e 2023, na segunda década de sanção da Lei 10.639/03, através da qual se alterou a LDBEN 9.394/1996, tornando-se obrigatório o ensino da história e culturas africanas e afro-brasileiras na educação básica. Nosso objetivo é identificar como a literatura infantojuvenil baiana de autoria negra publicada entre 2013 e 2023 rasura o racismo e inova o cenário literário. Com tal propósito, selecionamos oito obras infantojuvenis dentro do recorte apresentado, cujo cenário da narrativa situa-se no estado da Bahia enquanto um dos elementos para a identidade das personagens quanto às territorialidades. Pretendemos apresentar duas destas obras com suas descrições e resultados alcançados na pesquisa em questão. Sob a metodologia em abordagem qualitativa com pesquisa bibliográfica, temos como aportes teóricos Silva (2001), Oliveira (2003/2010), Santiago (2012) e Trindade (2013), para re/pensar conceitos que encaminham a investigação sobre as obras literárias delimitadas. Em termos de resultados alcançados, identificamos narrativas afrorreferenciadas, pois a protagonistas vivenciam relações familiares, além de expressarem valores civilizatórios afro-brasileiros como a oralidade, musicalidade e corporeidade. Esperamos, com esta pesquisa, contribuir com reflexões na área em foco e suas interlocuções (identidades, relações étnico-raciais, protagnismos negros etc), Lei 10.639/03.
Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Autoria negra. Bahia. Africanidades.

FOGO ANCESTRAL: INFÂNCIAS NEGRAS EM AFROPERSPECTIVA NO ROMANCE “MENINA DE FOGO”, DE TAYLANE CRUZ

Luciano Galdino da Silva Júnior
Franciane Conceição da Silva

RESUMO
O presente trabalho tem como principal objetivo desenvolver, a partir da afroperspectiva, conceito proposto pelo filósofo Renato Noguera (2010, 2012, 2014 e 2019), uma análise literária da obra “Menina de fogo” (2023), da escritora sergipana Taylane Cruz. A partir da análise desenvolvida, discutiremos sobre como as infâncias negras são transcriadas na narrativa poética de Cruz, tendo como base as reflexões colocadas pelo filósofo e intelectual brasileiro Renato Noguera (2019). Por meio deste enfoque a infância não será vista apenas como uma noção biopsicossocial ou categoria geracional, mas também como um modo de vida. Através da cosmopercepção (Oyěwùmí, 2002) afro-brasileira e africana, pensaremos em como a produção literária de Cruz torna-se uma contra-voz ao discurso da literatura canônica, uma vez que propõem um resgate à ancestralidade africana, permitindo que as suas personagens tenham um destino distinto ao que o racismo reserva para jovens e crianças negras. Ao entender a literatura de Cruz como esse lugar que reacende o fogo da ancestralidade, olharemos de uma forma mais detida para as personagens que permitem sentir e experienciar os seus estados de infância (Noguera, 2019), focando em três personagens crianças: Maria (protagonista), Tomás e Adelina. Esse olhar aproximado, além de nos revelar as bonitezas e alegrias da infância, também nos levará a perceber as durezas que permeiam as infâncias das personagens, nos alertando sobre as diversas formas de opressão que estão latentes nas vivências das crianças. Para ampliar nossa análise literária, o conceito de “Ferocidade Poética”, desenvolvido pela Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva em sua tese de doutorado (2018), será basilar para a análise estética da obra. Esse conceito nos permitirá aprofundar a discussão sobre a estilística presente na obra, destacando o valor, a força e a dimensão da linguagem poética de Cruz (2023).
Palavras-chave: Afroperspectiva; Menina de fogo; Infâncias negras; Literatura; Análise literária.

DENGOS, ACONCHEGOS E BRINQUEDOS: NARRATIVAS DE CUIDADO E DE EMPODERAMENTO NAS ENCRUZILHADAS DO DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Maria Angélica de Oliveira (UFCG)

RESUMO
Steve Biko (1990[1978]) defende que sem a Consciência Negra, o povo negro continuará sob o julgo do pacto da branquitude, pois, para esse ativista e historiador, a arma mais poderosa que o opressor possui e a mente do oprimido. Considerando as ideias do ativista, assim como que a literatura infantil e juvenil (LIJU, doravante) deve proporcionar uma representação do mundo que funcione como meio de integração social para as gerações mais jovens (Colomer, 2017), vemos na LIJU uma aliada no desenvolvimento da Consciência Negra quando essa literatura retrata e refrata o sujeito negro de forma positiva, rasurando imagens que afiançam e ratificam vieses ocidentocêntricos racistas e desumanizadores. Com o objetivo geral de investigar como as personagens meninas negras são retratadas em termos de aparência, personalidade, aspirações, desafios e aconchego familiar, viabilizando o letramento racial crítico (Ferreira, 2015), a formação literária e a autoestima, nos propomos a analisar as seguintes obras: O lenço de cetim da mamãe (2024), da nigeriana Chimanada Ngozi Adichie, com ilustrações de Nwa Grace-James; A menina que bordava bilhetes (2011), da recifense Lenice Gomes, ilustrações de Ellen Pestili; A menina que abraça o vento (2017), da carioca Fernanda Paraguassu, ilustrações de Suryara Bernardi; e Corpo, corpinho, corpão (2023), de Ivanke e Mey, ambos argentinos, com ilustrações de Nina Rizzi. Todas escritas após a promulgação da Lei Federal 10.639/ 03 que de forma inconteste impulsionou a produção, ampliação e circulação de obras cujas narrativas trazem o protagonismo negro. Para tanto, realizamos pesquisa bibliográfica e qualitativa, a partir das abordagens voltadas para as relações étnico-raciais, promovidas por autoras e autores como: Beatriz Nascimento (2021 [1989]), Neusa Santos Souza (2021 [1983]), Frantz Fanon (2020 [1952]), Carlos Moore (2007), Steve Biko (1990 [1978]), voltadas para Liju, a partir de Maria Anória de Jesus Oliveira (2003; 2018, 2022); Márcia Tavares (2021), Fúlvia Rosemberg (1984), Maria Nikolajeva (2023), Peter Hunt (2010); e para os estudos foucaultianos concernentes à discussão sobre a escrita de si, as relações de poder/saber/verdade; e por fim, para os estudos decoloniais com base em: Aníbal Quijano (2010); Walter Mignolo (2008), dentre outros e outras intelectuais.
Palavras-chave:

LITERATURA INFANTO-JUVENIL BAIANA DE AUTORIA NEGRA: RESSIGNIFICANDO AS DIFERENÇAS

Daiane Silva de Oliveira Costa (UNEB)

RESUMO
Esta pesquisa resulta de uma demanda legal e urgente, a inserção de conteúdos voltados para o ensino da história e culturas afro-brasileiras e africanas na educação básica. Trata-se de assuntos contemplados nas licenciaturas de Letras da UNEB (Brasil, 2004) através de dois componentes obrigatórios, muito embora ainda haja a necessidade de investir em nossa formação nesse campo. Em se tratando das produções literárias de autoria negra que são destinadas às crianças e aos jovens (Liju), notamos a carência de abordagens na região baiana. Diante de tal lacuna, pretendemos identificar como a literatura infanto-juvenil baiana de autoria negra ressignifica as diferenças? Após a segunda década de sanção da Lei federal 10.639/03 (2013/2023), quais obras apresentam personagens/protagonistas negras no mercado editorial baiano? Para responder às questões/problemáticas, faremos a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, cuja abordagem epistemológica, a princípio, tem como base o campo literário e áreas afins. Destas, destacamos as seguintes pesquisadoras: Ana Célia da Silva (1995; 2011), Maria A. J. Oliveira (2010; 2021;2022), Daniela G. Nascimento (2019), Eliane Debus (2017, Grada Kilomba (2019), dentre outras. Esperamos, no decorrer do percurso investigativo, mapear, selecionar, interpretar, e partilhar os resultados alcançados, contribuindo para a formação docente na área em foco.
Palavras-chave:

UMA NARRATIVA DE PODER: OS ESPAÇOS OCUPADOS PELAS VOZES E CORPOS NEGROS NA LITERATURA

Emanuelle Valéria Gomes de Lima (UEPB)
Luana Micaelhy da Silva Morais

RESUMO
Devido ao seu papel social, a Literatura não está alheia ao processo de ressignificação do imaginário eurocêntrico que antecede os dias atuais, especialmente no Brasil, cuja constituição sociocultural é diversificada e o racismo escancarado. Pensando nisto, o presente trabalho pretende discutir sobre a importância de criações literárias que confrontem a tradição universalizada em torno da imagem e da cultura branqueadas presentes em produções infanto-juvenis brasileiras. Pois, com caráter sintomático e estigmatizado pelo racismo, a representação negra sofre as consequências do embranquecimento, vinculado pela rede capitalista dominante, falocêntrica e racista. Nesse sentido, inferimos que essa reação aos padrões universalizantes surge, em certa medida, por uma conscientização política que se estende à ficção, inscrevendo na história da Literatura uma existência outrora negada. Sob essa perspectiva, este estudo busca, incialmente, demonstrar como a produção O mar que banha a ilha de Goré (2013), de Kiusam de Oliveira, estabelece relação com a Política, a partir de um mergulho consciente da temática negra na literatura voltada ao público mirim. Em seguida, procura investigar a protagonista da obra enquanto enunciadora do seu próprio discurso, revelando uma nova perspectiva do texto literário, em que, tanto voz, quanto corpo, ocupam espaços outrora negados e negligenciados neste campo. Para tanto, a metodologia utilizada para desenvolver as análises deste trabalho se deram por meio de revisão bibliográfica e se fundamentam através das perspectivas de autores como Cuti (2010), Evaristo (2009), Rancière (2005), Davis (2016), Bhabha (2013), entre outros. Como resultados preliminares, destacamos a relevância em analisar criticamente a relação entre literatura, ética e política no contexto de (re)vitalização da cultura negra e, sobretudo, a questão da personagem negra que se anuncia enquanto sujeito de sua própria história. Palavras chave: Literatura infanto-juvenil. Personagem negra. Identidade. Política.
Palavras-chave:

CANÇÃO DA MUDANÇA: UM CONVITE AO PROTAGONISMO INFANTO-JUVENIL NA DESCOLONIZAÇÃO DE CORPOS INFAMES

Alan Alfredo S. dos Anjos (UFCG)

RESUMO
Este trabalho apresenta uma análise do livro ilustrado Canção da Mudança, da poetisa Amanda Gorman e do ilustrador Loren Long. A obra construída por relações verbo-visuais faz um convite às crianças entoarem uma canção que reflita a necessidade de mudanças sociais que geram desigualdades e inferiorização de corpos subjugados. Defendemos que essa obra se apresenta como uma melodia decolonial por instituir ao papel de protagonismo crianças capazes de desenvolverem a consciência crítica das relações de poder que oprimem e segregam aqueles e aquelas que são postos à margem de nossa formação social. Assim, ao discorrermos sobre as construções identitárias como práticas culturais desenvolvidas na sociedade (Woodward, 2009), temos como objetivo propor o livro selecionado como ferramenta para o desenvolvimento do protagonismo infantil-juvenil perante a necessidade de descolonização das ideias opressoras sobre corpos estigmatizados. Como aporte teórico, recorremos aos estudos sobre a colonialidade do poder (Quijano, 1995), do ser (Maldonado-Torres, 2008) e do saber (Mignolo, 2017); os estudos sobre Consciência Negra defendida por Biko (1990) e os regimes de verdades que instituem infamidade a corpos (Foucault, 1969; 1975). Acreditamos que a literatura infantil-juvenil decolonial tende a ser uma imensurável aliada no letramento racial crítico (Ferreira, 2015, 2017). Ademais, nossa pesquisa alia-se a outras “canções” que ambicionem contribuir com docentes na tarefa de romper a rasura imposta pela colonialidade do saber.
Palavras-chave:

VIVER E FAZER ACADÊMICO DE UMA MÃE CIENTISTA NEGRA E VINDA DA FAVELA

Juliana Teixeira Souza (UFRN)

RESUMO
A presente comunicação apresenta relatos de experiências pessoais de uma mulher cientista negra, vinda da favela e mãe de quatro garotos, problematizando a conciliação da gestação e o exercício da maternidade, assim como o interesse em estudar relações étnico-raciais, com sua atuação profissional numa universidade pública federal. Esses relatos são indícios a partir dos quais se pode dimensionar, numa perspectiva particular que de modo algum deixa de se vincular a experiências coletivas, o impacto das relações interpessoais na atuação profissional e produção acadêmica de docentes do Ensino Superior oriundos de extratos socioeconômicos que, até poucas décadas atrás, raríssimas vezes tinham acesso às universidades públicas. Nesse caso, o que se evidencia é como os profissionais de História, ao assumirem determinados posicionamentos políticos, são confrontados à uma concepção simplista da produção do conhecimento, que opõe uma historiografia politicamente engajada, produzida por militantes partidários e movimentos sociais, e uma produção historiográfica orientada tão somente pelos interesses científicos, supostamente imparcial e desinteressada. Longe de expressarem as frivolidades cotidianas do mundo acadêmico, esses relatos são evidencias das pressões que incidem sobre os pesquisadores e que, se não chegam a efetivamente impedir a investigação de determinados temas, levantam graves suspeitas quanto à viabilidade, validade e relevância científica de estudos orientados pelas demandas sociais. Trata-se de uma escrita autobiográfica metodologicamente orientada pela micro-história, o que implica numa narrativa com ênfase em conflitos de classe, gênero e raça. O objetivo será confrontar o ideário da instituição universitária, que se pretende comprometida com a justiça social, a democracia e a inclusão, com as relações sociais e políticas concretas, marcadas por práticas sistemáticas que expressam não apenas o preconceito e a discriminação contra as mulheres negras, como também o esforço em assegurar que permaneçam em situação de desvantagem frente aos homens brancos nas disputas por recursos e status.
Palavras-chave:

LITERATURA INFANTIL /JUVENIL DAS ÁFRICAS E DA NEGRA DIÁSPORA: MUITAS HISTÓRIAS IMPORTAM

Márcia de Cassia Santos Mendes (SEDUC - São Sebastião do Passé/BA)

RESUMO

A Literatura Negra Infantojuvenil é uma encruzilhada de saberes e fazeres que revolucionam as questões socioemocionais e culturais do Brasil. Produções essas que afagam não somente as crianças, mas qualquer pessoa e seus estados de infâncias que entrem em contato com a potência dessa literatura entremeada por histórias e memórias que apresentam e representam a ancestralidade africana e afro-brasileira de forma respeitosa, filosófica e afetiva. O principal objetivo da literatura negra infantojuvenil, sem perder a poesia, a ludicidade é fortalecer a construção das identidades de todas as infâncias. Diante desta perspectiva é necessário alinhar a Educação Básica a partir da Lei 10.639/03, destacando-se o campo da História, Geografia, Literatura, Filosofia e Artes, assegurando o espaço da literatura negra infantojuvenil nas escolas, em espaços educativos informais, em eventos culturais. Diante do exposto, é relevante que essa literatura fora do cânone literário alcance o “chão da escola” em tessituras lidas pelos(as) profissionais de educação, desde a graduação nas diferentes licenciaturas para que cada sujeito mediatizado pelas experiências leitoras e escritoras ao formar, forme-se como mediador de leitura, em conexão com as diferentes linguagens.

Palavras-chave: diáspora negra, construção de identidade, literatura negra infantojuvenil, educação básica, lei 10.639/03.

IDENTIDADES: O RECONHECIMENTO ÉTNICO-RACIAL NO ENSINO MÉDIO

Victor Oliveira da Mota (UFRN)

RESUMO
A partir do pensamento de Stuart Hall (1987) acerca da identidade pós-moderna, considerando os dados do IBGE, com relação a cor da pele e analisando o corpo discente da escola pública estadual do Rio grande do Norte, foram levantadas algumas questões que causavam inquietação, como por exemplo: “Qual a cor da minha pele?” A “qual grupo étnico pertenço?”. Estudantes majoritariamente negros e indígenas que não se reconhecem como tal ou não sabem sua “real” identidade, é uma realidade de muitas escolas brasileiras e nesse contexto foram pensadas ações e atividades sequenciadas em uma disciplina eletiva, abordando inicialmente a temática do racismo estrutural e posteriormente a identidade racial. Essa pesquisa trata-se de um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso do programa de Pós Graduação em Artes - PROFARTES, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em formato de artigo e um ensaio visual, buscando construir um processo de ensino em Artes Visuais e A/R/Tográfico com o intuito de mediar o reconhecimento identitário dos estudantes da 2ª série do ensino médio regular da Escola Estadual Professora Ana Júlia Mousinho, localizada no Parque dos Coqueiros, região da zona norte de Natal-RN. Além disso, busca também a elaboração de produções artísticas, tendo como repertório a arte brasileira e contemporânea, produzida por artistas negros e negras assim como uma enciclopédia negra que servirá como recurso e/ou ferramenta para a comunidade escolar.
Palavras-chave:

DA LEITURA À CONSTRUÇÃO: O LUGAR DA LITERATURA NAS AULAS DE PORTUGUÊS

Cremildo Gonçalves Bahule (Escola Completa Artur Ussene Canana)

RESUMO
Partindo das reflexões de Aranha (1989) e Bloom (2001), me apoio nas obras de Mia Couto [*Chuva Pasmada* (2004) e *O Gato e o Escuro* (2001)] como referências de leitura nas Escolas, primárias e secundárias, de Moçambique, ou como forma de incutir no aluno o gosto pela Literatura para uma posterior criação literária. O aluno lê ou ouve a Literatura na aula de Português para depois produzir os seus próprios textos narrativos, poéticos. Se a Literatura, na nossa ordem social vigente, nos faz transcender a qualquer tipo de sentimentos e imaginação, nos fortalece, nos questiona, nos faz pensar, então, está na hora de ser uma prática importante na aula de Português, na vida da Escola, para que o nosso aluno seja formado como cidadão participativo, justo e com uma vida baseada na equidade. Este artigo pretende partilhar a importância da leitura na sala de aulas.
Palavras-chave: leitura, sala de aulas; aulas de Português; Literatura

PROTAGONISMOS NEGROS DAS ÁFRICAS À NEGRA DIÁSPORA: PARA A NOSSA CRIANÇA RENASCER

Maria Anória de Jesus Oliveira (UNEB)

RESUMO

A literatura é uma porta aberta às dimensões espaciais, existenciais, socioculturais, entre outras mais. No caso das produções africanas e, dentre estas, as angolanas destinadas às crianças e aos jovens, a despeito da obrigatoriedade de trabalharmos com o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as áreas na Educação Básicas destacando-se, dentre estas, o campo da Literatura, da História e da Educação Artística (Lei 10.639/03), tais literaturas continuam desconhecidas em nossas instituições. Diante disso e, considerando o acervo que vimos constituindo nos últimos tempos, pautaremos algumas obras contemporâneas editadas em Angola, os autores e as temáticas principais, a fim de mapear e contextualizar a referida literatura no pós-independência. Para tanto, realizamos a pesquisa bibliográfica, nos respaldamos na teoria e na crítica literária, entre áreas afins. Em termos de resultado, identificamos uma quantidade significativa de obras literárias editadas pela União de Escritores Angolanos, principalmente, abrangendo-se temáticas concernentes à guerra, às relações familiares, a liderança feminina, às finalidades educativas e, também, às tradições culturais africanas. Trata-se, portanto, de narrativas diversas, muito embora desconhecidas em nosso país e, inclusive, em terras angolanas. Atentando-nos à necessidade de contribuirmos para visibilizar mais essas produções, sobretudo no contexto de não implementação a contento da Lei Federal 10.639/03, no que se refere à inserção da história e cultura afro-brasileira e africana na Educação Básica, nos voltaremos às referidas produções, com o propósito de evidenciar a atualidade e a relevância social das mesmas.

Palavras-chave: Angola, literatura para crianças e jovens, narrativas, pós-independência

SIMPÓSIO 14
DAS ÁFRICAS: GRIOTS CONTEMPORÂNEOS

Organização do Simpósio:
Izabel Nascimento (UFRN)
Thales Egídio Macedo Dantas (CERAM)
Tânia Lima (UFRN)

RESUMO
Na tradição africana, a palavra Griots, em sua ancestralidade "bambara", é a arte de contar e decantar o tempo da voz através da oralidade e da escuta. O que se encontra por detrás do testemunho de um contador griots é a própria simbologia do homem que faz do testemunho um valor cultural na cadeia de transmissão oral da qual faz parte. Nas sociedades orais, legitimam-se a histórias dos velhos, mas também a religação entre o homem e a palavra que nasce. O griots não é apenas um contadeiro nômade, mas um sábio que faz uso do pensar da escuta no registo da arte de contar. Na oralitura do gesto, o contador empresta a voz enquanto testemunho daquilo que ele transmite, ao tecer ligação entre a palavra e as coisas sagradas do mundo. O tempo é o que religa o homem ao cotidiano das palavras. Se não há tempo para escutar, não há contação de estórias (Hampâté Bâ). O tempo contemporâneo necessita da voz que escuta, por isso que neste simpósio a intenção é abrigar escutadores, ouvir as vozes de e sobre África. Estamos principalmente interessadas(os) em relatos de jovens estudantes e profissionais africanos que saíram em busca de outras possibilidades de vida e de trabalho, porém, nunca de uma cultura substitutiva. Temos interesse especial por relatos à laia de griots, histórias de vida, de comunidade, de escolas, de músicas, das artes visuais, dos murais grafites, das tradições africanas periféricas. Relatos simples de vida verbalizados a partir do ponto de vista dos locais das culturas, com autoridade e lugar de falas ou "falavras". O simpósio é voltado a pessoas africanas, afrodescendentes, ou não, que tenham relatos de viagens, de vivências, de comidas, de danças; relatos sobre educação e escolas, sobre profissões específicas das culturas africanas. Pessoas que falem na intenção de quebrar paradigmas semeados sobre o *modus vivendi* africano. O que caracteriza este simpósio é a desnecessidade de bases teóricas que se sobreponham ao empirismo dos relatos. Queremos ver fotos reais desmidializadas, cultura passada oralmente entre as descendências, especificidades de roupas, diferenças entre comunidades. A desconstrução do ideário mediano que imagina a África como um país homogêneo, a promoção da África enquanto continente diverso, berço da humanidade; histórias políticas, inventos e tudo que valha a pena reunir, sentar e escutar. Na ciranda de conversa, nós somos o começo, o meio e o começo (Nego Bispo). Aqui, nossa espiritualidade nos guia, nossa ancestralidade nos movimenta. Asé!
Palavras-chave: Oralidade griots. Línguas crioulas. Relatos de experiências.

O DISCURSO LITERÁRIO DE UANHENGA XITU EM VOZES NA SANZALA KAHITU

Leovigildo Domingos António (ISCED-SUMBE – ANGOLA/ÁFRICA)
Tânia Lima (UFRN)

RESUMO
Este estudo tem como foco a integração do conto *Vozes na Sanzala Kahitu,* de Uanhenga Xitu, no Ensino da Língua Portuguesa na 10ª e 11ª classes, correspondente ao II ciclo do Ensino Secundário Geral em Angola. Nesta senda, para fundamentar a pesquisa nos interrogamos da seguinte forma: quais autores e quais obras literárias têm sido objecto de estudo nessas classes? Até que ponto esses autores e essas obras refletem a realidade angolana ou o quotidiano dos próprios alunos? Quais e como são as actividades de compreensão e reflexão nas obras ou textos desses autores? Em que medida o discurso literário de Uanhenga Xitu pode ser integrado no ensino da língua portuguesa? Estas interrogações impõem-se pelo facto de os textos de Uanhenga Xitu, fundamentalmente este aqui, se apresentarem como um legado cultural para as jovens gerações, não obstante serem pouco utilizados em contexto de sala de aula; o que nos leva a afirmar que o seu discurso literário é quase desconhecido por esta franja social. A nossa abordagem surge como uma proposta didáctico-pedagógica para as aulas de compreensão e interpretação textual, tendo em atenção a perspectiva interacionista da linguagem, aliada à sugestão apresentada por Geraldi em *O texto na sala de aula,* sem deixar de olhar para os exercícios de compreensão e interpretação nos manuais de Ensino de Língua desenvolvidos por Antônio Marcushi. O nosso objetivo é identificar as marcas da negritude e angolanidade que legitimem a linguagem literária de Uanhenga Xitu e analisar o discurso literário deste autor numa perspectiva de construção e preservação da identidade sócio-cultural angolana por meio do ensino do português, para que se possa sugerir a incorporação do conto *Vozes na Sanzala Kahitu* nos manuais didácticos de língua portuguesa, como meio de aprendizagem dos valores da cultura tradição bantu.
Palavras-chave: Uanhenga Xitu; Discurso; Angolanidade; Ensino e identidade cultural**.**

A MANIPULAÇÃO DA LÍNGUA DO COLONIZADOR COMO ENFRENTAMENTO POLÍTICO E IDEOLÓGICO – INSTRUMENTO PARA A APROPRIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LITERATURA ANGOLANA, EM UANHENGA E XITU E MANUEL RUI MONTEIRO.

Francisco José Tchilonga (ISCED-SUMBE – ANGOLA/ÁFRICA)

RESUMO

A Literatura é o lugar que agrega múltiplas experiências humanas e, a Língua é das primeiras experiências e que serve como o mais natural meio de transmissão da consciência colectiva. Este trabalho tem por objectivo analisar o modo como a codificação da Língua do colonizador a partir da miscigenação linguística com as línguas angolanas (umbundu e Kimbundu), constitui um instrumento de libertação política e ideológica, mas sobretudo como meio de apropriação linguística para expressar o verdadeiro sentido de um mundo visão que reflecte a angolanidade. A discussão é desenvolvida a partir da análise linguístico-literária de duas obras da Literatura Angolana: *Rio Seco* de Manuel Rui Monteiro e de *Mestre Tamoda e outros contos* de Uangenga Xitu. Nessas obras, assiste-se uma personalização alienante em relação ao ideário da época colonial e ao mesmo tempo a manifestação da consciência espontânea e colectiva sem temer a língua do colonizador. As criações semântico-lexicais, alguns desvios de carácter morfossintáctico como traços da língua Kimbundu no português, são algumas marcas de enfrentamento e desopressão em *Mestre Tamoda e outros Contos* de Uanhenga Xitu. Já a vivacidade fonética e fonológica e a sequencialização morfológica e sintáctica do umbundu no português, assim como o cancelamento da marca de concordância, a ausência dos clíticos e o vigor do sujeito nulo, constituem alguns traços elementares na obra de Manuel Rui Monteiro intitulada *Rio Seco*.

Palavras-chave:

O ALAMBAMENTO NO PASSADO E NOS DIAS ACTUAIS (CASO ESPECÍFICO DOS OVIMBUNDO)

Adelino Tchimbingo (ISCED/Sumbe-Angola)
Orientador: Dinis Vandor Sicala(ISCED/Benguela-Angola)

RESUMO
Alambamento – *alembamento* (okulomba) - casamento tradicional. Trata-se de um conjunto de artefactos familiares e entregas que preparam e legitimam o casamento. Actividade onde uma determinada família junta quantidade de bens necessários para que um membro seu receba uma mulher de outro grupo. O conjunto de coisas relativas a este acto para a mulher pretendida subscreve-se na honra e no respeito tradicional da família desta. É um mérito que consiste no acto de entrega por parte da família do pretendente, diversos artigos em espécie e em moeda à família pretendida e, representa, do ponto de vista cultural, o compromisso, por um lado, da família da noiva que aceita a transferência definitiva da sua filha para a família do noivo, por outro lado, serve de garantia por parte da família do noivo de que a filha alheia é bem-vinda e merecerá todo carinho, apoio e proteção e, concomitantemente, a filha alheia é aceita na família, no Kimbo e na tribo a qual passa a pertencer desde aquele acto. Portanto, o alambamento, que vem do verbo -Lembrar- "consolar" ou seja "okwetcha ovilembu" (coisas, artigos), é apenas um gesto tradicional simbólico dos mais velhos que não deve ser quebrado nem pelas novas gerações, nem pelas gerações vindouras, pois a sua violação pode prejudicar o futuro do lar.Ainda no mesmo acto deve-se trazer: Ngandala,Ondji e Usongo. No tocante à temática do alambamento, subpõe-se ainda a lista de produtos exigidos ao rapaz para pedir a mão da mulher com que se vai casar, o acto hoje tornou-se num grande incentivo para a degradação dos valores culturais e, infelizmente, também em um acto mercantil nas famílias como oportunidades de sobrevivência. O trabalho que nos propusemos a desenvolver enquadra-se no assunto relacionado ao acto do alambamento e consubstancia-se pelo facto de termos detectado que muitas famílias não têm obedecido às regras do acto cultural, tentando modernizá-lo. Assim sendo, temos como pergunta de pesquisa: por que já não se cumpre categoricamente com as exigências do acto do alambamento? E como objecto de investigação temos: o acto do alambamento no povo ovimbundo. A presente investigação apresenta os seguintes objectivos norteadores: conhecer os motivos que levam ao não cumprimento dos artefactos simbólicos que devem constar no dote para o alambamento e aduzir os fundamentos teóricos que sustentam o tema. No contexto desta pesquisa, utilizaremos o método Histórico-Lógico para perceber a evolução histórica por que passou o objecto de estudo desta pesquisa (o alambamento), desde os tempos mais remotos aos nossos dias, dando-nos a possibilidade de conhecer o percurso histórico da abordagem do objecto. Também utilizaremos a Pesquisa Bibliográfica, que permitirá o levantamento bibliográfico, conhecer o que vários autores escreveram sobre o assunto, identificar nos escritos de vários autores sua selecção em fontes primárias e secundárias, tendo contribuído para o esclarecimento do problema da pesquisa.
Palavras-chave: Alambamento; Dote; Noivo; Noiva.

ESCREVIVÊNCIAS, RESISTÊNCIAS E REESISTÊNCIAS DE GRIOTTES CONTEMPORÂNEAS DAS DIÁSPORAS EM VOZES MULHERES DA AMÉFRICA LADINA – MOVIMENTOS DE AQUILOMBAMENTO'

Julia Batista Alves (UNILA)

RESUMO
Conceição Evaristo por meio de suas obras atribui voz àquelas que por tanto tempo foram silenciadas e destituídas de representação, levando o leitor a submergir em uma ficção que espelha a realidade pelo olhar de personagens negras, inseridas em contextos cercados por negligências, violências, desigualdade e racismo. Nesse sentido, o presente trabalho busca analisar a construção das Natalinas nos contos: Quantos filhos Natalina teve? (2018) e Natalina Soledad (2011), de Conceição Evaristo, evidenciando as semelhanças e as diferenças no interior das relações familiares e afetivas que se estabelecem na vida dessas mulheres que recebem o mesmo nome. Como aporte teórico, estaremos pautados, principalmente, nos estudos de Nádia Gotlib (1998), Lélia Gonzalez (1988), Bell Hooks (1999), Denise Ferreira (2019) e Cida Bento (2022); a primeira, traz a conceituação e funções do gênero literário analisado, enquanto as outras teorizam, partindo da perspectiva decolonial e da interseccionalidade, os encadeamentos opressivos e subalternizadores arraigados sobre os corpos femininos negros. No que toca à abordagem metodológica, a pesquisa é de caráter bibliográfico e qualitativo. Conceição Evaristo revela um olhar íntimo e único para as vivências das Natalinas, que em suas histórias singulares, buscam se desprender dos elos que as aprisionam, elos carregados de machismo e racismo. Seja na decisão de escolher a maternidade ou na escolha de seu próprio nome, as duas personagens buscam conquistar sua própria liberdade. A autora representa as dores, violências e a ausência de afetos, buscando, através da literatura, despertar o leitor acerca das problemáticas sócio-culturais no interior da sociedade brasileira.
Palavras-chave: Literatura feminina; escrevivências; afetos.

O CORPO E A ENCARNAÇÃO DO GRITO: POÉTICAS QUE LIBERTAM

Elda da Verónica Leonardo Cau (UEA/ BRASIL /MOÇAMBIQUE - ÁFRICA)
Renata Rolon (UEA)

RESUMO
No presente trabalho se propõe uma reflexão sobre as inquietações que norteiam a representação de corpos femininos na lírica contemporânea moçambicana. Em *O Perfume do Pecado*, 2021, nosso objeto de pesquisa, a poeta moçambicana Matilde Chabana tece uma lírica para desancorar o corpo da mulher dos estereótipos e quebrar formas que o oprimem, o repreendem, o sexualizam, o objetificam e o colocam à serviço do Outro. Em Moçambique, essas formas de conceber o corpo da mulher se sustentam na organização social, no machismo, não só, mas também na educação social, particularmente a que se refere à mulher, que está intimamente ligada a algumas práticas sociais e culturais locais, cujo objetivo é preparar o ser feminino para a vida adulta e para o casamento. Nesses processos, as *madotas*[1] ensinam às mulheres que seus corpos são para servir ao homem, agradá-los sexualmente. *Kulaya*[2] e os ritos de iniciação são exemplos de tais práticas. Assim, tencionamos perceber de que forma Matilde Chabana constrói corpos libertos das formas tradicionais que os oprimem, a partir da análise dos textos que compõem a obra. Nosso objetivo é compreender as figurações do corpo da mulher moçambicana na lírica contemporânea. O *Perfume do Pecado* é uma obra que rompe com os estereótipos socioculturais, ao trazer de forma natural a liberdade sexual feminina, o amor e o desejo. O erotismo que percorre a obra se tornou uma forma de afirmação da feminilidade. Para discutir e fundamentar nossa abordagem citaremos Xavier (2021), Silveira (2013), Soares (2006), Freitas (2019), Pinheiro (2020).
Palavras chave: Corpo. Poesia Moçambicana. Erotismo. Feminino. O perfume do Pecado.

[1] *Madotas* significa Anciãs/ãs do Citswa e Cicope línguas do Sul de Moçambique.

[2] *Kulaya* é prática social que objetiva preparar ou aconselhar, principalmente, às mulheres para o casamento, encarregando-as a responsabiliade de manter um lar harmonioso com o marido e que seja um exemplo para a sociedade.

UMA ANÁLISE DO CRONOTOPO E SUA RELAÇÃO COM A GENEALOGIA DAS PERSONAGENS EM OS PANOS BRANCOS, DE MARIA CELESTINA FERNANDES

Lethicia Ramos Bernardino (UEA)
Renata Rolon (UEA)

RESUMO
À luz da noção de "cronotopo", termo que Bakhtin (2018) pega de empréstimo da teoria da relatividade de Einstein para demonstrar a relação indissociável de tempo e espaço na narrativa, intuímos analisar como essa relação (tempo-espaço) configura-se como elemento estruturante do romance, de modo a condicionar a construção da genealogia das suas personagens. Para isso, nossa perspectiva crítica literária buscará estabelecer diálogo entre visões pós-estruturalistas e pós-coloniais. A interlocução com o pensamento de Bakhtin será estreitada com as formulações de Deleuze (1999) sobre a "Ontologia do passado e psicologia da memória", em leitura de Bergson, com reflexões sobre os efeitos dos conflitos coloniais e as transformações de identidade em contexto de diáspora, com Fanon (2022) e Stuart Hall (2015). A análise descortina o modo como o tempo histórico e o espaço social de produção discursiva é trabalhado pela artesania da escrita literária de Maria Celestina Fernandes. Tal observação, reflete como os contextos de exploração, a guerra pela independência, o pós-independência em Angola e o trânsito geográfico para Portugal não funcionam como meros elementos de plano de fundo da narrativa. Pois estando estes intrinsecamente ligados ao mecanismo narrativo de constituição da genealogia de personagens como Mariana e Beto, madrinha e padrinho coloniais da protagonista, bem como a de seu pai, Santos, os três portugueses; além da trama de Cambundo, sua mãe, natural de Angola, o espaço e o tempo constituem-se como elementos primordiais para que o drama de Glorinha e de Angola seja contado.
Palavras-chave: Cronotopo. Genealogia. Personagens. *Os panos brancos*. Maria Celestina Fernandes

A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA: CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NA DRAMATURGIA JOANNA MINA E NO FILME MUSICAL A COR PÚRPURA

Karolina Mota Gonzaga de Souza (UEA)
Fernando Lucas Leandro de Lima (UEA)
Renata Rolon (UEA)

RESUMO
O presente trabalho analisa a dramaturgia Joanna Mina, de Luciany Aparecida (2022), e o filme musical A Cor Púrpura (2023), baseado no romance de Alice Walker (1982) do mesmo nome – obras que têm no centro de sua narrativa mulheres negras, suas dores e vivências – que incidem temáticas como o patriarcado, o apagamento, a sexualidade e a ancestralidade. Objetivou-se compreender com este estudo, a partir de uma perspectiva comparada e sob o viés dos estudos pós-coloniais, de que forma essas temáticas auxiliam na reconstrução da identidade das protagonistas Joanna Minna e Celie e outras personagens como Bárbara Poderosa e Sofia. Além dessas questões, a análise aponta para a quebra de discursos que emergem nas obras e se lançam contra o legado deixado pelo sistema colonial eurocêntrico, rejeitando as práticas de silenciamento e dando destaque e voz as mulheres negras vítimas de um processo de dupla subalternização. Para fundamentação e embasamento teórico de nossas análises, recorremos ao seguinte aporte teórico: Bonnici (2009), Mignolo (2020) e Schmidt (2022) para compreender os estudos pós-coloniais e a literatura comparada; Spivak (2010) para entender sobre a subalternidade; Oliveira (2021), hooks (2018) e Ribeiro (2017) para a discussões sobre ancestralidade, apagamento, patriarcado e sexualidade. Por fim, nosso estudo aponta para identidades femininas que rompem o lugar de subjugação em que vivem e que estão em constante construção e reconstrução diante das relações de poder implementadas principalmente por um sistema patriarcal ora representado por homens brancos (Joanna Mina), ora por homens negros (A Cor Púrpura) os quais são reflexos de um sistema colonial/patriarcal.
Palavras-chave: Identidade feminina negra. Joanna Mina. A Cor Púrpura. Estudos pós-coloniais. Literatura comparada.

A ARTE VISUAL DE MALANGATANA NO CENTRO DE EDUCAÇÃO RURAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR – COMUNIDADE QUILOMBOLA DE COQUEIROS / CEARÁ MIRIM - RN.

Elionay de Lima Bastos (UFRN)
Tânia Lima (UFRN)

RESUMO
A realização desta pesquisa analisou o impacto das obras de arte do artista moçambicano Malangatana Valente Ngwenya no espectador - estudantes do nono ano do ensino fundamental dos anos finais no Centro de Educação Rural Professor José Tito Júnior (CERU), na comunidade de Coqueiros, no Município de Ceará-Mirim/RN, antes e depois de conhecerem a biografia, contexto histórico e influência artística em diversos contextos e perspectivas. Posteriormente ao questionário utilizado, foi proporcionado um momento de ressignificação, validada como nova expressão das obras de arte apresentadas. O estudo pretende contribuir, através de um percurso de diálogo, nos espaços da escola e fora dela, de modo mais sistemático e significativo com a formação cultural, incentivando o olhar crítico, reflexivo e sensível sobre o mundo e a cultura que nos cercam. Tem como aporte teórico: Hampatê Bâ (2010), Fanon (2008), Mbembe (2014), Navarro (1998) e Barbosa (2012). A metodologia se caracteriza como uma experiência em sala de aula, unindo a pesquisa bibliográfica ao método de investigação escolhido identificado como pesquisa-ação com abordagem qualitativa e Artográfica. Como resultado da pesquisa, observamos que contribuiu para a apreciação e compreensão de diversos aspectos necessários para realizar uma análise de obras de arte visual. Cada obra é complexa e aberta a interpretações multidisciplinares. Suas obras também oferecem uma oportunidade de abordagem crítica - social e política - que pode contribuir para a construção efetiva de conhecimentos e para o enfrentamento do racismo, preconceito e discriminação.
Palavras-chave: Malangatana. Decolonização. Leitura de imagem. Artes Visuais.

AS MELODIAS E LOAS DO MESTRE DE BOI DE REIS GERALDO LOURENÇO

Crisanto Dantas Sales de Freitas (UFRN)
Tânia Lima (UFRN)

RESUMO
Esta pesquisa visa a catalogação e análise das melodias e loas do mestre de Boi de Reis Geraldo Lourenço, do sítio Furnas na cidade de Santa Cruz RN, com vistas a desenvolver um conhecimento amplo e coletivo a respeito dessa manifestação cultural afroamerindia que se realiza a mais de 8 décadas na região do Trairi potiguar, a proposta tem se justificado pela necessidade urgente se manter acessa a cultura ancestral desta localidade, quem vem sofrendo com o avanço tecnológico e com as mudanças do mundo moderno, os mestres do grupo não detém conhecimento de redes sociais, nem tão pouco de mídias para assim difundir e divulgar os seus ofícios, com isso a cada ano que passa o grupo padece na falta de novos componentes para desenvolver a arte dos brincantes que descende das velhas culturas da localidade em tela. Com isso nossa pesquisa inicia um processo de escrita e de mostras públicas dessas danças, crenças, figurinos e outras nuances pertencente a cultura do reisado legítimo do interior potiguar. É importante também ressaltar que esse projeto de pesquisa afeta grandemente esse pesquisador, uma vez que através dessa cultura pertencente a minha comunidade pude ter acesso a graduação e a pos graduação via mestrado, onde sempre tenho levado a todos as melodias e as loas de meu povo, cantando a minha aldeia mundo a fora. Esse trabalho de pesquisa já se desdobrou em uma monografia e em uma dissertação de mestrado no programa PROF ARTE, bem como foi contemplado pela lei federal Paulo Gustavo.
Palavras-chave:

INTERSECCIONALIDADE DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NEGRAS - A PARTIR DO OLHAR DA ETNOMUSICOLOGIA.

Hemmerson de Vasconcelos Andrade (UFRN)
Tânia Lima (UFRN)

RESUMO
Este trabalho discute a interseccionalidade da violência contra as mulheres, especialmente contra mulheres negras em cidades do interior, utilizando como estudo de caso a Escola Estadual de Ensino Médio Castro Pinto, em Jacaraú/PB. A violência doméstica contra mulheres é apresentada como uma realidade alarmante no Brasil, com dados indicando que 28,9% das mulheres foram vítimas de violência em 2022, e entre essas, 66% são negras. Na Paraíba, 21 feminicídios foram registrados nos primeiros oito meses de 2022. Nesse sentido, a violência simbólica, é identificada como uma forma de dominação que perpetua essa realidade, tornando as mulheres negras vítimas ainda mais invisíveis nesse processo de sobreposição de racismo, sexismo e capitalismo. Por isso a interseccionalidade será utilizada como uma ferramenta analítica para entender a complexidade dessas opressões. A pesquisa realizada, na Escola Castro Pinto, busca explorar esses problemas sociais através da expressão artística dos alunos. O objetivo geral da pesquisa é debater, através das produções artísticas dos alunos, sobre interseccionalidade da violência contra a mulher na cidade de Jacaraú/PB. Os objetivos específicos incluem levantar dados sobre a violência simbólica contra mulheres negras na comunidade escolar, sensibilizar a comunidade através da arte, e combater essa violência através da organização da Feira de Arte e Cultura (FEIRARC). Nessa perspectiva, a arte é proposta como uma mediadora do debate sobre essa problemática, com o intuito de abrir espaços para discussões e promover um entendimento mais profundo da questão. Portanto, este trabalho visa unir o conceito de violência simbólica à ferramenta analítica da interseccionalidade, para compreender como os sistemas opressores operam na manutenção e perpetuação da violência contra as mulheres para, dessa forma, poder promover um enfretamento efetivo através das práticas artísticas na escola. Centralizamos nossas análises a partir da teoria de Carla Akotirene sobre interseccionalidade
Palavras-chave: Etnomusicalidade. Interseccionalidade. Violência.

DANÇA, EDUCAÇÃO, CORPO E ANCESTRALIDADE: PROCESSO DE CRIAÇÃO EM DANÇA ANTIRRACISTA NA ESCOLA MUNICIPAL DR. ELOY DE SOUZA, NO MUNICÍPIO DE LAJES, RN

Larissa Araújo de Farias (UFRN)
Tânia Lima (UFRN)

RESUMO
A presente pesquisa tem como objetivo apresentar um estudo cartográfico, um processo de criação em dança antirracista na Escola Municipal Dr. Eloy de Souza, no município de Lajes, RN. A intervenção de criação em dança vem mostrar trajetórias pedagógicas e transgressoras que viabilizam a implementação da Lei nº 11.645 no ambiente escolar. Foram realizados estudos sobre a importância da dança para educar e fortalecer a transgressão dos corpos, com a improvisação em dança, construindo uma trajetória autônoma e antirracista para os discentes. Além disso, este trabalho pretende mapear processos ancestrais e subjetivos dos "corpos-territórios" de saber, que dançam e contam suas histórias, mas que também têm suas memórias reconhecidas e potencializadas. Isso acontecerá por meio de vivências da pesquisa das danças afro, a circularidade, o peso, as direções, o movimento e a pausa, usando o recurso do improviso para a criação, no jogo da capoeira e do samba de roda. A pesquisa está amparada pelas leis da educação e fundamentada pelo diálogo com os pesquisadores que constroem na sua produção, caminhos possíveis para uma educação antirracista em dança, são eles: Freire (2013), Almeida (2019), Muzanga (2005), Fanon (2008), Moura (2018), Porpino (2018), Oliveira (2005), Santos (2021) e Hooks (2013). A investigação percorre o campo da sensibilidade e das subjetividades, da produção e do reconhecimento da memória ancestral afrodiaspórica dos corpos, para construir um processo de criação da mostra coreográfica, que será apresentada para a comunidade escolar.
Palavras-chave: Dança; Educação; Corpo; Ancestralidade.

POÉTICAS NA PERFORMANCE DA(S) IRMANDADE (S) DOS “NEGROS DO ROSÁRIO” NO SERIDÓ POTIGUAR: CORPO, ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA

Ceci Gomes Bezerra Neta (UFRN)
Tânia Lima (UFRN)

RESUMO
O presente trabalho trata de estudos poéticos na performance ancestral da Irmandade dos Negros do Rosário no Seridó Potiguar. Ao som dos bumbos e pífanos, com dançarinos - “saltadores”, porta-bandeiras, rei e rainha, a Irmandade dos Negros do Rosário sai às ruas de Caicó, Jardim do Seridó e Serra Negra do Norte. A pesquisa surgiu a partir do questionamento sobre como a valorização e a percepção da poética na performance das Irmandades na região do Seridó, ao preservarem memórias ancestrais africanas em meio ao sincretismo religioso, podem contribuir para a desconstrução de estereótipos racistas na escola e fora dela. Como fundamentação teórica, este estudo tem como referências as obras "Reis Negros no País Escravista – Histórias da festa de coroação dos reis do Congo" (Souza, 2014), "Memórias do Tempo Espiralar" (Martins, 2021) e "Superando o Racismo na Escola" (Munanga, 2005, org.). O objetivo é promover práticas pedagógicas no ensino de Arte, baseadas na lei 10.639/03, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana". Busca-se a desconstrução de estereótipos racistas que silenciam e marginalizam grupos étnico-raciais, bem como a promoção do protagonismo negro nas artes cênicas através da valorização da interculturalidade e da representatividade negra na região do Seridó Potiguar. A pesquisa será realizada na Escola Estadual em Tempo Integral José Augusto, na cidade de Caicó-RN, e a metodologia adotada é a a/r/tografia, uma metodologia de pesquisa derivada da "investigação baseada nas artes”.
Palavras-chave: ancestralidade, resistência, ensino de arte, educação antirracista.

SLAM POETRY: PERFORMANCE, VOZ NEGRA E EXPRESSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Thaises Carla Guedes Fernandes Dutra (UFRN)
Tânia Lima (UFRN)

RESUMO
O presente texto tem como pretensão relatar uma experiência vivenciada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Deputado Pedro Pascoal de Oliveira situada na cidade de Juazeirinho/PB. Por meio dessa intervenção, ampliamos o conhecimento, a valorização da diversidade cultural e racial do povo negro e, por consequência, promovemos uma prática antirracista pautada no uso de gêneros em que a voz negra se mantém em evidência. Podemos, pois, citar o slam como um gênero literário vibrante e poderoso que tem emergido no cenário contemporâneo poético e tem ganhado cada vez mais espaço no ambiente escolar, uma vez que tem transformado a experiência de quem escuta a poesia criando uma conexão emocional e intelectual imediata. Explorar, no ambiente escolar, as vozes e as identidades dos nossos alunos, sobretudo levando em consideração que a maioria dos inscritos na nossa realidade vivem à margem é fornecer uma ferramenta de reflexão sobre questões que lhes são pertinentes como justiça social, identidade racial, igualdade de gênero e diversidade cultural dando visibilidade, primordialmente, a voz negra. A questão problema que norteou a nossa pesquisa foi: de que modo o trabalho com a performance presente em gêneros como o slam poetry é capaz de promover uma cultura antirracista no ambiente escolar? Ademais, tratar-se-á de uma pesquisa com metodologia aplicada, fundamentada por meio das percepções e dos sentimentos produzidos pelos discentes após o contato com a literatura em performance, sendo o(a) aluno(a) o sujeito e o objeto da pesquisa. Lançaremos mão de estudiosos como Érica Zingano (2018) por meio da obra “Slam: voz de levante”, Taylor Mali que retrata a importância da poesia falada na educação e no desenvolvimento pessoal dos estudantes, bem como nas contribuições da performance literária em Paul Zumthor (2010) e Diana Taylor (2013).
Palavras-chave: Slam. Poetry. Voz Negra.

O POEMA INSULAR NA ORALIDADE CRIOULA EM ALDA ESPÍRITO SANTO

Tânia Lima (UFRN)

RESUMO
Pesquisar a dicção feminina insular na poesia de Alda Espírito Santo ainda é um desafio imenso, pois existe, em quase toda a África de língua portuguesa, uma dificuldade de se ter acesso a livros de autoras africanas. Diante de um quadro ainda alarmante de invisibilidade feminina nos estudos literários, faz-se importante uma sistematização do material teórico e poético em correspondência com o repertorio insular na cena discursiva da poeta em análise. A título de justificativa, pretende-se com este estudo averiguar de que forma a crioulização na poesia de Alda Espírito Santo requisita uma poética que agudiza um tipo de reflexão ao que foi sentenciado historicamente ao silêncio. Em meio a cultura dos povos insulares, destaca-se na poesia de Alda Espírito Santo a presença de metáforas sendo conduzidas pelo legado das línguas crioulas. A partir de uma análise de cunho comparativo, pretende-se observar em pelo menos três poemas da autora africana o registro de palavras crioulas em uma tradução cultural à beira da tradição insular. Observar-se-á também que o lugar da língua crioula na poética de Alda Espírito Santo está em sintonia com um tipo de oralidade que toca de alguma forma na questão da insubmissão poética africana. Por outro lado, percebe-se no poema de Alda uma tradição oral que se posiciona contra o sistema colonial português em África. O marco teórico desta análise é pautado nas leituras de Inocência Mata, Carmen Tindó, E. Glissant, F. Fanon, Grada Kilomba.
Palavras-chave: Poesia. Oralidade Crioula.

CRÍTICAS, DIÁLOGOS E IRONIAS EM AGUALUSA

Alexandre Lira Sá (UEA)
Renata Rolon (UEA)

RESUMO
A presente comunicação visa um debate a partir da obra de José Eduardo Agualusa, os apontamentos críticos que atravessam a ficção e provocam questionamentos e reflexões através da escrita literária do autor angolano. Entre uma fronteira e outra, Agualusa pensa o mundo além dos limites geográficos. Suas rotas que vão além do atlântico, atravessam o índico e aportam em Goa, reafirmam a constância de um escritor angolano em desassossego. Determinados personagens criados ou recriados na cena romanesca de Agualusa parecem absorver tal comportamento do autor, são como um reflexo de suas experiências e do seu próprio ser. O universo que o escritor traduz é feito de encontros, afetos e de reconstruções. Laranjeira (1992, p. 102) afirma que "Agualusa alia à sua capacidade de fundamentação histórica a facilidade de fluência da enunciação, cauterizadas com episódios burlescos, sentimentais e maravilhosos". As histórias contadas por esse autor buscam, de algum modo, apresentar ao leitor as nuances das personagens, suas contradições, seus conflitos e suas percepções sobre o mundo. Os romances publicados pelo autor, em sua maioria, são articulados a partir de eventos que marcaram a história de Angola. Sob a forma de reescrita, Agualusa atribui ao romance um tom crítico e irônico, geralmente situado em um lugar que se opõe ao olhar depreciativo das narrativas coloniais. Para esta comunicação, elencamos três narrativas em que buscamos comentar alguns pontos importantes a respeito da estética literária de José Eduardo Agualusa, a saber: *A conjura* (1989), *Nação crioula* (1997) e *Teoria geral do esquecimento* (2012). Os textos escolhidos representam cada qual um momento crucial para a trajetória literária do autor angolano desde a sua estreia, amadurecimento e reconhecimento de um trabalho expressivo que tem se difundido cada vez mais ao longo dos anos.
Palavras-chave: Romance angolano. Agualusa. Ironias e críticas. Diálogos.

ENTRE O GRITO E O ENCANTAMENTO DA PALAVRA: UMA ANÁLISE DAS PERFORMANCES-MULHERES NO SLAM BRASIL

Julianny Katarine Aguiar de Oliveira (UFRN)
Tânia Lima (UFRN)

RESUMO
O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise criteriosa acerca da poética produzida pelas mulheres *slamers* em diversos campeonatos espalhados por todo o território nacional. Nessa perspectiva, pretende-se verificar, pala além da organização estilística do poema, as temáticas recorrentes que percorrem as vivências negras e as escritas partilhadas em gritos e encantamentos do público, as quais mapeiam-se em: o amor, o abandono, a solidão, a maternidade, a violência e a religiosidade. Para isso, cabe estabelecer como norte teórico metodológico as pesquisas desenvolvidas por bell hooks acerca da produção atual produção artística da juventude negra, desenvolvida em seus livros *anseios: raça, gênero e políticas culturais*, bem como também na obra *olhares negros: raça e representação*. Para além dessa associação teórica, entram em diálogo nessa averiguação um histórico do movimento Slam, seu nascimento, chegada e importância para a periferia brasileira hoje, afinal, muitas mulheres negras encontram um lugar para externar a dor e o sonho nesse lugar democrático e poético que é rua. Sobre isso, cabe também aludir à literatura brasileira como território movediço para mulheres, sobretudo pretas, pois o cânone canarinho é recheado de classismo, elitismo e muitos machismos de uma cultura patriarcal, não encontrando brechas na história para marcas tão poetentes de outras vozes minoritárias nessa seleção. Ou seja, nesse trabalho reconhece-se no Slam um exercício de reparação histórica na terra movediça da poesia brasileira. Logo, a partir de outras vozes do feminismo negro e das teorias da oralidade presentes na atual pesquisa decolonial, pretende-se com esse trabalho evocar a sutileza e a necessidade de reconhecimento dessas vozes-mulheres como uma performance de alto estilo em território nacional.

Palavras-chave: Poesia. Slam. Performance.

MACAÍBAS, MACABÉAS E MULUNGUS: CERZIR OLHARES E (RE)EXISTÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO III

Fabiane Marques da Silva (UFRN)
Éric Medeiros (SEEC/RN)
Camila Desidério (SEEC/RN)

RESUMO
O presente trabalho propõe, na encruzilhada dos estudos de literatura, arte e subjetividade, apresentar a reescrita da memória como potência criadora de cerzir olhares e "reescreviver" vidas invisibilizadas. Trata-se de um relato de escrevivência do projeto literário "Macabéa: Flor de Macaíba", realizado no estágio supervisionado III, na Escola Estadual Professor Paulo Nobre, em Macaíba/RN, em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental. Para nortear o trabalho em sala, foram utilizadas as obras A Hora da Estrela (1977), de Clarice Lispector e Macabéa: Flor de Mulungu (2023), de Conceição Evaristo. Já para a reflexão teórica, Evaristo (2005, 2020), Martins (2023) e Bispo dos Santos (2023). A proposta didática objetivou reescrever a Macabéa, a partir das escrevivências dos alunos, como fez Evaristo, com o propósito de fazer da leitura e da escrita uma prática de observação e escuta que desvele a condição de existência de mulheres invisibilizadas pela sociedade. Dessa forma, realizou-se a leitura das narrativas em sala, aproximando a ficção à realidade dos estudantes, instigando-os a imaginarem como seria a personagem em um outro tempo e espaço. Em seguida, executou-se uma oficina de fotografia, com o intuito de captar as mulheres de Macaíba. Depois, uma de escrita, inspirada no livro Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960), de Carolina Maria de Jesus, na qual se ficcionalizou o diário "Macabéas em Macaíba". Ao final, diante das múltiplas Macabéas que se con(fundem) com a vida real, baseado no conto "Olhos d'água", de Evaristo, os alunos responderam a pergunta: qual é a cor dos olhos da Macabéa da sua vida? Logo, com a realização do projeto literário, foi possível cerzir os olhares das mulheres que convivem com os discentes e transitam os bairros urbanos e rurais de Macaíba, devolvendo a elas a humanidade, os afetos, a fala e a escuta.
Palavras chave: Memória. Reescrita. Escrevivência. Ensino de Literatura. Relato de experiência.

'FORTAL IS BURNING': A CENA LITEROMUSICAL NEGRA E PERIFÉRICA CRIANDO REDES DE SOCIABILIDADE NA CIDADE DE FORTALEZA/CE ALHO

Eliz Nathanael de Oliveira Assunção Cesário (UNILAB)

RESUMO
O presente trabalho articula a relação do discurso literomusical com as noções de território, juventudes, raça, classe e 'outras diferenças' na capital cearense. A pesquisa investiga como artistas jovens negros e periféricos de Fortaleza utilizam a música e a literatura como formas de expressão e resistência, estabelecendo redes de sociabilidade e criando espaços de pertencimento em uma cidade marcada por desigualdades sociais e raciais. Para tanto, analisa-se as canções e versos de Mateus Fazendo Rock e Talles Azigon, a partir dos estudos culturais e decoloniais, bem como com as lentes dos autores Nego Bispo (2022), Stuart Hall (2003), Frantz Fanon (2008), bel hooks (2019), Carla Akotirene (2019), Ailton Krenak (2019). O estudo destaca a importância do território e raça como um elemento central na construção dessas identidades, mas não só. A música, particularmente a cena literomusical negra e periférica, emerge como uma forma de contestação e reivindicação de espaço, promovendo a valorização da cultura negra e periférica em um contexto urbano que tradicionalmente marginaliza essas expressões. Dessa forma, a cena literomusical em Fortaleza se torna um palco para a luta contra o racismo, a desigualdade de classe, a opressão de gênero e a discriminação sexual, ao mesmo tempo que fortalece as conexões comunitárias e a solidariedade. O artigo surge no contexto da disciplina Literatura e Cultura Afro-brasileira e pode passar por alterações até a apresentação no Congresso, caso aprovada.
Palavras-chave:

DIA DE BRANCO? O DIÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO RECORTE DA DESIGUALDADE RACIAL.

Sérvio Túlio Lucas de Medeiros (UFRN)

RESUMO
O presente trabalho propõe-se a compreender em que medida o discurso racialista é assimilado pela narradora de Quarto de despejo: diário de uma favelada (1960), de Carolina Maria de Jesus. A partir da discussão fundamentada nas obras de Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov, emprega-se o dialogismo conjuntamente à teoria literária pós-colonialista para responder à pergunta de pesquisa. Com base nisso, examina-se a presença do discurso racialista na narrativa, investiga-se a assimilação do discurso do outro na obra em forma de discurso autoritário e discurso internamente persuasivo e busca-se compreender como se dá a rejeição do discurso autoritário racialista por meio de discursos emancipatórios. Com este escopo, chegou-se à conclusão que o discurso racialista infiltra-se na realidade axiológica da narradora na medida em que há a reprodução de certos valores hegemônicos, a percepção crítica desses valores e, em dado momento, sua crítica e enfrentamento, mesmo que de modo reflexivo e interior.
Palavras-chave:

SIMPÓSIO 15
NARRATIVAS NEGRAS CONTEMPORÂNEAS: VOZES E LUGARES DA RESISTÊNCIA

Organização do Simpósio:
Maria Eliane Souza da Silva (UERN)
Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva (IFRN)

RESUMO
As narrativas negras que compõem o cenário literário e musical contemporâneo são notadamente diversas, demonstrando traços culturais distintos, demarcados sobretudo pelas perspectivas interseccionais, com suas conexões e divergências reveladas nas experiências em contextos globais. Considerando-se essa especificidade, o presente Simpósio Temático receberá submissões estruturadas sob a perspectiva dos estudos culturais e decoloniais, que analisem a atual produção literária e musical. Sendo assim, visa proporcionar participações que contribuam com a análise das estratégias narrativas de resistência em sua variedade temática e estilística, incluindo a subversão de estereótipos, a crítica social, a luta política, a escrevivência, e a reinterpretação da história e da memória nesta Era cujas maiorias minorizadas se articulam e buscam legitimidade. A título de exemplificação, espera-se que as discussões teóricas englobem questões de identidade, pertencimento, autenticidade, afrocentricidade para a expressão e/ou a representação da experiência negra, passando pelas reflexões sobre as relações de poder. Pode-se explorar, ainda, como autores contemporâneos reescrevem e subvertem as narrativas históricas eurocentradas e revalorizam as culturas e identidades negras, desafiando categorias identitárias rígidas impostas pelo colonialismo em vozes e lugares de resistência.
Palavras-chave: Música. Literatura. Resistência.

ENSINO DE MÚSICA E A INTERDISCIPLINARIDADE: A INTERFACE DAS ARTES NO COTIDIANO ESCOLAR, UM DIÁLOGO POSSÍVEL.

Tércia Maria de Souza Silva (UFRN)

RESUMO

Ensino de Música e a Interdisciplinaridade: a interface das artes no cotidiano escolar, um diálogo possível. RESUMO O presente trabalho propõe demonstrar a importância da arte e suas interfaces, no cotidiano escolar, proporcionando um diálogo através do ensino e aprendizagem da música. Tal proposta pode promover a interdisciplinaridade através das produções durante o processo de criação, do improviso e das descobertas artísticas, favorecendo assim, o desenvolvimento em âmbito individual e coletivo de um público de periferia. Inspirada no pensamento de John Paynter, com ênfases à criatividade, a experiência docente se insere em um universo complexo, vislumbrado por Carl Rogers e Edgar Morin, à constante reconstrução e articulação do conhecimento. É neste contexto que temos promovido atividades que buscam envolver e tornar o processo de criação artístico mais dinâmico e inovador através de construção de paródias e poemas musicados em forma de rap.

Palavras-chave: Música. Ensino. Poesia. Interdisciplinaridade. Criatividade. John Paynter

A REPRESENTAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO EM RHABIA, DE LUCÍLIO MANJATE

Alberto José Mathé (UNIVERSIDADE SAVE – MOÇAMBIQUE – ÁFRICA)

RESUMO
Esta comunicação analisa a representação da prostituição no romance "Rhabia", de Lucílio Manjate, com o objetivo de compreender como esse fenômeno é retratado na obra. Utilizando o método fenomenológico, a pesquisa buscou entender a prostituição não apenas como uma questão social, mas também como uma experiência humana carregada de significados subjetivos. Foi possível constatar que "Rhabia" utiliza uma estrutura narrativa clássica de romance policial, adaptada ao contexto moçambicano, para criticar as condições socioeconômicas que levam as mulheres à prostituição, como a necessidade de sobrevivência e a vulnerabilidade social. O romance oferece uma visão humanizadora das personagens marginalizadas, como Rhabia e Bernardo, e desconstrói os estereótipos tradicionais sobre o trabalho sexual. A dinâmica entre Amargarida e o detetive Sthoe reflete relações de poder, manipulação e corrupção institucional, evidenciando como essas forças exploram a vulnerabilidade das prostitutas para manter o status e a ascensão de indivíduos dentro do sistema, ignorando as consequências para as vítimas.
Palavras-chave:

VOZES NEGRAS: DRAMATURGIAS AFRODIASPÓRICAS

Elisa Martins Belém Vieira (UFRN)

RESUMO
A comunicação pretende abordar três peças de teatro negro, contemporâneas: Vaga carne, de Grace Passô; Farinha com açúcar: ou sobre a sustança de meninos e homens, de Jé Oliveira; Quando eu morrer, vou contar tudo a Deus, de Maria Shu. A primeira peça apresenta um único personagem: uma voz. Ao invadir matérias, essa voz percebe que se encontra num corpo de uma mulher. O fato inusitado, uma personagem que não tem corpo, mas que habita um corpo, confere à peça a possibilidade de discutir questões como o silenciamento e o apagamento da mulher negra. Já o segundo texto, foi escrito a partir de entrevistas com doze homens negros, a fim de discutir a construção da masculinidade negra periférica. A peça é um monólogo permeado por trechos de músicas, sendo a maioria do Racionais MC´s. Por fim, o terceiro texto é voltado para o público infanto-juvenil e apresenta problemáticas sobre imigração e fronteiras, a partir do ponto de vista de uma criança que narra sua estória e a de seus pais. Os três textos são bastante representativos da produção dramatúrgica contemporânea brasileira de autoras negras e autores negros. Como uma pesquisadora branca, tenho trabalhado na perspectiva de aprender para ensinar sobre a produção do teatro negro brasileiro, reconhecendo sua importância, respeitando e valorizando sua força. Penso que é vital ampliar a discussão sobre branquitude e negritude, no âmbito da investigação acadêmica, a fim de empreender processos de reparação e afirmação da importância da cultura afrodiaspórica.
Palavras-chave:

ENTRE O HOMEM E DEUS: AFIRMAÇÃO E CELEBRAÇÃO DA ANCESTRALIDADE E DA IDENTIDADE NEGRA COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA NA CANÇÃO "FILÁ", DE CHICO CÉSAR.

Gabriela Régia de Oliveira Lima (IFCE)

RESUMO
Nas últimas duas décadas, a reverberação dos debates públicos sobre os conceitos de pertença, gênero e etnia tem reforçado o processo de inscrição histórica dos discursos sobre diversidade no Brasil. Nesse sentido, o objetivo desta proposta é discutir uma poética negra que recusa o apagamento do sujeito afrodiaspórico na sociedade brasileira, sobretudo com o uso das marcas discursivas presentes no campo lítero-musical. O foco para esta discussão emerge, portanto, da leitura da canção “Filá”, do cantor e compositor paraibano Chico César. Compreendemos que esta composição ativa campo semiosemântico de afirmação e exaltação da identidade negra, bem como versa sobre a resistência de um sujeito e de sua ancestralidade que, pela dinâmica colonial, são tornados subalternos por um sistema cultural que os coloca à margem, operando no sentido do silenciamento de suas subjetividades. Desse modo, no enunciado que intitula a canção, o eu-lírico se vale do seu lugar de fala para se colocar por meio de um objeto pertencente à cultura negra (filá) e, por meio dele, fazer dialogar com o todo (etnia). A partir de um jogo linguístico repleto de contrastes e engenhosidades, o enunciador confronta o Outro, subvertendo as narrativas e trazendo para a cena a revalorização da sua cultura. A proposta de leitura deste texto constitui um esforço mais amplo realizado em trabalho de monografia, quando objetivamos pensar a poética musical de Chico César à luz das ideias emergentes sobre a estética barroca e/ou neobarroca. Auxiliam, nesse sentido, as contribuições teóricas de autores como Sarduy (1998) e Calabrese (1999) no que tange ao conceito de neobarroco e seu caráter trans-histórico, assim como as discussões de Pereira (2022) sobre a análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira e o diálogo que exerce com o modelo de contraste/síntese.
Palavras-chave: Afirmação. Resistência. Identidade Negra. Ancestralidade. Barroco.

A AFROCONFLUÊNCIA DO PENSAMENTO CONTRACOLONIAL DE ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS NO DISCO ÁFRICA BRASIL, DE JORGE BEN JOR.

Gilvaneide de Sousa Santos (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS)

RESUMO
O presente trabalho teve por objetivo relacionar as teorias pós-coloniais geradas a partir da perspectiva das Literaturas Africanas com o disco África Brasil (1976) de Jorge Ben Jor e os conceitos "Contracolonial" e "Afroconfluência" de Antônio Bispo dos Santos presentes em A terra dá, a terra quer (2023). Tal propósito surgiu ao notar-se que os conhecimentos gerados, nos quilombos brasileiros, podem ser facilmente relacionados com o rompimento do conceito de nação que foi sistematizado, na década de 80, nas literaturas africanas de língua portuguesa. A partir desse fato, surgiu a pergunta que guiou este trabalho: como os conceitos de "Contracolonial" e "Afroconfluência" (BISPO DOS SANTOS, 2023) podem contribuir para as discussões sobre o Pós-colonial na virada dos discursos contra-hegemônicos brasileiros? Para se chegar a possíveis respostas, analisamos o encruzo entre África e Brasil em duas músicas que têm a ambição de mexer com a narrativa sobre a nação brasileira, "Xica da Silva" e "África brasil (Zumbi)" do disco África Brasil (1976) de Jorge Ben Jor. A pesquisa fez uso de método bibliográfico e teve como suporte teórico o diálogo dos conceitos de Nego Bispo com Allan da Rosa e Deivison Faustino em Balanço Afiado: estética e política em Jorge Ben (2023); Chimamanda Ngozi Adichie em O Perigo de uma história única (2009); Binyavanga Wainaina em "Como escrever acerca de África" (2005); Jessica Falconi em "Para além da Nação? Outras 'decliNações' nas literaturas africanas de língua portuguesa" (2021) e "Pós-colonial e Decolonial" de Elena Brugioni (2022). O resultado da pesquisa foi promissor, pois trouxe um ponto de vista de um quilombola, representante daqueles que sempre tiveram seus discursos apagados para as disputas sobre as teorias de como podemos narrar o Brasil sob as perspectivas dos subalternos, e uma África brasileira resistente no canto de Jorge Ben Jor.
Palavras-chave: Jorge Ben Jor. Nego Bispo. Nação. Contracolonial. Afroconfluência.

O ESCREVIVER DE CONCEIÇÃO EVARISTO NA LINGUAGEM PERIFÉRICA DO GRUPO RACIONAIS MC'S: UMA ANÁLISE DE NEGRO DRAMA.

Hiliane de Melo Florêncio (IFRN)
Candice Firmino Azevedo (IFRN)

RESUMO
Frantz Fanon (1952, p. 52) afirma que "falar é ser capaz de empregar determinada sintaxe, é se apossar da morfologia de uma ou outra língua, mas é acima de tudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização". Considerando esta perspectiva de Fanon, percebemos que o grupo de rap paulista Racionais MC's utilizou a música como meio de expressar o descontentamento diante do sistema opressor e racista colonial do Brasil, desafiando a hegemonia branca com suas letras diretas e assertivas. Com as canções que sempre exaltaram sua negritude e criticaram o sistema racista, o grupo alcançou o estrelato e articulou a voz coletiva, no sentido defendido por Mikhail Bakhtin (2003 [1979], p. 297), obtendo um papel de liderança na luta antiracista no país. Neste viés, podemos observar que a luta do povo negro e a articulação da voz coletiva e periférica que é apresentada pelo Racionais MC's, tem relação com o conceito abordado por Conceição Evaristo (2005, p. 219), o de escrevivência, em que afirma que escreviver é um "modo de ferir o silêncio imposto(...)". É neste sentido de resistência que o escreviver de Evaristo e as músicas do Racionais MC's se combinam em uma força motriz para a realidade periférica. Sob este viés, este trabalho, que é parte do projeto de pesquisa "As músicas do grupo Racionais MC's sob a ótica do conceito de escrevivência de Conceição Evaristo", sob a orientação da Prof. Dra. Candice Firmino de Azevedo, busca fazer a relação entre o conceito e a música Negro Drama, do grupo Racionais MC's, em uma perspectiva dialógica de raça e classe, analisando os fatores históricos da opressão racial abordados pelo grupo e a relação deles com o escreviver de Conceição Evaristo.
Palavras-chave:

AFROCENTRALIDADES NAS ÁGUAS DA CULTURA POTIGUAR: UMA PROPOSTA PARA O NOVEMBRONEGRO, A PARTIR DO CANCIONEIRO E DA LITERATURA LOCAL

Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva (IFRN)
Laysi Araújo da Silva (IFRN)

RESUMO
O presente trabalho contém uma proposta de ensino, dentro de uma abordagem de letramento racial, que reúne o cancioneiro e a literatura potiguar de autoria negra, criada para ser desenvolvida no Projeto Africanidades, em turmas de terceiro ano do IFRN – Campus Natal-Central. O objetivo consiste em criar o sentimento de pertencimento, valorizando a cor local que dialoga com cultura africana. Para isso, utiliza a metáfora das águas, imagem recorrente em canções e poemas, que tanto traduz o bioma local, como também desagua no fluxo da ancestralidade. Por meio da pesquisa bibliográfica, subsidiada por Chimamanda (2019) e Dalcastagné (2002), entre outros, materializa a sequência didática com poemas de Fabiane Marques (2023), de Tânia Lima (2024) e Eveline Sin (2022), incluindo alguns grafites desta última; e músicas de Cida Airam (2021), Rafaela Brito em parceria com Pretta Soul (2023) e Khrystal (2023). À guisa de conclusão, encerra com reflexões sobre o lugar da produção potiguar afrocentrada na sala de aula.
Palavras-chave: afrocentralidade; literatura potiguar; música potiguar; projeto de ensino.

"O FRIO QUE TRINCA O CORPO": O RACISMO COMO FRIALDADE NA OBRA DE OSWALDO CAMARGO

Luiza Marina Ferreira Maia (Prefeitura Municipal de Fortaleza – SME)

RESUMO
O racismo é uma personagem constantemente apresentada nas obras mais gerais da literatura brasileira; afinal é um acontecimento presente na vida de absolutamente todas as pessoas negras de nosso território. O racismo que acontece com essas pessoas é também objeto de estudos por diversos intelectuais em toda a nossa história. Dessas constatações, uma das mais curiosas é o fato de que em nosso país, o racismo é o "crime perfeito", o qual é sofrido por mais da metade da população, mas que não é possível encontrar agentes deste. Oswaldo de Camargo, em sua novela intitulada "A descoberta do frio", apresenta o racismo como uma sensação térmica que acomete pessoas negras e as faz tremer de frio até que elas sumam. Analisaremos essa construção metafórica em diálogo com teorias sociológicas diversas a fim de compreender como a escolha narrativa de Camargo demonstra de maneira figurada a situação da população negra do Brasil, trazendo ao diálogo, inclusive, a displicência e descrença de movimentos sociais diante da realidade das classes menos favorecidas. Em sua obra, portanto, o frio é menos a temperatura, que a personagem mais ativa da trama, que influencia o protagonista, limitando suas ações, no entanto disfarçado de frio. O paralelo "frio-racismo" será analisado por uma visão semiótica, levando em consideração a influência de ambos sobre corpos negros denotativa e conotativamente, elaborando, assim as relações de semelhança e divergência presentes na obra de Oswaldo de Camargo.
Palavras-chave:

A (RE)CONSTRUÇÃO DO AMOR DE DAN EM "ETERNA PAIXÃO", DE ABDULAI SILA.

Lury Hortêncio Costa Morais (UERN)
Josilândia Silva Cardoso (UERN)
Maria Zenileide da Silva (UERN)
Maria Eliane Souza da Silva (UERN)

RESUMO
Este trabalho tem como objetivo explorar a (re)construção do conceito de amor no romance Eterna Paixão, de Abdulai Sila que é um dos mais proeminentes escritores da Guiné-Bissau, focalizando a trajetória do personagem Dan diante de uma narrativa questionadora e reconfigurante das tradições e expectativas sociais relacionadas ao amor e às relações afetivas. Intenta-se analisar o contexto sociocultural da obra, des-tacando como os valores tradicionais e modernos se entrelaçam e entram em conflito, apresentando seus protagonistas através de suas experiências pessoais e interpes-soais e os desafios das normas estabelecidas em busca da redefinição do amor em um contexto de constante mudança e adaptação. Os pressupostos teóricos foram ba-silados a partir de Umabano (2014) e Cruz (2020) entre outros autores em que daremos especial atenção à jornada emocional de Dan, bem como à forma como o autor utiliza a linguagem e a estrutura narrativa para aprofundar a complexidade das relações amorosas. Por fim, a apresentação abordará as implicações mais amplas da (re)construção do amor, refletindo sobre como a obra contribui para o diálogo literário, social e cultural dentro da literatura africana contemporânea. Desse modo, compreen-deremos a obra de Abdulai Sila como a promoção de uma discussão sobre a repre-sentação amorosa em suas relações humanas no contexto da literatura africana, des-tacando a relevância e a atualidade desses temas.
Palavras-chave: Eterna Paixão. Abdulai Sila. Amor. Guerra.

CIRANDA DE LIA DE ITAMARACÁ: RESISTÊNCIA E IDENTIDADE DECOLONIAL

Manuela Xavier R. de Souza (Secretaria Estadual de Pernambuco)

RESUMO
Este artigo explora a Ciranda de Lia de Itamaracá como um símbolo de resistência e identidade cultural atual. Lia de Itamaracá, uma figura central na tradição da ciranda, utiliza sua arte para preservar e valorizar as raízes culturais de sua comunidade. A ciranda, com suas origens nas celebrações das mulheres dos pescadores, é um gênero oral que envolve canto e improvisação. O estudo destaca como Lia de Itamaracá revitaliza essa prática, transformando-a em uma forma de resistência contra a homogeneização cultural e a marginalização das tradições populares. Sua atuação não só mantém viva a ciranda, mas também fortalece a identidade cultural de seu povo, oferecendo uma plataforma para a expressão de experiências e histórias locais. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e bibliográfica, utilizando uma metodologia hermenêutica (Gonsalves, 2018), vamos expor canções que exaltam a definição do o "eu" para Lia na construção de suas cirandas, a trajetória e importância da poesia da cirandeira em contextos sociais e culturais decoloniais como posto em Joaze Bernadrino Costa (2023) e Maria Lugones(2020). O artigo aponta que a Ciranda de Lia de Itamaracá é um potente veículo de resistência decolonial, proporcionando uma compreensão profunda das dinâmicas de identidade e pertencimento.
Palavras-chave: Resistência, Identidade, Ciranda, Decolonialidade.

DO ESCRITO AO ORAL: OS GRIÔTS DA CONTEMPORANEIDADE

Miguel Lomba (UFRGS)

RESUMO
Este artigo analisa a importância do slam para a articulação de vozes da resistência, de afirmação, de preservação da memória ancestral africana. Para isso, parte de estudos sobre as relações entre poetry slam, resistência, memória e ancestralidade nas obras de Roberta Estrela D´alva, Ana Lúcia Silva Souza e Amadou Hampate Bá, encontrando as especificidades dessas relações no poetry slam, considerado uma voz de resistência e de preservação da memória ancestral nos trabalhos de pesquisadores africanos e afro-brasileiros. As composições analisadas são das slammers afro-brasileiras Andrea Bak, Mariá, Sereia e Patrícia Meira. Os resultados apontam para uma poética coletiva no slam que preserva e dá sequência ao legado ancestral e que conecta a população excluída pela sociedade e pela elite política na sua maioria negros, pobres e periféricos. Com as nossas análises, queremos demonstrar, seguindo os pensamentos da Andrea Bak, Mariá, Sereia e da Patrícia Meira, como os discursos poéticos de resistência do slam e do rap servem de instrumento de luta social, política, económica, cultural, de despertar de consciência e de enfrentamento político, com vista a ajudar os jovens a escaparem da delinquência, das drogas, da prostituição, das rixas de gangs, da brutalidade policial e social ao fazerem do slam ferramenta de educação não formal ao falarem de si e das suas comunidades durante as suas performances.
Palavras-chave: oralidade, griô, slammer

NASCI MARIA, MORRI MARIANA: UM ESTUDO SOBRE GÊNERO E IDENTIDADE EM PAULINA CHIZIANE E PEPETELA

Rosa Layenne Varela de Souza (IFRN)
Maria Beatriz do Nascimento Costa (IFRN)
Marília Maia Saraiva (IFRN)

RESUMO
Este trabalho tem como objetivo analisar a construção das personagens Maria, do conto "As Cicatrizes do Amor", de Paulina Chiziane, e Mariana, do conto "A Revelação", de Pepetela, sob o viés de escolhas afetivas, de maternidade e de significados de solidão relacionados à identidade da mulher negra. As personagens citadas estão submersas em um sistema de repressão e assujeitamento, ambas atravessadas pela colonização, ainda que em épocas diferentes, protagonizam narrativas identitárias inóspitas de desigualdade de gênero, classe e cor. Nesse sentido, observam-se as questões de identidade cultural e pertencimento atreladas às imposições diárias feitas à mulher negra - Maria(na): silenciada, violentada e invisibilizada por um sistema colonial vigente. Para fundamentar essa análise, é pertinente a discussão do conceito de "dispositivos de gênero", desenvolvida por Valeska Zanello (2018), que retrata as implicações subjetivas, sociais e culturais da figura feminina e as performances ideológicas interpeladas a elas desde muito cedo pela hegemonia. Além disso, é importante mencionar o conceito de "identidade cultural", desenvolvido pelo teórico Stuart Hall (2006), o qual apresenta um sujeito que está sempre em reconstrução identitária, impingindo os seus valores sociais, culturais, políticos, econômicos e religiosos nesse processo. Para compreender a construção das personagens, é válido mencionar o estudo da personagem de ficção de Antonio Candido (1968) e a discussão proposta por Ricardo Piglia (2004) acerca da organização estrutural e ficcional do conto. Assim, é possível entender como Maria e Mariana se relacionam por meio de um espaço de representação marcado pela violência da colonização e pela submissão.
Palavras-chave: Literatura comparada. Literatura Africana. Identidade cultural. Dispositivos de gênero.

OS DESCAMINHOS DA (NÃO)MATERNIDADE NEGRA, EM "QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?", DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria José Morais Honório (UERN)
Maria Eliane Souza Da Silva (UERN)

RESUMO
O artigo tem como objetivo analisar como a (não)maternidade se configura no conto "Quantos filhos Natalina teve?" de Conceição Evaristo, considerando a condição de mulher e os vários contextos adversos pessoais e sociais presentes nas quatro gestações de Natalina. Este estudo torna-se relevante, visto que o conceito de maternidade é decorrente de uma construção social e cultural estabelecida que determina como a "mulher-mãe" deve se portar, independente da situação vivenciada. No conto em análise, pudemos perceber que a interseccionalidade pode gerar comportamentos divergentes dos esperados pela sociedade, sem, contudo, merecer um olhar preconceituoso das outras pessoas. Esta pesquisa respalda-se teoricamente em Carneiro (2011), Lugones (2014), Assis (2018), Akotirene (2019), Oliveira (2019), Rodrigues (2019), Evaristo (2015, 2020) dentre outros autores que discutem a condição da mulher negra/mãe na sociedade. Metodologicamente, realizamos análise crítica interpretativa com abordagem qualitativa do referido conto, à luz das discussões teóricas realizadas. Nossos resultados revelam que neste conto, as realidades sociais e históricas envolvem a experiência da mulher negra, especialmente no que tange à maternidade. A construção da vida da personagem Natalina é marcada por uma série de violências que vão desde a exploração sexual até a negação do direito à maternidade plena. Neste contexto, a história da personagem ecoa as vivências de muitas mulheres negras na sociedade brasileira e questiona o que significa ser mãe em um contexto de opressão contínua. Desse modo, Evaristo utiliza a narrativa para questionar as ideias tradicionais de maternidade, refletindo sobre os impactos do racismo e da pobreza na capacidade da mulher negra de exercer a maternidade de forma autônoma e digna. Daí, consoante à nossa pesquisa, compreendemos que existem formas plurais de ser mãe e de experienciar a (não)maternidade, marcadas pela interseccionalidade.
Palavras-chave: Natalina. (Não)maternidade. Mulher negra. Interseccionalidade.

“A PONTA DO CHIFRE É A LANÇA QUE AVANÇA”: A NEGRITUDE AMAZÔNICA ENTOADA EM ‘MÁLÚÙDÚDÚ’, DE BOI-BUMBÁ CAPRICHOSO

Zuldimar Peixoto Mota Júnior (UFRR)

RESUMO
Dentro do espetáculo feito no Festival de Parintins, a temática da negritude é recorrente nas apresentações feitas no bumbódromo, espaço que ocorre a disputa dos bois-bumbás parintinenses. O objetivo deste trabalho é analisar a toada Málúù Dúdú, do Boi Caprichoso, pelo viés do contracolonial. Para esta análise, utilizamos os escritos de Antônio Bispo dos Santos (2013), pois consideramos a toada como ferramenta contra colonial dos povos que fazem a festa parintinense. Junto de Nêgo Bispo, utilizamos também Patrícia Sampaio (2009) quanto à presença negra na Amazônia e a fortuna crítica produzida por Deilson Trindade (2021) e Adan Silva e Ericky Nakanome (2019) sobre a cultura negra na festa dos bois parintinenses. O Boi Caprichoso, por meio de seus temas apresentados na arena do festival e de suas músicas, exalta a negritude amazônica desde os anos 90. Lançada em 2024, a toada “Málúù Dúdú”, composição de Adriano Aguiar, Gean Souza e Tomaz Miranda, do álbum “Cultura - O Triunfo do Povo”, tornou-se uma das mais executadas em aplicativos de reprodução de músicas e isto fez com que a mensagem proposta fosse entoada pelo Brasil inteiro. Em yorubá, málúù dúdú significa boi preto, uma referência ao Boi Caprichoso, que podemos verificar nos versos “Couro de veludo, negro como a noite” e “Foi meu preto que urrou”. Também vemos a luta antirracista proposta pela toada em “A ponta do chifre é a lança que avança / Contra o racismo e a intolerância / A porteira de opressões não aguenta / Meu boi é Agbara, ninguém enfrenta!”, que faz com que percebamos essa toada como uma arma contracolonial no sentido proposto por Nêgo Bispo.
Palavras-chave: Toada de boi-bumbá; Contra colonização; Negritude amazônica.

griots

SIMPÓSIO 17
TERITÓRIOS DE MORTE:
CORPO E ESPAÇO SAGRADO NAS ESCRITAS AFRICANAS

Organização do Simpósio:
André Pinheiro (UFPI)
Carolina de Aquino Gomes (UFPI)
Tiago Barbosa Souza (UFPI)

RESUMO
Em um panorama geral das literaturas africanas, facilmente se percebe que a temática da morte constitui um dos recursos mais expressivos para se abordar a natureza do sagrado e o sistema de crenças que o fundamenta. Os rituais religiosos voltados para a celebração da morte tendem a sacralizar o espaço onde tais práticas são realizadas, bem como ressignificar a vivência do corpo, que agora se apresenta como um veículo de conexão espiritual e fonte de memórias coletivas. Dentro desse contexto, o corpo atua como mediador entre o espaço sagrado e os rituais fúnebres, sendo ao mesmo tempo sujeito transformador e objeto de transformação. Através de variados processos performáticos (como danças sagradas, ritos de cura e cerimônias funestas), o corpo torna-se um portal para a transcendência, simbolizando a continuidade da vida e a conexão com a ancestralidade. A morte é compreendida, portanto, como um meio de transição e transformação que reconfigura tanto o espaço quanto o corpo, atribuindo-lhes um teor mítico. As literaturas de matriz africana normalmente capturam a complexidade dessas dinâmicas e oferecem um arsenal de narrativas e poemas que tentam confluir o espaço sagrado, o corpo ritualizado e a morte como parte de um ciclo contínuo de vida e espiritualidade, revelando uma cosmovisão rica em simbolismo, ancestralidade e resistência. Mais importante ainda, essas literaturas exploram a riqueza e a diversidade das experiências sagradas, revelando sua importância na construção da identidade cultural, na preservação da memória ancestral e na conexão com as divindades. Diante do exposto, o principal objetivo deste simpósio é congregar trabalhos que se proponham a analisar, no âmbito das literaturas africanas, o modo como a morte impacta na produção do espaço e na ressignificação dos corpos, instaurando uma dialética de sacralização e dessacralização da experiência humana.
Palavras-chave: Literatura Africana. Morte. Espaço. Corpo.

NOVOS REALISMOS EM “MACUMBA E FOGO NAS ENCRUZILHADAS”, DE RODRIGO SANTOS: LEITURAS COMPARADAS

Ricardo Nogueira Soares Martins (UERJ)

RESUMO
O projeto propõe investigar dois romances de Rodrigo Santos, escritor e professor nascido em São Gonçalo, Macumba e Fogo nas e encruzilhadas. O projeto tem como tema as formas contemporâneas de realismo, destacando os elementos fantásticos nas duas narrativas. Rodrigo Santos articula uma trama ambientada em espaços sociais periféricos e trata de sujeitos subalternizados cujas vidas passam a primeiro plano em suas narrativas. Daí a relevância dos cultos afro-brasileiros na trama e a pesquisa sobre as formas do fantástico na obra, o que nos leva a um referencial teórico inicialmente concentrado em teorias já consolidadas, como em Introdução à literatura fantástica (1975) e As estruturas narrativas (2012), de Tzvetan Todorov, ao lado de Novos realismos, de Izabel Margato e Renato Cordeiro Gomes (2012), além de obras mais recentes com as de Irlemar Chiampi (2015), Ana Luiza Silva Camarani (2014), Joaquim Namorado (1938), dentre outros. Serão levadas em conta as perspectivas destes teóricos, e seus objetos de investigação: os realismos e a fantasia. A metodologia se debruça sobre a análise comparativa dos romances com o auxílio dos textos teóricos citados e outros. A pesquisa se justifica por se tratar de autor ainda pouquíssimo estudado e pelas relações que mantém com a periferia do Rio de Janeiro, trazendo ainda uma inusitada mescla de romance policial, narrativa fantástica, análise social, problematização religiosa e crítica política.
Palavras-chave:

CARTOGRAFIAS DA MORTE NA POESIA DE MIA COUTO

André Pinheiro (UFPI)

RESUMO
Na poesia de Mia Couto, os cenários de morte são abundantes e constituem uma espécie de formalização estética de questões sociais, culturais, históricas e políticas inerentes ao contexto de seu país. Por isso mesmo, essas paisagens estão assinaladas tanto pelo prisma do misticismo (a partir do qual o corpo moribundo se integra aos elementos da natureza e estabelece uma nova conexão com os vivos), quanto pelo prisma da crítica social (transformando-se em uma alegoria da destruição causada pela guerra, pela pobreza e pela exploração colonial). Graças ao seu caráter cíclico, os espaços da morte presentes na poesia de Mia Couto garantem a preservação da memória cultural moçambicana, até porque a morte não é encarada como um apagamento, mas sim como uma forma de perpetuar a herança coletiva e espiritual de um povo. É preciso destacar que Couto frequentemente associa a morte a imagens da natureza, ressaltando o processo natural de renovação e continuidade da vida. Em sua poesia, paisagens entram em ruínas e plantas e animais sucumbem para imprimir uma espécie de pulsão da errância. Dessa forma, o eu-lírico parece assumir uma experiência nômade que o desterritorializa. A estabilidade só é restituída através do exercício de ritos, pois a espiritualidade oferece conforto e sentido, transformando a morte em um evento que fortalece os laços comunitários e reafirma a continuidade da vida. Diante do exposto, o principal objetivo deste trabalho é analisar a representação das paisagens de morte na poesia de Mia Couto, partindo do pressuposto de que o autor ancora na categoria do espaço questões inerentes à história de Moçambique. Par tanto, toma-se como principal aporte teórico os estudos de ASSMANN (2016) sobre a morte como suporte mnemônico, CANDIDO (2010) sobre os processos de redução estrutural e MAFFESOLI (2001) sobre a natureza do nomadismo.
Palavras-chave:

A TRANSGRESSÃO SEXUAL COMO ELEMENTO DA ESTÉTICA GÓTICA EM "MULUNGU", DE ADELINO TIMÓTEO

Amosse Jorge Gelo (UEFS)
Tércia Costa Valverde (UEFS)

RESUMO
No romance gótico, o corpo humano, enquanto campo de batalha entre o desejo, a identidade e a moralidade, simboliza, de forma complexa, questões da sexualidade que provocam e desafiam as normas das mais diversas sociedades. Neste trabalho, buscamos explorar as estratégias literárias utilizadas pelo escritor moçambicano Adelino Timóteo, na narrativa Mulungu (2007), para descrever as transgressões sexuais como ferramentas que expõem a opressão das mulheres em situações de vulnerabilidade, nas sociedades patriarcais moçambicanas. Dentre os atos macabros transgressores destacamos: o incesto praticado pelo Deus Mulungu ao se casar com a sua própria filha, Mazeza, como forma de fortificar o seu poder, as suas relações sexuais em rituais exorcistas com mulheres estéreis, as quais viam os seus maridos assassinados e canibalizados, as orgias, traições e relações sexuais violentas. Por outro lado, pretendemos analisar a influência do gótico enquanto uma forma poderosa de análise social, que utiliza o horror e terror como meio para abordar e criticar as estruturas de poder e normas sociais no contexto sociocultural e histórico pós-independência de Moçambique. Nesta narrativa, Adelino Timóteo utiliza a figura da personagem Mazeza que se encontra em perigo ao desafiar Mulungu na sua jornada à cidade dos fantasmas em busca de libertação sexual, como uma metáfora para a luta pela autonomia e identidade feminina, enfatizando a resistência e força interior, considerando que o marido não a satisfazia por longo período, porém, não podia se relacionar com outros homens por conta do feitiço contra adultério, que viria a quebrar nessa jornada. Para a concretização da nossa investigação, adotamos como principais teóricos: Sodré e Paiva (2002), Kayser (1986), Todorov (2017) e Hugo (2019). Definimos o percurso metodológico baseado, na primeira fase, na pesquisa bibliográfica, seguida da análise crítica da referida obra, através do método hermenêutico.
Palavras-chave: Mulungu. Adelino Timóteo. Estética gótica. Sexualidade.

ENTRE O REAL E O INSÓLITO: A VELHICE E O PRENÚNCIO DA MORTE NO CONTO “A FOGUEIRA”, DE MIA COUTO

Carolina de Aquino Gomes (UFPI)

RESUMO

A presente comunicação se propõe a realizar uma análise da narrativa “A fogueira”, do escritor Moçambicano Mia Couto, presente no livro Vozes anoitecidas (2013). A história é ambientada em uma região pobre do país em que, apesar de assombrados pela violência das lutas pela independência, o povo ainda consegue manter viva sua identidade. Nas culturas africanas, os velhos são os guardiões da sabedoria popular, tendo a capacidade de alterar os acontecimentos no mundo. Nesse cenário, a morte é acolhida com naturalidade. Assim, o narrador onisciente mescla a realidade factual, em momentos em que o narrador se distancia para narrar os fatos da guerra, e fatos insólitos, quando ele se aproxima do casebre e do interior das personagens. O conto inicia com o prenúncio da morte nas palavras do ancião, mas também, por reflexo, no pensamento da velha. Reflete-se sobre ela e prepara-se para ela. É nesse sentido que se busca compreender como o modo fantástico, através do real animismo, se estrutura no conto afim de ilustrar o percurso simbólico construído no conto de Mia Couto entre a velhice, a morte e o sentimento de libertação. Para tanto, buscamos identificar os mecanismos do modo fantástico (Ceserani, 2006) que auxiliam na estruturação do percurso simbólico do conceito de morte pelo viés cultural africano, bem como procuramos entender como se constitui no conto o real animismo (Garuba, 2012), gênero que interliga o literário ao filosófico e explora as capacidades de significação da morte como símbolo de libertação nesta narrativa de Mia Couto.

Palavras-chave:

“ELA NÃO SOUBE MORRER. A MORTE, ELA SÓ SOUBE DAR”: O CORPO NA FORMAÇÃO DE UM DESAPARECER EM “CHANSON DOUCE”, DE LEILA SLIMANI

Tiago Barbosa Souza (UFPI)

RESUMO
O sanguinário desfecho em prolepse nas primeiras páginas de Chanson douce (2016), de Leïla Slimani, coloca a morte como o momento de uma inversão essencial do sentido da vida de Louise, a babá perfeita que dedicara integralmente sua existência, no período em que trabalhou para Paul e Myriam, à criação de Mila e Adam, até o dia em que os esfaqueou e, tentando o suicídio em seguida. O completo abandono da própria individualidade em nome dos serviços à família Massé lhe causara uma espécie de esvaziamento do próprio ser, uma forma de desaparecer de si (Le Breton, 2018) que, à medida em que é progressivamente e voluntariamente explorada pela família, passa a depender deles para se realizar enquanto indivíduo, como em uma relação de comensalismo, ou um parasitismo de mão dupla. Louise se torna obcecada pela ideia de um terceiro filho para o casal, o que voltaria a preencher seu cotidiano e garantiria sua permanência na família. A trajetória entre a chegada de Louise — uma francesa que é empregada por Myriam, personagem de ascendência argelina — e a sua quase completa assimilação à família, se dá não sem reflexão, por parte dos patrões, sobre a exploração que estes aceitam praticar, estabelecendo outra inversão, relativa à dinâmica migratória africana na França e à exploração de mão de obra doméstica. Nesse percurso, o corpo se constitui como fundamento da construção narrativa, tanto na composição corporal dos personagens, suas tensões sensorial, emocional e erótica, quanto em relação aos contatos físicos e à construção de laços de diversos matizes, e também pela construção de uma metalinguagem fundada no corpo. Nesse sentido, propomos uma análise desse trabalho literário com o corpo, utilizando como aporte teórico principal os estudos de Braunstein e Pépin (2001), Jeudy (2002), Moraes (2012) e Le Breton (2012; 2018).
Palavras-chave:

SIMPÓSIO 19
LITERATURAS AFRICANAS E AFRO-DIASPÓRICAS QUEER: REPRESENTAÇÕES DE CONFLITOS E RESISTÊNCIAS

Organização do Simpósio:
Orison Marden Bandeira de Melo Júnior (UFRN)
Monaliza Rios Silva (UFAPE)

RESUMO
As literaturas africanas e afro-diaspóricas queer têm, aos poucos, ganhado espaço na academia brasileira. Apesar de haver muitos estudos sobre as literaturas africanas e afro-diaspóricas e sobre as literaturas queer no Brasil, pesquisas sobre as literaturas de autores/as africanos/as/es e em afro-diáspora que representam questões relativas à comunidade LGBTQIAPN+ em África ou na diáspora ainda são insipientes. Este simpósio busca, portanto, fomentar o debate sobre as literaturas africanas e afro-diaspóricas que representam sexualidades dissidentes de forma interseccionalizada (Bilge; Collins, 2019), considerando atravessamentos de opressões, tais como: raça, identidade de gênero, classe, religião, idade etc. A partir do pensamento de Audre Lorde (2009) de que opressão e intolerância contra o diferente existem de todas as formas e tamanhos, este simpósio objetiva trazer à luz a opressão contra vivências queer em África e na diáspora por meio da representação literária de conflitos vividos pelas personagens, quer por questões legais (criminalização da homossexualidade), religiosas (fundamentalismo religioso) ou pelo discurso da tradição, segundo o qual a homossexualidade é considerada não-africana (Mutua, 2011; Msibi, 2011; Ambani, 2017). Este simpósio também considera que a própria existência dessas literaturas já é um posicionamento axiológico de resistência. Por estar este simpósio no campo literário, o seu foco também recai sobre pesquisas em que haja o diálogo entre conteúdo temático e a forma estética, permitindo a compreensão de como os conflitos e as resistências são materializados no texto literário. Destacar as literaturas africanas e afro-diaspóricas queer neste simpósio, situado no eixo temático Áfricas, diversidades, preconceitos, LGBTQIAPN+, é contrapor-se ao processo excludente e opressor contra vivências queer. Dessa forma, enfatizar a representação de sexualidades dissidentes torna-se imperativo para a compreensão e análise dos textos literários de cada pesquisa participante, bem como para a iluminação do tema na academia brasileira.
Palavras-chave: Literaturas africanas e afro-diaspóricas queer. Conflitos. Resistências.

EU PERDI O MEDO DA CHUVA PARA PODER REENCONTRAR A METADE DESSA VIDA QUE NÃO ME DEIXARAM USAR": ESCREVIVÊNCIAS DE UM ACADÊMICO DE DIREITO JOVEM, NEGRO E LGBTQI+

Tarcísio André Matias Neto (UFERSA)

RESUMO
Buscar meu desenvolvimento pessoal no ambiente acadêmico foi uma forma de insubordinação contra um sistema educacional que foi pensado por e para pessoas que refletem um padrão branco, patriarcal e classista. Porém, estar neste espaço apresentou diversos outros entraves, podendo ser citado como um exemplo a falta de representatividade dentro do corpo discente, quadro que se torna ainda mais agravado quando em se tratando do corpo docente. Partindo da dificuldade que os corpos subalternizados – pessoas negras, mulheres e LGBTQI+ – encontram para se manter na academia, enquanto um ambiente excludente e solitário, este trabalho tem como proposição utilizar a metodologia de "Escrevivência", apresentado por Conceição Evaristo, para debater as dificuldades enfrentadas por um estudante de Direito, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), sendo jovem, negro e LGBTQI+. Passeando através das minhas memórias, em alternância com o diálogo dos escritos de referenciais teóricos como Grada Kilomba, Helena Vieira, Maria Angélica dos Santos, Heleieth Saffioti e Bell Hooks, o trabalho se estrutura em três momentos. Inicialmente, irei tratar dos meus marcadores sociais de gênero, raça e classe, e assim, tratar mais diretamente sobre como é se sentir como “o outro” no ambiente universitário. Em sequência, passo a discorrer acerca da rigidez acadêmica e estrutural nos cursos de direito, assim como a falta de representatividade e de liberdade para estudar e debater temas correlatos às vivências e aprendizados diversos. Por fim, chego na questão central, da solidão que os corpos abjetos sentem nesses ambientes, que foram tão hostis ao longo da história, por terem que ocupar esses espaços, mas sem estar rodeados por seus semelhantes.
Palavras-chave:

ENTRE AFETOS E DESAFETOS: A FUNÇÃO SOCIAL DA LINGUAGEM NO CONTO “THE DREAMERS’ LITANY” DE ARINZE IFEAKANDU

Andressa Freitas dos Santos (UFRN)

RESUMO
Em 2022, o autor nigeriano Arinze Ifeakandu publicou God’s Children Are Little Broken Things, uma coleção de nove contos que aborda a vulnerabilidades do amor queer entre homens na Nigéria. O conto The Dreamer’s Litany explora as fragilidades afetuosas através da linguagem entre Auwal, um humilde proprietário de uma loja da etnia haucá, e Chief Emeka, um rico empresário da etnia igbo. Um dos meios da atração afetuosa das personagens ocorre por meio linguagem que intercambia ora entre o inglês pidgin, ora através do haucá. Contudo, a desconexão do relacionamento das personagens é reforçado principalmente através dos momentos de uso do idioma igbo, apenas falado por Chief Emeka. A partir disso, se faz necessário compreender a problemática sobre as influências da linguagem como mediação nas relações afetivas das personagens, e como uma língua em comum pode ser um elemento unificador entre indivíduos, e uma outra desconhecida distanciá-los. Para investigar sobre esse problema, os fundamentos teóricos são centrados nas noções do crítico literário Mikhail Bakhtin (2014; 2020) que entende a linguagem como cosmovisão e como signo ideológico, e Valentin Volóchinov (2019) que concebe a língua como fenômeno social, dinâmico, sendo desenvolvida apenas através da interação entre as pessoas, compreendendo que a palavra é a unidade básica da linguagem e só possui significado dentro de um discurso partilhado por um grupo. Assim, as conclusões preliminares apontam que a linguagem é mediadora das relações sociais entre Auwal e Chief Emeka, sendo capaz de uni-los através de signos ideológicos em comum como também, em outros momentos do conto, provocar distanciamentos e rupturas emocionais nas situações de incompreensão da língua, refletindo as complexas dinâmicas identitárias, étnicas e sociais.
Palavras-chave:

YOU HAVE TO BE GAY TO KNOW GOD: ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO RELIGIOSO À LUZ DA ARQUITETÔNICA DE BAKHTIN

Felype Joseh De Souza Lima Alves e Silva (UFRN)

RESUMO
A literatura africana queer desponta como promissora de análise acadêmica devido ao reconhecido papel de resistência de grupos ainda marginalizados. Segundo a organização Human Dignity Trust (2024), trinta e um países criminalizam a homossexualidade em África. Dentre aqueles que não apresentam lei opressiva à comunidade destaca-se a África do Sul, onde apesar de postura progressista são crescentes os casos de violência homofóbica. As justificativas estão no conceito de "pecado", mas há aquelas que entendem o imagético do "homem gay" e do "homem africano" como irreconciliáveis. A representação do conflito que tensiona religião com diversidade sexual pode ser lida em vários contos da literatura africana queer e carece de análises com viés dialógico. Nesse sentido, apresenta-se You Have to be Gay to Know God (2018), do sul-africano Siya Khumalo, obra autobiográfica que reflete esse cenário contextualizado, fazendo leitura social do clima religioso e político do país por meio de atravessamentos em recortes temporais. Como criação artística, a obra reside não apenas na vida pessoal do autor, mas numa existência também estética, remetendo ao conceito de arquitetônica discutido por Bakhtin (2010). Diante desse panorama, este trabalho objetiva analisar com ênfase na Teoria do Romance de Bakhtin e amparado no conceito de arquitetônica como instrumento metodológico, a construção da obra citada, almejando verificar como o conteúdo, revisitado da vida autoral e que aborda a tensão entre homossexualidade e religião, ganha forma por meio da linguagem orquestrada. Na obra, o tensionamento é expresso através da memória e da reinterpretação das narrativas religiosas. O autor-personagem reflete sobre a flexibilidade interpretativa do discurso religioso vigente no país e como sua fé foi influenciada. Aponta-se a relevância e potencialidade da obra para os estudos queer e na promoção de uma sociedade mais acolhedora e reflexiva, entendendo literatura como força humanizadora.
Palavras-chave:

PARTIR PARA DIGNO SER

Ricardo Postal (UFPE)

RESUMO
Sabemos todos da "fuga para as cidades" que fomenta a possibilidade de existência e livre expressão de gênero e sexualidade para os sujeitos homossexuais. A metrópole garante anonimato, encontro com os semelhantes, articulações multiculturais e o oposto da reclusão de mentalidades dos pequenos centros e de lugarejos interioranos. Não é desse deslocamento que trataremos aqui, mas sim desses mesmos homens gays que para obterem a possibilidade de serem quem efetivamente são, precisam abandonar o norte da África em busca de uma Espanha, França ou Itália que os acolha, de maneiras díspares, mas que estejam mais próximas de uma aceitação e de direitos, ou seja, da dignidade das pessoas LGBT+. Trataremos especificamente de obras literárias, romances, marroquinos, que têm sido traduzidos cada vez mais no Brasil, assim como as literaturas argelinas e tunisianas, indicando que existe um interesse crescente tanto pelo Magreb quanto pela literatura de migração e exílio, que habitualmente tem sido apresentada por esses escritores. Analisaremos, de maneira comparativa, como os narradores e personagens gays presentes nos romances Partir (2007 [2006]), de Tahar Ben Jelloun e Aquele que é digno de ser amado, de Abdellah Taïa (2018 [2017]) são apresentados, lidam com preconceitos, família, religião e com a necessidade de fugir do Marrocos. Para tanto, nas duas obras, o estrangeiro aparece como via de escape, e a submissão a relações desiguais, tóxicas e degradantes se dá por vontade de fuga. Desse modo, o corpo e o desejo são as naus que permitem existências legítimas dos sujeitos gays, porém a vontade de voltar a participar de sua cultura, a saudade da terra natal e dos seus familiares promovem um dilema nesses gays migrantes. Cabe-nos investigar o que isso diz sobre a literatura magrebina em intersecção com as literaturas de apresentação de dissidências sexuais e de gênero.
Palavras-chave:

UMA ANÁLISE DO MASCARAMENTO DA SEXUALIDADE DAS PERSONAGENS NA OBRA VAGABONDS! DE ELOGHOSA OSUNDE

Victor Hugo de Almeida Araújo (UFRN)

RESUMO
Este artigo analisa como o mascaramento da sexualidade é representado na obra "Vagabonds!" da autora nigeriana Eloghosa Osunde. A narrativa, que mistura realidade e fantasia, se passa em Lagos, capital da Nigéria, e conta em primeira pessoa vivências de personagens LGBTQIA+ em um contexto no qual a diversidade sexual é criminalizada e pode resultar em até 14 anos de prisão. A obra é organizada em contos semi-independentes e quase todos trazem a vivência de pessoas LGBTQIA+, cada uma com suas particularidades e uma estratégia diferente para mascarar sua verdadeira identidade e sexualidade num ambiente hostil. Obras como “Vagabonds!” têm extrema importância social, pois falam da dura realidade que a comunidade enfrenta em países onde é preciso usar máscaras para existir e o medo de ser descoberto é uma constante. A análise baseia-se em parte nos conceitos de Mikhail Bakhtin, particularmente suas discussões sobre conteúdo, material e forma na criação literária, conforme apresentado no livro "Questões de Literatura e Estética: A Teoria do Romance". A pesquisa investiga como o conteúdo do mascaramento da sexualidade é articulado através do discurso do narrador, revelando as tensões entre a identidade verdadeira e a identidade socialmente imposta. A metodologia adotada é qualitativa e analítica, envolvendo a seleção de trechos representativos da obra que abordem explicitamente o mascaramento da sexualidade e sua relevância para os temas de identidade e ocultação. Além disso, o estudo considera o contexto sociocultural da Nigéria, incluindo as leis e atitudes sociais em relação à comunidade LGBTQIA+, para compreender as pressões externas que contribuem para o mascaramento. Este trabalho busca aprofundar a compreensão de como "Vagabonds!" não só reflete as dificuldades enfrentadas por pessoas LGBTQIA+ em ambientes opressores, mas também dialoga com as teorias estéticas de Bakhtin, oferecendo uma crítica poderosa às condições sociais que forçam o ocultamento da verdadeira identidade.
Palavras-chave:

HOMONSTROS: UM ESTUDO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE NO ROMANCE SENEGALÊS HOMENS DE VERDADE, DE MOHAMED MBOUGAR SARR

Alex Santana França (UESC)

RESUMO
As identidades sexuais vêm sendo pensadas e discutidas em diversos âmbitos e contextos, apesar de ainda causar desconforto em parte significativa da sociedade mundial contemporânea. No Senegal, por exemplo, a homossexualidade é considerada crime, cuja legislação pune com penas de um a cinco anos de prisão os atos homossexuais. A proposta deste trabalho é estabelecer uma reflexão crítica sobre o tema a partir da obra Homens de verdade, do escritor senegalês Mohamed Mbougar Sarr. No romance, publicado na França em 2018 e no Brasil em 2021, pela editora Malê, com tradução de Fernando Klabin, um jovem professor de Letras, Ndéné Gueye, decepcionado com o ensino e cansado da hipocrisia moral da sua sociedade, depara-se com um vídeo veiculado no WhatsApp, em que o cadáver de um homem é desenterrado por uma multidão furiosa. Esse homem era um “Goor-Jigéen”, um “homem-mulher”, em outras palavras, um homossexual, algo considerado pecado, em um país fortemente influenciado pela religião muçulmana, que afeta os costumes e as relações sociais. Na narrativa de Sarr, as discussões do personagem Ndéné com sua amante, Rama, e alguns encontros com a travesti Maniang Niang e com Demba, um jovem garçom, vão aos poucos o ajudando a entender, em um contexto social cada vez mais tenso, a realidade da condição dos homossexuais no Senegal. O método de análise da obra será o descritivo-analítico. O referencial teórico para tal contempla diferentes áreas, em uma perspectiva transdisciplinar, já que para compreender as complexas dimensões da condição humana é necessário analisar inúmeras variáveis que incluem questões morais, políticas, ideológicas e culturais. A partir do romance Homens de verdade, de Mohamed Mbougar Sarr é possível pensar o cerceamento da liberdade em algumas sociedades, assim como, o incontornável, universal e inevitável encontro consigo mesmo.
Palavras-chave: Identidades sexuais. Homossexualidade no Senegal. Literatura senegalesa. Romance senegalês.

UMA ANÁLISE DIALÓGICA ACERCA DO IMPACTO DO DISCURSO RELIGIOSO ANTI-HOMOSSEXUALIDADE NA CONSTRUÇÃO DAS PROTAGONISTAS EM THE HAIRDRESSER OF HARARE DE TENDAI HUCHU

Eduardo Jefferson Cunha da Silva (UFRN)

RESUMO
The Hairdresser of Harare (Huchu, 2010), tem sido um dos romances queer mais destacados dentro da literatura africana de língua inglesa. A obra, ambientada no Zimbábue, é desenvolvida a partir da narração em primeira pessoa de Vimbai, personagem-narradora que trabalha como cabeleireira em um salão de Harare e que tem a vida mudada drasticamente após a chegada de Dumisani, um novo cabeleireiro precisando sustentar uma vida dupla que o possibilite viver enquanto gay em um país onde pessoas LGBTQIA+ são oprimidas em várias esferas. Desse modo, o objetivo deste trabalho é apresentar uma análise dialógica acerca do impacto do discurso religioso cristão anti-homossexualidade na construção estético-ideológica das protagonistas Vimbai e Dumisani, além de contribuir com a expansão do corpus. Para a análise desses discursos, a teoria do romance de Bakhtin (2015) serve como base teórico-analítica, à luz de conceitos como discurso autoritário, formação ideológica e posição ideológica. A análise da obra foi realizada sob o prisma do dialogismo bakhtiniano, com enfoque especial em sua arquitetônica. A discussão e análise mostram que o autor constrói, por meio de Vimbai, uma personagem influenciada por discursos que tendem a reproduzir uma imagem grotesca do homossexual, mas que, ao mesmo tempo, é capaz de questioná-los. Por outro lado, o autor representa Dumisani como um personagem criado para desafiar estereótipos, incorporando qualidades associadas à masculinidade e agindo como um catalisador na revelação de tensões e na exploração de contradições na sociedade zimbabuana. Concluímos que, por meio dessas construções de protagonistas, o autor apresenta uma narrativa que subverte o discurso homofóbico através de seu retrato do homem queer, bem como desencadeia reflexões sobre a vivência de pessoas LGBTQI+ em África que, mesmo dentro do armário, são exemplos de sucesso e resistência.
Palavras-chave:

ENTRE A OPRESSÃO E A AUTOAFIRMAÇÃO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DA CONSTRUÇÃO ESTÉTICOIDEOLÓGICA DE VIVEK/NNEMDI, PROTAGONISTA DE THE DEATH OF VIVEK OJI, DE AKWAEKE EMEZI

Pedro José Garcia de Menezes (UFRN)

RESUMO
O crescente interesse acadêmico pela literatura africana de língua inglesa no Brasil, impulsionado pelas traduções e publicações de obras de autores renomados do continente, tem sido amplamente observado. Todavia, a literatura africana queer, segmento literário em expansão especialmente em países de língua inglesa em África, ainda se constitui como um campo teórico pouco investigado. Este estudo, portanto, propõe-se a examinar as dinâmicas de opressão e autoafirmação que permeiam a construção estético-ideológica de Vivek/Nnemdi, o/a protagonista de gênero não-conformista do romance The Death of Vivek Oji, de Akwaeke Emezi, ambientado na Nigéria do final do século XX. Na obra, Emezi (2020) constrói a personagem de modo a fazê-la tanto ser oprimida por discursos autoritários, como o da masculinidade dominante e o do protestantismo cisheteronormativo, quanto capacitada a desafiar e transcender tais opressões por meio da autoafirmação do seu não-conformismo de gênero. Para a análise da dicotomia opressão-autoafirmação intrínseca à construção da personagem, a teoria do romance de Bakhtin (2015) orienta as discussões teóricas sobre o impacto dos discursos autoritários supracitados na formação ideológica da personagem e a sua recusa em assimilá-los. Diante disso, este estudo busca compreender em que medida os discursos e as ações do/a protagonista representam seu posicionamento axiológico diante dos discursos que o/a oprimem. Nesta pesquisa em andamento, observa-se, até então, que Vivek/Nnemdi, ao longo da narrativa, rejeita integralmente os discursos autoritários que o/a subjugam, o que evidencia a sua busca constante pela autoafirmação da sua identidade não-conformista.
Palavras-chave:

O DISCURSO AUTORITÁRIO RELIGIOSO EM CONFLITO COM A INTERSEXUALIDADE - UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO ROMANCE AN ORDINARY WONDER, DE BUKI PAPILLON

Válber Rodrigo Ribeiro de Medeiros (UFRN)

RESUMO
Buscando compreender a construção dos discursos que compõem o romance An Ordinary Wonder, da autora nigeriana Papillon (2022), nossa pesquisa se utiliza do diálogo entre material, conteúdo e forma proposto por Bakhtin (2010). Tendo em vista que as escolhas lexicais feitas em uma obra literária são carregadas de ideologia, nosso enfoque está em analisar na materialidade do texto o conteúdo que subjaz ao projeto estético da autora em estudo. Como resultado, podemos observar que se faz presente no romance um discurso cristão no sentido de caracterizar a intersexualidade como não-natural. No entanto, opõem-se a este fanatismo religioso outras formas de religiosidade, nas quais os discursos representados pela autora trazem aceitação para a personagem intersexo.
Palavras-chave:

A “CONFLUÊNCIA DAS COXAS”: RELAÇÃO ENTRE MULHERES NA POÉTICA DE MIRIAM ALVES

Marcela Ellen Penna Fernandes (UFPB)
Franciane Conceição da Silva (UFPB)

RESUMO
O presente trabalho pretende analisar poemas de Miriam Alves relativos ao erótico e à afetividade entre mulheres selecionados do livro Poemas Reunidos (2022), publicado pela editora Fósforo em comemoração aos 40 anos de trabalho poético da escritora, trazendo um compêndio da sua poesia desde a antologia Axé, passando pelos Cadernos Negros e outras publicações esparsas, até seus dois livros de poema publicados. O objetivo desta análise é entender de que maneira se relacionam dialogicamente (Stam, 2003) os elementos da natureza, presentes em muitos poemas da autora, com as simbologias de orixás femininas e masculinos, por vezes evocados e nomeados dentro do próprio texto – a exemplo do poema “Viageiro” – na construção estética de uma literatura pungente e escrevivida. A leitura dos poemas é sustentada a partir do que Franciane Silva (2018) denomina Ferocidade Poética, aplicada ao texto erótico em consonância com os conceitos de Escrevivência (Evaristo, 2020) e do Queerlombismo ou Cuíerlombismo, cunhados por Tatiana Nascimento (2018, 2020). Percebendo as sexualidades e performances de gênero dissidentes como inerentes à diáspora africana e à sobrevivência do corpo negro numa conjuntura racista que opera, no corpo feminino, pelas vias da animalidade e da hiperssexualização do corpo-objeto (Evaristo, 2005), uma vez que são corpos substancialmente excluídos dos padrões cis/hetero/normativos ocidentalistas, quer sociais quer representativos dentro da literatura e outras mídias, subvertendo os papéis de gênero da mulher escravizada à mulher contemporânea (hooks, 2019), conclui-se que a celebração do afeto, do erótico, da ferocidade e ternura da mulher que como um vulcão explode e com mulheres se relaciona demarca, duplamente no território da palavra e do corpo, a resistência (hooks, 2010, 2020) de gênero, sexo e sexualidade face às violências raciais e de gênero que se interseccionam.
Palavras-chave:

BALLROOM - TECNOLOGIA SOCIAL DA DIÁSPORA NO FOMENTO AO BEM VIVER TRAVESTI E LGBTTIAPN

Aline Ferreira do Nascimento (Comunidade Ballroom)

RESUMO

A cultura Ballroom é uma tecnologia social que emerge das necessidades da diáspora negra, especialmente das pessoas LGBTQIA+, com protagonismo travesti. Originada nos Estados Unidos durante a década de 1960, essa cultura se estabeleceu como um espaço de resistência e expressão para pessoas negras, latinas e LGBTQIA+ marginalizadas, oferecendo uma alternativa às violências sociais, raciais e de gênero, principalmente no auge na epidemia de AiDS, o que conduziu a organização da mesma em torno de "casas", que funcionam como famílias escolhidas, lideradas por "pais" e "mães", geralmente pessoas negras ou latinas LGBTQIA+, muitas vezes travestis ou trans. Essas casas competem em "balls", eventos onde ocorrem performances de dança, moda e atitude, conhecidos como "voguing", que celebram a diversidade e criatividade. Essa tecnologia permite a valorização, a representatividade e o poder de narrar nossas próprias histórias, subvertendo normas heteronormativas e racistas. Constrói um espaço de pertencimento, solidariedade e segurança, onde travestis e outras identidades de gênero e sexualidade marginalizadas podem explorar e afirmar suas identidades sem o julgamento e a opressão que enfrentam na colonialidade. Além disso, essa comunidade também serve como uma forma de transmissão de conhecimento e cultura, preservando tradições e histórias que, de outra forma, poderiam ser esquecidas ou apagadas. O protagonismo travesti na cultura Ballroom é particularmente significativo, pois desafia as construções binárias de gênero e promove a visibilidade e o respeito por corpos e identidades diversas. As travestis na cultura Ballroom não só ocupam posições de liderança, mas também inspiram novas gerações a abraçar suas identidades e lutar por espaço em uma sociedade que muitas vezes nega sua existência. Assim, a comunidade Ballroom representa uma poderosa ferramenta de resistência e sobrevivência da diáspora negra, onde o protagonismo travesti é central na construção de novas formas de existir e resistir.

Palavras-chave:

GAYERÓS PROFANO: WALDO MOTTA, O PERTURBADOR DA ORDEM SAGRADA

Monaliza Rios Silva (UFAPE)

RESUMO
Waldo Motta, ou Edivaldo Motta, nascido em São Mateus-ES, sob o Sol de Escorpião de 1959, poeta negro, ator, ensaísta, tradutor, agitador cultural, declaradamente gay e escrachadamente perturbador da ordem canônica. Em sua poética, percebemos uma agitação de sons e imagens reconstruindo corpos abjetos, por meio da palavra profanizada: verbum fiat lascívia. Em seu ensaio "Usos do Erótico: o erótico como poder", Audre Lorde (2020), ressignifica o termo "erótico" como algo que está relacionado ao âmbito dos usos do poder. O erótico, portanto, está associado a um acordar de instintos, conhecimentos, pensamentos e manifestações e, neste sentido, é o impulso que promove a ativação e o exercício do poder. Esta comunicação se pauta na escuta ativa da voz profana invocada por Motta em um protesto contra a invenção da higienização do corpo e da sacralização da ordem cristã que demoniza a carne, mas que segreda desejos interditos. Jota Mombaça (2015), em seu texto "Pode um Cu Mestiço falar?", problematiza a soberania branca heterociscentrada sobre os discursos contrários à lógica eurorreferenciada e reforça a importância das autorrepresentações de corpos e vozes contra hegemônicos nas artes. Além disso, Tatiana Nascimento (2020), em seu ensaio "Cuírlombismo Literário", apresenta uma proposta para a poética negra LGBTQI+ no atravessamento da dor e no empoderamento pela palavra, de dentro da perspectiva do aquilombamento artístico. Assim, através da voz poético-política, no poema "Pegação Sagrada" (Motta, 2009), nossas análises têm o intuito de demonstrar como a estrutura heterociscentrada e sacralizada é rasurada por meio da voz profana emanada pelos versos do referido poema.
Palavras-chave:

VIOLÊNCIA FÍSICA E DOGMÁTICO-RELIGIOSA CONTRA CORPOS QUEER: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA SOFRIDA PELO PROTAGONISTA DE SPEAK NO EVIL DE UZODINMA IWEALA

Orison Marden Bandeira de Melo Júnior (UFRN)

RESUMO
Pesquisas sobre as literaturas de autores/as africanos/as e afro-diaspóricos/as que representam questões relativas à comunidade LGBTQIAPN+ em África ainda são insipientes. Esta comunicação busca, portanto, preencher essa lacuna ao apresentar a análise do romance Speak no evil do autor nigeriano-americano Uzodinma Iweala (2018) pelo viés das violências física e dogmático-religiosa sobre corpos queer, em especial sobre a personagem gay do romance, a saber, Gwamniru (Niru) Ikemadu, filho de pais protestantes conservadores. Dividido em duas partes, sendo a primeira narrada por Niru e a segunda, por Meredith, sua amiga e colega de classe, o foco narrativo recai sobre Niru, tendo como conflito principal a descoberta do pai da sua homossexualidade, desencadeando uma série de violências fundamentadas no discurso autoritário (Bakhtin, 2015) - dogmático-religioso - de que o corpo queer é sexualmente depravado, doente e demoníaco (van Klinken, 2016). Nesse sentido, Niru não somente sofre violência física por parte do pai, mas também é submetido, na Nigéria, a sessões de exorcismo do "demônio da homossexualidade", uma violência dogmático-religiosa que leva Niru a exercer, sobre o seu próprio corpo, um rígido monitoramento das suas afetividades. Vale destacar que, na vida, a Nigéria é um dos países do continente africano que criminalizam a homossexualidade com até 14 anos de prisão (Human Dignity Trust, 2024), sendo esse contexto de criminalização altamente influenciado pelo discurso autoritário da religião contra sexualidades dissidentes (Zungura; Nyemba, 2018). A partir da teoria do romance de Bakhtin (2015), foi possível compreender que a construção da personagem Niru foi fundamentada no conflito – especialmente no conflito entre o discurso dogmático-religioso de que a sua homossexualidade é uma abominação e a sua relação com Damien, um jovem por quem tem afeto, mas com quem não consegue ter experiências sexuais devido a esse conflito, resultado da violência dogmático-religiosa a que é submetido.
Palavras-chave:

SIMPÓSIO 21
LITERATURA AFRODIASPÓRICA NA AMÉRICA LATINA: ESPERANÇA E BEM-VIVER

Organização do Simpósio:
Isabela Cristina Tavares da Silva (UEPB)
Thays Keylla de Albuquerque (UEPB)

RESUMO
Este Simpósio Temático tem como foco principal compreender a inscrição da esperança na literatura afrodiaspórica no eixo da América Latina. Nos apoiamos, fundamentalmente, na contribuição de pensadores que percebem a esperança e o afeto como potências de vida e práticas de (r)existência para subverter os padrões eurocêntricos, como nos apontam Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2023) em "Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico". Junto a esta visão, incorporam-se projetos intelectuais e estéticos indicando a necessidade de reestruturação dos modos de vida, cultura e linguagens em alinhamento com a ancestralidade para a reelaboração de presentes e futuros possíveis, como apresentam as reflexões de: Antonio Bispo (2023) e sua confluência de palavras para uma postura contracolonial; bell hooks (2017) com a apropriação da linguagem, da educação como emancipação e do amor como uma ação que deve ser cpovo negro; Lélia Gonzalez (2020) e Patricia Hill Collins (2023), no reconhecimento da potência de atuação de intelectuais negras para o fortalecimento da comunidade. Direcionando-nos à literatura, Beatriz Nascimento (2022) assinala que o negro foi historicamente traçado nas produções de autores brancos de forma marginalizada e na narrativa de autores e autoras negros a partir do lugar da dor e do trauma. Tais observações reforçam a necessidade de discutir lógicas outras por meio da literatura, como podemos notar nas obras de Cidinha da Silva, Chimamanda Ngozi, Cuti, Joel Rufino dos Santos e Elcina Valencia. Nessa linha, observamos as palavras da poeta Mariana de Matos quando aponta que “a emoção é um direito” e atesta “eu quero incendiar esta configuração de mundo” como uma orientação para os estudos que estão envolvidos em pensar o bem-viver e visões menos tradicionais e limitadoras das produções afrodiaspóricas. Portanto, acolheremos pesquisadoras/es e seus trabalhos centrados no esperançar, no afeto e no bem-viver para refletir sobre o povo afro-latino-americano.
Palavras-chave: Literatura afrodiaspórica. Esperançar. Bem-viver. Confluência.
.

“VOU RIR DO RISO RACISTA”: A COMICIDADE NA POESIA DE INALDETE PINHEIRO DE ANDRADE

Mariana Andrade Gomes (UFBA)

RESUMO
Ao contrário da concepção de que o riso seria uma supressão do medo, ou mesmo da tensão, conforme prevê o “alívio cômico”, Wole Soyinka, intelectual nigeriano, ganhador do prêmio Nobel de Literatura de 1986, em seu ensaio “The Lysistrata of Aristophanes” (1988) postula que a comicidade também possui um aspecto sinistro, uma ameaça, “imagine se isto realmente acontecer?”. Sob esta perspectiva, a experiência estética diante da fruição de uma obra risível se prolonga para além do ato da leitura e de um riso momentâneo: torna-se uma reflexão, uma reverberação, um incômodo até. Mesmo utilizando uma obra teatral canônica ocidental, em sua proposição Soyinka oportuniza um pungente ferramental analítico para compreender tanto suas produções quanto outras obras literárias produzidas por autorias negras em vários gêneros. A fortuna crítica referente ao riso na Literatura é dominada pela ótica ocidental branca: Aristóteles, Bakhtin, Bergson, etc. Mas e quando o cômico está presente em obras de escritoras negras? Não só nas narrativas, mas em suas poesias, não ocupando o lugar de subalternização e ridicularização que geralmente lhe é imposto por/nas produções brancas? E quando a mulher negra ri? Ri como a escritora potiguar Inaldete Pinheiro de Andrade, nas obras escritas na década de 1980 e compiladas no livro Travessias (2019), quando anuncia e ameaça que “Chega, doutor, basta [...] você vai me aguentar aqui mesmo [...]” para advertir aos intelectuais brancos algo incontornável: o suposto objeto de escárnio, o ser considerado inferior e desumano são eles próprios, evidenciado o absurdo e ridículo racismo. Esta proposta de leitura, então, faz parte de uma investigação em andamento acerca dos risos presentes nas Literaturas Negras Brasileiras de autoria feminina contemporâneas, no caso em tela, da poesia de Dona Inaldete Pinheiro de Andrade, uma das nossas baobás das Letras.
Palavras-chave:

O QUE REVELA O FUNDO DAS ÁGUAS DE KALUNGA? REFLEXÕES SOBRE UMA ECOPOÉTICA AFRODIASPÓRICA DECOLONIAL

Flávia Santos de Araújo (UFPB)

RESUMO
Pensando a cultura afro-diáspora nos entrelaçamentos de múltiplas travessias transnacionais, a noção de encruzilhada aplicada às águas é um conceito potente para compreender algumas das complexidades dos rituais, gestos, representações e performances afrodiaspóricas. Assim, uso o conceito de encruzilhadas para propor leituras alternativas (e transgressoras) de textos literários de escritoras negras das Américas que se constroem a partir de uma ecopoética decolonial voltada para possibilidades e desejo de vida plena para humanos e não-humanos na contramão do assombro colonial. Neste trabalho, proponho uma reflexão inicial que dialoga com o conceito de uma ecologia decolonial, elaborado pelo filósofo martinicano Malcolm Ferdinand (2022) que nos convida a considerar a experiência colonial como um marco da destruição ambiental e como esta se associa ao racismo estrutural e outras formas de opressão. O ponto de partida para minhas reflexões é o audiopoema Águas de Kalunga de Conceição Evaristo e a possibilidade que este texto nos oferece para pensarmos em alternativas de (re)imaginar o mundo, buscando reformular caminhos para um viver comum entre todos os seres. Entender os caminhos das águas como encruzilhada nos permite olhar o tempo em camadas múltiplas que se interlaçam –passado, presente, futuro – em espiral e nos ensinam a reconhecer tanto a colonialidade, que insiste em nos afogar, quanto os movimentos de luta, resgate, resiliência e refazimento que nos mantêm em curso pela vida.
Palavras-chave:

A SUBVERSÃO DO CORPO-QUILOMBO FEMININO COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA EM "UM DEFEITO DE COR", DE ANA MARIA GONÇALVES E "EU, TITUBA", DE MARYSE CONDÉ

Jeane Virgínia Costa do Nascimento (IFPI)
Sebastião marques (UERN)

RESUMO
A percepção do corpo-quilombo parte do pensamento em que a identidade de uma pessoa se constitui das próprias experiências e daquelas vivenciadas por seus ancestrais. Ainda, chamamos de corpo-quilombo que integra qualidades referentes a resgates memorialísticos e insurgências nos espaços em que estas eram possibilitadas. Tal fato é evidenciado quando este sujeito se encontra forçadamente inserido em um contexto colonial e que apesar da referida situação adversa, este consegue se manifestar de forma a resistir às agruras coloniais. Nos romances acima mencionados, destacam-se as protagonistas Kehinde/Luísa e Tituba, respectivamente, sobretudo suas vivências propiciadas pelos processos diaspóricos, conforme aponta Stuart Hall. Desse modo, o presente trabalho tem como propósito investigar as ações dos corpos-quilombo femininos nos romances Um defeito de cor e Eu, Tituba, feiticeira...negra de Salém, considerando, especificamente, suas condições de mulheres negras e subalternizadas na colonialidade. Discute-se as perspectivas essencialistas e não-essencialistas das identidades de acordo com Kathryn Woodward. Ressalta-se a centralidade do feminino nas sociedades africanas explanada pela escritora Oyerònkè Oyerùmi e como tal poder reverbera nos espaços de aquilombamento consoante a autora Silvia Federici, além dos mecanismos de resgate ancestral que corroboram com a ideia de rizoma proposta por Edouard Glissant. A pesquisa será realizada por meio da análise de excertos das obras e suas investigações mediante ao referencial teórico citado e outros que possam colaborar com esta reflexão. Espera-se, como resultado, que as identidades em estudo provavelmente se ressignificarão como forma de subverter a ordem colonial e tal fato se consolidará por meio de estratégias aprendidas com entes ancestrais, reiterando assim, a percepção de corpo-quilombo.
Palavras-chave:

A VIOLÊNCIA EM CENA NA LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA: FEIÇÕES DA FEROCIDADE POÉTICA

Franciane Conceição da Silva (UFPB)

RESUMO
Podemos afirmar que a encenação da violência que mescla brutalidade e lirismo é uma marca das narrativas de algumas autoras da Literatura Negro-Brasileira, destacando-se alguns nomes, tais como, Conceição Evaristo, Geni Guimarães, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Eliana Alves Cruz, Cristiane Sobral, Lílian Paula Serra e Deus, Taylane Cruz, Jarid Arraes, entre outras. A constante insatisfação com a realidade brutal na qual estão inseridas é a linha que costura as narrativas produzidas por essas escritoras. Abarcados, muitas vezes, por estratégias realistas, seus contos denunciam literariamente a violência, seja ela física ou simbólica, acentuando o compromisso com uma dicção que privilegie as subjetividades e experiências de personagens negras, representadas em uma perspectiva que não reforce estereótipos negativos, propagados em longa escala pela literatura canônica. Nesse sentido, o presente trabalho pretende analisar textos das escritoras negro-brasileiras Miriam Alves e Taylane Cruz, especialmente a produção de contos, no intuito de investigar algumas estratégias narrativas utilizadas pelas autoras para encenarem esteticamente a violência, sobretudo, a violência contra mulheres negras. Ao representarem cenas violentas em seus textos, as escritoras supracitadas apropriam-se de estratégias narrativas de grande efeito, mesclando brutalidade e ternura. Seus contos são tecidos com uma perspectiva diferenciada, marcados por um olhar feroz, mas sem perder a poeticidade do dizer. A partir das análises dos textos literários de Alves e Cruz, iremos mostrar que a encenação da violência construída por elas produz uma feição narrativa que chamamos de Ferocidade Poética (Silva, 2018). Nesse sentido, podemos afirmar que a prosa ficcional de escritoras negras, abarcadas pela Ferocidade Poética, se diferencia da estética da violência encenada nos textos canônicos de autoria branca, não pelo tema em si, mas pelo modo original como essa temática é abordada.
Palavras-chave:

DESLOCAMENTOS E VIOLÊNCIAS COMO MEMÓRIAS AFETIVAS EM "A MULHER DE PÉS DESCALÇOS

Ângela Viana de Sousa Silva (UERN)
Sebastião Marques Cardoso (UERN)

RESUMO
Esta pesquisa visa destacar a relação entre os deslocamentos e as violências vivenciadas por Stefania em A mulher de pés descalços (2017), da escritora ruandense Scholastique Mukasonga. Trata de uma temática singular para as mulheres que precisam fazer constantes deslocamentos para a proteção de sua família e para fugir das violências de gênero. A escritora parte de suas memórias afetivas para falar sobre as violências vivenciadas por sua mãe e por suas irmãs, ambas pertencentes à etnia Tutsi. O contexto histórico e político utilizado por Mukasonga é o genocídio realizado pelos Hutus em 1994. Fragmentada, a narrativa é construída de forma alternada entre as lembranças de momentos felizes ao lado da família e os momentos em que tinha que abandonar o lar para escapar da morte. De forma histórica e biográfica, com perdas e vitórias, Mukasonga toma como ponto de partida a década de 1950, período que que sua mãe – Stefania – foge pela primeira vez com seus filhos para escapar da fome, das doenças e da guerra entre os Hitus e os Tuts, sempre demonstrando normalidade e cultivando a cultura secular de seu povo. O extermínio dos Tutis talvez seja uma das formas de colonização mais cruel que possa existir. O método de pesquisa para alcançar o nosso objetivo foi bibliográfico e qualitativo alicerçados em teóricos como Césaire (2020), Spivak (2010), Lejeune (2008), Glissant (2005), Fanon (2008), Mbembe (2020). A pesquisa aponta que a escritora, sobrevivente da guerra em Ruanda, sofre com a perda de sua mãe e irmãs, no entanto, sua narrativa apresenta memórias que se constroem ao lado das violências sofridas por elas. Essas memórias são afetivas e, embora tristes, representam a vida vivida de alguém que está em seu lugar de fala e longe daquelas que foram massacradas por não poder falar.
Palavras-chave: Genocídio. Etnia. Gênero. Hutus. Tutsi.

AMEFRICANIDADE E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE MARYSE CONDÉ NO CAPÍTULO "LEÇON D'HISTOIRE" NA OBRA "LE COEUR À RIRE ET À PLEURER

Carolina Morais Lima (UFPI)

RESUMO
O processo de colonização sofrido nas Antilhas, mais precisamente se falando em Guadalupe, ilha natal da autora Maryse Condé, objeto desse estudo, atinge diretamente o processo de constituição da identidade, pois com a chegada dos europeus toda a cultura, tradições, religiões e até mesmo a língua do povo local foram subalternizadas e substituídas pelo o que é do colonizador. Os negros escravizados eram tidos como objetos e não pessoas, essa desumanização da pessoa negra reflete diretamente na sua construção identitária. Portanto, este trabalho tem por objetivo fazer uma análise do capítulo Leçon d'histoire do livro autobiográfico Un coeur à rire et à pleur da escritora guadalupense Marise Condé, buscando investigar as questões identitárias, a aceitação da condição de negra e a busca por suas origens, além disso, fazer uma relação entre o processo de construção identitária de Condé com o conceito de amefricanidade da autora brasileira Lélia Gonzalez, conceito esse que está ligado a resistência do povo negro contra a dominação do colonizador, do branco europeu. Para fundamentar esta pesquisa recorreremos a autores como Gonzalez (1988), Fanon (2008), Glissant (2005), Munanga (2012), entre outros.
Palavras-chave:

UMA PROFESSORA E SUA NARRATIVA COMO SETA: O ELO ENTRE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS

Luciana de Freitas Silveira (UFSC)
Patrícia de Morais Lima (UFSC)

RESUMO
O artigo busca compreender o pensamento teórico-metodológico intercultural como uma ferramenta relevante para a produção de conhecimentos educacionais relacionados à memória, experiência e narrativa na modernidade. E sua obra Memórias da Plantação (2019), de Grada Kilomba, aponta a subalternidade da fala. Segundo Kilomba, o grupo opressor domina o discurso por ser considerado mais humano, e superar essa desigualdade é uma questão urgente, especialmente no campo educacional. O diálogo com teóricos como A. Hampaté Bâ (1994), é importante pois seu pensamento defende que a fala é um movimento contínuo, essencial para a construção de identidades e histórias. Nesse sentido, a professora Maria de Lourdes Mina(Lurdinha) , militante do Movimento Negro Unificado (MNUSC), se destaca como uma figura de referência. Ativa na luta pela educação e pelas políticas públicas voltadas ao povo negro e às comunidades quilombolas em Santa Catarina, tem sua trajetória consolidada pela garantia dos direitos. Começa a lecionar muito jovem, acreditando que a educação seria a chave para melhorar a vida de sua família, e ao longo da sua caminhada, essa torna-se uma pauta fundamental para ela que compreende o legado colonial sob as populações mais vulneráveis. Ao longo do seu percurso, trabalhou em várias escolas e níveis de ensino, sempre pautando sua atuação no reconhecimento da oralidade como um componente essencial das tradições quilombolas. A professora traduz conceitos e práticas pedagógicas que visam à emancipação dessas populações.Walter Benjamin, em Experiência e Pobreza (1994), reforça a importância da transmissão de experiências de geração em geração, destacando o valor da oralidade para uma sociedade mais justa. Essa ideia converge com o trabalho de Lurdinha, que usa a palavra para possibilitar novas formas de construção social.
Palavras-chave:

LITERATURA NEGRA BRASILEIRA, MEMÓRIAS E LUTAS SOCIAIS

Flávio do Nascimento Gomes (UERN)

RESUMO
O povo negro brasileiro tem vivenciado um contexto de efervescência cultural e de resistências atravessadas tanto pela absolvição cultural quanto pelo genocídio físico expressos na mercantilização de suas lutas. As chacinas promovidas pelo terror policial do Estado e o apagamento e enquadramento da cultura pela indústria cultural capitalista que faz uso de velhas facetas ideologizantes no sentido de conter a resistência e a luta do povo negro, operando até os dias atuais o apagamento histórico e social e mesmo territorial. Nesse sentindo, a participação neste simpósio temático que discute literatura negra brasileira propõe-se como parte da experiência que vivencio na Universidade do Estado do Rio Grande Norte por ocasião de estar cursando mestrado em políticas públicas no Programa de Pós-graduação em Serviço Social e Direitos Sociais apresentando um olhar sobre a questão social e a literatura. A partir de abordagens literárias oriundas de autores negros no sentido de apresentar um debate interdisciplinar entre as áreas do serviço social e da literatura, temos como ponto de partida e chegada autores e autoras negros e negras como a escritora Carolina Maria de Jesus em sua obra “Quarto de despejo” (2014) e Lima Barreto com “Obras completas” (2022). Este trabalho, ainda em desenvolvimento, é resultante de uma pesquisa bibliográfica sendo um desdobramento crítico-reflexivo a respeito do que venho desenvolvendo em paralelo a minha dissertação que versa sobre o orçamento público da saúde, um tema que também é do interesse do povo Negro nesses tempos pós pandêmicos.
Palavras-chave:

O TEMPO DAS ENCHENTES

Roselaine Dias da Silva (UFSC)
Alexandra Alencar (UFSC)
Cristine Severo (UFSC)

RESUMO
Proponho neste texto, a partir da minha vivência no período das enchentes, momento único que vivi em território brasileiro, na cidade de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, impactada pela emergência climática. Essa condição implicou em minha pertinência de ser, atravessou não só minha trajetória acadêmica como doutoranda, em 2024, mas também meu percurso de vida. Que me fez pensar e constituir essa produção a partir do que vivi e senti durante as enchentes que atingiram a capital do extremo sul do país. Apresento na perspectiva do pensamento da Professora Leda Maria Martins (2023), a memória como parte significativa da história, nesse caso, contada por mim. A partir desse construto teórico, em que a autora garante que criamos nossa própria história "em retalhos de lembranças e retalhos de esquecimentos", rompendo dessa forma com a lógica colonizadora. Nessa perspectiva, o tempo será pensado a partir da organização cosmológica africana, em que não há uma composição linear e impositiva desse conceito. E o afeto será apresentado como mote de resistência ancestral em diálogo com a constituição da memória, que se estabelece a partir do componente afetivo na sua relação com o território. Constituída na inter-relação entre o tempo, a memória e o território e o ser que se constituiu nesse período. A metodologia foi desenvolvida pela busca bibliográfica e arquivos digitais da obra da Professora Leda Maria Martins (2023; 1999), realizada durante o curso Feminismos Negros, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas, dentro do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, na Universidade Federal de Santa Catarina.
Palavras-chave: Ancestralidade. Cosmologia Africana. Tempo. Memória.

O AFETO NA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE DE MARÉ DE MATOS E FRED CAJU

Thays Keylla de Albuquerque (UEPB)

RESUMO
Neste trabalho, proponho analisar alguns poemas dos livros No píer do peito (2022), da artista visual e poeta mineira Maré de Matos, e Abrigo: ou um nome o teu (2022), do poeta e editor pernambucano Fred Caju. A foto-performance de Maré de Matos "a emoção é um direito" (2020) impulsiona e motiva o desenvolvimento das reflexões porque revela, em consonância com bell hooks em Tudo sobre o amor (2020), as dificuldades de cultivos e demonstrações de afeto para muitas pessoas negras como resultado das dores e traumas do processo de escravização que ecoam até nossos dias. Dessa forma, a atenção deste estudo está voltada para as composições que delineiam o afeto, apresentando, sobretudo, o amor como horizonte possível para pessoas negras e suas respectivas literaturas. Para isso, desenvolvo apreciações críticas sobre a poesia brasileira contemporânea de autoria negra, a partir tanto de uma visão de desconstrução dos dispositivos da colonialidade que buscam seguir com o processo de negação de subjetividade às pessoas negras, quanto das novas possibilidades estéticas elaboradas por poetas negros da atualidade que permitem a quebra de estereótipos e expectativas diante das produções artísticas afrodiaspóricas. Norteiam as reflexões teóricas estudos como os de: Heloísa Toller Gomes (2004), bell hooks (2010, 2020), Thays Albuquerque (2017) e Calila Oliveira (2020). Evidenciaremos na análise dos poemas a construção de práticas de(s)coloniais ao priorizar uma elaboração poética das emoções, enfatizando as subjetividades que humanizam e revelam as complexidades dos sujeitos afrodescendentes, de tal forma que possibilitam uma produção literária mais plural e contrária à tendência de limitar os cultivos literários de autoria negra a determinadas temáticas e/ou estilos poéticos.
Palavras-chave: Poesia negra brasileira; Literatura e crítica contemporâneas; Literatura e De(s)colonialidade.

OLHOS PARA (RE)VER: NOVAS POSSIBILIDADES DA LITERATURA AFRODIASPÓRICA NA AMÉRICA LATINA

Isabela Cristina Tavares da Silva (UEPB)

RESUMO
A literatura afrodiaspórica na América Latina vem reverberando mudanças que expressam a necessidade de pensarmos sobre novas possibilidades de trajetória para a população negra em narrativas que celebram, progressivamente, a vida e a esperança em sua diversidade de configurações. Dito isto, o objetivo geral dessa investigação é apresentar narrativas contemporâneas da literatura afrodiaspórica na América Latina sob o olhar contracolonial e os objetivos específicos são: refletir sobre o potencial da literatura como estratégia de esperança para a população negra; reconhecer nas expressões literárias afrodiaspóricas formas de reconhecer a negritude que superem as histórias de sofrimento e racismo. Para isso, as contribuições de Antonio Bispo (2023), Ailton Krenak (2022), bell hooks (2017), Leda Maria Martins (2021) e Lélia Gonzalez (2020) são tomadas como aporte teórico principal. Para alcançar esses objetivos, está em andamento a produção de um mapa de obras latino-americanas que abarcam a esperança, ancestralidade e a vida em comunidade como temas centrais, também indicados como categorias de análise da investigação. Espera-se que o mapa possa se tornar um trabalho colaborativo com a contribuição de estudiosos/as e núcleos de pesquisa para o acesso e difusão da literatura contemporânea afrodiaspórica com projetos de escrita preocupados em semear a esperança para a população negra na América Latina.
Palavras-chave: literatura latino-americana; narrativas contemporâneas; literatura afrodiaspórica; esperança.

Griots

SIMPÓSIO 22
TABLADO, TRIBUNA DA IMPRENSA, TERREIRO: TERRITÓRIOS ESTÉTICOS E CRÍTICOS DA DIÁSPORA AFRICANA

Organização do Simpósio:
Marcelo Magalhães Leitão (UFC)
Thiago de Abreu e Lima Florêncio (URCA)
Liliana de Matos Oliveira (IFCE)

RESUMO
As expressões diversas de uma cultura negra, na América Latina e no Caribe, assentaram territórios estéticos e críticos que deram corpo e evidência a trajetórias sensíveis da diáspora africana. Do século XIX à contemporaneidade, a população afrodescendente do Caribe e da América Latina, espaços drasticamente marcados pela sanha colonial, estabeleceu formas socioculturais que possibilitaram a existência digna e comunitária diante das violências da diáspora e do racismo institucionalizado. As populações negras assentadas nesses espaços estruturados pela colonialidade foram capazes muitas vezes de delimitar territórios — o que Muniz Sodré define como "o lugar marcado de um jogo, que se entende em sentido amplo como a protoforma de toda e qualquer cultura" (Sodré, 2019, p. 25). As manifestações desse jogo podem ser identificadas em diversos espaços, caribenhos ou latino-americanos, e a discussão que propomos para este simpósio temático pretende articular o espaço das comunidades litúrgicas afrodiaspóricas (o terreiro), o espaço das discursividades da imprensa (a tribuna) e o espaço das expressões negras nas manifestações culturais e cênicas (o tablado). O que objetivamos com essa proposta é verificar, nos espaços apontados, o que Muniz Sodré chamou de "originalidade negra" — que "consiste em ter [a população afrodescendente] vivido uma estrutura dupla, em ter jogado com as ambiguidades do poder e, assim, podido implantar instituições paralelas" (Sodré, 2023, p. 95). É ainda essa duplicidade, como afirma Leda Maria Martins, que instaura o jogo da aparência, que é também o jogo do olhar, da ironia, da sedução, o jogo do andar e dos sentidos na tradução da diferença" (Martins, 2023, p. 60). Será de particular interesse, para nosso simpósio temático, a compreensão de que o jogo que se manifesta nesses espaços articula, para além dos atributos mais imediatos de cada um, expressões estéticas e críticas que instauram territórios de resistência e de afirmação.
Palavras-chave: Tablado. Terreiros. Territórios estéticos. Diáspora africana.

IMERSÃO ÀS ÁGUAS DE IEMANJÁ POR MEIO DO TEATRO RITUAL

Josivando Ferreira da Cruz (IFCE)

RESUMO
O estudo discute os saberes relacionados às religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras, com foco na mitologia de Iemanjá, a rainha das águas. Este, por sua vez, surgiu a partir de experimentos cênicos realizados em sala de aula, que propuseram um estado de imersão no universo ritualístico, ou, pode-se dizer, nas águas de Iemanjá, por meio do teatro ritual. O objetivo do estudo é compartilhar conhecimentos sobre as narrativas mitológicas de Iemanjá apreendidos através do teatro ritual. Os fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa inspiram-se na Pretagogia, caracterizando-a como qualitativa, de cunho bibliográfico e empírico. A base dissertativa é composta por leituras de autores como Petit (2015), Seixas (2018), Paula e Andrade (2023), juntamente com experiências educativas e teatrais desenvolvidas ao longo da disciplina denominada Estudos do Corpo II, do Curso de Licenciatura em Teatro, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, no período 2023.2. Como resultado, houve a apreensão de conhecimentos sobre as narrativas mitológicas de Iemanjá e suas referências às africanidades, assim como a compreensão dos sentidos de imersão em universos paralelos aos pilares ideológicos ocidentais por meio de um teatro ritualístico, criativo, crítico e significativo. Além disso, geraram-se discussões sobre sustentabilidade ambiental no que diz respeito à preservação das águas enquanto elemento indispensável para assegurar a vida no planeta Terra. Os enlaces entre as narrativas de Iemanjá e o teatro ritual culminaram em uma perspectiva artístico-pedagógica de caráter interdisciplinar, pois corroboraram para que os discentes assumissem uma postura ético-política em relação à sustentabilidade ambiental. Isso resultou no desenvolvimento de experimentos de ritos cênicos simbólicos, os quais foram apresentados ao final do período letivo. Salienta-se, ainda, que os saberes apreendidos mobilizaram os sujeitos envolvidos, discentes e docente, rumo à conscientização sobre o respeito às diferenças, à diversidade, à natureza e, principalmente, à vida.
Palavras-chave:

DO TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO À PERFORMANCE NEGRA CONTEMPORÂNEA: REFLEXÕES SOBRE PRESENÇA E NARRATIVAS NEGRAS

Liliana de Matos Oliveira (IFCE)

RESUMO
A criação do Teatro Experimental do Negro, em 1944, eclode como resposta ao impacto ético-estético vivenciado por Abdias do Nascimento, ao assistir em 1941 na capital do Peru, o espetáculo O Imperador Jones de Eugene O'Neill, e deparar-se com o papel do herói representado por um ator branco tingido de preto. Eis o fato, que associado ao protagonismo político de Abdias do Nascimento, e ao cenário social que compunha um momento propício para as lutas emancipatórias e democratizantes, com a consolidação da ONU e afirmação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, traz à tona a discussão sobre a presença negra na cena teatral brasileira. O artigo refletirá as contribuições político-filosóficas detonadas há 80 anos pela criação do Teatro Experimental do Negro, em seu contexto social, e analisará as reverberações desse acontecimento para afirmação da presença e da performance negra na cena contemporânea. A abordagem da presença e da performance negra será refletida tomando assento na força epistêmica das encruzilhadas abordada por Leda Maria Martins (1995), em harmonia à concepção filosófica yorubá, que reflete o lugar sagrado das intermediações entre sistemas e instâncias de conhecimento diversos. O diálogo prossegue com a intercessão das abordagens conceituais de Evani Tavares (2011), apresentando a diferenciação das categorias: performance negra, teatro de presença negra, teatro engajado negro, para evidenciar os caminhos diversos dessa presença ética-estética na cena contemporânea. A reflexão prossegue evidenciando a contribuição da performance e do teatro negro como territórios de permanente reconstrução das narrativas sobre as existências negras, e sua contribuição na reconfiguração do imaginário do negro na sociedade brasileira. O estudo busca compreender a partir, dos enredos das peças do TEN, dos textos jornalísticos produzidos por intelectuais a respeito do acontecimento, das dramaturgias e performances contemporâneas, quais narrativas ainda precisam ser contadas e quais apontam novas possibilidades sobre nossas existências.
Palavras-chave: Teatro Experimental do Negro. Presença Negra. Dramaturgias. Narrativas. Performance Negra Contemporânea.

UM CONTRAPONTO AO ESTEREÓTIPO DO HOMEM NEGRO VIOLENTO A PARTIR DA ANÁLISE DO PERSONAGEM WELLINGTON, DE MARTE UM (2022)

Mateus Ferreira Maia (UFC)

RESUMO
Inicialmente devemos ressaltar que, por parte de artistas negros e negras, sempre houve o empenho em buscar produzir olhares artísticos progressistas para além da violência que os atravessava, vide o exemplo de Zózimo Bulbul, Abdias Nascimento ou Beatriz Nascimento. Ainda assim, um breve olhar sobre o histórico cinematográfico brasileiro nos mostra que há, com a representação de personagens negros e negras, uma distorcida e engessada perspectiva, predominantemente preconceituosa e responsável também por contribuir com o processo de desumanização de tais figuras. Os motivos por trás deste panorama assolador estão inseridos em processos sociais violentos e que tentam excluir a participação de negros e negras em esferas culturais desde a formação deste país. Então, se há poucos produtores, diretores ou atores negros no processo de confecção de um filme, é naturalmente mais distante a possibilidade de uma representação complexa, humana ou fiel de personagens pretos ou pretas e mais próxima a possibilidade de sucumbir aos estereótipos mais agressivos e violentos possíveis. Em nossa pesquisa, pretendemos observar as estratégias narrativas utilizadas no longa-metragem Marte Um (2022), que conta com um elenco majoritariamente negro, bem como seu diretor e roteirista Gabriel Martins, na tentativa de romper com as bases estéticas em que são fundamentados estes estereótipos raciais que estão enraizados em nossa história e cultura. Buscamos dar enfoque no personagem Welington, o pai da família, um homem negro, periférico que, mesmo se encontrando diante da eminente mudança de suas crenças e paradigmas, nos oferece uma reação diferente ao violento viés de agressividade que nos acostumamos a esperar de personagens como este.
Palavras-chave:

MED HONDO E WEST INDIES: REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIA, PERFORMANCE PRETA E AQUILOMBAMENTO

Thiago de Abreu e Lima Florêncio (UFCA)

RESUMO
O filme WEST INDIES – LES NEGRES MARRONS DE LA LIBERTÉ (1979) do diretor mauritano Med Hondo coloca em cena os conflitos em torno da presença colonial francesa e das resistências da diáspora africana no Caribe. Sua estrutura narrativa joga com a simultaneidade temporal e espacial, em que tudo acontece dentro do cenário de um navio negreiro que, por sua vez, se encontra dentro de uma fábrica de carros. O diretor se vale da performance musical para apresentar os conflitos da colonialidade, intercalando encenações de documentos e fatos históricos referentes ao passado colonial com situações contemporâneas, no sentido de incitar a produção de uma memória de resistência que reconstitui a história caribenha pela referência das performances negras e de seus aquilombamentos. Procuro fazer aqui uma leitura crítica do filme em diálogo com Edouard Glissant e suas reflexões em torno das línguas crioulas e de suas combinações imprevisíveis (1981), assim como do pensamento do rastro e de suas relações de opacidade que criam possibilidades extremamente inventivas de resistência, principalmente nas reconstituições corpóreas e territoriais em torno dos quilombos. Como afirma Glissant, “o quilombo é ir para o mundo com os rastros que nós mesmos desvendamos”. Nesse sentido, esta pesquisa busca aproximar pensamentos sobre História (e sua quebra da linearidade ocidental), performance preta e suas instaurações de territórios de resistência em torno do aquilombamento.
Palavras-chave:

MACHADO E O HAITI: DISCURSO DA LIBERDADE E A PRÁTICA DA ESCRAVIDÃO EM UMA LEITURA DE MEMORIAL DE AIRES

Nicole Dourado de Morais (UFC)
Atilio Bergamini Junior (UFC)

RESUMO
No insigne ensaio "Hegel e o Haiti", Susan Buck-Morss reflete sobre como a filosofia política europeia, empenhada em construir um debate a respeito da liberdade, contraditoriamente silenciou acerca da escravidão que acometia as Américas. Dentre outras coisas, a autora aponta que a Revolução Haitiana causou certo medo na Europa e nos pensadores europeus, temerosos de que a revolta bem-sucedida dos escravizados haitianos inspirasse mais tomadas de liberdade. Considerando a ideia de Buck-Morss, este trabalho tem como objetivo relacionar a realidade exposta em "Hegel e o Haiti" com a leitura de Memorial de Aires (1908), de Machado de Assis. Neste diário de lembranças cujo recorte compreende os anos de 1888 e 1889, um grupo de escravos recém-libertos, à margem do enredo, ameaça a elite escravista representada no plano narrativo principal – que, por sua vez, empenha-se em silenciar qualquer referência à escravidão e ao destino das populações negras após a Abolição. Nesse sentido, relaciona-se a filosofia ocidental e o silenciamento a respeito da escravidão (para além de sua metáfora) com o contexto do Brasil do século XIX e a ambivalência ideológica das elites brasileiras diante do escravismo e das ideias liberais importadas. Para a análise, além do texto da filósofa, são considerados os trabalhos de Roberto Schwarz e de Sylvia Wynter. Além disso, trata-se da revolução do Haiti a partir dos estudos de Michel-Rolph Trouillot e da presença do evento na imprensa brasileira do século XIX. Vale ressaltar ainda que todos os apontamentos consideram a afrodescendência de Machado de Assis. Considerando a Revolução Haitiana como uma chave de leitura para o Memorial de Aires, pode-se inferir que o silêncio que atravessa o romance reflete o medo dos personagens de tratar da revolta dos escravizados da fazenda de Santa-Pia e de pensar uma realidade não escravocrata.
Palavras-chave:

TECEM-SE FIOS DE PALAVRAS PARA REGISTRAR MEMÓRIAS: UMA ANÁLISE DA SINGULARIDADE PLURAL NA OBRA CASA CHEIA, DE FABIANA CARNEIRO DA SILVA

Joan Saulo Ramos do Monte (UFPB)
Jamilly da Silva Rocha (UFPB)
Fabiana Carneiro (UFPB)

RESUMO
A escrita poética e literária há muito tempo tem sido frequentemente condicionada pelo cânone, sobretudo, às amarras de um escrever normativo e hierárquico enquanto formas de expressão do "belo". Não obstante, à luz de um contexto teórico permeado pela horizontalidade, ancestralidade performática e memória, percebe-se a imprescindibilidade desta como forma de percepção de si enquanto unidade plural a partir da argúcia do "eu" nos "outros" que vieram antes de um “nós” e estabeleceram os nós constituintes de nossa singularidade enquanto ser plural. É nesse contexto, que o presente trabalho propõe uma análise da singularidade plural na obra poética Casa Cheia, de autoria de Fabiana Carneiro da Silva (2023), com intuito de tecer leituras que possibilitem a compreensão acerca da memória coletiva no tocante à influência da narrativa histórica e de sua interação com a memória individual (Ricouer, 2007) contribuindo significativamente quanto à construção de identidades pós-coloniais (Bhaba, 1998) cientes das estratégias que o colonialismo direciona ao sujeito negro como maneira de promover a naturalização de sua desumanização (Fanon, 2020). Assim sendo, ao apresentar uma postura contra hegemônica, a partir da performance escrita de poemas tais como Herança, Palavra-presa, Eu Cariri, dentre outros, Fabiana Carneiro oportuniza o combate à violência empírica (Mbembe, 2014), nutrindo-se e reconstituindo-se enquanto sujeito que alimenta a vida cotidiana de modo a percebe-se enquanto singularidade plural articulada aos nós de sua re(existência), mediante a concretização metonímica e metafórica de sua poética como uma casa repleta de memórias e reverberes discursivos por meio dos quais é possível constatar de forma veemente sua pluralidade.
Palavras-chave: Memória coletiva. Singularidade plural. Identidade pós-colonial. Performance poética

AQUILOMBAMENTO LITERÁRIO NO JORNAL O CLARIM DA ALVORADA: UMA POÉTICA NEGRA FUGITIVA

Rubens Arley de Almeida Junior (UNESP/FFC-MARÍLIA)

RESUMO
Esta pesquisa objetiva analisar a produção poética e literária produzida e veiculada pelo jornal O Clarim d'Alvorada, dentro do contexto da Imprensa Negra Paulista. A análise busca responder se os/as intelectuais do jornal construíram um projeto estético, alinhado ao seu projeto político, ou seja, à sua agenda de combate ao racismo. Metodologicamente, essa pesquisa busca realizar uma pesquisa documental atrelada a uma análise de conteúdo qualitativa do jornal O Clarim d'Alvorada entre os anos de 1924 a 1932, a partir dos documentos disponíveis na Hemeroteca Digital. Nesse sentido, este trabalho, que ainda se encontra em desenvolvimento, compreende que os/as intelectuais d'O Clarim d'Alvorada produziram uma poética que busca fugir dos desígnios coloniais, se apropriando das formas estéticas brancas e subvertendo-as na medida em que impõe o negro como intelectual e agente do sistema literário. Essa fuga se concretiza enquanto uma prática de aquilombamento, na medida em que se foge do mundo colonial para inaugurar formas outras de se viver e de se produzir literatura. Assim, entende-se que a fugitividade atravessa os planos estético e político produzindo três formas de fuga: 1) fugir em direção a uma utopia construída a partir da agenda e das estratégias antirracistas do jornal. N'O Clarim d'Alvorada, ainda influenciado pela ideologia do branqueamento e pelas noções positivistas de sociedade e de raça, essa utopia se dá pela integração do negro na sociedade republicana; 2) a fuga dos princípios de legitimidade, estética e beleza criados pelos brancos, inaugurando uma poética da fugitividade que se desenvolve em um processo histórico de assenhoramento da escrita; 3) e a fuga concreta para um lugar seguro para a comunidade negra, a construção de um aquilombamento editorial, pensando em termos de veiculação de notícias e artigos menosprezados pela imprensa branca, e sobretudo, de um aquilombamento literário, em torno do qual a comunidade negra pode se articular política e esteticamente.
Palavras-chave:

AFRICANIAS ENTRE BRASIL E CARIBE: LUIZ GAMA E JOSÉ MARTÍ

Marcelo Magalhães Leitão (UFC)

RESUMO
O jornal domingueiro Diabo Coxo (1864-1865) é uma das diversas façanhas de Luiz Gama, advogado, poeta e jornalista que é considerado o precursor do abolicionismo no Brasil. Luiz Gama foi redator do referido jornal domingueiro, que teve Ângelo Agostini (1843-1910) como ilustrador, sendo o Diabo Coxo a primeira folha periódica ilustrada da província de São Paulo. Nas páginas do periódico domingueiro, traçadas pelo espírito agudo da verve satírica, figura a presença do Diabo Coxo, espécie de comentarista mordaz da provinciana cena social, atuando por vezes como a figura dramatúrgica de um raisonneur. A figura do Diabo Coxo não será nada incomum na imprensa periódica e ilustrada do século XIX mundo afora, e será também pertinente considerar a novela espanhola que certamente serviu de inspiração aos criadores do periódico paulistano: El Diablo Cojuelo (1641), de Luís Vélez de Guevara (1579-1644), dramaturgo e novelista espanhol. O fundamental princípio da sátira de atacar costumes pelo riso (ridendo castigat mores) é colocado em prática nas páginas do jornal domingueiro, e há muito de teatral na atuação do Diabo Coxo e dos demais personagens representados nas páginas do periódico. Essa feição satírica e teatral colocada na cena da imprensa brasileira em 1864 por Luiz Gama e por Ângelo Agostini surpreende e reencarna pouco adiante no tablado da imprensa, desta vez em Cuba: em 1869, José Martí publicaria El Diablo Cojuelo, periódico que veio à cena em edição única. O que nos propomos neste estudo é investigar a atuação desse infernal personagem nas páginas do periódico ilustrado do qual Luiz Gama foi redator, assim como no texto de José Martí, e neles buscar o gesto e a ginga de africanias críticas colocadas em cena.
Palavras-chave:

SIMPÓSIO 23

AMÉRICAS NEGRAS:
LITERATURAS, ANCESTRALIDADES, MEMÓRIAS E DECOLONIALIDADE

Organização do Simpósio:
Raimundo Silvino do Carmo Filho (UESPI)
Ricardo Silva Ramos de Souza (UFJF)

RESUMO

Os estudos literários nas Américas vêm mostrado como as heranças de matrizes africanas se traduzem e desdobram-se em relatos de experiências de povos negros reunidos nas margens das nações ditas modernas. Esses sujeitos de tempos, lugares diferentes e dispersos vivem o que Homi Bhabha denominou de DissemiNação (2014). Essas narrativas de fronteiras e suspensas sugerem não uma América Latina, mas Américas Negras, de povos vivendo retroativamente uma espécie de poética da relação (GLISSANT, 2013), de cujo epicentro as culturas retroalimentam e fermentam as literaturas e as identidades dessa região. Desse modo, as experiências de fronteiras emergem e refletem a natureza ancestral das memórias dos povos negros das Américas e suas resistências pela existência. Nesse contexto, o presente GT tem como propósito reunir e congregar estudos, pesquisas e trabalhos sobre os diferentes ângulos e aspectos das culturas e literaturas das Américas, propiciando, com isso, encontros, diálogos e debates diversos entre pesquisadores dos mais variados lugares das Américas. Em razão disso, a presente proposta de GT se alinha e dialoga diretamente com o eixo 12 do edital do Griots 2024 - Literaturas latino-americanas, caribenhas e diáspora africana. Para isso, nossa proposta acolherá estudos literários, relatos de experiências, narrativas escravas, performances e outras formas de expressões das literaturas e culturas negras. Além disso, receberemos estudos decoloniais, os quais revelam como a ante-humanidade e o biorracismo (CARMO FILHO, 2024) atuam como instrumentos políticos de destruição e morte do corpo negro.

Palavras-chave: Américas Negras. Literaturas; Ancestralidades. Memórias e decolonialidade.

A CONTRIBUIÇÃO LITERÁRIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS AO PENSAMENTO RACIAL BRASILEIRO

Ana Paula da Costa Munção (UFRN)

RESUMO
Tomando como base as produções literárias de Carolina Maria de Jesus, pretendemos por meio deste trabalho analisar o seu debate acerca da dimensão racial e social sobre o pensamento social brasileiro e ao seu estilo de escrita. Carolina, por meio da sua escrevivência, pensou, articulou, expôs e denunciou elementos sociais da cultura brasileira, se tornando um dos agentes na produção literária no Brasil, ao mesmo tempo que por meio também da sua trajetória de vida, observamos como a dinâmica brasileira a explorou e retirou para a margem mais uma vez, a levando ao esquecimento. Dessa forma, por meio da proposta teórico-metodológica de Antonio Candido, Raymond Williams e da abordagem decolonial, apontamos, por meio das contribuições de Carolina, como o caráter racial é um elemento fundante da produção social e literária acerca do pensamento brasileiro.
Palavras-chave:

A ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO RESISTÊNCIA AOS LUGARES SOCIAIS QUE LHE FORAM IMPOSTOS

Fabiana dos Santos Sousa (Prefeitura)

RESUMO
O presente artigo tem como objetivo destacar a escrita literária da escritora afro-brasileira Carolina Maria de Jesus como instrumento de resistência aos lugares sociais marginalizados impostos a ela e às demais pessoas da comunidade onde habita, ideia que surgiu a partir da leitura da sua obra Quarto de despejo: diário de uma favelada (2001), justamente a parte em que a autora declara escrever para mudar de vida. Para tal, busquei destacar esses lugares sociais impostos a ela e aos seus. A metodologia utilizada para construí-lo foi a pesquisa bibliográfica, tendo em vista que esta nos leva a saber quais teóricos são mais relevantes, academicamente, para respaldar o assunto em estudo. Além desta, a narrativa, que atuará como argumento para a ideia aqui defendida e, ainda, a dialética, dado que farei a leitura dos autores integrada ao meu argumento e pensamento buscando com eles dialogar/discutir. Isso significa que o pensamento não é estático, mas movimento, visando não a verdade superior, mas uma nova reflexão acerca do assunto a ser estudado. A fundamentação será feita a partir de autores como Evaristo (2005), Bosi (2002), Silva (2013), entre outros.
Palavras-chave: escrita literária; literatura afro-brasileira escrita por mulheres; resistência; lugares sociais impostos; Carolina Maria de Jesus.

JARID ARRAES, PREFÁCIO ÀS LITERATURAS AMEFRICANAS

Lisa Sthefanny Rodrigues da Silva (UFPI)

RESUMO
A referida pesquisa tem como objetivo mostrar a importância da Literatura de Cordel para a construção identitária social e cultural brasileira, focando nas Amefricanidades e partindo do pressuposto de que tal manifestação merece um vislumbre ainda maior de suas raízes. A ideia geral se volta para a tentativa de disseminar cada vez mais a literatura cordelista, tanto no meio popular como no meio acadêmico, assim, mostrando as incontáveis possibilidades de estudos. Em suma, esse trabalho foi construído através de pesquisas bibliográficas, utilizadas para o embasamento e aprimoramento dos conhecimentos, acerca do tema Cordel e das mulheres negras, Maria Firmina dos Reis e Esperança Garcia, a fim de trazer uma nova abordagem e mostrar cada vez mais mulheres negras e suas lutas, de forma artística, pelas palavras de Jarid Arraes. Por fim, ainda, esse projeto busca pesquisar o que, de fato, é o cordel, em sua verdadeira essência, assim, será utilizada a pesquisa de cunho bibliográfico tomando por base os teóricos e pesquisadores como: Luiz Beltrão (1980), Grada Kilomba (2019), Silva e Fronza (2023).
Palavras-chave:

AS VOZES ANCESTRAIS NA POESIA AMEFRICANA DE LEVANTE

Jade Soares do Nascimento (UFRJ)

RESUMO
"Os ancestrais fazem de mim seu instrumento/Minha voz não é minha é voz dos ancestrais/ Meus gestos não são meus, são gestos dos ancestrais" (ASSUMPÇÃO, 2020, p. 95). A poesia contemporânea cada vez mais extravasa o indivíduo e expõe um lugar da experiência que ultrapassa o ato e o momento da escrita. Essas poéticas trazem consigo representantes de grupos historicamente silenciados que desconstroem as lógicas representacionais da negritude e produzem testemunhos de suas vivências para recontar suas histórias. Nas palavras de Carlos de Assumpção (2020): "Há muitas histórias sobre os meus avós que a História não faz questão de contar" (ASSUMPÇÃO, 2020, p. 47). O diálogo entre gerações é a ponte da memória coletiva que permite contar histórias hoje para mover um futuro consciente dos processos estruturantes da realidade em que se insere o indivíduo. Construir um letramento social e racial através da literatura depende também de reconstruir vínculos com as vozes ancestrais que formam um fazer poético forjado em uma experiência de Amefricanidade (GONZALEZ, 1988), conceito que "permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: a AMÉRICA como um todo (Sul, Central, Norte e insular)". Pensar essa Amefricanidade implica reconhecer os processos e dinâmicas histórico-culturais de adaptação e resistência que construíram as noções de identidade étnica. O presente trabalho pretende discutir como a ancestralidade funciona como o elã dessa identidade étnica pautada em uma experiência de Amefricanidade que move a criação poética e incita a formação de uma poesia de levante. "Trazendo as dádivas que meus ancestrais me deram, Eu sou o sonho e a esperança dos escravos. Eu me levanto. Eu me levanto. Eu me levanto" (ANGELOU, 2020, p. 175).
Palavras-chave:

ESPERANÇA GARCIA: DENÚNCIA EM CARTA E POEMA – INSTRUMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Raimunda Celestina Mendes da Silva (UESPI)

A presente comunicação abordará a leitura da carta de Esperança Garcia escrita em 06 de setembro de 1770, e o poema Esperança Garcia, de Elio Ferreira. Sabe-se que a carta é um gênero que atrai a atenção do leitor por revelar a intimidade do emissor. É um texto que seduz os pesquisadores não só pelas particularidades do gênero, mas também pelo caráter documental. É o que acontece com a Carta de Esperança Garcia, uma escrava, que viveu na fazenda Algodões, na região de Oeiras-Piauí. Ela denuncia os maus-tratos impostos a ela, seus filhos e outras escravas, em um período em que a mulher vivia em uma situação de subalternidade, ou seja, não tinham lugar, nem voz. O documento é um marco de resistência e coragem da protagonista que ousou enfrentar o capitão Antônio Vieira; é uma petição jurídica que além das denúncias, do sofrimento sofrido, reivindica direitos para ela e seus pares, por isso foi considerada a primeira advogada. Brasileira. Matilde dos Santos (1998) afirma que a carta "ilumina fatos e acontecimentos, deixa entrever sentimentos, revela experiências e idiossincrasias com a acuidade de um aparelho de raio-X"; isto é, por revelar informações importantes, concepções de vida do escritor, o processo de escrita etc. A Carta de Esperança Garcia é reescrita pelo poeta Élio Ferreira (2014), e esse processo de reescrita e a carta constituem matérias-primas do trabalho que ora se propõe nessa pesquisa que se classifica como qualitativa, bibliográfica e documental. Para tal, usar-se-á como suporte teórico, autores que tratam da construção do texto literário, da escrita de si, da violência e da epistolografia.

Palavras-chave: Carta. Esperança Garcia. Escrita de si. Transformação social.

UM ESTUDO SOBRE COR(POÉTICA)ESPIRALAR

Victor de Freitas da Silva (IFCE)

RESUMO
Este artigo introduz princípios que orientam a poética cênica contracolonial, Corpoética Espiralar. Pesquisa desenvolvida pelo artista criador, Victor Freitas desde 2020 quando estreou com Negrume da Guerra, aparição resultante desta metodologia proposta por esta poética artística. O artigo toma como exemplo para a apresentação e definição de Corpoética Espiralar, a recente dramaturgia do pesquisador, MemÓrias da Travessia: Um canto de liberdade, publicada na II edição da revista de artes, Corpo Futuro vinculado ao festival internacional de artes cênicas, Porto Alegre em Cena. O artigo tem por objetivo apresentar as questões fundamentais que orientam o pesquisador a conceber o termo Corpoética Espiralar e em que medida a citada dramaturgia conflui de um amadurecimento teórico e prático.
Palavras-chave:

AMÉRICA NEGRA: ORALIDADE E ANCESTRALIDADE NA POESIA DE ELIO FERREIRA

Wilany Alves Barros do Carmo (UESPI)

RESUMO
Este trabalho tem como objetivo examinar alguns poemas de América Negra & outros poemas afro-brasileiros, publicado em 2014, por Elio Ferreira. A proposta centra suas atenções em dois eixos: oralidade e ancestralidade. A poesia do autor tem revelado diálogo constante com questões sociais e culturais ligadas às matrizes negras no Piauí. Para nós, isso indica um projeto literário comprometido com as questões culturais negras no estado a partir da poesia. Por meio da linguagem oral, na qual as imagens formam espaços simbólicos de pertencimento, é possível afirmar a presença da ancestralidade negra no Piauí. A ancestralidade na poesia do autor está intimamente relacionada às origens negras e indígenas de que faz parte Elio Ferreira. De fato, a poesia do autor reconstrói os episódios, as passagens, as histórias, as memórias e as experiências do corpo negro nas Américas. Seus versos assumem um lado da história, não dos colonizadores e conquistadores, mas dos humilhados, dos coisificados, dos escravizados. Para isso, o poeta evoca a tradição oral, os ancestrais negros e os orixás constituindo, assim, uma linguagem literária marcada por vivências das suas próprias experiências e dos seus antepassados. Nessa perspectiva, o poeta Elio Ferreira se confunde com o próprio eu da poesia e, até mesmo, com a própria poesia traduzida por uma cosmopercepção e uma negralização do corpo negro. Essa percepção de arte faz com que a literatura se redimensione, incorporando o corpo, a alma e a vida do negro na poesia. A pesquisa se ancora em Glissant (2013); Hampaté Bâ (2010); Garuba (2012); Leite (2012); Duarte (2007); Oyeronke Oyewumi (2021) e Souza (2017).
Palavras-chave: América negra; oralidade; ancestralidade; Elio Ferreira.

O BAIRRO DE NEGROS NOS ROMANCES MALAMBO, DE LUCÍA CHARUN ILLESCAS E CHAMBACÚ, CORRAL DE NEGROS, DE MANUEL ZAPATA OLIVELLA

Elizabeth Suarique Gutiérrez (FURG)

RESUMO
Este trabalho explora o bairro de negros como uma forma de aquilombamento nas cidades de tradição escravocrata. A partir da leitura de “Malambo” (Perú, 2001) de Lucia Charún Illescas e de “Chambacú, corral de negros”, (Colombia, 1963) de Manuel Zapata Olivella, é possível reconhecer bairros ocupados na sua maioria por pessoas negras que praticam formas de liberdade e que conseguem se livrar parcialmente do peso da escravidão e da exploração trabalhista da cidade moderna. Os moradores estabelecem os modos de relação com as pessoas que tradicionalmente exercem o controle dos corpos, bem na figura do dono, no contexto colonial, ou na polícia, no contexto moderno. Ao ler os dois romances se propõe a noção de território aquilombado, como uma forma de resistência. Mas também se percebe a continuidade do colonialismo na cidade moderna latino-americana. O romance peruano se desenvolve na época colonial entre a cidade de Lima e o bairro de Malambo. Ali, as pessoas estabelecem relações de proteção, abriga diversas misturas raciais que mantem o status de escravizado e recebe os cimarrones que vem de outras localidades. Os saberes ancestrais voltam a ser praticados, conformando novos saberes afro-indígenas. A autoridade colonial fica vulnerável, ainda que mantenha, pela lei, algum tipo de jurisdição. O romance colombiano, acontece no século XX, no bairro periférico da cidade de Cartagena, que na época colonial foi porto para o comercio da escravidão. Chambacú, é um território soberano e que constrói suas próprias firmas de organização, no entanto submetido à violência policial e a exploração dos corpos negros que trabalham na cidade. Assim, podemos observar como na literatura afrolatinoamericana os territórios acabam tergiversando as relações de poder, o que nos dá a oportunidade de pensa-los como formas próximas do quilombo nos termos de Antonio Bispo e Beatriz Nascimento.
Palavras-chave:

E, UM POETA DAS ENCRUZILHADAS

Luan Sabino Siqueira (UFF)

RESUMO
A obra poética de Edimilson de Almeida Pereira, poeta mineiro nascido em Juiz de Fora no ano de 1963, apresenta elementos de natureza formal e temática que apontam para tradições culturais de origens diversas. Fruto de um país que vivenciou historicamente um longo processo colonial, a poesia do autor pode ser lida a partir da imagem de uma encruzilhada cujas intersecções permitem a relação de aspectos múltiplos como a experimentação estética legada pela poesia moderna (Friedrich, 1978) e de vanguarda; as referências sagradas aos panteões banto (Pereira, 2023) e iorubá (Pereira, 2022) – com destaque para a figura de Exu –; e a reivindicação política e social de um discurso que lança luz sobre a condição de despossessão e marginalidade a que a população negra é submetida ainda hoje no país. Tendo em vista tais elementos, a presente comunicação propõe a leitura do livro E (Patuá, 2017), de modo a analisar de que forma os aspectos apontados acima aparecem nesta obra que, ao dialogar com a mitopoética dos orixás, articula discurso sagrado e contexto sociopolítico na construção de uma poesia que, apelando para a história e a memória, contesta o esquecimento e a violência racial.
Palavras-chave:

O CORPO NEGRO COMO TERRITÓRIO DIASPÓRICO NAS LINHAS POÉTICAS DA ESCREVIVÊNCIA DE LUBI PRATES E CONCEIÇÃO EVARISTO

Márcia Daniel da Silva Costa (UFPE)

RESUMO
Analisa-se nas linhas contemporâneas das poéticas que tangenciam a escrita dos poemas “Da menina, a pipa”, de Conceição Evaristo e “para este país”, de Lubi Prates, os aspectos que fomentam o corpo negro como território de uma memória diaspórica que se corporifica por meio das escrivivências das autoras. Além disso, discute-se como a inserção da autoria feminina negra, principalmente de Evaristo e de Prates, contribuiu para a reparação e renovação do legado, nos termos de Lélia Gonzalez (2020), racista-patriarcalista que definia a literatura no país. Com isso, a partir das leituras que dialogam com o ser e o saber na América Latina, este artigo apresenta essas poetisas não somente pelo projeto estético, mas pelo político e pelo ético que as evidenciam como cimarrones de uma escrita literária que não oculta suas raízes afro-latino-americanas.
Palavras-chave: Corpo negro. Memória diaspórica. Escrevivência. Cimarrones. Literatura-afro-latina-americana.

IDENTIDADE E INCLUSÃO ÉTNICO-RACIAL NO NACSEI NAS ESCOLAS DA UNIDADE REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE TIMON/MA

Layla Feitosa Neri Rocha (Secretaria de Estado da Educação do Maranhão – SEDUC)
Ayla Maria de Castro Lopes Holanda (Secretaria de Estado da Educação do Maranhão – SEDUC)

RESUMO
Analisa-se nas linhas contemporâneas das poéticas que tangenciam a escrita dos poemas “Da menina, a pipa”, de Conceição Evaristo e “para este país”, de Lubi Prates, os aspectos que fomentam o corpo negro como território de uma memória diaspórica que se corporifica por meio das escrivivências das autoras. Além disso, discute-se como a inserção da autoria feminina negra, principalmente de Evaristo e de Prates, contribuiu para a reparação e renovação do legado, nos termos de Lélia Gonzalez (2020), racista-patriarcalista que definia a literatura no país. Com isso, a partir das leituras que dialogam com o ser e o saber na América Latina, este artigo apresenta essas poetisas não somente pelo projeto estético, mas pelo político e pelo ético que as evidenciam como cimarrones de uma escrita literária que não oculta suas raízes afro-latino-americanas.
Palavras-chave: Corpo negro. Memória diaspórica. Escrevivência. Cimarrones. Literatura-afro-latina-americana.

PODE UMA MULHER NEGRA E BRUXA FALAR? ANÁLISE DO DISCURSO DE EU, TIBUBA: BRUXA NEGRA DE SALEM, DE MARYSE CONDÉ

Victória Kaylânne Leonel Teixeira (UFCG)

RESUMO
Na literatura, as representações femininas são bem visíveis, no entanto, as deturpações na imagem e nos discursos das mulheres são postas de modo muito conciso, com isso, esse comportamento produz a subalternidade desses indivíduos que estão à margem da sociedade. Além disso, é relevante nos atermos às indagações sobre a perseguição imposta no século XVI aos corpos femininos com a caça as bruxas, e como essa prática causou desolações físicas, emocionais, psicológicas aos sujeitos mais frágeis, em especial, as mulheres. Portanto, neste artigo, propomos investigar a temática da subalternidade em concepção com a figura da mulher negra do século XVI no romance Eu, Tituba: bruxa negra de Salem, de Maryse Condé (2023[1986]), além de expor os impactos sociais e psicológicos que a caça às bruxas assentiu à época. Para atingir ao objetivo deste artigo, tomamos como metodologia de cunho qualitativo e de caráter bibliográfico- descritivo (Paiva, 2019). Para este estudo, lança mão dos pressupostos teóricos postos por Spivak (2010), que se refere ao estudo do ser subalterno, Russel e Alexander (2022), que se referem à história da bruxaria e as contribuições da Análise do discurso de Foucault (1996) e Maingueneau (2015 e 2018). A análise mostra que a personagem Tituba, da narrativa Eu, Tituba: bruxa negra de Salem (2023[1986]), tem a sua voz reprimida pelo fato de ser mulher, negra e considerada bruxa, além de que a personagem vivencia muitos traumas e momentos de desamparo, assim, intensificando sua dor e insatisfação que são enxergados no decorrer da obra.
Palavras-chave: subalternidade. Bruxas. Mulher Negra.

A CATEGORIA DE ANTE-HUMANIDADE

Raimundo Silvino do Carmo Filho (UESPI)

RESUMO
Apresente a categoria de ante-humanidade. Para seu desenvolvimento e fundamentação teórico-semântica, investigamos a obra de ficção de Oswaldo de Camargo, especificamente, o livro de contos O carro do êxito, de 1972, e a novela A descoberta do frio, de 1979. Nossa abordagem expõe a ante-humanidade como categoria analítica da obra de ficção do autor, considerando três aspectos: a ante-humanidade como categoria de classificação, como categoria de leitura e como categoria de interpretação. Nossa proposta considera a ante-humanidade como um lugar social de inferiorização e subalternização atribuído ao corpo negro na sociedade brasileira. Da forma como a ante-humanidade foi pensada e formulada, o corpo negro não estaria na mesma posição social que o corpo branco, estando, pois, num lugar de anterioridade, de antecedência e, mesmo, de contrariedade do corpo branco. Em vista disso, os objetivos são os seguintes: identificar como se instaura o lugar de representatividade do corpo negro na ficção de Oswaldo de Camargo e como isso se reflete nas narrativas; examinar como a ficção de Oswaldo de Camargo problematiza a ante-humanidade imposta ao corpo negro; verificar de que modo os protagonistas negros e negras desconstroem a ante-humanidade atribuída ao corpo negro na narrativa de Oswaldo de Camargo; e demonstrar como as personagens vivenciam a condição de ante-humanidade. Para a elaboração do problema de pesquisa, as bases teóricas de Frantz Fanon, em Pele negra, máscaras brancas, de Lélia Gonzalez, em Lugar de negro, de Neusa Santos Souza, em Torna-se negro e de Oyèrónké Oyêwùmí, em A invenção das mulheres exercerão papel de destaque no desenvolvimento do argumento. Nossa tese é a seguinte: a ante-humanidade é a atribuição de um lugar de desprivilégio e de negação de humanidade ao corpo negro, sendo o biorracismo um dos seus componentes.
Palavras-chave: ante-humanidade; O carro do êxito; A descoberta do frio; biorracismo.

SIMPÓSIO 24
COLONIALISMO, TERRITÓRIO E MEMÓRIA NAS LITERATURAS LATINO-AMERICANAS EM LÍNGUA FRANCESA.

Organização do Simpósio:
Rodrigo Ielpo (UFRN/ PPGLEN-UFRJ)
Danielle Grace (UFRN/ PpgEL-UFRN)

RESUMO
Em Écrire en pays domine, Patrick Chamoiseau (1997, p.182) diz que le conteur créole é "o unificador de todos as pontas, o peneirador de todas as fibras (...), aquele que dará a estes homens os fundamentos de uma Palavra". Todavia, ao falar do outro lado do Atlântico, o contador crioulo deve se referir não "apenas às memórias africanas, mas a todas as memórias que ali foram parar em mil traços comoventes. A todas as antigas maldições e condenações que esquecemos. Ele deve inventariar esses silêncios dispersos" (CHAMOISEAU, 1997, p.183). Nessas passagens, união e dispersão parecem desenhar os movimentos dessa memória diaspórica que se constitui como fundamento de uma contação que deve levar em conta a rede de relações culturais que "suscitou nas Américas processos de crioulização" (CHAMOISEAU, 1997, p.222). Contar aparece, assim, como criação de um passado que deve costurar a trama das vozes silenciadas pela violência da colonização e da escravização. Ao fazê-lo, o contador se aproxima do que nos diz Dénètem Touam Bona (2020, p.10) sobre a poesia como "celebração da terra, celebração do céu, celebração do cosmos. Um grande Sim à vida. Mas é justamente esse Sim que nos obriga a dizer Não. A dar testemunho do intolerável, do imundo, da destruição do mundo (...)". Mas, ao invés de ficar prisioneiro do que foi, o contator, nessa chave, é aquele que trabalha o passado para justamente "reabrir o horizonte" (BONA, 2020, p.10), fabricando "cosmopoéticas do refúgio", como Bona nomeia esses processos de resistência ao cosmocídio detonado pela sanha colonizadora e suas vicissitudes no presente. Este simpósio acolherá trabalhos que reflitam sobre os modos como as literaturas de língua francesa da América Latina dramatizam a memória diaspórica, tanto em sua dimensão denunciativa do passado colonial, quanto propositora de horizontes diante do cosmocídio instaurado pela modernidade ocidental.
Palavras-chave: Literaturas latino-americanas de língua francesa. Memória diaspórica na literatura. Literaturas anticoloniais de língua francesa.

COMME DEUX FRÈRES: QUANDO LAÇOS DE FRATERNIDADE SERVEM DE DENÚNCIA A UMA SOCIEDADE MARCADA PELO COLONIALISMO.

Lia Bruno Kalile (UFRJ)

RESUMO
Escrita por Maryse Condé, na intenção de que fosse encenada pelo ator e diretor de teatro Gilbert Laumord, seu conterrâneo, e adaptada por José Pliya, em 2007, Comme deux frères (2007) foi montada pela primeira vez no Artchipel-Scène Nationale de la Guadaloupe. Esse conjunto de fatos é um indício do constante desejo de Condé em falar direta e abertamente a seus concidadãos. Na peça, Jeff e Grégoire, são dois guadalupenses de cerca de trinta anos, detidos numa cela sombria de prisão acusados de cometer um grave crime, às vésperas de seus julgamentos. Enquanto esperam o amanhecer, passam uma noite conturbada na qual o sono cede lugar a reflexões, indagações, troca de confidências e negociações. Ao criar para os palcos dois personagens que aparecem como rejeitos de um sistema que produziria uma juventude desesperançada e desemparada, Condé apontaria para a potência desperdiçada de um povo e um território devastados pela empresa colonial. Assim, junto às memórias e vivências desses dois amigos, a autora vai desenhando não apenas um panorama crítico de suas vidas, como também de Guadalupe, departamento ultramarino da França que sofre até hoje por conta de sua herança colonial e escravagista. Desse modo, em diálogo com reflexões de autores que pensam nosso presente a partir de um passado colonial, tais quais Achille Mbembe e Tzvetan Todorov, essa comunicação pretende analisar os modos como Maryse Condé, em Comme deux frères (2007), atua como uma espécie de Griotte moderna, por meio da dramaturgia, ao dar voz a personagens que trazem à tona problemas vividos por uma importante parcela da população de sua terra natal, a ilha de Guadalupe.
Palavras-chave: Maryse Condé, dramaturgia, griot, colonialismo.

UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DA PESSOA NEGRA EM O CORAÇÃO QUE CHORA E QUE RI: CONTOS VERDADEIROS DA MINHA INFÂNCIA, DE MARYSE CONDÉ

Luciana Elita do Nascimento Farias (UFRN)

RESUMO
O presente artigo é uma análise de O coração que chora e que ri: contos verdadeiros da minha infância, da autora Guadalupense Maryse Condé (2022). O livro autobiográfico reúne 17 contos que narram as memórias da infância em família e das descobertas da adolescência da narradora-autora. A coletânea trata de questões que permitem ponderar sobre os reflexos do trauma colonial que destituiu os escravizados de suas culturas ancestrais e que, nos dias atuais, ainda se reflete em um estado psíquico de inferiorização em que o sujeito, para restaurar sua "humanidade", busca assemelhar-se ao branco colonizador. Na construção literária de Condé (2022), as personagens expõem as representações geralmente estereotipadas da pessoa negra, o que permite refletir sobre como tais estereótipos se voltam para a própria imagem de si.. Para tanto, pretende-se investigar oito contos que compõem a coletânea a fim de estabelecer um diálogo com o psicanalista Frantz Fanon (2020), em seu livro Pele negra, máscaras brancas, e o escritor martinicano Aimé Césaire (2020), em Discurso sobre o colonialismo. Além disso, para que seja possível analisar desdobramentos políticos, sociais e culturais da colonização francesa na América Latina, procura-se refletir à luz do texto "Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina" de Aníbal Quijano (2005).
Palavras-chave:

QUILOMBISMO NA PEÇA TRAMES, DE GERTY DAMBURY

Monick Miranda Tavares (UFRN)

No drama Trames (2008) da escritora guadalupense Gerty Dambury, acompanhamos a relação conturbada de Gilette e seu filho Christian. Gilette, uma antropóloga que estuda os relatos de mulheres de Guadalupe e as violências de que foram vítimas, é também uma mãe que se recusa a ser apenas isso e direciona sua atenção para outras áreas de sua vida, fato que descontenta Christian. O jovem, por sua vez, fruto do encontro de sua mãe com um homem negro de Tombuctu, no Mali, sente-se perdido no mundo de diversas maneiras: pela diferença do amor materno idealizado e o que ele recebe, a idealização da África e o que realmente se abre para ele em sua ida ao continente, sua vida independente nada fácil e o uso de drogas para aliviar essa realidade, etc. São dois personagens com propósitos diferentes e que sofrem o embate dessa diferença. Em Trames, podemos observar diversas características do que Sylvie Chalaye (2017) denomina como teatro quilombola, como a percepção da identidade diaspórica através das opiniões conflitantes de mãe e filho e a coralidade que dá voz às mulheres e criam um retalho de relatos que reconstrói suas vivências. Ao tecer um diálogo sobre esses aspectos com as reflexões sobre o quilombismo e a importância do corpo para a perpetuação de histórias e a identidade de um povo feitas por Dénetèm Touam Bona em Cosmopoéticas do refúgio (2020), essa comunicação visa analisar de que maneira a coralidade citada por Chalaye aparece em Trames e como tal aspecto reconstrói vivências outrora marginalizadas.

Palavras-chave:

FANTASMAS, ESPÍRITOS E HERANÇA EM TRAMES, DE GERTY DAMBURY

Rodrigo Ielpo (UFRN)

RESUMO
Na peça Trames, Gerty Dambury encena a relação problemática entre uma mãe, Gilette, e seu filho, Christian. Tecida pela tensão entre pares opositivos como demanda e recusa, segredo e revelação, as tramas de Dambury parecem orbitar ao redor de um eixo movente formador de identidades que procuram ganhar consistência entre histórias pessoais e coletivas. Para Gilette, etnóloga guadalupense, o caminho passa por confeccionar um grande mosaico dos relatos das mulheres de sua ilha natal, enquanto Christian tenta ligar os fios soltos de um vínculo com a África legado pela ausência de um pai do Mali. Mãe e filho constroem, assim, um estranho ritual de encontros e desencontros atravessado pelo fantasma dessa figura africana identificada como o homem de vestido. A falta de um nome próprio aparece como sintoma dessa presença fantasmagórica que nunca a chega formar uma imagem nítida para Christian, perdido entre Guadalupe e Tombuctu. Em contraposição ao fantasma, vemos surgir Dabar, o espírito da casa. Inserindo em meio as réplicas dos personagens pequenos provérbios, Dabar funcionaria como elo de ligação de todas essas tramas em torno de uma memória cultural oral. Ou seja, se o fantasma obseda, arrastando o sujeito para um passado irreconciliável com o presente, impedindo, consequentemente, a constituição de um destino, o espírito opera na lógica de um futuro ancestral ao realizar a costura entre o que foi e o que, a partir daí, poderá vir a ser. O objetivo dessa comunicação é pensar essa tensão em Trames, procurando entender de que forma Dambury opera essa passagem do fantasma ao espírito como liberação da herança e seu papel na costura identitária.
Palavras-chave:

BRAÇOS QUE VIOLAM O ESPAÇO: FIGURAÇÕES DO EU E DO OUTRO NO POEMA “PROMESSES”, DE ÉVELYNE TROUILLOT

José Vinícius Macena da Silva (UFRN)

RESUMO
Escrito pela autora haitiana Évelyne Trouillot e publicado em sua coletânea Par la fissure de mes mots [Pela fissura das minhas palavras] (2014), o título do poema “Promesses [Promessas]” sugere um futuro ainda localizado no campo do abstrato. De versos livres e sem metrificação fixa, observa-se que o poema figurativiza um presente concreto no qual um outro viola o espaço do eu poético. Compreendendo essas duas figuras como extremos identitários, a relação do eu e do outro aponta para um problema de intersubjetividade (SILVA, 2012), o que se intensifica no território da ex-colônia caribenha, como bem ilustrado por Frantz Fanon (2008, 2022) e Malcom Ferdinand (2022). Este trabalho busca, portanto, identificar as imagens construídas a partir dessa intersubjetividade, sublinhando o passado colonial e o presente sob o prisma da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) e discutir acerca de um amanhã incerto mas ainda possível para o Haiti, a despeito de seu hoje real. Fruto de uma pesquisa de mestrado em andamento, identificou-se até aqui o contato da alteridade colonial como um processo de coisificação do eu haitiano e a poética de Trouillot como uma denúncia ao habitar colonial (FERDINAND, 2022) e uma subversão da metáfora dos vagalumes proposta inicialmente por Pier Paolo Pasolini (1975) e retomada por Georges Didi-Huberman (2011). O projeto artístico de Trouillot proposto nesse poema desloca o inimaginável da colonização para o campo do imaginável (DIDI-HUBERMAN, 2003), mas também se desdobra na discussão de uma identidade em constante processo de afetação, tornando visível um certo brilho haitiano apesar da escuridão do passado colonial.
Palavras-chave:

AIMÉ CÉSAIRE E SUA COMPREENSÃO SOBRE A NEGRITUDE EM O DIÁRIO DE UM RETORNO AO PAÍS NATAL

Maria Andrielly Dias Pimentel (UFRN)

RESUMO
O presente trabalho busca investigar de que modo a obra Diário de um retorno ao país natal (2012), escrito pelo escritor martinicano Aimé Césaire e publicado pela primeira vez em 1939, contribui para a construção de identidades dos povos negros marcados pela diáspora colonial nas regiões da América Latina de língua francesa. A palavra Negritude foi criada por Césaire e deu nome a um movimento tanto estético, quanto cultural e político que repercutiu fortemente a partir da década de 1930. A obra, composta por um único e longo poema, expõe a complexidade identitária do sujeito colonizado em um mundo dominado pelo racismo, cujas tradições e memórias culturais foram historicamente apagadas. Portanto, esse estudo focaliza-se sobre como o escritor martinicano interpreta a Negritude em seu texto literário e de que modo sua obra mais conhecida busca o resgate das identidades negras a partir de um "retorno" à ancestralidade. Para isso, este trabalho examina o livro de Césaire à luz dos estudos de Zilá Bernd, em O que é Negritude (1998) e em Inventário de ausências: Memória/Esquecimento e representificação no imaginário das Américas (2022); do próprio ensaio de Césaire sobre o colonialismo, em O discurso sobre o Colonialismo (1955), e do trabalho de Frantz Fanon sobre o perfil do sujeito colonizado, em Pele negra, máscaras brancas (2020). Além disso, ao explorar a obra literária de Césaire, busca-se evidenciar como a literatura pode servir como um meio de reconstrução identitária, além de compreendermos como o autor percebe e entende a Negritude e suas perspectivas históricas, culturais e sociais.
Palavras-chave:

EXPLORAÇÃO E DOMINAÇÃO DA TERRA EM UMA TEMPESTADE, DE AIMÉ CÉSAIRE

Vida Maria da Silva Borges (UFRN)

RESUMO
A peça teatral Une tempête (1969), escrita por Aimé Césaire, é uma releitura de A Tempestade (1623) de William Shakespeare. Nesta obra, Césaire tece um relato de resistência e identidade em face da colonização européia nas Américas e a consequente implementação brutal de uma forma específica e peculiar de habitar a terra, denominada por Malcom Ferdinand como “habitar colonial” (2022). Segundo Ferdinand, este habitar “ é pensado como subordinado a outro habitar, o habitar metropolitano, ele mesmo pensado como o habitar verdadeiro” (2022, p.49). É esse “habitar verdadeiro” que produz a lógica exploratória para a produção das riquezas nos territórios colonizados, pois, longe de visar apenas à manutenção da vida dos homens, ao estruturar o “habitar colonial”, ele sustenta a exploração com fins comerciais da terra. Para uma melhor compreensão dessa relação, é preciso pensar um diálogo dessas ideias com as desenvolvidas por Frantz Fanon, em sua obra Pele Negra, máscaras Brancas. Em seu livro, Fanon cita o conceito de "complexo de Próspero", elaborado por Octave Mannoni, no qual o colonizador vê a si mesmo como civilizador e superior, assumindo o direito de governar e explorar os colonizados, que são vistos como inferiores e bárbaros. Esse conjunto de reflexões permite investigar como essas questões são dramatizadas na obra Une tempête do escritor martinicano Aimé Césaire. O objetivo desta comunicação é examinar como esta obra encena os processos de constituição e ocupação territorial da ilha em que os personagens da peça se encontram por meio das tensões entre habitar colonial e habitar metropolitano.
Palavras-chave:

RESISTÊNCIA E IDENTIDADE NA DESCOLONIZAÇÃO NA OBRA UMA TEMPORADA NO CONGO, DE AIMÉ CÉSAIRE

José Wildiney da Silva Costa (UFRN)

RESUMO
Uma Temporada no Congo (2022) peça escrita por Aimé Césaire, dramatiza os eventos históricos ocorridos na República Democrática do Congo entre 1959 e 1961, período tumultuado, marcado pela luta pela independência e seus desafios subsequentes. A peça foca na figura de Patrice Lumumba, líder carismático que se tornou primeiro-ministro do Congo após a independência do país do domínio colonial belga em 30 de junho de 1960. Lumumba enfrenta enormes obstáculos, incluindo a oposição interna e a interferência externa de potências coloniais. Césaire, através de uma abordagem crítica, explora temas como opressão, resistência e a luta pela autonomia, destacando as tensões e a violência associadas ao colonialismo e ao processo de descolonização. Com base nisso, a presente comunicação busca explorar como Aimé Césaire, em sua obra, utiliza a narrativa teatral para criticar as dinâmicas de poder e a luta pela independência no contexto do colonialismo africano. A análise busca entender como Césaire encena a resistência e a identidade negra no contexto do colonialismo através da figura de Lumumba e outros personagens, e de que modo ele se vale da linguagem cênica para criticar as consequências desumanizadoras do imperialismo europeu.
Palavras-chave: Resistencia, Patrice Lumumba, Colonialismo, Descolonização

LITERATURA E POLÍTICA NA OBRA POÉTICA DE LORRIE JEAN-LOUIS

Danielle Grace (UFRN)

RESUMO
Anibal Quijano (2005a) explica que o poder colonial que perdurou durante séculos de colonização em toda América Latina submeteu os povos nativos e africanos advindos dos tráficos negreiros a uma violência tão profunda que seus rastros subsistem mesmo após os movimentos de “libertação” e conquista de autonomia nacional. Isso significa dizer que o processo colonial instituiu um legado de destruição para além do que seria possível elencar como pilhagem das riquezas e desordem social. No centro dessas conformações de poder, a mulher negra recebeu um tratamento ainda mais complexo, sendo uma peça importante tanto na lógica da inferioridade da raça quanto no que concerne a outra banda que equilibra a balança colonial, que é o domínio dos corpos para o trabalho e para toda sorte de exploração sexual e violência. Esta comunicação pretende discutir como essas questões se entrelaçam na escrita da poeta haitiano-canadensede Lorrie Jean-Louis. Em suas duas antologias La femme cent couleurs (2020) e Main d'oeuvre (2023), Jean-Louis conforma passado e presente na constituição de um procedimento poético que é tanto estético quanto político. Nesse sentido, procura-se refletir a partir da noção de rastros, de Edouard Glissant (2005), bem como do conceito de partilha do sensível, de Jacques Rancière (2009), que permitem pensar as armas que a escrita, notadamente a poesia, possui na (re)pactuação do mundo.
Palavras-chave:

A FRAGILIDADE BRANCA E SUAS NUANCES EM ANÁLISE DO LIVRO CARTAS A UMA NEGRA, DE FRANÇOISE EGA

Samia Dayana Cardoso Jorge (UFRN)

RESUMO
Esta proposta faz parte da disciplina de Literatura e Estudos Culturais, da Especialização em Literatura e Ensino, do IFRN. Objetiva, por meio da sequência literária de Rildo Cosson (2006), debater os aspectos étnicos-culturais identitários presentes na música Respeitem meus cabelos, brancos!, de Chico César, e suas relações com o processo literário. A sequência literária é uma das formas mais interessantes de incentivar a leitura em estudantes. Proposta por Cosson (2006), consiste em quatro etapas: 1) motivação, quando o mediador irá "preparar o leitor para entrar no texto" (Cosson, 2006, p. 54), e os leitores alunos são convocados a se aproximarem da obra - na proposta, será realizada uma aproximação dos alunos com temática, com sondagem do que entendem por debate étnico-cultural; 2) introdução, na qual autor e a obra serão apresentados, além das histórias de vida dos autores e contextos em que foram produzidos - haverá apresentação do compositor, breve biografia, sua obra, além da inspiração para escrever a música 3) leitura, que deve propiciar o acompanhamento e a interação entre mediador(a) e estudantes, sendo importante que a obra escolhida seja atrativa sob vários aspectos - na proposta será solicitado aos alunos a leitura silenciosa da letra da música, além de escutá-la, junto a eles, ressaltando a presença da polissemia no seu título Respeitem meus cabelos, brancos!, na qual brancos pode ser interpretado ora como vocativo, ora como adjetivo; e 4) interpretação, dividida em duas etapas, interior – contato direto do leitor com o texto, suas palavras, expressões e exterior – e exterior, com a "interpretação como ato de construção de sentido de uma determinada comunidade" (Cosson, 2006, p. 65) - na interpretação será trabalhada a construção dos sentidos, abordando vários aspectos ligados ao protagonista, como Quais a intenções do compositor ao escrever esta letra e ele dizer quando pede respeito aos seus cabelos.
Palavras-chave:

PERCEPÇÃO DA INTERSECCIONALIDADE EM CARTAS A UMA NEGRA, DE FRANÇOISE EGA

Josilene da Silva (UFRN)

RESUMO
O livro Cartas a uma negra, de Françoise Ega, foi publicado pela primeira vez em 1978. Nele, a autora martinicana estabelece um diálogo com a escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, cuja publicação do romance Quarto de despejo, apesar de nunca ter sido lido por Ega, teve grande impacto na sua identidade autoral. Composta por mais de 100 escritos, a obra é uma espécie de diário que descreve as experiências vividas pela autora-narradora que migra para a França metropolitana após a Segunda Guerra e passa a trabalhar como empregada doméstica na casa das senhoras francesas. A presente pesquisa tem como objetivo analisar a inter-relação entre diferentes camadas de exclusão social, conforme representado pelas experiências de Françoise Ega em sua obra epistolar. Através de sua literatura, Ega ilustra como a interseccionalidade das diversas formas de discriminação pode intensificar a invisibilidade e a exclusão social. O estudo se concentra na análise das intersecções entre as categorias que a escritora se insere, a saber: mulher, negra, pobre, latino-americana residente na França metropolitana e imigrante da Martinica, território colonizado e sob o domínio imperial francês. Assim, com o intuito de compreender como a literatura relaciona os procedimentos estéticos e políticos, pretende-se examinar como essas camadas são apresentadas e inter-relacionadas na obra. Para fundamentar a pesquisa, serão utilizados sobretudo as perspectivas de estudiosos como Kimberlé Crenshaw (2002) e Ângela Davis (2016) para refletir sobre o feminismo interseccional, além de Frantz Fanon (2008), que permite pensar a constituição psíquica do sujeito colonizado e, por fim, Aníbal Quijano (2005) que discute a permanência do domínio colonial na América Latina a partir de seu conceito de colonialidade do poder.
Palavras-chave: poética da coolitude; Maryse Condé; Khal Torabully.

REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE RACIAL EM COMO FAZER AMOR COM UM NEGRO SEM SE CANSAR, DE DANY LAFERRIÈRE

Daniel Alves Venceslau (UFRN)

RESUMO
O livro Como Fazer Amor com um Negro sem se Cansar (1985), de Dany Laferrière, conta a história de dois jovens negros que moram juntos em uma vizinhança pobre de Montreal, no Canadá. Nele, o narrador trabalha em seu primeiro livro intitulado Paradis du Dragueur Nègre (algo como Paraíso do paquerador negro) enquanto reflete sobre suas experiências pessoais e as dos personagens ao seu redor. O seu companheiro de quarto é um jovem que vive um estilo de vida contemplativo, absorto na música jazz e em reflexões espirituais. A dupla de protagonistas, sobretudo o narrador, mantém uma série de relações com diversas mulheres brancas da cidade. Durante diversos encontros, que são marcados por um processo complexo de desejo, expectativas sociais e relações de poder, o narrador confronta a maneira como ele é percebido através de estereótipos raciais por estas mulheres brancas, enquanto tenta afirmar a sua identidade em um ambiente cosmopolita multicultural. Cada uma das mulheres que o protagonista conhece ao longo da narrativa vai lhe oferecer uma espécie de "espelho" para que ele possa refletir sobre sua própria identidade e as expectativas sociais que dão forma a suas interações. Com base nisso, a presente comunicação busca analisar a maneira como Laferrière explora a identidade racial no livro em questão, estabelecendo um diálogo com reflexões de Stuart Hall e Frantz Fanon que permitirá pensar as dinâmicas de racialização presentes na obra. A análise possibilitará investigar os modos como o autor desconstrói estereótipos e expõe as contínuas influências coloniais, produzindo uma crítica das relações raciais em parte das sociedades ocidentais contemporâneas.
Palavras-chave:

A POÉTICA DA COOLITUDE NO ROMANCE TRAVERSÉE DE LA MANGROVE, DE MARYSE CONDÉ

Josilene Pinheiro-Mariz (UFCG)

RESUMO
Publicado em 1989, o romance Traversée de la Mangrove, de autoria da guadalupense Maryse Condé é o único romance no qual a autora traz personagens descendentes de coolies indianos. Os coolies foram trabalhadores de origens diversas que deixaram seus países, sobretudo na Ásia, fugindo da miséria, e substituíram a mão de obra escrava nos arquipélagos de colonização europeia do Atlântico, do Índico e do Pacífico. Neste romance polifônico, as vozes das personagens cantam a Guadalupe e sua beleza, em especial as densas florestas, atravessadas pela forte escravidão, casamentos arranjados e esperanças perdidas. Assim, na narrativa, o mangue é personificado, a travessia do Oceano Índico em direção ao Atlântico guarda mistérios e é também lugar de tecitura de acasos. A partir desse ponto de vista, busco ressaltar no referido romance, a memória diaspórica de um passado não tão distante, trazendo pelo olhar da poética da coolitude, de Khal Torabully (2003), o entrecruzamento de violência e poética, pois como afirma o poeta congolês, "[...] porque na guerra que hoje opõe o espírito, a razão e a inteligência à mediocracia, não haverá vencedor, a não ser o cosmocídio" (Labou Tansi, 2015, p. 114), considerando a violência prescrita aos corpos e mentes diante da colonização. Sony Labou Tansi, criador desse neologismo entendia que era necessário refutar o cosmocídio a fim de destruí-lo; daí a necessidade de escrever, contar, 'falar contra'. Traversée de la Mangrove é um romance de uma poética acentuada, marcada pela presença de expressões crioulas, cores locais, sem deixar de revelar fortes tensões vividas por escravizados, por descendentes de coolies indianos e de europeus, na ilha borboleta, podendo ser lido, portanto, sob a ótica da poética da coolitude.
Palavras-chave:

ALLAH N'EST PAS OBLIGÉ OU ALÁ E AS CRIANÇAS SOLDADOS? ESCOLHAS TRADUTÓRIAS E IMPLICAÇÕES CULTURAIS

Alyanne Freitas Chacon (UFRN)

RESUMO
Nossa discussão parte de uma experiência em uma disciplina de Tradução do curso de Letras, língua francesa, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ao se trabalhar a obra Allah n'est pas obligé do marfinense Ahmadou Kouroma, e a tradução feita por Flávia Nascimento para o português Allá e as crianças soldados, levantamos algumas questões em relação às escolhas tradutórias por parte da tradutora citada, a começar pelo título que se difere do original, e refletimos sobre os contrastes apresentados pelo narrador acerca do vocabulário utilizado na França e na África francófona, enfatizando as diferenças existentes na mesma língua, mas sobretudo na que é falada pelo colonizador e pelo colonizado e o quanto isso pode refletir as diferenças culturais de cada país. Consoante Cordonnier (2002), argumentos como: "isso não soa francês", ou "cheira à tradução" são inibidores quanto às potencialidades do trabalho de reescrita na operação de tradução e ressalta que a tradução não é apenas uma operação linguística, mas está inteiramente envolvida num conjunto de inter-relações sociais e culturais, primeiro dentro da própria cultura, e depois entre culturas estrangeiras presentes. A originalidade na escrita de Kouroma nos faz refletir sobre o quanto alguns termos precisam ser explicados para os falantes da língua francesa, mais precisamente os franceses, ressaltando que o contexto histórico e cultural interfere não somente na escrita do autor, mas também na compreensão do leitor. Destarte, a partir de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, tomamos como base os artigos de Corrêa (2003) e Cordonnier (2002) com o intuito de refletir sobre as obras supracitadas no que diz respeito aos aspectos culturais enfatizados pelo próprio autor na versão original e sobre como esses aspectos se apresentam na versão traduzida para o português.
Palavras-chave:

SIMPÓSIO 25
DIÁSPORA INDÍGENA E AFRODESCENDENTE NAS LITERATURAS DAS AMÉRICAS

Organização do Simpósio:
Roland Walter (UFPE/CNPq)
Brenda Carlos (UFRPE/CNPq)

RESUMO
O desmembramento/a heterogeneidade das nações pan-americanas com suas 'índoles quebradas', terras "invadidas, ocupadas" e suas ideias "fora do lugar" (Cornejo-Polar, 2000; Alarcón, 1992; Brunner, 1988; Schwarz, 1992, etc.) é fato dado: uma realidade quebrada, fissurada por graves conflitos étnico-culturais caracterizada por espaços onde os processos de (re)construção identitária dançam ao ritmo sincópico da "colonialidad del poder" (Quijano, 1998), de gênero (Lugones, 2008) e de ser-estar (Maldonado Torres, 2016). A teoria diaspórica (Gilroy,1993; Brah, 1996; Hall, 1997) ajuda explicar os movimentos da (pós-)modernidade do período colonial até a era da descolonização e do século XXI. Por razões políticas/econômicas/culturais as diversas diásporas interamericanas constituem e baseiam-se em deslocamentos geográficos/psíquicos/culturais, violências epistêmicas/ecológicas/físicas que resultam em destruição da terra, abjudicação dos direitos civis e (não)humanos, entre lugares, identidades fragmentadas/alienadas/reconstruídas como também em várias formas de resistência e outras formas/práticas de conhecimento e vivência (Krenak, 2020, 2022; Anzaldúa 2015). Destarte, nas Américas com seus lugares/pessoas brutalizados, a interface entre o colonialismo e a colonialidade é caracterizada por ligações dinâmicas que unificam experiências, práticas, narrativas, ideologias e significados dissimilares em relações flutuantes de maneira errática (Bauman, 2000; Glissant 1992, 1996) fora e dentro de lugares, translocalizados e diasporizados entre lugares com pessoas em busca de lares.
Para examinar estas diversas realidades (pós/ neo/ de) coloniais diaspóricas convidamos trabalhos que se enquadram dentro das seguintes questões:
Diáspora indígena e afrodescendente nas literaturas das Américas: memória/ história
Diáspora indígena e afrodescendente nas literaturas das Américas: terra/ ecologia
Diáspora indígena e afrodescendente nas literaturas das Américas: hibridismo/ transculturação
Diáspora indígena e afrodescendente nas literaturas das Américas: ancestralidade/modernidade
Diáspora indígena e afrodescendente nas literaturas das Américas: oralidade/escrita
Diáspora indígena e afrodescendente nas literaturas das Américas: violência/ direitos civis e (não) humanos

Diáspora indígena e afrodescendente nas literaturas das Américas: descolonização/ decolonialidade
Diáspora indígena e afrodescendente nas literaturas das Américas: contextos urbanos e dinâmicas cidades X campo/selva/natureza
Palavras-chave: Diáspora. Literatura interamericana. Resistência.

AS MARCAS QUE CARACTERIZAM A OBRA SOLO POR SER MUJER DE MARISOL CEH MOO COMO ESCRITA PERTENCENTE À LITERATURA INDÍGENA MEXICANA

Isabella Maria Carneiro Mesquita (UESPI)

RESUMO
O objetivo deste trabalho é identificar as marcas que caracterizam a obra Solo por ser mujer de Marisol Ceh Mo o como escrita pertencente à Literatura Indígena Mexicana. É um projeto do PIBIC-UESPI que visa estudar autoras e autores latino-americanos de língua hispânica trazendo pesrpectivas decoloniais. O florescimento das raízes originais reflete transformações nas políticas culturais, dinamismo do setor indígena em relação à escrita e interesse em receber essas vozes Montemayor (2001) indica que a partir dos anos 90 várias dependências govern amentais regionais ou nacionais apoiaram este fen ô meno através de programas de educação e cultura, no entanto, salienta que o surgimento específico não foi o resultado de políticas públicas imediatas, mas os próprios autores ou projetos independentes. Assegura-se que não é um fenômeno homogêneo no país, certas áreas e as línguas têm uma atividade maior, além de v árias geraç ões literárias. A pergunta norteadora é sobre a pesquisa é: Como identificar as marcas que caracterizam a obra Solo por ser mujer de Marisol Ceh Moo como escrita pertencente à Literatura Indígena Mexicana? A investigação é de cunho básico e o método adotado para análise do objeto é bibliográfico. Fundamenta-se em Chatterjee (2010), López (2016), Montemayor (2021), Waldman (2016) e Máynez (2015). Os resultados encontrados foram que como qualquer outra identidade, a identidade maia resistiu à invenção, idealização e criação de significado. No entanto, não é satisfatório estudar a identidade de um grupo deixando de lado a maneira que mesmo grupo expressa suas ideias e pensamentos. As considerações são que uma maneira inovadora de abordar a identidade Maya dos nossos dias é através do reconhecimento e apreciação da produção intelectual dos escritores de língua maia da Península de Yucatán.
Palavras-chave:

TRANSESCRITAS DAS ESCREVIVÊNCIAS LITERÁRIAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO À MIRIAM ALVES: UMA ESCRITA CRIOULA NEGRA FEMININA EM PONCIÁ VICÊNCIO E MARÉIA

Janaína de Lima Ferreira (UFPE)
Roland Walter (UFPE)

RESUMO
"Que linguagem poderia descrever essa perda de orientação ou a repentina e terrível suscetibilidade de um corpo?" (Brand, 2022, p. 36). Ao pensar na questão formulada pela escritora caribenha Dionne Brand, compreendo a linguagem como a origem de qualquer processo. À vista dessa indagação, este artigo, fruto da minha dissertação, investiga como a literatura negra trabalha a (re)elaboração e suplantação do trauma escravocrata, a partir das teorias da "Escrevivência" de Conceição Evaristo e da "Transescrita" de Roland Walter, nas obras Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo (2017) e Maréia de Miriam Alves (2019). Através dessas aproximações teóricas-metodológicas, estudo essa construção enquanto formação de uma espécie de crioulização da linguagem a partir do pensamento crioulo de Édouard Glissant (1990) em diálogo com outras formas de linguagens, a exemplo de Nêgo Bispo, Lélia Gonzalez, bell hooks e Glória Anzaldúa. Nesse estudo, pude analisar essas linguagens por meio do uso das expressões marcadas por uma oralidade específica, como também por meio das paisagens e figuras, como as figuras do Griô e da benzedeira presentes nas obras. Dessa forma, busquei compreender essas literaturas por meio da linguagem crioula, analisando essas "transescritas" como instrumento de reafirmação das identidades negras, de uma "contracolonização" e como reconstrução em diálogo com todos. Diante disso, interpreto essas escritas, ou melhor, transescritas, como uma espécie de espelhamento das linguagens. Deste modo, a importância desta pesquisa encontra-se na interpretação da "transescrita das escrevivências" como concepção teórica que possibilite ao sujeito negro meios para se inscrever no mundo à medida que modifica e transpassa o trauma da escravidão, para a (re)construção de um mundo (futuro) melhor (Krenak, 1992).
Palavras-Chave: Escrevivência, transescrita, linguagem crioula.

CADA LÁGRIMA E A MEMÓRIA ANCESTRAL: O SIMBOLISMO DA ÁGUA NO CONTO "OLHOS D'ÁGUA", DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria Beatriz Ferreira Santos (UESPI)

RESUMO

A água, elemento da natureza, é presença constante na literatura, um signo de sentidos plurais que encontra sua significação a partir de contextualizações culturais. De acordo com Peirce (2003), o signo se realiza com base em uma relação triádica, na qual o signo sempre representa algo, seu objeto, e este é passível de interpretações, provocando deduções e explicações variadas a partir de seu interpretante. À vista disso, a presente análise tem por objetivo geral a interpretação do simbolismo existente em relação à água evocada no conto “Olhos d'água”, de Conceição Evaristo (2016). Notando-se, assim, que tal evocação é permeada pelo sentir e fazer ancestral, permitindo que a personagem perceba sua conexão com a mãe para além do individual, mas transpassada por um coletivo que se materializa nas lágrimas de sua genitora. Para tanto, faremos um debruçamento analítico utilizando a teoria tricotômica de Peirce (2003), os conceitos empregados por Bachelard (1997) e Eliard (1997), assim como contribuições de Oyěwùmí (2016), entre outros, sendo possível, portanto, a apreensão da importância da ancestralidade na construção simbólica da água e sua ligação com a vida e memória da personagem. No conto em questão, sentimento se entrelaça à espiritualidade, proporcionando para a análise um caráter subjetivo, extrapolando os limites do simbólico e conferindo ao presente ensaio a possibilidade de compreensão da água como mais do que apenas um elemento da natureza. Conclui-se, por conseguinte, que a água simboliza a ancestralidade personificada na figura da mãe, através de seu pranto ela escorre para o mundo, em rios caudalosos, águas correntezas ou em meio a um sorriso molhado, combinando a alegria e a resignação. A ancestralidade, portanto, é maternal e, no contexto do conto, memória viva.

Palavras-chave: Simbologia da água. Ancestralidade. Olhos d'água. Conceição Evaristo.

LA RESILIENCIA IDENTITARIA INDÍGENA Y CULTURAL MAYA EN SOLO POR SER MUJER DE MARISOL CEH MOO

Marcia Machado Morais (UESPI)

RESUMO
El objetivo de este trabajo es identificar las marcas de resiliencia identitarias indígenas y cultural maya en Solo por ser mujer de Marisol Ceh Moo como escritura perteneciente a la literatura indígena mexicana. Es un proyecto PIBIC-UESPI que tiene como objetivo estudiar autores latinoamericanos de habla hispana aportando perspectivas decoloniales. El florecimiento del arraigo originario refleja transformaciones en las políticas culturales, el dinamismo del sector indígena en relación con la escritura y el interés por recibir estas voces. Montemayor (2001) indica que, a partir de los años 1990, varias instancias gubernamentales regionales o nacionales apoyaron este fenómeno. a través de programas de Educación y Cultura, sin embargo, destaca que el surgimiento específico no fue resultado de políticas públicas inmediatas, sino de los propios autores o de proyectos independientes. Se asegura que no es un fenómeno homogéneo en el país, determinadas zonas y lenguas tienen mayor actividad, además de varias generaciones literarias. La pregunta orientadora de la investigación es: ¿Cómo identificar las marcas que caracterizan la obra Solo por ser mujer de Marisol Ceh Moo como escritura perteneciente a la literatura indígena mexicana? La investigación es de carácter básico y el método adoptado para analizar el objeto es bibliográfico. Está basado en Chatterjee (2010), López (2016), Montemayor (2021), Waldman (2016) y Máynez (2015). Los resultados encontrados fueron que como cualquier otra identidad, la identidad maya resistió la invención, la idealización y la creación de significado. Sin embargo, no es satisfactorio estudiar la identidad de un grupo dejando de lado la forma en que ese grupo expresa sus ideas y pensamientos. Las consideraciones son que una forma innovadora de abordar la identidad maya moderna es a través del reconocimiento y valoración de la producción intelectual de los escritores en lengua maya de la Península de Yucatán.
Palavras-chave:

O DIREITO À TERRA EM TORTO ARADO E CHANGÓ EL GRANDE PUTAS

Fabiana Campos (WILLIAM AND MARY - VA/EUA)

RESUMO
O presente trabalho se propõe a discutir o “direito à terra” a partir das obras literárias Torto Arado, de Itamar Vieira Junior, e Changó el Grand Putas, de Manuel Zapata. Pensar o “dialogismo” entre essas obras foi possível a partir da inferência correlativa presente nas obras quanto ao quesito pertencimento (à terra) e propriedade (da terra), tanto ao que corresponde à ideia de local/regional representado por Água Negra (Torto Arado), como na correspondência da ideia de global/continental representado pela América Latina (em Changó). Poderíamos dizer que Torto Arado reinsere no cenário literário atual, moderno e contemporâneo do século XXI aquilo que Graciliano Ramos (na década de 30 do século XX) cunhou de "vidas secas": aquelas marcadas pelos processos de desumanização. No entanto, em Torto Arado fica evidenciado que a luta pelo direito à terra é a luta dos povos da diáspora negra no continente americano, que é o direito de pertencer. É a partir dessa inferência que então me proponho a dialogar com a obra Changó el Gran Putas. Efetivamente, intenciono mostrar como Torto Arado me dá pré-requisitos para compreender a trama em Changó el Grand Putas, uma vez que ao analisar as narrativas em Changó, vê-se a importância da força mítica ancestral na luta pela liberdade dos povos desterrados de África. Com efeito, essa perspectiva mítica e ancestral também é observada em Torto Arado. Ainda, como mostrarei neste trabalho, Torto Arado vem demonstrando que a luta pelo direito à terra está diretamente ligada à luta pela liberdade dos sujeitos que formam a América a partir da diáspora negra, assim denominado em Changó: “Muntu Americano”. A narrativa fluida, eloquente e apaixonante em Torto Arado parece uma tradução da experiência de sujeitos locais que reflete a trama globalizante insinuada na saga mítica presente em "Changó".
Palavras-chave:

ESCREVER E MOVER-SE: FORMAS DE RESISTÊNCIA NO PERÍODO COLONIAL HISPANO-AMERICANO

Brenda Carlos de Andrade (UFRPE)

RESUMO
Neste trabalho, se analisam textos diversificados do período colonial para pensar estratégias de resistências na América Hispânica do período colonial. Em um primeiro momento, analiso algumas crônicas indígenas como o Relato de la conquista, do autor anónimo de Tlatelolco, e Instrucción del Inca Titu Cusi Yupanqui para pensar como nestes momentos iniciais se estabeleceram estratégias de resistências e assimilação e possíveis motivos para o uso delas. Percebe-se, em um primeiro momento, a partir de tais textos, uma estratégia de assimilação como forma de resistência. Neste jogo, situações liminares como as fronteiras entre oralidade e escrita, língua materna e língua estrangeira se revelam primordiais. Em um segundo, momento analiso a mobilidade social presente nos quadros de castas e em El Periquillo Sarniento, de José Joaquín Fernández Lizardi, como outro tipo de estratégia que usa das aparências e da porosidade das classes sociais como uma possibilidade de inserção social que poderia ser lida no campo da resistência. O conceito de "calidad" se revela importante aqui. Para o primeiro grupo de textos, busco uma análise baseada em reflexões de Martin Lienhard, em La voz y su huella y Testimonios, cartas y manifiestos indígenas; de Walter Mignolo, em "Cartas, crónicas y relaciones"; de Miguel León de Portilla, em Visión de los vencidos; y de Antonio Cornejo Polar, em Escribir en el aire. Para o segundo momento, utilizo especialmente, Magali Carrera, em Imagining identity in New Spain; y Ilona Katzew, em Casta painting. Em ambos casos, penso a mobilidade dos povos através de fronteiras culturais e sociais que sugerem um entendimento ambíguo e que revela uma história de resistência, mesmo em espaços não evidentes.
Palavras-chave:

MAPAS DE VIOLÊNCIA, MAPAS DE RESISTÊNCIA NAS LITERATURAS INTERAMERICANAS: ANOTAÇÕES TEÓRICAS E LITERÁRIAS

Roland Walter (UFPE)

RESUMO
Segundo ONGs como Human Rights Watch e Amnesty International, entre outros, a violência e a implícita violação dos direitos humanos e não humanos está aumentando sensivelmente nas Américas. Mais e mais pessoas perdem suas casas-lares e/ou vidas por causa de políticas econômicas,, catástrofes ecológicas, criminalidade, comércio de drogas e órgãos, estruturas sociais racistas e sexistas, falta de demarcação e invasão de terras, etc. O objetivo deste ensaio é duplo: 1. esboçar abordagem teórica que examina e problematiza a diasporização migratória/identitária; 2) analisar resistência ao desenraizamento em literatura ameríndia e afrodescendente. Neste sentido, o trabalho será norteado por duas perguntas principais: Como autores indígenas e afrodescendentes tematizam/problematizam 'diáspora' e 'terra'? Quais as ferramentas teóricas para analisar esta questão?
Palavras-chave:

AS POÉTICAS DO NÃO-SER DO CORPO NEGRO NAS AUTOBIOGRAFIAS DE HARRIET WILSON E HARRIET JACOBS

Nilson Macedo Mendes Junior (IFPI)

RESUMO
A pergunta que motivou a presente pesquisa e precisa ser respondida reside na necessidade de analisar como Harriet Wilson e Harriet Jacobs se apropriam do inglês para ab-rogar (ASHCROFT ET AL, 2002) as formas estéticas europeias para com elas criar poéticas do não-ser com características negras e fundamentadas em uma formação discursiva negra que dispersa as ideologias, as ciências e as teoria (FOUCAULT, 1995; 2001) negras por meio das literaturas de autoria negra. Dessa forma, os poetas negros e as poetas negras propõem estruturar as formas literárias negras de resistência para combater o discurso colonial do não-ser. E vamos ainda mais longe, nos propomos a identificar as estratégias utilizadas por essas poetas negras para criar seus personagens que enfrentam e denunciam a opressão dos corpos negros femininos em suas diversas formas, e a opressão biorracista da sociedade estadunidense.
Palavras-chave: Poéticas do não-ser, corpo negro, Harriet Wilson, Harriet Jacobs.

DIÁSPORA INDÍGENA NA LITERATURA: UMA LEITURA DA OBRA IXÉ YGARA VOLTANDO PRA Y'KÛÁ (SOU CANOA VOLTANDO PARA ENSEADA DO RIO), DE ELLEN LIMA

José Carlos Ribeiro Pereira (UEPB)
Maria Suely da Costa (UEPB)

RESUMO
Este trabalho se vincula a uma pesquisa mais ampla, de pós-graduação, em andamento no PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras, na Universidade Estadual da Paraíba/Campus III, na qual temos nos detido aos estudos da Literatura Indígena, compreendendo-a como um caminho para a formação do leitor literário em sala de aula. Em vista disso, neste recorte, partimos do conceito de Literatura Indígena Contemporânea (Graúna, 2013) para realizar a análise da obra Ixé Ygara voltando pra Y'kûá (sou canoa voltando pra enseada do rio), de autoria da escritora indígena Ellen Lima (2021), na qual se evidencia a diáspora, a retomada indígena, as questões vinculadas ao pertencimento e ao não-pertencimento. Busca-se, assim, compreender como as identidades indígenas brasileiras foram atravessadas pelo olhar ocidental, que impôs feridas profundas, delineadas por incessantes – por vezes fracassadas – tentativas de apagamento histórico e cultural dos povos originários. A metodologia desse estudo é de cunho bibliográfico, de natureza qualitativa (Gil, 2023), sustentada a partir da análise de poemas publicados na obra citada. Quanto à fundamentação teórica, recorremos a estudos diaspóricos e, de maneira mais direcionada, a pesquisas, de natureza teórica, cuja marca autoral seja indígena, como em Potiguara (2024), Krenak (2022), Munduruku (2017, 2018, 2020). Kambeba (2018), Dorrico (2023), dentre outros. Os resultados desse estudo apontam para o potencial do texto literário no processo de representação do indígena na condição de quem promove o enfrentamento às marcas ocidentais impostas – a ele e aos seus povos – ao longo da história. Nesse viés, fazer o caminho de volta significa reocupar o território que foi negado, retornar a si, a sua origem, a sua ancestralidade, desvencilhando-se das amarras do colonialismo.
Palavras-chave:

VOZ NO PAPEL NA MÃO NA ORELHA - A CORPORALIDADE IMPRESSA NA PRODUÇÃO GRÁFICA DE MIRÓ DA MURIBECA E FRANÇA DE OLINDA, POETAS PRETOS, POBRES E PERIFÉRICOS DE PERNAMBUCO

André Telles do Rosário (UNILAB)

RESUMO
O presente estudo pretende demonstrar como a corporalidade vocal da poesia performativa de Miró da Muribeca e França de Olinda influenciou e marcou suas produções gráficas, as publicações que lançaram em vida. Em seus livros e livretos, é possível perceber como o projeto visual traz elementos que sugerem ou estão ligados diretamente a uma percepção e construção menos industrial e mais artesanal da produção gráfica. Existe, também, mais diálogo com modelos de diagramação bem distantes do dos livros mais convencionais. Há a incorporação de imagens, de caligrafias, de recortes, que propiciam outra experiência sensorial para o leitor. Experiência esta que é mais existencialmente corpórea, que pede pessoas perto de pessoas, ouvindo e falando. Os recursos gráficos remetem a este outro lugar dessa literatura. Muito mais rua e praça que livraria e faculdade. Nos dois autores é possível perceber que essa corporalidade impressa de seus livros e livretos tem referências e modos de produção e circulação comuns de comunidades culturais e religiosas afro-descendentes.
Palavras-chave:

A GINGA DA SEIVA-VIDA EM ROTAÇÃO: UM ESTUDO DOS AFETOS NEGROS NA OBRA PLANTA ORAÇÃO, DA ESCRITORA CALILA DAS MERCÊS

Victhória Cristhiêne da Silva Nascimento (UFPE/ Mestranda PPGL)
Prof. Dr. Roland Gehard Mike Walter (UFPE/ PPGL)

RESUMO
Com o intuito de estabelecer e comunicar a relação entre o objeto e o simbólico, o presente estudo é uma revisão da pesquisa de mestrado em andamento que visa analisar dos afetos negros em articulação com elementos do meio externo aos sujeitos a fim de tentar demonstrar se a biointeração entre eles denota a ancestralidade espiralar que conecta espaço, vida, e memória coletiva entre as gentes negras. Para compreender esses símbolos da tradição afro-brasileira, tomamos a obra literária *Planta Oração* (2022), da escritora baiana Calila das Mercês, como uma prosa poética que injeta a encantaria afetiva das relações negras em seus 15 contos. Apoiamo-nos também na sessão *Sumário-árvore* inserida após as narrativas para observar os atravessamentos da biointeração gingada nos títulos dos contos, todos nomeados por árvores, que conduzem a organicidade dos textos. Nossa questão de pesquisa compreende à indagação: é possível observar, a partir de uma definição nossa dos afetos negros, na obra de *Planta Oração* (2022) o estabelecimento de uma relação das sensibilidades com os elementos cosmobiosimbólicos como um sinal de valorização da ancestralidade negra? Destacamos que esta terminação, desenvolvida por Muniz Sodré na obra *O terreiro e a cidade* (2019), confere à noção de que "a terra, as plantas, os homens são portadores de axé, são veículos de possibilidade de afeto e de ser afetado, diretamente vinculados às práticas rituais" (Sodré, 2019, p.96-97), rotação de saberes que "implica comunicação de um cosmos que já inclui passado e futuro" (Idem, p.97). Nesse viés, nossa hipótese sugere que *Planta Oração* (2022) é um texto literário que ginga a ancestralidade pela afetação de um sensível prosaico-poético capaz de tocar a vivência circular dos sujeitos negros em relação com outros indivíduos, humanos ou não, e gerar um complexo simbólico possibilitado pelo território de ritos ao qual nomeamos de corpo negro. No universo cósmico da tapeçaria da escrita afro-brasileira, consideramos que a obra investigada, tal qual a seiva, é uma literatura que nutre a biota simbólica da ancestralidade negra ao movimentar saberes e afetos em múltiplas performances para juntar "o que estava separado, isto é, o indivíduo e o cosmos" (Sodré, 2019, p. 134) e "dar direito à pessoa de conhecer sua própria raiz" (Mercês, 2022, p.136).
Palavras-chave:

SIMPÓSIO 27

MULHERES NEGRAS: ESCREVIVÊNCIAS, EMPODERAMENTO E A LUTA CONTRA O SEXISMO E RACISMO NO CAMPO EDUCACIONAL

Organização do Simpósio:
Andressa Lima da Silva (IFRN)
Maria do Socorro da Silva (IFRN)

RESUMO

O presente Simpósio Temático (ST) visa apresentar trabalhos e ações inseridos no campo da construção política, teórico-conceitual e metodológica de trabalhos concluídos e/ou em fase de conclusão, resultados de estudos, pesquisas e relatos de experiências que versem sobre a trajetória e os desafios enfrentados pelas mulheres negras em sua diversidade e pluralidade no espaço educacional. Situando no debate os desafios existentes quanto ao acesso à educação nos espaços educacionais resultantes do preconceito de raça, gênero, sexualidade, classe, etnia e geracional, que resultam em violação de direitos, práticas de violências psicológicas, sexuais e físicas, exclusão social, discriminação e adoecimento. O qual atribuímos à ausência de processos formativos e incidências políticas que promovam uma consciência crítica e política, e o enfrentamento dos estereótipos e discriminações cotidianas, bem como à falta de implementação de políticas públicas e ações afirmativas capazes de garantir o reconhecimento e valorização da história e o protagonismo político e social das mulheres negras. Tendo em vista que são o maior grupo populacional no Brasil, segundo o IBGE, entretanto são as mais afetadas pelas desigualdades históricas e estruturais e padecem com a ausência das políticas públicas, constituindo-se na parcela mais invisibilizada e vulnerabilizada, no campo social, político e econômico, resultantes das consequências do racismo e sexismo. E no campo educacional, não é diferente, configuram nos dados da evasão e exclusão escolar, e da falta de oportunidades ao acesso ao Ensino Superior e à Pós-graduação, limitando as perspectivas de ascensão social, política e profissional. Esperamos que este ST oportunize reflexões, debates e socialize resultados no campo educacional, das relações étnico-raciais e de gênero. Concluímos que o ST, contribuirá para a disseminação e produção de estudos acadêmicos e científicos, situando o racismo e sexismo, pautados pelo sistema patriarcal, racista, classista, capitalista e cis heteronormativo que subalterniza e invisibiliza corpos e sujeitos na sociedade.

Palavras-chave: Políticas Públicas e Ações Afirmativas. Mulheres Negras. Educação.

A LUTA CONTRA O RACISMO A PARTIR DAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS DE UMA MEDIEVALISTA

Denise Da Silva Menezes do Nascimento (UFJF)

RESUMO
Após reforma curricular que alterou a grade de disciplinas obrigatórias da graduação em História – deslocando o momento/período em que seriam ofertadas ou inserindo disciplinas antes não ministradas com obrigatoriedade ou ainda modificando os conteúdos e/ou objetivos até então discutidos em sala de aula – foram abertas oportunidades de aprofundar discussões que englobavam tanto a História Medieval quanto os estudos sobre sociedades do continente africano no cotidiano escolar da Educação Básica. De acordo com a nova grade curricular, os alunos do segundo período têm, entre outras disciplinas, História Medieval, História da Áfricas e Reflexões sobre Ensino de História II, o que possibilita um estreito diálogo entre as três disciplinas que na UFJF eram ministradas por duas professoras negras. Na disciplina Reflexões sobre o Ensino de História II sempre priorizamos avaliações que pressupunham a elaboração de atividades e/ou materiais didáticos voltados para professores da Educação Básica de modo que pudéssemos auxiliar no processo de questionamentos acerca da História de populações do continente africano e afro-brasileiras. Isso por sua vez propiciou profícuas discussões sobre temas de extrema importância sobre o cotidiano escolar – incluindo obviamente as vivências de alunos, professores e demais funcionários da área da educação – a partir da interseccionalidade entre gênero, raça e classe. Tomando como base as experiências vivenciadas no segundo semestre de 2021 e no primeiro de 2022 – produção de podcast e de HQ com temáticas sobre culturas africanas e/ou afro-brasileiras – pretendemos abordar as possibilidades de afirmação das práticas culturais de negrxs e de luta contra o racismo, no Ensino Superior e na Educação Básica, entre os estudantes e professores de História.
Palavras-chave:

ỌKÀN MÍMỌ́- BONECAS ABAYOMI COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Gabriely Nascimento Varela (UFRN)

RESUMO
Este relato de experiência tem como objetivo compartilhar as vivências proporcionadas pelo trabalho de arte educação realizado nos últimos anos pela autora através de sua oficina Ọkàn Mímọ́, além de trazer reflexões sobre práticas pedagógicas afro referenciadas no contexto da efetivação da lei 10.369/03. Por meio de oficinas realizadas com crianças, jovens e adultos utilizando as bonecas Abayomi como suporte a autora busca apresentar estratégias para o combate ao racismo no ambiente escolar refletindo sobre o potencial pedagógico da construção dessas bonecas e de seu fazer lúdico/artístico. Dessa forma, alinhada aos valores civilizatórios afro-brasileiros busca-se compartilhar a potente ferramenta pedagógica que as bonecas Abayomi representam, trazendo representatividade e outras narrativas sobre a história e contribuição dos povos negros na sociedade brasileira. Esse trabalho tem como objetivos dialogar sobre a importância das discussões da história da África; apresentar alternativas de práticas pedagógicas no desenvolvimento de atividades que promovam a construção da identidade negra em crianças; E relatar as vivências da autora proporcionadas pela realização das oficinas em espaços escolares e não escolares.
Palavras-chave:

BATUQUE NA COPA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA NEGRA NA UNIVERSIDADE

Rayane Cristina de Andrade Gomes (UFERSA)

RESUMO
Inspirada no samba "Batuque na cozinha" de João da Baiana, organizei o presente relato de experiência enquanto mulher negra professora de Direito na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Ao reencontrar-me com minha alma mater na posição de docente adjunta, primeira a acessar o cargo como produto das cotas raciais, as portas da Copa do prédio em que atendo, foram fechadas. Busco refletir sobre o incômodo que a imagem de uma mulher negra, de 30 anos, sem as vestimentas associadas ao imaginário jurídico, provoca no cotidiano acadêmico. A experiência de ter a porta da copa cerrada na minha face ao tentar almoçar com os demais servidores aconteceu após quase um mês de serviço. Os olhares de desconfiança relembraram-me que a academia ainda não concebe gente como eu em sua paisagem. Sustentada no feminismo negro, especialmente com os saberes de Lélia Gonzalez e Conceição Evaristo, trago essa vivência como um retrato da violência da branquitude nos espaços educacionais. O curioso do caso é que o episódio aconteceu no prédio da Coordenação Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Inclusão Social (CAADIS) demonstrando a contradição entre os caminhos institucionais que buscam a inclusão e o acolhimento prestado. O texto organiza-se em dois momentos. Primeiro elaboro sobre o percurso até chegar a copa e, como diz a canção, "queimar meu pé". O desenho da sala, a organização do espaço e a crônica do ocorrido tomarão espaço nessa seção. Na sequência, o tópico: "Sinhá não quer, e tu é doutora é?", mobilizo as leituras feministas negras para interpretar o ocorrido como reflexo de uma estrutura universitária avessa aos debates de promoção da igualdade racial. Assim, mesmo "queimando meu pé" sigo fazendo "batuque" na copa, desorganizando o espaço que a branquitude nos designa e subvertendo a narrativa de impotência sobre corpos-mulheres-negros como o que habito.
Palavras-chave:

ESCREVIVÊNCIAS E PARTILHAS DE CONHECIMENTOS ANCESTRAIS ATRAVÉS DA EXTENSÃO

Andressa Lima da Silva (IFRN)
Maria Do Socorro da Silva (IFRN)
Tailor Alves Cabral (IFRN)

RESUMO

Escrevências e partilhas de conhecimentos ancestrais através da extensão: “Esse projeto tecendo sonhos, veio realizar um sonho da gente, da gente se comunicar mais, das mulheres aprenderem mais de si e das outras conterrâneas” Andressa Lima - professora IFRN, andressa.lima.silva.2021@gmail.com Tailor Alves Cabral - professor IFRN, tailoralvescabral010411@gmail.com- Maria do Socorro da Silva- professora IFRN, socorro.silva@ifrn.edu.br O presente resumo tem por objetivo apresentar o relato de experiências vivenciado através de um projeto de Extensão, denominado "Tecendo sonhos e gerando oportunidades: entre saberes, fazeres e conhecimentos produzidos pelas mulheres nas comunidades tradicionais". O projeto foi desenvolvido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Diversidade (NEGEDI), integrado ao IFRN, abrangendo professores, técnicos e estudantes da instituição, além de contar com a parceria de órgãos como o SEBRAE e apoio financeiro de emenda parlamentar da Deputada Federal Natália Bonavides. O projeto foi executado entre janeiro e agosto de 2024, contando com a participação de 120 mulheres integrantes das comunidades tradicionais do Rio Grande do Norte: comunidades quilombolas de Acauã e Queimadas, comunidade indígena de CATU e a comunidade ribeirinha de Santa Rita. A metodologia utilizada integra pressupostos e conceitos da educação popular e da Pedagogia Freiriana, da escuta ativa e partilhada, da ciranda pedagógica e do reconhecimento dos saberes e experiências vivenciadas na comunidade. Além disso, incorpora práticas coletivas e circulares do bem viver, como o autocuidado, a afetividade e a dororidade, expressas pelas mulheres em sua labuta diária. Os atravessamentos sociais, marcados pela exclusão e preconceito, evidenciam a necessidade de discutir com mulheres das comunidades tradicionais, mulheres negras, indígenas e periféricas, temas sobre direitos das mulheres, empoderamento e autonomia econômica. Durante os encontros, despertamos sonhos, ideias, expressões e motivações que promovem um "esperançar" reflexivo e dialógico na ação e prática cotidiana, ressaltando a importância de partilharem suas experiências, vivências e conhecimentos. A escritora Conceição Evaristo nos fala da importância do reconhecimento e valorização das histórias e vivências de vida, frutos das experiências que carregamos nas expressões cotidianas. O simbolismo traduzido na sobrevivência e resistência, amalgamado no conhecimento ancestral e na luta diária, deve ser reconhecido e potencializado para o fazer e viver das escrevivências cotidianas das mulheres negras nessas comunidades. Os resultados apresentados podem ser vistos na participação ativa e consciente das mulheres envolvidas, no desejo de mudança no campo social e político que demonstram em seus horizontes de vida, e no reconhecimento de suas trajetórias na busca da emancipação política e seus projetos de vida. Consideramos que o projeto institui e promove a partilha de saberes e experiências não reconhecidas e valorizadas pela educação escolar formal e

pelo sistema social vigente, que reforça e exclui as mulheres negras e indígenas através de práticas racistas e sexistas que inviabilizam e invisibilizam suas lutas, trajetórias e conquistas. Entendemos que esta experiência desenvolvida oportuniza e resgata sonhos, horizontes e possibilidades!

Palavras-chave:

O IMPACTO DAS LEITURAS FEMINISTAS NEGRAS NA ACADEMIA: UMA REFLEXÃO ACERCA DA ATUAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA 'LEITURAS CRÍTICAS EM DIREITO E RAÇA' E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO JURÍDICA".

Davi Freitas da Silva (UFERSA)
Maria Clara Freitas Cavalcanti (UFERSA)

RESUMO
O legado do feminismo negro no âmbito educacional, bem como os fatores da discriminação racial - acentuados pelo marcador de gênero - são questões essenciais para a construção do perfil dos universitários contemporâneos. Assim, ressaltando essa premissa, este trabalho busca refletir como a atuação do grupo de pesquisa "Leituras Críticas em Direito e Raça" da Ufersa tem contribuído para a luta em prol do protagonismo das mulheres negras na academia. Para isso, inicialmente, voltar-se-á ao passado, destacando o surgimento projeto e os desafios para sua implementação - mediante depoimentos das mulheres negras do projeto. Dialogando com autoras como Lélia González, Bell Hooks, Grada Kilomba, Angela Davis e Sueli Carneiro, objetiva-se, primeiramente, destacar o poder negro ascendente, enfatizando o papel das pesquisadoras negras na formação crítica dos futuros juristas. Posteriormente, buscar-se-á retratar o presente, com as transformações produzidas pelas produções acadêmicas de mulheres negras na comunidade jurídica e sua relevância na formação acadêmica. Por fim, vislumbrando o futuro, observar-se-á a influência do grupo da Ufersa, enquanto um projeto disruptivo, racializado e multirracial, na promoção de uma cultura antirracista, feminista e decolonial. A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica, a partir da consulta ao Portal de Periódico da CAPES, sob acesso da Ufersa. Serão utilizadas também as leituras discutidas pelo projeto enquanto referenciais teóricos. Ademais, realizar-se-ão entrevistas com membros, egressos, coordenadoras e professoras que já atuaram no grupo, como forma de endossar o relato de experiência. Espera-se, com o presente trabalho, confirmar que projetos e produções acadêmicas orientados por leituras feministas negras guiam a reflexão e crítica das estruturas de poder, predominantemente brancas e patriarcais. Grupos de pesquisa como o "Direito e Raça", pois, conseguem, em alguma medida, subverter essa lógica, promovendo uma melhor consciência do real, além de trazer novas abordagens aos métodos de ensino, pesquisa e atuação jurídica dentro e fora da academia.
Palavras-chave:

QUAL O LUGAR DA MULHER NEGRA IDOSA NA LITERATURA?

Amanda Maranhão de Souza (UFPB)
Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB)

RESUMO
Qual o lugar da mulher negra idosa na literatura? Taylane Cruz, escritora negra sergipana, conhecida por obras como Menina de fogo (2023) e O sol dos dias (2020), tece narrativas em seu livro As conchas não falam que demarcam esse lugar da mulher idosa negra e sua subjetividade na literatura brasileira, contos como V e G, Confissões de Dona Cora, Querido diário e Avó esmiúçam realidades e, poeticamente, narram o sentir e o ser dessas mulheres. A partir disso, este trabalho tem por objetivo deslocar essas narrativas para espaços educacionais destinados a idosos — sejam Centros de Vivências, Instituições de Longa Permanência, projetos comunitários e sociais, turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) — e trabalhá-las a partir das ideias de Martins e Soares (2021), em seu texto Por um ensino decolonial de literatura, e de Ruth Pavan (2022), em Currículo e (De)colonialidade, em consonância com os capítulos Colonialidade e gênero, escrito por María Lugones (2020), e Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial, por Ochy Curiel (2020), presentes no livro Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais, organizado pela Heloisa Buarque de Hollanda (2020). Partindo disso, pensar-se-á numa prática de ensino que inclui e democratiza a cultura, apresentando a literatura como fio-condutor para emancipação, compreensão subjetiva de si e formação identitária das mulheres, abarcando a subjetividade do público idoso e suas vivências enquanto seres sociais. Ademais, o objetivo é explorar a autoria feminina negra, destacando sua importância epistemológica e seu caráter disruptivo quanto à lógica colonial, utilizando-se não somente da leitura das narrativas como ferramenta metodológica de representação e emancipação, mas buscando desenvolver a compreensão das mulheres idosas quanto à importância de ocupar espaços previamente dominados e narrar suas próprias histórias como mulheres e seres sociais.
Palavras-chave:

“DIVERSAS, MAS NÃO DISPERSAS": AS DINÂMICAS DE SOLIDARIEDADE ENTRE MULHERES NEGRAS, POBRES E FAVELADAS EM QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Gleidson Pereira da Silva (UESPI)
Ana Maria Bezerra do Nascimento (UESPI)

RESUMO
O artigo objetivo investiga de que modo, Carolina Maria de Jesus em Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada problematiza as dinâmicas solidariedade entre mulheres negras, pobres e faveladas na Favela Canindé e como essa temática foi um modo a dar voz e visibilidade às experiências e lutas diárias entre as mulheres negras e assim, elaborar uma produção estético literária, com reflexões teóricas de uma mulher negra que narra sua vida. Então, busca-se responder a seguinte indagação: Diante do ambiente de adversidade da Favela Canindé, como a autora relaciona as dinâmicas de solidariedade entre mulheres negras, pobres e faveladas? A referência teórica se apoia narrativa autobiográfica que desenrola a trajetória de uma mulher negra favelada e pobre e desse modo, produzir um estilo literário ao trilhar pelo imaginado e o vivido de modo, a revelar sobre o que escreve, como e para quem escreve, a época, e a sociedade em que vive. Essa narrativa vinculou a literatura as ciências sociais para revelar como as pessoas universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem. A metodologia é da revisão bibliográfica ou da literatura de autores e autoras que realizam a intersecção gênero e raça e, e raça em especial, das teóricas feministas. Quanto aos resultados obtidos conclui-se que a produção literária de Carolina Maria de Jesus reforça o quanto a escrita autobiográfica contribui para revelar as percepções da escritora pois, ao escrever sobre o cotidiano da favela tornou esse espaço a sua palavra, a pensar a sua existência com a própria história da sociedade em um contínuo refazer-se da escrita e do fazer literário. A autora, fez então, a escrita engajada, outsider, seu potencial de denúncia e de anúncio, sua contribuição para a literatura de mulheres negra na literatura brasileira.
Palavras-chave:

CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E EMPODERAMENTO DE MULHERES SURDAS E NEGRAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Francisca Katarina Medeiros de Oliveira (IFESP)
Frederico Affonso de Araújo Medeiros (IFESP)

RESUMO
Este estudo teve como objetivo fomentar o empoderamento de alunas Surdas numa escola pública de ensino médio da Rede Estadual de Educação do Rio Grande do Norte-RN no município de Natal, para que elas pudessem conhecer seus direitos e deveres na sociedade natalense levando em conta seu gênero, deficiência, situação econômica, entre outros pontos relevantes neste contexto. Visto que as alunas Surdas estão na 1ª série do ensino médio e pensando em estimular a construção de suas identidades como mulheres, negras, latinas, nordestinas, natalenses e com deficiência, pensamos em proporcionar uma vivencia com seus pares Surdos que já enfrentaram essa fase escolar. Convidamos uma professora temporária da rede que é Surda e Negra, moradora da cidade de Natal e militante da Comunidade Surda para fazer uma exposição de sua trajetória na formação escolar e acadêmica para toda a turma em que as alunas surdas estavam matriculadas, a professora regente do componente de Projeto de Vida, bem como os outros surdos matriculados na escola e seus familiares. Para pensar esta ação, embasamo-nos em bell hooks (2017), Perlin e Strobel (2014) e Santos (1999). Como resultado, percebemos que os alunos ouvintes com e sem deficiência/transtornos da turma passaram a ter uma aceitação e acolhida melhor para com seus colegas Surdos, os alunos surdos de outras turmas passaram a visitar com mais frequência a sala de aula da 1ª série na qual foi realizada a palestra. Os alunos puderam ver a possibilidade de conquistas acadêmicas e profissionais mesmo com algumas dificuldades sociais. Este trabalho está vinculado ao Grupo de Pesquisa “Linguagens, Diversidade e Autoformação”, do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy-IFESP e financiado pela Secretaria de Estado da educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer-SEEC/RN.
Palavras-chave:

NARRADORAS DE UMA TRAJETÓRIA DO PROCESSO DE EMPODERAMENTO DE UMA MULHER QUILOMBOLA

Djaneide Maria dos Santos (IFESP)
Alessandra Patriota de Aguiar (IFESP)
Marisa Silva de Araújo (IFESP)

RESUMO
O memorial de formação se constitui num gênero textual narrativo, circunstanciado e analítico, em que aquele que escreve busca narrar o seu processo formativo enquanto indivíduo, discente e profissional. Este trabalho tem como objetivo principal narrar como tem sido o processo formativo de uma mulher quilombola, da comunidade Sítio Grossos, situado no Município de Bom Jesus, Rio Grande do Norte. O relato faz parte de um memorial de formação em construção, a natureza do estudo dá-se numa perspectiva (auto)biográfica. Nesse sentido, buscamos refletir sobre a nossa própria experiência pessoal, de forma também a entender como os processos de formação sociológica, econômica, política, e cultural emergem em nossas trajetórias dando sentido a nossa existência.
Palavras-Chave: Memorial de Formação, Educação, Mulher Quilombola

MACHISMO E RACISMO NA CIÊNCIA: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA NO ENSINO MÉDIO

Acácio Silveira de Melo (IERN)
Francislí Costa Galdino (IERN)

RESUMO
Um dos valores do Instituto Estadual de Educação Profissional, Tecnologia e Inovação do Rio Grande do Norte é a produção e socialização de conhecimentos e saberes, bem como a inclusão por meio da interação sociocultural e multicultural. Diante disso, o objetivo deste projeto, em desenvolvimento, é discutir temas específicos da relação entre ciência e sociedade, tais como o machismo e o racismo na ciência na intenção de integrar todas as áreas de ensino, tanto da formação geral básica quanto da formação técnica e profissional. Metodologicamente, discutiremos como esses temas se tornam barreiras significativas para a promoção de um ambiente científico mais inclusivo e equitativo contando com a participação de alunos preceptores, que são responsáveis pela organização e execução do projeto junto aos professores orientadores. Serão utilizadas metodologias qualitativas para compreendermos a abrangência desse problema, cujo público-alvo serão os alunos e profissionais da própria escola. Para isso, serão organizadas rodas de conversa para a discussão dos temas, nas quais poderemos analisar as percepções prévias. Além disso, serão realizadas palestras com convidados que trabalham com a temática, bem como a exibição de filmes e trechos de filmes que abordam o tema ao longo da história. O projeto visa investigar e compreender como o racismo e o machismo afetam a ciência, destacando exemplos históricos e contemporâneos e propondo soluções para promover a inclusão e a equidade. Este trabalho está vinculado ao IERN Natal e é financiado pela Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer – SEEC/RN.
Palavras-chave:

A “CERCA” DOS DIREITOS HUMANOS: VIVÊNCIAS POÉTICAS DE UMA ESTUDANTE DE DIREITO NEGRA NA SALA DE AULA.

Thalita Ferreira (UFERSA)

RESUMO
A quem servem os Direitos Humanos? Aos Franciscos negros e pobres? As Marias sem documentação oficial? As pessoas de pele escura, discriminadas pela sociedade da branquitude? Essas perguntas me arrebatam ao ingressar na disciplina de Direitos Humanos na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). A proposta do presente texto é refletir sobre uma poesia elaborada por mim como uma resposta às inquietações do primeiro encontro acadêmico com as indagações sobre os significados e alcances das garantias fundamentais. Pretendo discutir no presente relato de experiência sobre os impactos da metodologia pedagógica que me permitiu um estalo sobre o que realmente são os direitos humanos, aos 22 anos, nos bancos da universidade. Não falo aqui sobre o conceito ou sobre não mostrar incômodo diante de cenas cruéis, muito menos de protestar em situações de injustiças humanas. Refiro-me a notar a sensibilidade presente nos direitos humanos, e mais sensível ainda àqueles que não sabem lutar por eles. Em minha primeira aula de direitos humanos, estimulada por uma mulher negra, me peguei desenhando uma cerca. É incontestável a destreza, o brilhantismo e o esforço na construção da cerca, mas nem todos têm conhecimento e aptidão para realizar essa tarefa. É necessário selecionar um bom material, limpar e dar formato à madeira, e só depois adquirir os demais materiais, como pregos e arames farpados. Assim, pretendo exprimir essa vivência poética, de um texto escrito no momento daquela aula, mas que me trouxe um contato profundo entre literatura e a indignada com as injustiças que pessoas como eu - mulheres, negras, trabalhadoras - experimentam. O texto busca detalhar a experiência educacional, trazer a poesia produto daquele momento e analisar as intersecções entre o campo jurídico e a sensibilidade.
Palavras-chave:

A ESCREVIVÊNCIA COMO MÉTODO DE PESQUISA EM DIREITO: O CONTRA-ATAQUE AO EPISTEMICÍDIO NA ACADEMIA

Adriele Jairla de Morais Luciano (UFERSA)

RESUMO
O ambiente acadêmico e de pesquisa muitas vezes se revela como um espaço de violência, onde o conhecimento e as experiências de pessoas subalternizadas são sistematicamente deslegitimados. Estar neste ambiente é como habitar em um eterno limbo, oscilando entre a sensação de não pertencimento e a percepção de ter ido longe demais para desistir. A jornada para chegar nesses ambientes é árdua, mas permanecer é ainda mais desafiador. A cada novo patamar alcançado, novos obstáculos se apresentam, exigindo que sejamos impecáveis, incansáveis na busca pela excelência e muito produtivas. O peso de um erro, especialmente para mulheres negras, pode ser avassalador, podendo resultar em estigmas permanentes de loucura, chatice ou inconveniência. É nessa angústia constante de não pertencer plenamente que nos impulsiona a utilizar esse espaço de pesquisa como uma ferramenta para investigar métodos que desestabilizem a estrutura dominante. Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa é demonstrar a metodologia da Escrevivência, desenvolvida por Conceição Evaristo, como uma estratégia de enfrentamento ao epistemicídio nestes espaços e nas narrativas jurídicas hegemônicas. Através deste método de escrita, busca-se visibilizar as experiências e vivências dos corpos negros dentro do campo jurídico, contrapondo-se à objetificação que historicamente permeiam esses espaços. A metodologia adotada inclui a utilização da própria Escrevivência somada a uma pesquisa de caráter exploratório, voltada a categoria do epistemicídio, e a aplicação desse método de escrita em um contexto jurídico, especialmente feita por mulheres negras, como Lélia Gonzalez (2020), Maria Angélica dos Santos (2021), Grada Kilomba (2019) e Marielle Franco (2018). Assim, a pesquisa se propõe em analisar criticamente o fenômeno do epistemicídio na academia jurídica, além de oferecer uma alternativa metodológica que permita resgatar e validar as vozes de corpos subalternizados, de modo a reconhecer a centralidade das experiências negras e de mulheres na construção do conhecimento jurídico.
Palavras-chave: Escrevivência. Direito. Pesquisa. Mulheres negras. Epistemicídio.

SIMPÓSIO 28
NARRATIVAS DE AFETO: ESCREVIVÊNCIAS E FABULAÇÕES DE AMOR, AFETO E DISSIDÊNCIA NAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE NO CINEMA E NA LITERATURA AMEFRICANA

Organização do Simpósio:
Daiany Ferreira Dantas (UERN)
Leila Maria de Araújo Tabosa (UERN)

RESUMO
Este Simpósio Temático busca acolher narrativas de obras literárias e audiovisuais do contexto amefricano (Gonzalez, 1984) que partam de histórias centradas na vivência do amor e do afeto como dimensões subjetivas e comunitárias. Pretende-se trazer abordagens e estudos acerca da literatura americana e do cinema latino americano com enfoque principal no feminismo decolonial e na colonialidade de gênero a partir das relações amorosas; de relações afetivas; de questões de gênero e de sexualidade presentes nas narrativas de escritoras e de escritores amefricanos (as) e realizadores (as) audiovisuais. A partir disso, pretende-se discutir acerca do modo como as narrativas literárias e fílmicas são abordadas. Em seu livro Tudo sobre o amor (2020), bell hooks entende que muitas das narrativas hegemônicas são redutoras quanto à afetividade, por estarem centradas na perspectiva do amor romântico, vinculado ao centrado no conceito de posse pela sujeição destrutiva de alguns indivíduos sobre outros, na lógica sistêmica do capitalismo patriarcal colonialista. A autora entende que amor e afeto adquirem uma ordem criativa e transformadora nas narrativas que desvelam projetos de convivência que borrem as fronteiras do binarismo heteronormativo eurocentrado, pela afirmação de linhagens de interesses coletivos, dos quais o amor emerge como força criativa emancipatória. Os conceitos de Escrevivências (Evaristo, 2020) e de fabulações críticas (Hartman, 2019) surgem como instrumentos de investigação que nos ajudam a desvelar as muitas formas de viver e de amar em cenários que usualmente precarizaram o afeto público de pessoas racializadas, sobretudo as mulheres e pessoas LGBTQIAP+, propondo representações do amor e das conexões afetivas que os dimensionem como ética e pedagogia da vida.
Palavras-chave: Afeto e amor. Feminismo decolonial. Escrevivências.

DO IMPOSSÍVEL SEXO BROTAM OS MÚLTIPLOS AFETOS: MASCULINIDADE E LESBIANIDADE EM “CANÇÃO PARA NINAR MENINO GRANDE”.

Lisandra Cristina Lopes (UERN)

RESUMO
O artigo examina o processo de construção da masculinidade de homens negros e a representação da lesbianidade no romance de Conceição Evaristo, que inova ao trazer um homem, Fio Jasmim, como protagonista. Fio, linha que une mulheres e histórias. Jasmim, flor bela e aromática, cujo nome por vezes sugere simbolicamente o falo. Jasmim cresceu à sombra de sua negritude e da lembrança de não ter sido o príncipe numa encenação escolar, papel reservado a um menino loiro. Influenciado pelo pai e por homens mais velhos, constrói para si um reino com as mulheres conquistadas ao longo da vida. Sua trajetória se modifica ao conhecer Eleonora Distinta de Sá, mulher lésbica que ele não pode cortejar nem conquistar. Da impossibilidade do sexo brota o afeto que faz Jasmim refletir sobre sua vida e suas mulheres. Se a lesbianidade representa afronta à masculinidade, por limitar o acesso do homem ao corpo feminino, para Jasmim ela desponta como possibilidade de experimentar o companheirismo e uma forma de amor não sexualizada. Com aporte teórico nas lições de bell hooks, Audre Lorde e Frantz Fanon, a pesquisa utiliza o método bibliográfico. Em conclusão, a narrativa de Evaristo desfaz estereótipos historicamente atribuídos a homens negros, pois Jasmim, em vez de violento, é doce, sorridente e carinhoso. Ao mesmo tempo, explora a construção da masculinidade desses homens, marcada pela objetificação das mulheres e abandono parental. Quanto à representação da lesbianidade, Eleonora é retratada sem o recurso a estereótipos físicos ou comportamentais, sendo-lhe oferecido um futuro de amizade e amor, subvertendo narrativas que reservam à lésbica um final punitivo. Por fim, a história de Fio, cujo nome remete também a “filho”, é narrada por uma mulher. Autora e autoridade, ela produz palavra e memória, desvelando um mundo de afetos para homens negros e mulheres lésbicas.
Palavras-chave:

REGINA ANASTÁCIA: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO

Josirranny Priscilla da Silva (UERN)
Hiarla Yasmim França Rodrigues (UERN)
Kalidja Clívia Silva (UERN)

RESUMO
O colonialismo no Brasil, sistema de dominação político, econômico, cultural e religioso, implementado por Portugal, com o propósito de explorar e expandir seu território, trouxe diversas consequências para os corpos negros e indígenas. Mesmo após 135 anos da sanção da lei Áurea e do fim da escravização, a mulher negra continua sendo duplamente silenciada, por sua cor e gênero. Nesse sentido, este estudo objetiva analisar os desdobramentos da colonialidade no corpo feminino negro a partir do conto Regina Anastácia de Conceição Evaristo. Para tanto, dialoga com o pensamento de Lélia Gonzalez (2020), Aparecida Bento (2022), Frantz Fanon (1968; 2020), Grada Kilomba (2019) e Lia Vainer Schucman (2012). Falar sobre a condição dessas mulheres, por meio de um viés qualitativo, interpretativo e da análise literária, possibilita-nos identificar e desconstruir representações socioculturais condicionantes e pensar o feminismo na teoria e na prática.
Palavras-chave: Branquitude; Feminismo negro; Colonialismo; Literatura afro-brasileira.

AS NATALINAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO: AUSÊNCIA DE AFETIVIDADE REPRESENTADA NAS VIOLÊNCIAS, NEGLIGÊNCIAS VIVENCIADAS PELAS PERSONAGENS DE "QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE (2018) E NATALINA SOLEDAD (2011)

Leila Rute Gonçalves Soares (UERN)
Julia Fernanda Batista (UERN)

RESUMO
Conceição Evaristo por meio de suas obras atribui voz àquelas que por tanto tempo foram silenciadas e destituídas de representação, levando o leitor a submergir em uma ficção que espelha a realidade pelo olhar de personagens negras, inseridas em contextos cercados por negligências, violências, desigualdade e racismo. Nesse sentido, o presente trabalho busca analisar a construção das Natalinas nos contos: Quantos filhos Natalina teve? (2018) e Natalina Soledad (2011), de Conceição Evaristo, evidenciando as semelhanças e as diferenças no interior das relações familiares e afetivas que se estabelecem na vida dessas mulheres que recebem o mesmo nome. Como aporte teórico, estaremos pautadas, principalmente, nos estudos de Nádia Gotlib (1998), Lélia Gonzalez (1988), Bell Hooks (1999), Denise Ferreira (2019) e Cida Bento (2022); a primeira, traz a conceituação e funções do gênero literário analisado, enquanto as outras teorizam, partindo da perspectiva decolonial e da interseccionalidade, os encadeamentos opressivos e subalternizadores arraigados sobre os corpos femininos negros. No que toca à abordagem metodológica, a pesquisa é de caráter bibliográfico e qualitativo. Conceição Evaristo revela um olhar íntimo e único para as vivências das Natalinas, que em suas histórias singulares, buscam se desprender dos elos que as aprisionam, elos carregados de machismo e racismo. Seja na decisão de escolher a maternidade ou na escolha de seu próprio nome, as duas personagens buscam conquistar sua própria liberdade. A autora representa as dores, violências e a ausência de afetos, buscando, através da literatura, despertar o leitor acerca das problemáticas sócio-culturais no interior da sociedade brasileira.
Palavras-chave: Literatura feminina; escrevivências; afetos.

A RUPTURA DO ASSUJEITAMENTO FEMININO NO CONTO “A OBRIGAÇÃO”, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Raissa Gabriela Souza de Araújo (IFRN)
Vitoria de Lima Andrade (IFRN)
Candice Firmino Azevedo (IFRN)

RESUMO
Este trabalho foi desenvolvido no projeto de pesquisa Literatura e Cidadania sob orientação da professora Dra. Candice Firmino de Azevedo. A escritora brasileira contemporânea Maria Valéria Rezende propõe, em sua escrita, o cruzamento de tensões próprias das violências sofridas pela população subalternizada latino-americana, como o silenciamento, o que se evidencia, por exemplo, no modo como as mulheres são submetidas ao assujeitamento dentro das relações heterossexuais. No conto "A obrigação", do livro Vasto Mundo (2015), temos uma narrativa que retrata um momento de crise no relacionamento de dona Ceiça, personagem atravessada pelo incômodo de cumprir com a “obrigação”, levando em conta o seu papel social enquanto mulher, mãe e esposa dentro de um relacionamento heterossexual. Partindo das discussões sobre dispositivos de gênero (Zanello, 2018), podemos observar que o tensionamento na narrativa se dá pela postura assumida pela personagem principal, que rompe com as expectativas de gênero, em vista dos dispositivos femininos. Sendo assim, levando em conta esses apontamentos, tendo por base as discussões de Zanello (2018) e Federici (2017), propomos uma análise discursiva que pretende traçar um estudo qualitativo a respeito dos movimentos ideológicos e dos aspectos histórico-culturais que atravessam essa narrativa, denunciando a herança do discurso conservador e patriarcal que ainda permeia a nossa sociedade.
Palavras-chaves: Vozes sociais. Dispositivos de gênero. Expectativas de gênero. Literatura contemporânea.

EMPRETECENDO A TELA: AFETO, MEMÓRIA E ESCREVIVÊNCIA NAS IMAGENS DE "UM DIA COM JERUSA".

Anna Nívea da Silva Costa (UERN)

RESUMO
A participação das mulheres negras no cinema dominante está calcada em um apagamento sociopolítico, resultante de fatores raciais, sexistas e elitistas que subordinam essa parcela da sociedade. Analisando a cena nacional, compreendemos como elas foram sistematicamente subjugadas a personagens estereotipados que despontam do imaginário social da branquitude. Figuras produzidas pelo olhar colonizador que reduzem a historiografia negra aos enredos de marginalização, dor e morte. Quando mapeamos a presença feminina negra nas funções mais privilegiadas do cinema, visualizamos como a sétima arte permanece nas mãos de homens brancos, cis, héteros e ricos. Em uma ilusória fantasia de salvadores da pátria, eles concentram o audiovisual nas demandas dos centros de poder. Logo, o cinema, para além de um espaço de imersão, introduz um novo território de tensões e disputas entre a branquitude e os grupos minorizados. Nesta conjuntura, surgem movimentos de contraposição que visam subverter o ideal hegemônico, como é o caso, por exemplo, do cinema negro. Apesar das ausências iconográficas, observamos uma nova etapa representativa com filmes que resgatam saberes e crenças a partir do afeto e da escrevivência experienciada pelas mulheres negras. A obra Um dia com Jerusa (2020), de Viviane Ferreira, promove a retomada da afetividade, alteridade e autorreferencialidade por meio de uma vivência coletiva atravessada pela solidão, subjetividade e identificação. O longa-metragem traz uma contranarrativa que recoloca as mulheres negras no cerne das produções, como protagonistas e assumindo as categorias mais renomadas. A memória e a ancestralidade, nesta proposta fílmica, emergem do sentimento de pertença, escrita de si e novas implicações estéticas-ideológicas. Desta maneira, em uma dinâmica de contra-história, a cinematografia, enquanto ferramenta pedagógica, redesenha outras possibilidades imagéticas da negritude no cinema nacional.
Palavras-chave:

O AFETO CONTRACOLONIAL NO DOCUMENTÁRIO AS HIPERMULHERES (2012)

Ester Chagas Silva (UERN)
Daiany Ferreira Dantas (UERN)

RESUMO
Afeto é uma linguagem e uma memória nos ritos indígenas brasileiros. Autoras como a doutora em psicologia da etnia guarani Geni Nuñez, apontam o afeto comunitário e as pedagogias afetivas como manifestações contracoloniais, que evidenciam os aspectos patriarcais e predatórios da colonialidade, que se apressou em instalar ritos de binarismo de gênero centrados na desigualdade. As Hipermulheres, documentário de 2012, dirigido por Carlos Fausto, Leonardo Sette e Takumã Kuikuro, com duração de uma hora e vinte minutos, e classificação indicativa de 10 anos, é um filme sem censura ou proteções, que nos entrega frações de um dia-a-dia que não nos pertence. A obra que apresenta a tradição do Jamurikumalu, o maior ritual feminino do Alto Xingu, nos joga em uma aldeia, sem narrador ou tarjas de descrição. Legendas foram necessárias para nos conectar à cultura arrancada de nós há séculos. Porém, em sua duração, são apresentadas relações afetuosas e aprendizagens comunitárias que ultrapassam as limitações da fala. O amor diário expresso aos ancestrais, às crianças, à terra, à comunidade emerge do cuidado com as memórias que as mulheres mais velhas carregam em seus corpos e ações. Acompanhamos as vivências como espectadores, a partir do preparo das mulheres para o grande ritual de cânticos do Xingu, em honra a uma das mais velhas da aldeia, que se encontra doente. Por meio da revisão teórica de autoras como Maria Lugones (2008), Geni Nuñez (2008), Julieta Paredes (2019) e bell hooks (2019), e da análise fílmica com decupagem de cenas, analisamos as relações de gênero pelo prisma do afeto não colonial nesta obra.
Palavras-chave:

SIMPÓSIO 29

GÊNERO E INTERSECCIONALIDADE: A PROSA BRASILEIRA DE MULHERES NEGRAS

Organização do Simpósio:
Juliane Vargas Welter (UFRN)
Jaqueline Castilho Machuca (UFRN)

RESUMO

A contundente afirmação de Simone de Beauvoir (2019) "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" está relacionada a questões comportamentais, ditadas por constructos sociais, ou seja, é o conjunto da civilização que elabora e qualifica o feminino. Assim, discussões sob a ótica dos estudos feministas a respeito de textos que pensem o lugar do eu mulher, no confronto com o status quo regido pelo patriarcado, sobretudo na abordagem de questões interseccionais, são o centro do presente ST. Isso significa dizer que, tendo em vista as colocações de Lélia Gonzales (2020) a respeito da generalidade do termo mulher para pensar as latino-americanas, haja vista que são "mulheres que pagam um preço muito alto por não serem brancas", este grupo de trabalho tem por objetivo discutir questões de gênero e suas intersecções nas produções em prosa feitas por mulheres negras na literatura brasileira. Dessa forma, articula-se ao pensamento do feminismo negro, pela ótica de Djamila Ribeiro (2018), entendendo-o não como uma luta meramente identitária, mas de construção de projetos democráticos. Para a autora, o movimento feminista precisa ser interseccional, dar voz e representação às especificidades existentes no ser mulher e se o objetivo é a luta por uma sociedade sem hierarquia de gênero, existindo mulheres que, para além da opressão de gênero, sofrem outras opressões, como racismo, torna-se urgente incluir e pensar as intersecções como prioridade de ação, e não mais como assuntos secundários. Assim, a partir do olhar para a ficção brasileira almeja-se perscrutar como a literatura vem lidando com essas questões. Este simpósio acolherá perspectivas de trabalho que tematizem questões de gênero e raça nas suas mais diversas articulações: sexualidade, divisão sexual do trabalho, escrevivência, entre outras propostas que possam se encaixar em nosso escopo.

Palavras-Chave: Gênero. Interseccionalidade. Literatura brasileira.

SARÁRA, RELATOS DE UMA VIVÊNCIA PENDULAR FEMININA’

Fernanda Carrera (UFRJ)

RESUMO
O trabalho é um debate sobre colorismo a partir das minúcias do cotidiano, naquilo que marca as microinterações da vida social. Discute as significações que passam pela conversação, pelas relações do dia a dia, pelos afetos e desafetos habituais e ordinários. Quero dar destaque aos não-ditos, ao que foge do domínio da superfície, mas que alicerça as certezas e também as dúvidas, os conflitos e as identificações; me interesso pelos tensionamentos comunicacionais, que muitas vezes não são expostos, mas são absolutamente palpáveis. Entendendo que são diversos os caminhos para a complexificação da discussão sobre raça e gênero, sobretudo no contexto brasileiro, neste trabalho tento traçar um, a partir da materialidade do meu corpo e da minha subjetividade, que deixam rastros na minha memória e são recuperados como ferramentas de teorização. Apesar de propor ter minhas memórias como ponto de partida, este trabalho não pretende apresentar vivências como narrativas que se encerram em si mesmas. Tento aqui construir sentidos generalizáveis sobre as experiências apresentando se não dados analisáveis, pelo menos pontos de interrogação possíveis para intenções analíticas e projetos de pesquisa futuros. Reivindico a necessidade de complexificar o debate racial nas pesquisas e literatura brasileiras, porque acredito que meu corpo e minha história fazem isso mesmo sem eu ter essa intenção. No final, tento aqui autorizar a minha participação no debate pelo reconhecimento dos entrelugares e me dedico a compreender os sentidos que ficam nas brechas e nem sempre são explorados. Começo por mim, mas quero chegar, com sorte, no entendimento sobre outras pessoas e tantos outros contextos socioculturais.
Palavras-chave:

“DIGAM QUE FUI ESCRITORA”: RAÇA, GÊNERO E CLASSE EM CAROLINA MARIA DE JESUS’

Jucely Silva (IFRN)

RESUMO
Pensar a prosa literária brasileira implica problematizar o estatuto do literário, o lugar e a contribuição social do escritor, assim como os aspectos históricos, sociais e políticos que levaram à organização da história da literatura tal como a conhecemos. Por permitir a discussão de tais questões, e ainda outras, destaca-se a autora Carolina Maria de Jesus como uma das mais relevantes intérpretes do Brasil, evidenciando a interseção de raça, gênero e classe. Desse modo, este trabalho pretende discutir as tensões do ser mulher negra escritora na obra de Carolina de Jesus, com ênfase nos enfrentamentos ao cânone literário e aos padrões tradicionais de gênero, considerando, ainda as contradições do seu lugar social. Para tanto, faz-se relevante incluir no debate o conceito de diáspora, conforme Stuart Hall (2003; 2006), e o pensamento da interseccionalidade segundo Gloria Anzaldúa (2000), bell hooks (1995; 2018) e Djamila Ribeiro (2019). O estudo se orienta pela revisão bibliográfica teórica e da obra de Carolina de Jesus, no cotejamento entre textos literários e arquivísticos, e tem sua principal fonte no estudo de Perpétua (2016) sobre a escritora mineira.
Palavras-chave: Literatura, interseccionalidade, diáspora, Carolina Maria de Jesus.

EM BUSCA DA ESTÉTICA CAROLINIANA, ALGUMAS QUESTÕES'

Juliane Welter (UFRN)

RESUMO

Quarto de Despejo (1960), de Carolina Maria de Jesus, tem trazido à tona questões cruciais para a literatura brasileira e, por consequência, para a sociedade na qual está inserida. São questões que passam pelas discussões sobre a representação da fome e o testemunho da pobreza, os personagens e o feminismo negro, por exemplo, que mobilizam as articulações entre raça, classe e gênero (Davis, 2016), Mas, junto às questões da representação, o texto tem suscitado também questionamentos sobre a própria estrutura literária, o que traz discussões que passam pelo gênero diário como literatura e que analisam a linguagem carolineana, muitas vezes posta em dúvida como valor literário, discussões essas que explicitam posições muitas vezes segregadoras. Tendo isso em vista, pretende-se, nessa apresentação, levantar algumas questões a respeito da construção literária de Carolina Maria de Jesus entendendo o texto como um marco para a representação dos personagens negros (Dalcastagné, 2007), mas também para a própria estética literária. Para esse fim, proponho as seguintes questões: 1) Quais as referências literárias que o texto carolineano aciona ao longo da obra? 2) Como o diário apresenta o fazer literário da autora? 3) Que projeto político-estético podemos perceber na obra? Assim, o trabalho almeja sobretudo levantar questões e hipóteses que permitam perceber a força literária que emerge do texto em questão.

Palavras-chave:

A IRONIA COMO RECURSO ESTÉTICO PARA A ESCREVIVÊNCIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM QUARTO DE DESPEJO'

Natália Souza Noro (UFRN)
Juliane Welter (UFRN)

RESUMO
Quando se aborda o romance Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus, o aspecto que mais se destaca, via de regra, são voltados ao seu conteúdo e à produtora do discurso: uma mulher pobre e "favelada" que escreve um diário sobre a vida como catadora de papel. De fato, por si só, esse já é um elemento disruptivo em 1960, quando o livro é publicado. No entanto, o que a crítica à época destacava é que apesar do grande valor sociológico de sua temática, não havia refino estético no aspecto formal, pois os erros ortográficos tornavam sua linguagem tão pobre quanto sua autora. Até hoje, parte das análises levam em conta o elemento social como um fator externo e ilustrativo da obra, problema já evidenciado por Cândido (2016), além de apontar para uma perspectiva que inerentemente corresponde a uma colonialidade de gênero (Lugones, 2014) ao desconsiderar a sensibilidade estética de Carolina por ser uma mulher, negra, pobre e com baixo nível de escolaridade. Diante disso, e respeitando a própria autora que se intitulava poeta e almejava ao cânone literário por conta também da linguagem (Perpétua, 2011), este estudo visa examinar o uso estilístico que Carolina Maria de Jesus faz da ironia como forma de estetizar a sua escrevivência (Evaristo, 2020). Para tanto, serão analisados trechos de Quarto de Despejo observando em quais contextos a ironia é utilizada e quais os efeitos produzidos por ela. Ao final, espera-se que a libertação por meio de um discurso contra-hegemônico a partir da utilização da linguagem do opressor contra ele mesmo, conforme hooks (2017) defende, seja constatada na obra de Carolina Maria de Jesus como parte do seu refinamento artístico-literário.
Palavras-chave:

CAROLINA MARIA DE JESUS E AS ESCREVIVÊNCIAS DAS 21 CATADORAS DO ABC PAULISTA'

Elisângela Soares Pereira (UNEB)
Roberto Henrique Seidel (UNEB)

RESUMO
Carolina Maria de Jesus expõe o que Audre Lorde afirma sobre a escrita como prática renovada de si para consigo e para o outro. Essa autoinscrição no mundo tem sua vibração na recepção de quem lê. Por isso, percebemos a construção de laços identitários forjados no pacto de leitura, onde se ativa uma linhagem de pertencimento em profunda alteridade entre a autora e suas leitoras e uma consciência autoral e um transparente norte de recepção assentada e revigorada em posição social e literária, dinamizada nas temáticas e resultando em frutífera irradiação de vozes negras, femininas, subalternizadas. Carolina possui uma força mobilizadora por incitar a processar dores e autorreflexões. Karine Tavares, uma das Carolinas – que escreve no livro Carolinas a nova geração de escritoras negras, obra fruto de um processo formativo da Festa Literária das Periferias 2020 escreve "caminhamos buscando espaços nos lugares onde nunca fomos vistas, e ser vista ainda é desafio nas estantes onde só brancos são lidos (...) o seu nome e sobrenome submergem e reagem continuamente. Muitas outras, a partir de você, se reconheceram como escritor-personagem. De uma história que nos atravessa, porque todas seguimos com fome: de direito, de casa, de escuta, de igualdade, de comida, de justiça. Nós também nos agarramos às palavras ditas, escritas, estudadas, pra seguir existindo apesar de. Apesar dos barracos inundados, do trabalho mal remunerado, dos corpos julgados e dos livros menosprezados. Nós seguimos nos vendo em você" (Tavares, 2021, p.248-249). Nessa perspectiva, as escrevivências do livro Quarentena da resistência na voz de 21 catadoras traduz encontros e possibilidades de analisar as trajetórias de lutas coletivas, proposta deste trabalho.
Palavras-chave:

JARID ARRAES E CAROLINA MARIA DE JESUS: INTERTEXTUALIDADES EM UM CORDEL'

Jaqueline Castilho Machuca (UFRN)

RESUMO
O objetivo central deste trabalho é investigar como a autora Jarid Arraes, no cordel que tematiza vida e obra de Carolina Maria de Jesus, utiliza mecanismos de intertextualidade segundo os pressupostos de Kristeva (1974). Arraes, no livro Heroínas negras brasileiras: 15 cordéis (2020), recupera a biografia – por vezes apagada – de mulheres que tiveram grande representatividade, seja pela contribuição intelectual e artística, seja pela relevância histórica de seus feitos. A própria poeta, uma das grandes vozes da literatura contemporânea, destaca-se na produção de cordéis, um gênero de hegemonia masculina. No poema analisado é perceptível o diálogo com textos de Jesus, como Quarto de despejo, Diário de Bitita e Casa de Alvenaria. Arraes, ao jogar luz sobre a vida de autora, dialoga com o que Conceição Evaristo (2009) atesta a respeito da obra de Carolina: o desejo, a crença e a luta pelo direito de ser reconhecida como escritora, enquanto tentava fazer da pobreza, do lixo, algo narrável, inventa para si uma posição de escritora, rompendo com um lugar anteriormente definido como sendo o dela.
Palavras-chave:

MEMÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS E AFETOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS NARRATIVAS DAS MULHERES LEITORAS DE BECOS DA MEMÓRIA'

Cleide Bruno dos Santos (UNEB)
Renata Maria Souza do Nascimento (UNEB)

RESUMO
Esse trabalho apresenta uma abordagem crítica sobre as narrativas das mulheres leitoras a partir da leitura do romance Becos da memória (2006) de Conceição Evaristo que trata das práticas cotidianas e das marcas culturais e históricas de mulheres negras. Mobilizou esta pesquisa a compreensão de que a literatura brasileira contemporânea ainda não está ao alcance de todas as pessoas com habilidade leitora, bem como o fato de a literatura de autoria de mulheres negras possuir menos leitores do que aquela produzida por escritores homens e brancos. Buscando ampliar essa visibilidade, o romance foi trabalhado com mulheres do interior da Bahia que residem na cidade de Itaberaba e que já conheciam ou que tinham interesse em conhecer a escrita de Evaristo. Trata-se de uma pesquisa de base exploratória, que tem por instrumento de pesquisa os grupos focais (Minayo,2012) formado por leitoras e como técnica de mobilização literária os círculos de leitura (Cosson, 2014). Para fundamentar as discussões faz-se uso de Gonzalez e suas acepções sobre feminismo negro (2020), Spivak (2018) ao tratar de lugar de fala; para falar da importância da literatura como direito Cândido (2004). Becos da memória é narrativa formada por memórias do acontecimento e por invenção (con)fundindo, como a autora gosta de classificar, aos que leem este livro. Neste sentido, por algumas vezes percebe-se que, as vivências das leitoras, se cruzam com as memórias do romance trilham caminhos doloridos, caminhos de alegria, de construção do afeto e do cuidado, de construção delas mesmas e firmam passos nas revoluções que pretendem verbalizar pelo mundo.
Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Feminismo negro; Becos da memória.

GÊNERO E LITERATURA A PARTIR DA ESCREVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL’

Giovanna Barbosa Soares (UEMA)

RESUMO
O presente trabalho possui o intuito de refletir acerca da escrevivência da autora Conceição Evaristo, adotando o gênero como uma categoria de análise histórica e dialogando com a transversalidade incorporada pela autora, a partir da representação de mulheres negras e periféricas através da sua condição de gênero, raça/etnia e classe, culminando assim, em uma análise interseccional. Nessa perspectiva, a metodologia do referido estudo consistiu em uma pesquisa bibliográfica qualitativa no viés histórico-literário com base na análise de livros, artigos e teses que utilizam o gênero, a classe e as relações étnico-raciais como categorias analíticas, atrelando-as às obras da escritora Conceição Evaristo. Além disso, a presente pesquisa busca analisar a construção do sujeito feminino nas obras de Conceição Evaristo, que denuncia a realidade vivenciada por mulheres negras e pobres por meio da sua escrevivência, ao expor uma sociedade que se autodenomina democrática, mas que continua excluindo e oprimindo indivíduos historicamente marginalizados através do seu gênero, raça/etnia e classe. Assim, entende-se que a vivência cotidiana da mulher subalternizada em uma sociedade patriarcal, racista e elitista é marcada por sofrimento potencializado, pois ela precisa lidar com a opressão de gênero e preconceito racial, além da desigualdade socioeconômica. Nesse sentido, Conceição Evaristo incorpora a voz dessas mulheres com base na sua própria experiência, construindo uma identidade feminina negra e brasileira, ao desnudar uma trajetória de violência e invisibilidade, denunciando as opressões cotidianas através da sua escrevivência. Desse modo, a literatura vai além da arte e da estética, se tornando um instrumento político de resistência contra os preconceitos raciais, sociais e de gênero produzidos por uma sociedade racista, classista e machista. Por fim, tem-se a noção de que o conhecimento, a educação e a consciência de si são o ponto de partida para minimizar as variadas formas de desigualdades e violências.
Palavras-chave:

ESCREVIVÊNCIAS BRASILEIRAS A PARTIR DOS OLHOS D'ÁGUA E DOS REDEMOINHOS: CONCEIÇÃO EVARISTO E JARID ARRAES

Larissa Nunes Paiva (UFRN)

RESUMO
O presente trabalho apresenta uma análise sobre duas obras: Olhos D'água e Redemoinho em dia quente, escritos, respectivamente por Conceição Evaristo e por Jarid Arraes, para melhor apresentar uma reflexão sobre as escrevivências de duas mulheres brasileiras, negras, escritoras, quais são os pontos que dialogam nas suas obras e se existem diferenças entre as vozes negras e as suas personagens, seja no aspecto temporal ou perspectiva histórica de escrita. O estudo, ainda inicial, pretende analisar os aspectos sociológicos de como as mulheres negras estão resgatando à sua ancestralidade, no Brasil, a partir da sua escrita, dando voz e vez a pessoas que historicamente foram silenciadas e ou ainda, que tiveram suas histórias escritas a partir de outros olhares que não ocupam o seu lugar de fala e que não sentem na pele os dramas e o racismo. O que resumidamente descreve essas narrativas é a escrevivência, ou seja, a escrita das vivências, das memórias, do resgate da ancestralidade e de proporcionar através da escrita que muitas mulheres que foram silenciadas e invisibilizadas por séculos no Brasil, finalmente sejam ouvidas. A escrevivência é uma das características da obra Olhos D'água, esses contos, que são curtos na quantidade de palavras que ocupam no livro, são enormes, profundos e potentes. É um livro escrito por uma mulher negra, para outras mulheres, a riqueza dos detalhes dos personagens é o que permite Evaristo falar de mulheres em suas diversas esferas, classes e trajetórias, com muitas coisas comuns, que são as dores que atravessam esses corpos e de como nenhuma mulher escapa desses atravessamentos no Brasil. Jarid Arraes e Conceição Evaristo, dão voz e vez para tantas mulheres que foram silenciadas, hoje temos a oportunidade de conhecer essas histórias que nos representam e nos alimentam com esperanças.
Palavras-chave: Escrevivência. Literatura negra brasileira. Lugar de fala. Voz dos silenciados.

INTERSECCIONALIDADE E REPRESENTAÇÕES DE VIOLÊNCIAS E INVISIBILIDADES DE MULHERES NEGRAS EM CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO'

Maria Thargilla Larissa Silva (UFRN)

RESUMO
Ser mulher em um país de natureza machista como o Brasil significa vivenciar inúmeras desigualdades, ainda mais violentas quando tratamos da realidade da mulher negra, em quel o racismo e o sexismo se sobrepõem. Nesse sentido, e por considerar a escrita de Conceição Evaristo uma representação fiel da realidade de milhares de mulheres, selecionamos algumas de suas narrativas, cuja essência volta-se ao protagonismo negro. Isso posto, este trabalho trata das representações de mulheres negras em contos da referida escritora brasileira, adotando como objetivo investigar como as narrativas articulam as dimensões de gênero, raça e classe social na construção identitária das protagonistas femininas. Para tanto, nos valemos do conceito de interseccionalidade, como forma de interpretar as múltiplas formas de opressão pelas quais a população negra de um modo geral está sujeita, utilizando como arcabouço teórico a perspectiva interseccional e o feminismo negro, ambos sob a ótica de Ribeiro (2019), Gonzalez (1988) e Kilomba (2019). Metodologicamente, adotamos a pesquisa bibliográfica, partindo da leitura e comparação de algumas obras e narrativas da autora, estando o método qualitativo no centro de nossa investigação. Nossa pesquisa possui uma relevância acadêmico-social, ao passo que oferece uma compreensão mais complexa das estruturas de poder e das dinâmicas sociais em que o racismo e o sexismo perpetuam. Ela também revela como mulheres negras, através da escrita, encontram estratégias de resistência, ressignificação e empoderamento diante das adversidades. Além disso, a análise interseccional em contos feministas negros contribui para a construção de novas epistemologias que ampliam o debate sobre identidade, representatividade e justiça social, oferecendo uma perspectiva que acolhe as múltiplas dimensões da vida das mulheres negras. Como resultado, foi possível desvendar como a autora utiliza a narrativa para explorar e subverter estereótipos, além de dar visibilidade às vivências de mulheres negras, frequentemente invisibilizadas ou estigmatizadas na literatura tradicional.
Palavras-chave: Invisibilidade negra. Racismo. Sexismo.

COM A FORÇA DAS MULHERES DA VAZANTE: A CONSTRUÇÃO FAMILIAR DISSIDENTE EM MATA DOCE, DE LUCIANY APARECIDA’

Larissa Dias Barbosa (UFRN)

RESUMO
Família, afeto e ancestralidade são palavras que dão o tom do romance Mata Doce, da escritora brasileira Luciany Aparecida, publicado em 2023. No romance, a narração, ora em primeira pessoa ora em terceira pessoa, protagoniza os vários enredos do pequeno povoado de Mata Doce, situado no interior da Bahia. Entre as personagens, lemos o núcleo familiar de Maria Teresa, conhecida também como Filinha Mata Boi, suas mães, Tuninha e Mariinha, e sua madrinha, Lai. Essas mulheres, juntas, são a força e a continuidade do vilarejo, bem como a ligação maior com a ancestralidade deste povo. Neste trabalho, analisamos a construção familiar no romance de Luciany, a saber como autora engendra em personagens dissidentes e à margem da sociedade a força de um povo. Segundo bell hooks (1999), a família é um dos mecanismos mais importantes na formação do amor, do autoamor e da dignidade de um ser humano e, por consequência, do seu povo. Nessa perspectiva, apoiadas em pensadoras como Gonzales (2020) e Lord (2019) que discutem a construção da identidade de mulheres e do povo negro, voltamo-nos ao aspecto ficcional e à análise da construção dessa família, considerando-a enquanto um projeto estético-político de ficcionalizar novas e diferentes perspectivas familiares de ancestralidade, afeto e força das mulheres.
Palavras-chave:

SOB O OLHAR DE ANOLINA E 'NUNU': FEMININILIDADES POSSÍVEIS EM ÁGUA DE BARRELA, DE ELIANE ALVEZ CRUZ'

Bruna Louize Miranda Bezerra Casssiano (UFPB)
Renato de Medeiros Nóbrega (UFPB)
José Veranildo Lopes da Costa Júnior (UFPB)

RESUMO
Este trabalho busca discutir os fatores que atuam na composição de feminilidades negras com base na análise das personagens Anolina e "Nunu" (também chamada Anolina), que integram a obra Água de barrela (2016), de Eliana Alves Cruz. Nessa narrativa, observa-se a denúncia do racismo, do sexismo, do colonialismo e da intolerância religiosa, dentre tantas outras formas de violência que permearam a constituição do Brasil. O seu enredo, dominado por mulheres negras, deixa correr às margens da casa grande águas cheias de barrela, "aquela água com cinzas de madeira que se colocava na rouparia para branqueá-la" (Cruz, 2018, p. 27). Assim, as personagens da obra desafiam a branquitude imposta em sociedade consolidando a sua linhagem através dos anos. Logo, para a execução desse trabalho, serão consideradas as postulações de intelectuais como Nogueira (1999), Gomes (2017), Gonzalez (1984) e Souza (1983), entre outras autoras e outros autores que auxiliam na compreensão das complexas camadas de resistência e resiliência que permeiam a experiência de mulheres negras no Brasil.
Palavras-chave:

A ESCRITA INSUBMISSA DE MARIA HELENA VARGAS DA SILVEIRA, HELENA DO SUL'

Cristina Gamino Gomes Tonial (UFRS)

RESUMO
fogo! assim é o título da primeira publicação da escritora negra gaúcha Maria Helena Vargas da Silveira(1940-2009), Helena do Sul, pseudônimo que adotou depois que se mudou para Brasília nos anos 2000. É fogo! ser mulher negra no estado do Brasil mais racista e que se considera "europeu" e que tem em torno de 20% de sua população entre negros e pardos. Nascer e viver no Rio Grande do Sul para as pessoas negras é enfrentar o racismo desde sempre. Lutar, estudar, ter uma profissão e ainda assim as pessoas pensarem que tu, não é professora da escola, da universidade ou o médico, o psicólogo, o enfermeiro do hospital. Pensemos então o que pode acontecer às mulheres negras que subvertem essas condições que colocam as pessoas negras. As questões de gênero aparecem nas suas 10 obras publicadas no período de vinte anos. A interseccionalidade é identificada em muitos de seus contos que fazem parte das publicações, em sua grande maioria realizada de forma independente, contanto com o auxilio dos seus, dos manos como ela mesmo chamava o grupo que adquiria cotas e assim Maria Helena publicava seus livros. Só pelo fato de editoras do Rio Grande do Sul não se interessarem em publicar " esse tipo de literatura" já identificamos o preconceito relacionado ao gênero – mulher negra e podemos pensar também na interseccionalidade de gênero, raça e de classe, afinal, Maria Helena era professora de escola pública, moradora em bairro de periferia. Nesse trabalho busco apresentar a escrita insubmissa de uma mulher negra gaúcha que escreveu, ficção tendo como inspiração a histórias e acontecimentos dos seus iguais. Helena do Sul estava produzindo a sua escrevivência a partir modo de ser mulher negra e gaúcha.
Palavras-chave:

[DES]AGUANDO SENTIMENTOS: UMA ANÁLISE DA PRESENÇA DA ÁGUA NA PERSONAGEM RÍSIA, EM MULHERES DE TIJUCUPAPO’

Clarice Mariz Ribeiro (UFRN)

RESUMO
Este trabalho propõe evidenciar a forma com que a jornada de Rísia, no romance As Mulheres de Tijucopapo, de Marilene Felinto, é atravessada pela água, refletindo nuances sentimentais da personagem. Para isso, a análise ampara-se nos seguintes teóricos: Candido (2023), com o intuito de orientar as discussões em torno das noções de literatura e sociedade; Candido (2000) tendo em vista as suas considerações sobre a personagem de ficção; Bachelard, que por sua vez, deve respaldar a discussão referente a água no romance, com as reflexões acerca de sua simbologia. Por entre lágrimas, lama e chuva a personagem-narradora relaciona-se com a água, estabelecendo conexões com o fenômeno, que flui livremente para o seu cerne sentimental. A água reflete a essência de Rísia, dialogando com sua ancestralidade e suas aspirações — influindo territórios maternos e nutrindo flores. Assim, verifica-se na análise a presença da água interligada a sensibilidades suscitadas pelas vivências de uma mulher negra em trânsito, espelhando tanto as dores de seu caminho, como a esperança em um dia "ver flores" (Felinto, 2019). Desse modo, a personagem é demarcada enquanto um sujeito que se derrama em dores e mágoas — que a fazem lama e chuva — mas também em esperança e revolução — considerando a natureza aquosa da própria Tijucopapo. Nesse sentido, a água flui no romance construindo os terrenos sentimentais da personagem, tornando-se elemento intrínseco a Rísia
Palavras-chave:

ENTRELAÇADAS PELOS CACHOS DE SOBRAL: CONHECENDO A FEMINILIDADE NEGRA ATRAVÉS DA POÉTICA BRASILEIRA'

Jéssica da Silva Linhares (UFPB)
Franciane Conceição Silva (UFPB)

RESUMO
Nossa cultura vem sendo fortemente marcada por padrões de beleza extremos, há séculos, tornando o Brasil um dos maiores mercados de produtos capilares do mundo, devido a um alto padrão eurocêntrico, com a excludente e cruel finalidade de instaurar uma política de pertencimento social. A Mitologia grega nos conta que Medusa, uma belíssima jovem, foi castigada pela Deusa Atenas, por ter sido violentada sexualmente em seu templo, transformando-a em um terrível monstro com cabelos de serpentes, o que lhe causou uma enorme vergonha de si mesma. Doravante, recusando sua própria aparência, Medusa isola-se de todos por não se encaixar mais nos padrões sociais. À face disso, na poesia Só por hoje vou deixar o meu cabelo em faz, de Cristiane Sobral, defrontamo-nos com as castigadas pelas estereotipias: as mulheres negras. Em sua obra, verificamos um reconhecimento direto à vaidade feminina, ao colocar o seu cabelo como protagonista, uma menção ao mito. Em ambos os elementos, percebemos a vergonha como causadora de dor e sofrimento psíquico. Como pressuposto teórico, pautamo-nos nas teorias do psicanalista Sigmund Freud (1905), que nos auxiliou a entender o seu conceito de vergonha, juntamente com os conceitos de Neusa Santos Souza (1983), psicanalista pioneira ao conectar o racismo com a questão social, ao discutir, em sua obra, os efeitos malignos do racismo ligado ao sexismo na psique e, consequentemente, na identidade da mulher negra. Cristiane Sobral nos mostra um ato de resistência e de valorização da identidade negra, ao colocar o cabelo afro como parte da linguagem do corpo, a partir da aceitação do cabelo crespo, em vista que, ao longo da história humana, sempre foi vítima do preconceito racial. Com isso, notamos que o eu lírico abraça, com orgulho, as suas raízes, ancestralidade e origens, sem medo, opondo-se aos procedimentos estéticos.
Palavras-chave:

SIMPÓSIO 30
A LITERATURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: CULTURA, ENSINO E FORMAÇÃO DO LEITOR

Organização do Simpósio:
Derivaldo dos Santos (UFRN)
Maria Suely da Costa (UEPB)
Francisco Fábio Vieira Marcolino (UFRN)

RESUMO

Ocupa-se a presente proposta da discussão sobre o ensino da literatura africana e afro-Brasileira em contexto de sala de aula, com ênfase no papel que a literatura desempenha na educação e, em particular, na formação do Indivíduo, na medida em que ela é capaz de promover o enriquecimento cultural do aluno, fomentando-lhe a empatia e a capacidade reflexiva de inclusão e de percepção do outras vozes culturais (PAZ, 1993). Sob esse prisma, a proposta visa reunir professores e pesquisadores interessados em discutir a literatura africana e afro-brasileira em situação de sala de aula, tendo como pressuposto a relevância que essa literatura tem na vida social e individual do sujeito leitor em formação. Nesse particular, busca-se também discutir o papel fundamental da escola como espaço privilegiado para a promoção da leitura e do gosto pela literatura, considerando a leitura como uma prática imprescindível para a formação da cidadania e da consciência do indivíduo perante o real (ZILBERMAN, 2012). Ao possibilitar a discussão tanto em torno dessa formação quanto na revisão de fatos históricos cristalizados ao longo do tempo em torno dos negros e negras escravizados, os trabalhos aqui congregados devem favorecer o debate sobre a formação cultural do aluno na área do ensino aqui aludida, destacando a pertinência dessa literatura na formação de leitores mais conscientes, empáticos e engajados na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, o que significa pensar a inserção do texto literário dentro e fora da escola (COSSON, 2020). Com isso, postula-se ainda favorecer o debate acerca de operadores teóricos (DUARTE, 2017) eficientes para fomentar a reflexão crítica e a sua atuação mais precisa no espaço escolar e na sociedade. Torna-se, assim, relevante promover a necessária discussão em torno do conhecimento de uma cultura amealhada pelos africanos no tempo e no espaço (SERRANO E WALDMAN, 2008), como forma de resistência e afirmação da identidade negra, assinalando a esperança na construção de uma sociedade mais justa, mais inclusiva e consciente de sua diversidade.

Palavras-chave: Literatura africana. Afro-brasileira. Cultura. Diversidade. Ensino.

O ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RESISTINDO À MARGINALIDADE SOCIAL ATRAVÉS DE CANÇÕES

Verônica Maria de Souza Campos (SME/ SEEC)

RESUMO
O ensino de literatura no Brasil é marcado por desafios, principalmente quando se trata do ensino voltado aos grupos sociais mais marginalizados, dentre eles os negros e os alunos considerados fora de faixa, os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A literatura pode trazer, em sua força expressiva, um componente de resistência à marginalidade social, desconstruindo e desmistificando verdades, cristalizadas historicamente, dando voz a indivíduos postos no lugar da exclusão. A partir desta perspectiva, este trabalho consiste na análise de canções populares como instrumento de formação cidadã, tendo como fim discutir, no contexto de sala de aula, canções, a exemplo de Ismália, de Emicida. Elas podem ser tomadas como matéria reflexiva de resistência à marginalização e à exclusão de pobres, pretos e pretas do país. Como embasamento da discussão proposta, o estudo tem como referencial teórico e crítico o pensamento dos autores Césaire (1939), Munanga (2003, 2009), Bosi (2002), Botafogo (2015); Lajolo (1989), Pinheiro (2018); Duarte (2011); Compagnon (2009). Assim, este artigo pode servir como uma inspiração ao professor em seu trabalho, visando a melhoria na qualidade do ensino de língua portuguesa, através da literatura de resistência em sala de aula.
Palavras-chave: Literatura; Canção; Resistência; Marginalidade Social.

DEBATENDO OS ASPECTOS ÉTNICO-CULTURAIS IDENTITÁRIOS NA MÚSICA "RESPEITEM MEUS CABELOS, BRANCOS!", DE CHICO CÉSAR

Samia Dayana Cardoso Jorge (UFRN)

RESUMO

Esta proposta faz parte da disciplina de Literatura e Estudos Culturais, da Especialização em Literatura e Ensino, do IFRN. Objetiva, por meio da sequência literária de Rildo Cosson (2006), debater os aspectos étnicos-culturais identitários presentes na música Respeitem meus cabelos, brancos!, de Chico César, e suas relações com o processo literário. A sequência literária é uma das formas mais interessantes de incentivar a leitura em estudantes. Proposta por Cosson (2006), consiste em quatro etapas: 1) motivação, quando o mediador irá "preparar o leitor para entrar no texto" (Cosson, 2006, p. 54), e os leitores alunos são convocados a se aproximarem da obra - na proposta, será realizada uma aproximação dos alunos com temática, com sondagem do que entendem por debate étnico-cultural; 2) introdução, na qual autor e a obra serão apresentados, além das histórias de vida dos autores e contextos em que foram produzidos - haverá apresentação do compositor, breve biografia, sua obra, além da inspiração para escrever a música 3) leitura, que deve propiciar o acompanhamento e a interação entre mediador(a) e estudantes, sendo importante que a obra escolhida seja atrativa sob vários aspectos - na proposta será solicitado aos alunos a leitura silenciosa da letra da música, além de escutá-la, junto a eles, ressaltando a presença da polissemia no seu título Respeitem meus cabelos, brancos!, na qual brancos pode ser interpretado ora como vocativo, ora como adjetivo; e 4) interpretação, dividida em duas etapas, interior – contato direto do leitor com o texto, suas palavras, expressões e exterior – e exterior, com a "interpretação como ato de construção de sentido de uma determinada comunidade" (Cosson, 2006, p. 65) - na interpretação será trabalhada a construção dos sentidos, abordando vários aspectos ligados ao protagonista, como Quais a intenções do compositor ao escrever esta letra e ele dizer quando pede respeito aos seus cabelos.

Palavras-chave:

CONTOS ORAIS DA LITERATURA NEGRA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA COQUEIROS

Thaisa Raphaela de Freitas Revodero Cardoso (UFRN)

RESUMO
Todos os seres humanos falam, seja pelo registro escrito, seja pelo registro oral. A oralidade é algo natural que desenvolvemos desde a primeira idade. É ela quem ajuda a construir a identidade de um indivíduo, a fim de preservar um conjunto de valores não materiais advindo do povo e produzido por ele, transmitido como conhecimento de geração a geração, o que se constitui como tradição da cultura oral. Em uma comunidade quilombola, assim como o legado deixado pelos mais velhos, ou seja, pela herança cultural, é possível encontrar resquícios históricos que formam a identidade desse povo, através da tradição oral, transformando os estudantes em leitores reflexivos. A justificativa é ressaltar que a cultura de um povo não se baseia, apenas, na linguagem escrita. Ela representa uma herança social, transmitida oralmente para aqueles que não sabiam ler. Como o objetivo geral: na medida em que contribui para a formação cidadã do aluno de escolas públicas e de comunidades carentes social e economicamente, mostrar que a oralidade é um operador indispensável à formação de leitores de literatura. Para tal, como fundamentação teórica, temos os estudos acerca do poder e dos conceitos da literatura (JOUVE, 2012; CÂNDIDO, 2004), além da importância da literatura para (COMPAGNON, 2009) e a grandiosidade da literatura na concepção de (TODOROV, 2010). Sobre a cultura (BOSI, 2002). A respeito de a literatura oral, (CASCUDO, 2006) abordará suas principais características, além dos aspectos da poesia oral (ZUMTHOR, 1997). Sobre o conceito de identidade (CASTELLS, 2010). Sobre as práticas de leitura (ROUXEL, 2007). Acerca dos aspectos da leitura crítica/reflexiva (SILVA, 1991), na perspectiva do estudo da leitura (LEFFA, 1999), sobre a literatura africana proposta por LEITE, 2012) e Leitura e letramento literário (COSSON ,2023). A respeito do legado da literatura (ZILBERMAN, 2009) e ensino de literatura (ZILBERMAN, 1991).
Palavras-chave:

ORIKI ORIXÁ: LEITURA E PERFOMANCE DE POEMAS AFRO-BRASILEIROS EM CONTEXTO ESCOLAR

Francisco Fábio Vieira Marcolino (UFRN)

RESUMO

Neste estudo iremos realizar uma leitura ético-estética dos poemas recolhidos em Oriki Orixá (Risério, 2012) a partir do arco teórico da leitura literária em contexto escolar. Esses poemas dedicados a vários orixás foram traduzidos pelo poeta e pesquisador Antônio Risério segundo a linhagem da transcriação, teorizada por Haroldo de Campos. A vantagem de se utilizar dessa tradução recai no procedimento que incorpora o plano semântico e o plano sonoro em uma mesma visão, ou seja, a tradução procura traduzir o plano do conteúdo e o da expressão. Dessa maneira, tomando por base que a poesia é uma oscilação entre som e sentido, o professor mediador poderá realizar a exploração da expressão verbal e corporal na leitura literária com os alunos envolvidos, no sentido de ampliar os ganhos didáticos, promovidos, sobretudo, pela corporeidade, pela oralização e pela performance em torno das formas poéticas de matriz oral. A proposta de mediação valorizará a leitura subjetiva do leitor e o uso da voz no desenvolvimento da leitura literária, uma vez que o corpo desse jovem leitor da educação básica foi sistematicamente silenciado quando o processo educacional enalteceu a escrita e impôs um apagamento de toda comunicação performática (Zumthor, 2014). Para realizar a abordagem dos orikis iremos nos amparar nos estudos de Roger Bastide (1983), Antonio Risério (1996). Para realizar a transposição didática iremos tomar apoio nas reflexões de Hélder Pinheiro (2018), Paul Zumthor (2004) e Eliane Kefalás (2012). Todos nós sabemos que o professor mediador deve se nutri na pesquisa e, se possível, acumular experiência e vivência para poder instigar outros leitores com o depoimento de sua autobiografia. Esperamos que nossa voz estimule práticas entusiasmadas para a melhoria da educação e a vivência duradoura com a poesia afro-brasileira.

Palavras-chave: Oriki. Poesia afro-brasileira. Leitura literária. Performance. Educação básica.

TEXTOS AFRICANOS NO ENSINO DE LITERATURA: VOZES POÉTICAS DA GUINÉ-BISSAU

Maria Suely da Costa (UEPB)

RESUMO
Historicamente o sistema de ensino brasileiro pregou uma educação formal que pouco reconheceu o valor da cultura africana e afro-brasileira na formação cultural da sociedade brasileira, na qual o racismo e a ideologia do branqueamento ainda fazem parte do contexto escolar. Com efeito, o desconhecimento de obras e autores africanos é uma realidade comum no contexto de ensino, situação desafiada pela demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos. Na educação, passou a ser particularmente apoiada com a promulgação da Lei 10.639/03, alterada pela 11.645/08, com a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas. Dessa forma, tornou-se imprescindível organizar a reestruturação dos currículos e viabilizar a produção/difusão de estudos e materiais didático-pedagógicos, que trazem reflexões acerca da implementação da Lei e suas estratégias de aplicação (BRASIL, 2008). Este trabalho é fruto de pesquisa PIBIC que buscou apresentar um levantamento dos principais autores da literatura guineense, visando referenciar os escritores e as escritoras que surgiram no pós-independência e que tendem a trazer em suas obras literárias uma crítica à opressão colonial e os aspectos sociais que ocorreram em Guiné-Bissau. Portanto, reportaremos alguns poemas que apresentam esses fatos sociais presente no citado país africano. Nessa perspectiva, reportaremos aos estudos de Laranjeira (1992; 1995), Hamilton (1993), Ferreira (1989) Augel (2007); Candido (2010) e Cosson (2007), entre outros. Conhecer aspectos essenciais da cultura africana, e adquirir conhecimentos básicos sobre as produções literárias no pós-independência auxiliará o leitor a compreender o relativo compromisso social e político das literaturas africanas. Estas, como ferramentas pedagógicas, poderão contribuir para a concretização dos principais deslocamentos discursivos intencionados pela Lei, bem como sinalizar o fato de que ela demarca uma fase de transição no âmbito da educação brasileira.
Palavras-chave: Literatura Africana. Lei 11.645/08. Ensino. Guiné-Bissau. Poesia.

CADERNOS NEGROS EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE PRÁTICA DE LEITURA COM O CONTO “ABANDONOS QUE GERARAM FLORES”, DE ALCIDÉA MIGUEL

Ana Paula Rodrigues de Lima Aguiar (UFPB)
Ester da Silva Albuquerque (UFPB)
Esther Fernanda Pereira de Lima Lucena (UFPB)

RESUMO
O ensino de literatura nas escolas sempre esteve muito associado ao cânone literário que não apresenta muito espaço para escritores negros. O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de prática de leitura a partir de um conto presente no 44° volume dos Cadernos Negros: “Abandonos que geraram flores”. O conto, de Alcidéa Miguel, narra a história de uma mulher negra chamada Áurea e sua trajetória de reexistência. Ao longo da narrativa, é possível acompanhar todo o percurso de vida dela, seus amores, suas decepções e os abandonos que sofreu, que apesar de tudo, foram esses abandonos que trouxeram as maiores alegrias da sua vida: suas filhas. A proposta de leitura visa tratar de temáticas ligadas a questões raciais a partir de uma metodologia que coloca o texto literário como protagonista e que considera os conhecimentos prévios e as opiniões dos alunos. Por isso, organizou-se a proposta com base nas estratégias de leitura de Solé (1998) que prevê três momentos para uma prática de leitura: o antes, em que a curiosidade dos alunos é instigada e é aberto o espaço para antecipações; o durante, em que ocorre a leitura do texto literário com pausas estratégicas para reflexões; e o depois, em que o texto lido é discutido e os alunos são convidados a estabelecerem conexões com as próprias vidas. Além disso, também se utilizou como aporte teórico o texto “Racismo genderizado”, de Grada Kilomba, presente em seu livro Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano, para perceber como raça e gênero se atravessam no conto. Tendo em vista a importância dos Cadernos Negros para a história da literatura afro-brasileira e a potencialidade poética do texto literário escolhido, a prática proposta se mostra uma possibilidade interessante.
Palavras-chave:

A SIMBOLOGIA DA ESPERANÇA EM “AMANHECER ESMERALDA”: UMA PROPOSTA DE LEITURA PARA A SALA DE AULA

Sérgio Rafael Ramos dos Santos (UEPB)
Maria Suely da Costa (UEPB)

RESUMO
Em contexto de sala de aula, a literatura desempenha um papel fundamental na formação educacional e na promoção da diversidade. Através da leitura de obras literárias que pontuam vivências e problematizam preconceitos e estereótipos, os alunos são desafiados a desenvolver empatia, compreendendo e respeitando as experiências e emoções dos outros, o que é fundamental para a construção de uma sociedade inclusiva e tolerante. Considerando isso, o objetivo deste estudo está em analisar as relações étnico-raciais e a autoaceitação da representatividade negra a partir da obra Amanhecer esmeralda, do escritor Ferréz (2014), em uma proposta de leitura para o ensino fundamental na perspectiva do letramento literário. A referida obra apresenta uma simbologia de esperança e vitória para crianças negras que vivem à margem, possibilitando efeitos positivos na formação de uma educação voltada à diversidade étnico-cultural. Do ponto de vista teórico, fundamentam este estudo os apontamentos de Almeida (2020), Candido (2011), Colomer (2007), (Gouveia; Oliveira e Sales, 2014), Ribeiro (2019), Saraiva (2006) e Souza (2012). A partir da leitura de “Amanhecer Esmeralda”, uma obra literária rica em simbolismos, o leitor tende a identificar a esperança manifesta em diversas formas ao longo do texto, não apenas por meio das palavras, mas também pelas ilustrações que acompanham a obra, estabelecendo uma sinergia profunda entre imagem e texto, pontuando a valorização e o respeito à identidade negra. Proporcionar uma literatura que valorize a diversidade permite que os estudantes se vejam refletidos nas histórias que leem, promovendo um senso de pertencimento e identidade.
Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Identidade étnico-racial; Letramento; Amanhecer esmeralda.

A MENINA DOS CABELOS DE ALGODÃO", DE WYNNE CARVALHO: LEITURA EM TORNO DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO NEGRO

Alcidema Santos da Silva (UEPB)
Maria Suely da Costa (UEPB)

RESUMO
Questões em torno de representatividade vivenciadas pela pessoa negra que, em pleno século XXI, ainda enfrenta obstáculos significativos, incluindo estereótipos enraizados e invisibilidade, fazem com que, muitas vezes, ela esteja em constante conflito em relação a sua identidade. Assim, ressignificar e fortalecer seu pertencimento identitário é algo urgente. A escola é uma das principais instituições de cunho formativo que permite a construção de saberes, a desconstrução de preconceitos e concepções estereotipadas, principalmente, quando se trata da temática que contempla a identidade negra presente no cotidiano de nossa sociedade. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo discutir acerca da representatividade negra apresentada na narrativa A menina dos cabelos de algodão, de Wynne Carvalho (2020), na perspectiva do letramento. Em função disso, buscamos propor uma sequência de atividades voltadas para a leitura do texto literário em sala de aula, para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Como embasamento, o estudo dialoga com os pressupostos teóricos de Cosson (2021), Freire (2005), Munanga (2004), Dalvi (2013), entre outros. O letramento literário contribui significamente para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos, tendo em vista que a criticidade desenvolvida perpassa as relações texto e contexto, propiciando a reflexão e a construção do olhar de um grupo étnico/racial sobre si mesmo, a partir da relação com o outro, com foco para a valorização da representatividade negra.
Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Ensino. Letramento literário. Identidade negra.

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE LITERATURAS AFRO-BRASILEIRAS E AFRICANAS: ANÁLISE E PROPOSTA DIDÁTICA ATRAVÉS DO SUSSURRO POÉTICO

João Victor Lins Maciel de Sousa (UFPE)
Antônio Vítor Santos da Silva (UFPE)
Aline Cunha de Andrade Silva (UFPel)

RESUMO
A Lei 10.639/03 garante o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Em virtude disso, este artigo apresenta uma abordagem para o ensino das literaturas desta área em turmas do ensino básico. Tal abordagem pretende envolver os alunos em práticas multimodais de leitura, escrita e oralidade (Rojo, 2009), dando ênfase à diversidade cultural e à apreciação das tradições orais de África (com recorte para os países de Língua Portuguesa), tradição esta muito importante na manutenção de saberes e histórias através da figura do griot. Assim, objetiva-se neste artigo estabelecer um ambiente de aprendizagem que desperte o interesse dos alunos, pretendendo-se, para isso, examinar e propor estratégias pedagógicas que promovam a interação deles com textos literários escritos e orais. Para tal, as metodologias aqui sugeridas incorporam uma variedade de abordagens e projetos interdisciplinares, como dramatizações, leituras compartilhadas, rodas de conversa e oficinas de criação poética, mas o foco recai sobre os "sussurros poéticos". Livremente inspirada no grupo francês de intervenções poéticas "Les Souffleurs" – trad. "Os Sopradores" –, essa última abordagem rompe com os métodos tradicionais de apresentação da literatura e aproxima o ouvinte da poesia de forma sensorial e emocional, pois "possibilita ao leitor não só uma experiência estanque do poema que está sendo lido, mas, antes, estabelece uma harmonização, uma apreciação estética e um contato diferente com o mediador" (Santos, 2022). O propósito de trabalhar tal temática a partir das abordagens indicadas contribui para aumentar nossa consciência de nossa própria história e cultura, a partir da vivência com a literatura de autores como Noémia de Souza, Ana Paula Tavares, Mia Couto e Ondjaki. Espera-se que tais práticas em sala de aula possam resultar em um ensino mais dinâmico e diverso, engajando os alunos de maneira significativa.
Palavras-chaves: Literaturas africanas, estratégias pedagógicas, leitura e oralidade, sussurros poéticos.

A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA POÉTICA

Maria José Almeida Silva (UEPB)

RESUMO
O estudo intitulado “A literatura afro-brasileira na sala de aula: uma experiência de leitura poética” objetiva inserir textos poéticos da literatura afro-brasileira em sala. Para tanto utilizaremos textos poéticos da escritora Conceição Evaristo propondo, dessa forma, um trabalho com a presença do texto da Literatura afro-brasileira na sala de aula o que buscamos atender ao que propõe a Lei 10.639/03 ao incluir na educação aspectos da cultura afro-brasileira que se encontravam marginalizados ou até fora do currículo escolar, com fins de se constituir uma educação inclusiva e não racista. Sabemos que com a promulgação da lei 10.639/03, tornando obrigatório o estudo da história e da cultura africanas e afro-brasileiras nas escolas brasileiras, o debate acerca da diversidade étnico-racial tem ganhado maior força. Posto isto, diferentes propostas em decorrência dessa lei foram surgindo, entre elas podemos destacar as ações de formação continuada destinada aos professores da educação básica, contribuindo, dessa forma, para a materialização das orientações a citada lei em sala de aula. Metodologicamente, a prática de leitura se deu por meio de oficinas, tendo por base a estrutura da sequência básica, de forma proporcionar aos alunos as múltiplas formas de explorar um texto literário: sua linguagem, os efeitos de sentidos provocados pela seleção dos recursos linguísticos, a temática, contexto histórico e possibilidades de relação com o contexto atual. Em função disso, propõe-se uma atividade de leitura com os poemas “Vozes mulheres” e “Da calma e do silencio”, ambos de Conceição Evaristo. Este estudo teve por fundamentação teórica, apontamentos de Souza e Lima (2006), Duarte (2002), Almeida (2018), Colomer (2003), Pinheiro (2018),Cosson (2021).
Palavras-chave:

PROJETO DE LEITURA: A CRUEL PEDAGOGIA DO VÍRUS

Larissa Nunes Paiva (UFRN)

RESUMO
O presente trabalho apresenta o desenvolvimento do Projeto de leitura interdisciplinar, intitulado: A cruel pedagogia do vírus: a necropolítica que transpasssa os corpos, estudos sobre classe, raça, gênero e coronavírus no Brasil (2020-2023). Esse projeto, começou a ser realizado no ano de 2021, durante o isolamento social e as aulas ocorriam no modelo remoto, para alunos do ensino médio, em uma escola técnica integral da rede estadual de ensino do Estado do Rio Grande do Norte, denominado Centro de Educação Profissional – CEEP Professora Djanira Brasilino de Souza. O intuito do projeto é primeiro, inserir um debate sobre classe, raça e gênero para os alunos do ensino médio, através de livros de pensadores brasileiros, pretos, mulheres prioritariamente, que fazem um diálogo interseccional, para proporcionar aos alunos fundamentos teóricos que lhes permitam refletir, debater e explicar determinados fenômenos sociais que estão sendo vivenciados e que marcam profundamente a vida deles. Segundo, desenvolver a interdisciplinaridade dos conhecimentos a partir da disciplina de Sociologia, através das leituras e com diferentes autores que dialogam sobre temas comuns, bem como esses conhecimentos
Palavras-chave: Literatura negra. Interseccionalidade. Interdisciplinaridade. Ensino de Sociologia.

A HISTÓRIA DE TANGALIMLIBO: CONTRIBUIÇÕES DA HERANÇA CULTURAL AFRICANA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR DE LITERATURA NO CURSO DE PEDAGOGIA

Sayonara Fernandes da Silva (IFESP – RN)

RESUMO
Este trabalho é um recorte do projeto de pesquisa Literatura Infantil Negra: debatendo a cor do silêncio na sala de aula desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Ensino e Linguagem – GPEL (CNPq/UFRN). Para esse artigo traçamos como objetivo refletir sobre a contribuição da leitura do reconto africano de Celso Sisto, A História de Tamgalimlibo, para a valorização da herança cultural dos povos negros, com professores em formação inicial, de maneira a estabelecer vetores para uma educação antirracista. Esta pesquisa se insere na vertente da pesquisa de natureza qualitativa. Foram participantes desta pesquisa 52 estudantes do componente curricular Teoria e Prática da Literatura II, do curso de Pedagogia na modalidade presencial da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O planejamento e a implementação da sessão de leitura do reconto em análise neste artigo seguiram a metodologia da andaimagem (Scaffolding Reading Experiences) de Graves e Graves (1995). Para respaldo do nosso trabalho recorremos como referencial teórico aos estudos de Amarilha (2006), Sisto (2012), e Jauss (1979). Fanon (2017); Almeida (2020); Sisto (2011); Campos (2016) e Hall (2019). Como resultados, apontamos que a leitura de Literatura Infantil Negra incentiva os leitores a observar, no contexto do texto literário, valores culturais e afro-civilizatórios que se aproximam e divergem dos seus com respeito, entendendo que os preconceitos enraizados na personalidade dos brasileiros implicam em mudança conceitual do que sejam culturas diferentes. Ao professor mediador cabe lançar desafios para que os estudantes leitores ampliem e/ou reformulem suas concepções prévias incentivando-os a pesquisar, debater, trocar ideias, argumentar com base em dados e novas proposições que surjam no contexto da vida na escola.
Palavras-chave: Reconto Africano; Valores Afro-Civilizatórios; Formação do leitor.

IDENTIDADE E ETNIAS: FORMAÇÃO DOCENTE. LETRAMENTO RACIAL E AS PERCEPÇÕES DE NÓS

Gabriel Sousa Aquino (UFPB)
Franciane Conceição Da Silva (UFPB)

RESUMO
A mudança de currículo em 2019 para o curso de Letras - Português na Universidade Federal da Paraíba, Campus I e sua nova abordagem temática sobre as literaturas, proporcionou uma nova visão na formação de professores sob o viés de teorias e textos literários, muitas vezes considerados novos para os discentes. O presente relato de experiência irá expor as práticas exercidas na disciplina "Literatura III - Identidade e Etnias", reunindo as observações através do processo de monitoria e demonstrar a importância de se estudar e ensinar essas literaturas para professores em formação. Dividindo o componente curricular em três módulos, referentes a negritudes, povos originários e branquitudes, percebe-se a mudança nos discentes ao entrar em contato (geralmente, pela primeira vez) com teorias e textos literários escritos por pessoas negras ou indígenas. Logo, o objetivo geral deste trabalho é demonstrar como a teoria se relaciona com a literatura, explorando as múltiplas subjetividades presentes em sala, o primeiro contato, a identificação do outro, etc. e contribui à formação de professores antirracistas que possam pôr em prática essas abordagens e levar até a sala de aula textos da literatura afro-brasileira. Por fim, apontar como por meio de alguns autores como o de Kilomba (2010); Silva (2018); Evaristo (2009); Souza (2021); Gonzalez (2011); Fanon (2020) e Cuti (2010), assim como o contato com os textos literários de Momplé (1988); Alves (2011; 2019); Honwana (2017); Arraes (2019); Evaristo (2016), dentre muitos outros, o letramento racial vem sendo desenvolvido ao longo de todo período no componente curricular. Conclui-se que a mudança no currículo de Letras - Português é importantíssima na formação de novos docentes, os preparando para abordar e levar a literatura afro-brasileira para sala de aula, respeitando suas diversidades e múltiplas subjetividades.
Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Literatura negro-brasileira; Formação docente; Relato de experiência; Letramento racial.

DISCURSOS DE VIOLÊNCIA E ESPAÇOS URBANOS NA LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS: NUMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE LEITORES

Edson Moisés de Araújo Silva (IERN)
Ana Carolina Paiva Rodrigues De Farias (IFRN)

RESUMO
Este trabalho tem como objeto de análise o romance "Quarto de despejo: diário de uma favelada" (2015), da escritora Carolina Maria de Jesus. Sobre ele, destaca-se a possibilidade didática de reconhecimento de aspectos discursivos e imagéticos sobre as formas de representação dos sujeitos inseridos no espaço social urbano. Nesse sentido, propomos uma crítica integrativa a respeito do discurso de violência sobre a população negra (BAKHTIN, 2015) e da imagem do processo de urbanização e construção das cidades para além da materialidade, mas como fruto das relações sociais que a formam (CARLOS, 2007). Integrando tais elementos numa prática interdisciplinar a fim de potencializar a formação de leitores na educação básica, em específico, em turmas de 1ª série do ensino médio. Para isso, utilizamos como orientação teórica a compreensão do discurso literário preenchido por uma materialidade social (ADORNO, 2003; BAKHTIN, 2015; AUERBACH, 1987; CANDIDO, 2000), capaz de indicar conflitos sociais e potencializar as experiências de leitura (COSSON, 2020), além de ampliar o pensamento crítico, o poder argumentativo e o conhecimento acerca do desenvolvimento das cidades enquanto resultado da dinâmica da vida em sociedade. A proposta de trabalho interdisciplinar entre as áreas de Linguagens e Ciências Humanas tem como pilar a proposta curricular dos temas transversais da BNCC, na qual está contemplado o tema multiculturalismo, pensando também na importância de valorizar as matrizes históricas e culturais afro-brasileiras. Portanto, compreendemos que esta proposta possibilita o trabalho com a obra de Carolina Maria de Jesus para o fortalecimento do processo de humanização e para a ampliação de uma sensibilidade para a leitura e para o entendimento de cenas sociais.
Palavras-chave: discurso, cidade, leitura.

SIMPÓSIO 32
LITERATURAS E FILOSOFIAS AFRICANAS E AFRODIASPÓRICAS COMO PRÁTICAS ANTIRRACISTAS: PESQUISA E ENSINO

Organização do Simpósio:
Maria Aparecida de Almeida Rego (IFESP)
Federico Sanguinetti (UFRN)
Erica Poliana Nunes de Souza Cunha (IFESP)

RESUMO
Este Simpósio Temático se propõe a abordar produções literárias e filosóficas africanas e afrodiaspóricas como práticas antirracistas tanto no nível da pesquisa como no nível do ensino. O Simpósio tem como objetivo proporcionar um espaço de discussão sobre os desafios estruturais e pedagógicos da educação e da pesquisa com particular referência às relações étnico-raciais e à educação nos vários níveis (básico, médio e superior), tendo como ponto de partida a produção teórica e literária africana e afro-diaspórica, em seus diversos contextos de elaboração e formas de manifestações. Assim, almejamos compartilhar experiências, leituras críticas, e recepções, bem como reunir resultados de pesquisas (concluídas ou em andamento), que tratem de temas e questões que perpassam as filosofias e literaturas africanas e afrodiaspóricas, com o intúito de trazer a tona seus impactos em práticas de ensino e de pesquisa antirracistas. Espera-se que as perspectivas metodológicas adotadas e/ou propostas apresentadas propiciem reflexões relevantes sobre a temática e possam contribuir significativamente para a formação de leitores, pensadores e professores de literatura e filosofia.
Palavras-chave: Literatura afrodiaspóricas. Filosofias Africanas. Pesquisa. Ensino. Educação Antirracista.

A LITERATURA AFRO-BRASILERIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A BELEZA E OS COSTUMES DA COR PRETA

Maria do Socorro Lobo (IFESP)
José Alves da Silva (IFESP)
Erica Poliana Nunes de Souza Cunha (IFESP)

RESUMO
Este artigo tem como objetivo apresentar o relato de uma experiência onde tivemos como proposta de pesquisa trabalhar a Literatura Afro-brasileira com crianças da educação infantil com a faixa etária de 4 anos de idade. O artigo discorre sobre os desafios na construção da identidade e autonomia das crianças negras, na efetivação de um trabalho educativo que rompa com práticas pedagógicas racistas e na promoção de ações que auxiliem na aceitação da criança negra no grupo ao qual ela está inserida. A pesquisa teve como procedimentos metodológicos leituras de Cosson (2022), livros de literatura afro-brasileira de Cavalleiro (2012) e Munanga (2005), a contação da história O Menino de todas as Cores de Luísa Ducla Soares e O Colo da Aiazinha de Salizete Soares de onde serão explorados as cores e suas representações e um pouco da cultura africana, o relatos das crianças, estudos sociais da infância e leituras que dialoguem sobre a temática. Este trabalho está vinculado ao Grupo de Pesquisa "Linguagens, Diversidade e Autoformação", do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy- IFESP e financiado pela Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer – SEEC/RN. A pesquisa revelou que a esse tipo de literatura é pouco trabalhada na educação infantil, o que remete à necessidade de discussão desse tema nos espaços formativos. Faz-se necessário uma formação docente voltada para a infância e para o diálogo construído nas relações étnicos raciais visando uma educação crítica e antirracista onde todos se sintam acolhidos e aceitos independentemente das diferenças.
Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Educação Infantil. Relações étnicas raciais.

JOGOS E BRINCADEIRAS DA ÁFRICA: CONSTRUINDO SENTIDOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Geralda Lúcia Costa Martins de Oliveira (IFESP)
Fabiano Moreira de Oliveira (IFESP)
Lidemberg Rocha de Oliveira (IFESP)

RESUMO
Por reconhecermos a necessidade de inserir e refletir na escola a discussão sobre da temática africana nas mais diversas áreas, justificamos a natureza deste trabalho por ele se articular à Lei 10.639, de janeiro de 2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial das redes de ensino, assim como os Referenciais Curriculares da Educação Infantil. Assim, o presente trabalho tem por objetivo descrever e analisar uma prática pedagógica, envolvendo jogos e brincadeiras africanas no contexto da Educação Infantil para que os estudantes respeitem e valorizem essa cultura. Para referendar a discussão, recorremos a discussões teóricas sobre ludicidade, na perspectiva de Luckesi (2002); jogos e brincadeiras, evocando Kishimoto (1999, 2010); e ancestralidade e infâncias negras sob a ótica de Kiusam de Oliveira (2009; 2010), assim como outros que discutem essas temáticas. Essa atividade foi realizada no Centro de Educação Infantil Professora Stella Lopes da Silva, no Bairro Lagoa Azul da cidade de Natal/RN, numa turma de nível IV com vinte e cinco crianças entre quatro e cinco anos de idade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada em procedimentos descritivo e analíticos, centrados na discussão sobre a ancestralidade africana presente nas brincadeiras nas aulas da Educação Infantil. Destacamos que a brincadeira africana possibilita, além da vivência lúdica, a qual a criança reflete e se apropria de papeis sociais diversos, a reflexão sobre a própria cultura africana, a apropriação e a projeção dessa cultura nos diversos tempos espaços, fomentando o respeito às diferenças do outro e de si mesma. Por essa razão, práticas pedagógicas que fomentam a discussão sobre a cultura africana torna-se necessária e urgente no contexto educacional vigente.
Palavras-chave: brincadeiras africanas; ludicidade; educação infantil.

SUBALTERNIDADES E LETRAMENTOS: A POESIA SLAM POTIGUAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA PARA UM FAZER AFROCENTRADOS E PÓS-ABISSAL

Laianni Vitória Cosme e Silva (IFRN)

RESUMO

A poesia slam constitui uma ferramenta de embate identitário e político que transgride o viés literário ao passo que, para além de uma nova forma de literatura, configura-se como mecanismo de representações de comunidades, pensares e dizeres subalternizados. Desse modo, considerando-o um mecanismo de contracolonização, de democratização literária e política e de cidadania, o slam se insere na pedagogia das ausências e emergências (Gomes, 2017) ao constituir-se forte instrumento para uma educação básica afrocentrada. Assim, neste estudo, o qual partiu das reflexões proporcionadas pela Pós-Graduação Lato Sensu em Educação e Contemporaneidade (IFRN), pretendemos investigar como a poesia slam potiguar se insere na educação básica, especificamente no letramento literário, para uma formação integral afrocentrada e pós-abissal, haja vista a imprescindibilidade de fazeres docentes libertadores na contemporaneidade. Para tanto, por meio de revisão bibliográfica, situaremos a poesia slam como prática social, estabeleceremos conexões entre as competências da BNCC e o cumprimento da lei n° 10.639/2003 nos currículos da educação básica e analisaremos a poesia slam potiguar como ferramenta para um letramento literário afrocentrado e pós-abissal, numa tentativa de “desestabilizar os modelos epistemológicos dominantes” (Gomes, 2017, p. 62) pela via da palavra.

Palavras-chave: Base Nacional Comum Curricular; Educação afrocentrada; Pedagogia das ausências e emergências; Letramento literário; Poesia slam potiguar.

CAROLINA MARIA DE JESUS PARA DESCOLONIZAR: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO

Veruska Cristiane Bezzerra De Souza
Erica Poliana Nunes de Souza Cunha (IFESP)

RESUMO
O estudo da literatura africana no contexto educativo oferece possibilidades de explorar a diversidade cultural, histórica e linguística. Este trabalho de pesquisa tem como objetivo apresentar uma proposta de letramento literário, tendo como protagonista das ações a obra "Quarto de Despejo" de Carolina Maria de Jesus, em quadrinhos, proporcionando, desta forma, uma educação que reflete a pluralidade de vozes e coloca em foco a literatura africana. Este estudo pretende demonstrar como essas narrativas podem enriquecer o currículo escolar e promover uma compreensão mais profunda das culturas afro-brasileiras. Além disso, será abordada a importância de superar estereótipos e preconceitos que frequentemente acompanham a representação da África na literatura e nos materiais educativos. Por fim, este artigo visa contribuir para a discussão sobre a descolonização do currículo escolar, propondo estratégias para inserir a literatura afro-brasileira de maneira significativa e respeitosa nas salas de aula. Acredita-se que, por meio de uma abordagem educativa consciente e inclusiva, seja possível formar cidadãos mais sensíveis às diversas culturas que compõem o nosso mundo. Para construir esta pesquisa, buscou-se orientações teóricas-metodológicas de Cosson (2019), que tem como título Letramento literário Teoria e Prática. Este trabalho está vinculado ao Grupo de Pesquisa "Linguagens, Diversidade e Autoformação", do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy- IFESP e financiado pela Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer – SEEC/RN.
Palavras-chaves: Quarto de despejo. Letramento literário. Literatura Africana. Ensino.

LETRAMENTO LITERÁRIO NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO: EXPERIÊNCIAS DE LEITURA/ESCUTA/ESCRITA COM O CONTO 'MARIA' DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Ana Luiza Silveira (IFESP/ SEEC)
Arandí Robson Martins Câmara

RESUMO
O presente artigo descreve experiências de leitura e letramento literário realizadas na Unidade Socioeducativa CASE Pitimbu, em Parnamirim, Rio Grande do Norte, por meio da criação do clube de leitura/escuta Entre Muros e Livros, com os adolescentes e jovens adultos em cumprimento de medidas socioeducativas em meio fechado. O objetivo deste estudo é destacar as potencialidades da leitura/escuta e da escrita no processo de letramento literário de jovens em cumprimento de medida socioeducativa com trajetórias de evasão escolar na infância e adolescência. Utilizamos como recurso metodológico a pesquisa-ação, desenvolvida pela aplicação de uma sequência didática literária. As atividades foram fundamentadas nos referenciais teóricos baseados na importância da leitura para autonomia como processo de liberdade e produção histórica e social, no letramento literário e multiletramentos, na Zona de Desenvolvimento Proximal. O desenvolvimento do clube de leitura foi marcado por um conjunto de desafios característicos de uma instituição de segurança com protocolos que impossibilitaram a realização integral das atividades planejadas, mas foi possível identificar algumas conquistas como a melhoria do interesse pela leitura, a melhoria da escrita, a participação dos adolescentes em eventos literários e discussões importantes sobre assuntos transversais, como feminicídio, desigualdades sociais e o preconceito, abordados na obra relatada neste artigo, o conto Maria do livro Olhos D'água de Conceição Evaristo. Este relato destaca a importância da iniciativa de atividades literárias inclusivas para promover a leitura entre jovens em contextos socioeducativos.
Palavras-chave: Socioeducação; Letramento Literário; Literatura de Mulheres Negras; Clube de Leitura; Privados de Liberdade.

O ENSINO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA PROPOSTA DO REFERENCIAL CURRICULAR NO ENSINO MÉDIO POTIGUAR

Vanuza Rejane de Souza (IFESP)
Erica Poliana Nunes de Souza Cunha (IFESP)

RESUMO
A educação brasileira busca um ensino com um olhar para a pluralidade, que valorize as singularidades e diversidades dos sujeitos, a fim de evidenciar as vozes que, durante a história do Brasil, foram apagadas. Por esse motivo, é preciso discutir o protagonismo da literatura afro nos documentos oficiais norteadores para o ensino. Desse modo, a legislação educacional brasileira norteia os currículos educacionais para um ensino plural, crítico reflexivo, que perceba o estudante em sua totalidade e o prepare para as práticas sociais. Este trabalho possui o objetivo de realizar uma análise qualitativa-interpretativista na proposta do ensino da literatura contida no Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar do RN (2021), amparada na Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas redes públicas e particulares da educação no Brasil. Os estudos sobre a história da África e dos Africanos tornaram-se essenciais desde 2003, que busca por meio dos componentes curriculares de Artes, literatura e história o ensino da história da África, a luta dos negros, do reconhecimento da cultura negra e a importância do negro na formação do Brasil. Como fundamentação teórica-metodológica, orientamo-nos a partir dos encaminhamentos de bell hooks (2017) a educação como prática de liberdade, Arroyo (2013) sobre as tensões em disputa na organização educacional, Silva (1999) abordando as teorias do currículo, e a BNCC (2018) que norteia o ensino brasileiro. Essa pesquisa está vinculada ao Grupo de Pesquisa “Linguagens, Diversidade e Autoformação”, do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy- IFESP. Por fim, concluímos que o tema em pauta proporciona aos estudantes uma reflexão sobre a história da África e dos africanos, sua importância na formação na cultura e da sociedade brasileira, assim como compreende o sujeito como ser humano em sua individualidade e coletividade, proporcionando uma educação antirracista.
Palavras-chaves: Literatura. Africana. Currículo. Ensino Médio Potiguar.

“QUEM NASCE EM BACURAU É O QUÊ?” PROVOCANDO FISSURAS E DESCOLONIZANDO O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Janaina Tomaz Capistrano (IFRN)

RESUMO

Este trabalho apresenta o relato de experiência pedagógica na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura ministrada nos 4°s anos do Ensino Médio Integrado do IFRN, Campus São Gonçalo do Amarante. Partimos da ideia basilar de que é dever da escola implementar ações que provoquem fissuras nas estruturas opressivas que vêm colocando os sujeitos minorizados em situações de vulnerabilidade histórica, dentre as quais está o racismo. Assim, como diz bell hooks (2019), a escola deve ser um espaço de articulação antirracista e de consolidação de um currículo descolonizado, disposto a reverter o vazio epistemológico de saberes oriundos dos povos racializados. Foi com esse propósito que a Lei nº 10.639/033 instituiu a obrigatoriedade do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas da Educação Básica. Nas palavras de Nilma Gomes (2012, p.100), a lei “exige mudança de práticas e descolonização dos currículos [...] exige questionamentos dos lugares de poder”. Para o desenvolvimento da sequência didática, os conteúdos selecionados foram os gêneros Resumo Informativo e Resenha Crítica, cuja abordagem foi implementada a partir dos seguintes textos norteadores: Pequeno Manual Antirracista (Djamila Ribeiro); Bacurau (Kleber Mendonça e Juliano Dornelles); Necropolítica (Achile Mbembe); e O Perigo de uma História Única (Chimamanda Nogozi Adichie). Durante as aulas, refletimos sobre a força do colonialismo e da colonialidade, que, por meio do racismo, se impõe como pensamento único, verdade absoluta, ideal a ser perseguido, inclusive por jovens pretas(os) e pardas(os), de origem periférica, como o são a maioria de nossas alunas e alunos. Fundamentados no conceito de necropolítica, debatemos sobre os grupos para os quais se dirigem as políticas de morte, ao que se chamou de "os matáveis". Refletimos ainda sobre a força da coletividade e como este valor advindo dos povos racializados vem sendo apagado violentamente pela ideologia da supremacia branca.

Palavras-chave:

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O JOGO SHISIMA NA FORMAÇÃO DOCENTE LETRAS

Anne Charlyenne Saraiva Campos (IFESP)
Jeferson Aquino Araújo (IFESP)
Vanusia Melania de Medeiros Araújo (IFESP)

RESUMO
A Extensão Universitária temática discutida no campo da Educação em razão de aproximar o discente com a realidade profissional. A Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 (Brasil, 1996) institui que a Educação Superior tem a finalidade de promover a extensão aberta à participação do público interno e externo como espaço de produção e disseminação de conhecimento. Partindo dessa premissa, este Relato de Experiência tem como objetivo apresentar o projeto de extensão "Confecção de Jogo Africano | Brincando com Shisima", realizado no IFESP no em 2024.1, tendo como ministrantes os discentes do Curso de Letras – Língua Portuguesa, promovido durante o Componente Curricular Atividades Diversificadas AD IV, enfocando jogo de matriz africana. Este trabalho teve como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica, a análise de documentos com abordagem qualitativa e a aplicação de questionário. O referencial teórico foi embasado em Paula (2013), Forproex (2006), Libâneo e Pimenta (1999) e Pimenta (1996, 1999). A extensão é um processo que envolve práticas pedagógicas, métodos científicos, culturais, artísticos e sociais, assim como a pesquisa sendo elaborados para a melhoria do ensino e para o desenvolvimento de habilidades do perfil profissional. Os discentes do Curso de Letras da turma 2022.2 matriculados AD IV, desenvolveram a oficina, desde a criação até a sua aplicação, sendo realizadas vivências pedagógicas e momento expositivo dialogado com a finalidade compreender as metodologias aplicadas assim como os conteúdos específicos das áreas de conhecimento articulado entre Língua Portuguesa e Arte. Espera-se contribuir de forma significativa na reflexão acerca da importância da realização e valorização da extensão universitária para o processo formativo de professores em diferentes áreas de conhecimento e proporcionar, dessa forma, possibilidades de metodologias para que os discentes em formação possam fortalecer as práticas da Educação Básica quanto ao ensino com foco na valorização e fortalecimento dos povos originários e de matriz africana.
Palavras-chave:

O SIMBOLISMO DA “BONECA ABAYOMI” DA RELIGIÃO IORUBÁ NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Auridéa Santos da Costa de Mélo (IFESP)
Theoguenides Odília de Medeiros (IFESP)
Maria Aparecida de Almeida Rego (IFESP)

RESUMO
O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa desenvolvida sobre a boneca Abayomi, símbolo da religiosidade Iorubá. O objetivo da investigação foi conhecer a história, o conceito e as características da boneca Abayomi para compreensão da religião Iorubá. Abayomi, termo que significa “encontro precioso”, está presente em uma das maiores etnias do continente africano. Destacando o enfoque da religião de matriz afro-brasileira, apresentamos a oralidade como caminho para construção das identidades do povo Iorubá. A pesquisa norteou-se a partir de teóricos como Bakhtin (2010), Bogdan e Bilken (1994), Almeida (2006), Barcelos (1995), Prandi (2007), Silva (2009), Sesan (2016), Passos (2018), entre outros. Na contação das narrativas da boneca Abayomi são destacadas as características da religião Iorubá, tais como: o respeito com seus ancestrais, a compreensão dos deuses e das tradições, as quais direcionam a construção de uma identidade e da autoestima para os negros e seus descendentes atuais. Os resultados indicam que, além de serem encantadoras, as bonecas colocam-se como elementos de afirmação das raízes culturais afro-brasileiras e também do poder e determinação das mulheres negras. Dessa pesquisa, foram desenvolvidas oficinas para ensinar a confeccionar a boneca Abayomi, artefato entendido como amuleto. As oficinas foram realizadas com professores do Ensino Religioso da rede municipal de educação de Natal. A metodologia traçada neste trabalho é bibliográfica e descritiva articulando com teóricos como: Gonzalez (1984); Lena Martins (2018); entre outros. Destacamos ainda, a necessidade de que os espaços educativos sejam de valorização da cultura afro-brasileira com atividades lúdicas e participativas, como ferramenta que possibilita levantar o debate sobre a questão racial com estudantes e professores em formação presentes na oficina.
Palavras-chave: Boneca Abayomi. Narrativa oral. Simbolismo Iorubá. Ensino Religioso. Formação de professores do ER.

DESAFIANDO AS NARRATIVAS COLONIAIS DO IDEAL DE HUMANIDADE A PARTIR DAS FILOSOFIAS AFRO-BRASILEIRAS

Cibele Bitencourt Silva (PUC SP)

RESUMO
O ideal de humanidade instaurado em Améfrica Ladina (denominação proposta por Lélia Gonzales) a partir da colonização europeia é o do homem branco europeu, o que provocou e provoca efeitos de profunda desestruturação social e psíquica, pois como destaca Fanon gera a extrema dificuldade das pessoas colonizadas em se enxergarem como humanas, já que o colonizador ao mesmo tempo desumaniza e se eleva como o próprio referencial de humanidade e dignidade. O foco de nossa pesquisa é desafiar as narrativas coloniais que mantêm esse ideal de humanidade, além de oferecer possibilidades outras de identificação a partir das filosofias afro-brasileiras. Afirmamos que as filosofias afro-brasileiras, nascidas a partir das encruzilhadas entre povos africanos, indígenas e europeus de origens diversas, oferecem possibilidades de humanidade ricas em diversidade e ferramentas de combate às violências coloniais de raça/classe/gênero. A partir da destituição do ideal eurocentrado de humanidade de seu trono, provocam o tombo epistemológico das narrativas coloniais acerca do que é ser humano e despertam potência e encantamento. Encantamento que produz, ousamos declarar, a possibilidade de valorização da vida em sua pluralidade de expressões, e especialmente, a valorização das humanidades pobres, negras, femininas, LGBT+, subalternizadas pelo processo colonial. Destacamos a defesa de uma filosofia popular brasileira proposta no livro Arruaças, autoria de Luiz Antônio Simas, Luis Rufino e Rafael Haddock-Lobo como ponto de partida, especialmente as considerações acerca das saídas criativas a partir dos caboclos e de Exu.
Palavras-chave: colonialidade; decolonialidade; filosofia afro-brasileira; educação etnico-racial

FORMAÇÃO DE DOCENTES DE FILOSOFIA E CULTURAS AFRICANAS E AFROBRASILEIRAS NA ESCOLA

Frederico Affonso de Araújo Medeiros (UFRN)
Francisca Katarina de Oliveira

RESUMO
Este trabalho apresenta reflexões sobre a formação de professores de filosofia numa perspectiva decolonial, de modo a possibilitar uma mudança do paradigma, que saia de uma educação antes voltada à monocultura, à cultura européia, branca, que privilegia o capital financeiro e se volte a várias culturas. Indica que ao valorizar a tradição epistemicida a educação brasileira negligenciou as contribuições dos povos africanos nas mais diversas áreas, mormente seus pensamentos e seus saberes. Deste modo, o currículo escolar em filosofia amiúde se limita às certezas do pensamento ocidental e, portanto, fica desprovido da trajetória de luta e resistência dos povos historicamente oprimidos. Constata que a aprovação da Lei 11.645/08 torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e das populações indígenas no Brasil em todas as escolas da educação básica, mas não prevê a sua obrigatoriedade nos estabelecimentos de ensino superior para os cursos de formação de professores (licenciaturas). Com efeito, várias Instituições de Ensino Superior pelo país não contêm em seus currículos disciplinas voltadas aos estudos que formam profissionais de educação para a abordagem da cultura africana e afro-brasileira nos espaços escolares. O resultado disso tem sido professores de filosofia com dificuldade para ministrar estes conhecimentos aos estudantes da educação básica. Diante do exposto, indica a necessidade das instituições de educação superior executarem em seus cursos e programas uma pedagogia antirracista e antidiscriminatória e produzirem estratégias educacionais orientadas pelo princípio de igualdade básica da pessoa humana. Também é preciso capacitar os profissionais da educação para construir novas relações étnico-raciais; reconhecer e alterar atitudes racistas em qualquer veículo didático-pedagógico; assim como incluir novos conteúdos, procedimentos, condições de aprendizagem e objetivos que repensem as relações étnico-raciais. Para tal proposta embasamo-nos em Adichie (2019), Almeida (2019), Davis (2016), Klein (1989), Lopes & Simas (2023), Munanga (2009), Ribeiro (2019) e Santos (2006).
Palavras-chave:

PRIMEIRO COMO FARSA, DEPOIS COMO TRAGÉDIA: A FABULAÇÃO EUROPEIA DA RAZÃO NEGRA, DA RAÇA E DA ÁFRICA

Jose Luiz Silva da Costa (IFRN)
Federico Sanguinetti (UFRN)

RESUMO
Este trabalho visa analisar os significados dos termos “negro” e África” e suas relações, a partir das teses de Mbembe, e daí analisaremos as raízes do racismo oriundo da formulação branca destes conteúdos. Razão negra é o termo utilizado por Mbembe para designar a idealização de um sujeito racial projetado pelos invasores europeus, e também por parte da modernidade filosófica. Sua construção se dá na propagação do discurso da existência de uma suposta diferença originária entre os sujeitos humanos onde o branco é superior, devido suas características racionais e poder de organização política e, o negro é um sujeito inferior, que não alcançou o desenvolvimento do uso da razão e se encontra em estado animalesco e apolítico. Toda essa justificativa filosófico-racional tem como pano de fundo um propósito econômico-colonial que justificaria aos olhos da sociedade ocidental a utilização dos povos negros como máquinas braçais que construíram os lucros do que se acumulou no primeiro capitalismo, no capitalismo primitivo. No fundo, o que se quer com essa divisão entre raças é que a existência do sujeito racial, advindo deste discurso, prescinda a existência da raça enquanto lógica estruturante da formação das sociedades. Mbembe afirma que os termos “África” e “negro” sofreram uma relação de conciliação que os une inseparavelmente. Quando se fala de um, evoca imediatamente o outro. De forma aparente um designa para o outro o seu valor e sua significação. Esta pesquisa compõe parte de um trabalho de doutorado e visa compreender o longo processo histórico de fabricação dos sujeitos raciais, onde concluímos que e a raça, o racismo e África só podem ser compreendidos perscrutando a estruturação do processo histórico nos moldes coloniais e eurocêntricos de como foram projetados e condicionados estes termos e seus impactos, é aí que encontramos a grande arquitetônica da fabricação de sujeitos raciais e, desta forma, esta pesquisa busca impactar nas pesquisas e lutas antirracistas.
Palavras-chave:

“A INVENÇÃO DA ÁFRICA”: O DEBATE E AS CONTRADIÇÕES DE UMA AFROPERSPECTIVIDADE

Pedro João da Silba Bisneto (UFRN)

RESUMO
Dentro dos estudos raciais, muito autores e teóricos veem na negritude o maior movimento político e estético do século XX. Essas definições partem, em sua maioria das vezes, do fato de que, enquanto um marco histórico, a Negritude se propõe a ser uma alternativa que supere uma limitação puramente “identitária”, promovendo um aprofundamento, em um primeiro plano, das questões políticas, ao tentar reformular os processos de formação da nossa condição de vulnerabilidade relacionada às questões raciais, seguido, em segundo plano, de uma realocação das questões metafísicas que, muitas vezes, encontra um encerramento do problema sem considerar um “novo” olhar sobre ele. Por isso que desde seu surgimento, que é delimitado pelo movimento artístico, literário e filosóficos criado em Paris por estudantes africanos e afro-caribenhos e pelos movimentos culturais de renascimento do Harlem, esse importante movimento direciona suas críticas às noções impossíveis de serem dissociadas das perspectivas filosóficas, tais como o Iluminismo, a Modernidade, a Democracia, já que se vê com estranheza a manutenção dessas ideias na relação Europa-colonialismo, além, obviamente, da própria História da Filosofia e seus diversos interlocutores, que enxergavam os homens e mulheres negros/africanos como inferiores e, por isso, encontravam justificativa para a colonização, o domínio e a escravidão. No entanto, ao observar bem a tradição envolvida nessas análises, percebe-se também a existência de uma linha mais crítica, a qual observa que o movimento teórico da negritude foi insuficiente para colocar em xeque as violentas contradições do cânone filosófico e suas inúmeras implicações. A prova disso é que um dos resultados mais comuns da posição não-crítica é a tentativa de elaboração de uma vertente afroperspectivista da história da filosofia, que, cheia de boas intenções, na maioria das vezes, continua repetindo as mesmas posições da modernidade. Partindo deste conflito, circundamos o objetivo desse trabalho em analisar as contradições dessas delimitações canônicas junto as suas implicações curriculares e de pensamento -, aprofundando a crítica ao movimento da negritude e sua incapacidade prática de formular uma alternativa para a tradição filosófica e, junto a isso, fomentar o debate sobre as alternativas ao cânone filosófico diante das várias vertentes, e suas respectivas limitações, nascidas nos últimos anos.
Palavras-chave:

A SUTILEZA DA DOR NA REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO CONTO “MARIA”: UMA ANÁLISE CRÍTICA EM CONCEIÇÃO EVARISTO

Adriana do Carmo Ferreira (IFRN)
Maria Aparecida de Almeida Rego (IFESP)
Betânia Leite Ramalho (UFRN)

RESUMO
A invisibilidade e o silenciamento da mulher negra se manifestam na falta de representações autênticas em diversos âmbitos da sociedade, evidenciando experiências de opressão e discriminação em comparação com outros grupos. Neste sentido, faz-se necessário discutir o impacto do racismo na saúde mental e emocional dessas mulheres. A análise crítica do conto “Maria”, da obra Olhos d’água (2016), de autoria de Conceição Evaristo, desvela o envolvimento da professora e escritora com a visibilidade e a valorização das vivências das mulheres negras na sociedade brasileira. O conto enseja uma pujante denúncia das estruturas de poder que marginalizam os corpos negros, mas também celebra a força feminina. Assim sendo, este estudo tem como objetivo analisar as críticas sociais, sobretudo relacionadas ao racismo, sexismo e às injustiças estruturais, e como elas são articuladas por meio da narrativa literária. Adotamos como estrutura teórico-metodológica a teoria da estética da recepção literária de Jauss (1979), que defende a interação comunicativa entre leitor e obra literária, o que possibilita ao leitor a imersão no texto literário, em contestação às teorias estruturalistas e formalistas. Ademais, esse trabalho é construído na vertente da pesquisa com abordagem qualitativa (Moreira; Callefe, 2008), tendo em vista que é fator sine qua non na compreensão de fenômenos complexos e subjetivos na coleta de informações acerca das experiências, crenças, comportamentos e interações sociais dos sujeitos. Considerando os aspectos supramencionados, justificam-se a relevância dessa experiência no que tange à formação do leitor literário reflexivo, crítico e que discute aspectos concernentes às relações étnico-raciais, práticas antirracistas e questões das territorialidades e desigualdades étnicas, sociais e raciais (Santos, 2008; Fernandes, 2021). Esse estudo está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação – PPGEd/CE, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, desenvolvido pela Linha de Pesquisa Educação, Representações e Formação Docente.
Palavras-chave: Sutileza da dor. Mulher negra. Relações étnico-raciais. Territorialidades. Desigualdades.

A REPRESENTATIVIDADE DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO ROMANCE "O AVESSO DA PELE", DE JEFERSON TENÓRIO

Theoguenides Odília de Medeiros (IFESP)
Auridéa Santos da Costa de Mélo (IFESP)
Maria Aparecida de Almeida Rego (IFESP)

RESUMO
Esta pesquisa propõe discutir a obra O avesso da pele, 2020, de Jeferson Tenório, a partir das representatividades das religiões afro-brasileiras presente no romance. O protagonista, Pedro, é um homem abalado por sua condição de ser negro em um país racista, vive processos de dor e de acertos de contas com o passado familiar a partir da morte do pai, mas também vivencia, ao longo do enredo, um processo de redenção, superação e liberdade. O recolher-se vivido por Pedro, após o assassinado do seu pai Henrique, é comparado com o recolher-se que acontece com os iniciantes do Candomblé. Desse modo, é possível realizarmos uma análise comparativa entre os rituais do Candomblé, religião de matriz africana, com a narrativa empreitada por Jeferson Tenório. A metodologia traçada será bibliográfica descritiva articulando com teóricos como: Gonçalves Silva (2005); Tenório (2020); Evangelista (2019); Roger Bastide (2001); Chiavenato (1986); Prandi (2019), (2000); Santos (2005) entre outros. Tenório se consolida como uma das vozes mais potentes e estilisticamente corajosas da literatura brasileira contemporânea e aborda uma temática muito cara na sociedade brasileira: as religiões de matrizes africana. Portanto, este trabalho pretende contribuir, a partir da análise literária, com as discussões da contemporaneidade numa perspectiva de diminuir tanto o racismo quanto as discriminações religiosas, revelando o que a pele não mostra. Este trabalho está vinculado ao Grupo de Pesquisa "Linguagens, Diversidade e Autoformação", do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy- IFESP e financiado pela Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer – SEEC/RN.
Palavras-chave: O avesso da pele; Romance; Religiões Afro-brasileiras; Candomblé; Redenção.

SIMPÓSIO 33

ASPECTOS SIMBÓLICO-IDENTITÁRIOS DO IMAGINÁRIO NEGRO NA CONTEMPORANEIDADE: CONCEPÇÕES DE ENSINO E ABORDAGENS TRANSDISCIPLINARES

Organização do Simpósio:
Jackson Cícero França Barbosa (UEPB)
Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)
Waldeci Ferreira Chagas (UEPB)

RESUMO
Este grupo de trabalho visa reunir pesquisas – em andamento ou concluídas – que investigam como se materializam referenciais semióticos multifacetados, ambientalizados em aspectos historiográficos, linguísticos, culturais e educacionais, para a construção simbólico-identitária do(s) imaginário(s) negro(s) na contemporaneidade. Nesse sentido, nos voltaremos às propostas que se desenvolvem, com base nos postulados descritos, acerca de aspectos ligados: (i) às clivagens das oralidades e das escrituras como expressões simbólico-signatárias das abordagens negras na contemporaneidade; (ii) aos suportes pedagógicos, no âmbito da formação de professores, que versam sobre o Ensino de História e cultura afro-brasileira; (iii) interculturalidade e Ensino de História, sob o viés da educação para as relações étnico-raciais. O espaço de contribuição também está aberto a propostas que focalizem produtos das culturas populares tradicionais e, também, nas linguagens multimodais (hipermídia, filmes, redes sociais, imagens estáticas e em movimento etc) e dos multiletramentos e como estes se articulam ao ensino (de Língua Portuguesa, História, dentre outras áreas), em perspectiva transdisciplinar, estabelecendo diálogos com esta proposta deste simpósio.
Palavras-chave: Imaginário negro. Linguagens. Ensino. História e cultura afro-brasileira.

CULTURA POPULAR E IDENTIDADE NEGRA NA MÍDIA DIGITAL

Vitória Gabriele Apolinário de Oliveira (UFMS)

RESUMO
A mídia social representa um importante mecanismo de representação e promoção da cultura popular negra, com plataformas onde identidades são construídas, afirmadas e celebradas. Este trabalho tem como objetivo analisar a representação da cultura popular negra nas redes sociais e outras mídias digitais. Os objetivos específicos incluem: identificar padrões de representação da cultura preta nas redes sociais; compreender o impacto dessas representações na formação da identidade da pessoa negra e analisar a eficácia das campanhas digitais na promoção da cultura e identidade negra. O objeto de estudo abrange postagens em redes sociais, como instagram, facebook, twitter e tiktok, bem como campanhas e movimentos digitais. Para alcançar esses objetivos, a metodologia adotada envolve a análise de conteúdo de postagens em redes sociais, estudos de caso de campanhas digitais significativas que tiveram um impacto reconhecido na promoção da cultura negra, entrevistas com influenciadores negros que, através da pesquisa qualitativa, possibilitarão identificar as estratégias e os desafios enfrentados na promoção da identidade negra nas mídias digitais, e uma revisão bibliográfica sobre cultura popular negra e mídia digital que possibilitará a contextualização dos achados dentro do campo mais amplo dos estudos da mídia e cultura. Os resultados esperados são a identificação dos padrões de representação da cultura negra, uma melhor compreensão do impacto dessas representações na identidade negra e uma análise da eficácia das campanhas digitais na promoção da cultura e da identidade negra. Conclui-se que a mídia digital desempenha um papel crucial na representação e promoção da cultura popular negra, oferecendo uma plataforma poderosa para a construção identitária. As redes sociais e outras mídias digitais permitem que a cultura negra seja promovida de maneira autêntica e empoderadora, desafiando estereótipos e promovendo o empoderamento e a mobilização comunitária.
Palavras-chave:

A LITERATURA NEGRA FEMININA COMO FERRAMENTA CONTRACOLONIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REDE PÚBLICA

Ana Paula Nogueira Campos (Secretaria De Educação De Natal)

RESUMO
O universo literário tem grande importância na formação das subjetividades de crianças de diferentes raças e etnias, construindo nossa percepção de mundo e determinando nosso comportamento socialmente. Dessa forma, reconhecer este espaço como um lugar de disputa de narrativas é essencial quando constatamos a ausência de vozes não-brancas em espaços escolares, criando a falaciosa impressão de que não temos representantes potentes para usar como recurso no âmbito escolar. Nesse contexto, o presente artigo apresenta as contribuições de uma prática pedagógica contracolonial, com ênfase na leitura de literatura escrita por mulheres negras da diáspora africana, com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Natal-RN. Objetivamos demonstrar a importância da representatividade no universo literário, como um meio fortalecedor das nossas subjetividades, atuando como potencializador das nossas práticas de escrita criativa levando crianças periféricas a se reconhecerem como intelectuais gerando possibilidades de um futuro historicamente negado. Partindo de uma revisão bibliográfica contracolonial, revisamos cartas escritas pelas crianças durante as aulas, após abordagens de apresentação de biografias e obras de escritoras negras como Carolina Maria de Jesus e Geni Guimarães, além da analisar falas expostas pelas crianças durante os debates em sala de aula. Chegamos à conclusão de que a partir da leitura de mulheres negras, compreendemos melhor nossas pautas sociais, reconhecendo a presença da intelectualidade negra em espaços periféricos, repensando nosso olhar para a comunidade negra no continente africano e na diáspora, além de contribuir para que crianças brancas repensem estereótipos sobre pessoas negras tão comumente gerados por obras escritas com caráter racista e eugenista.
Palavras-chave: Contracolonial. Literatura negra. Educação. Representatividade. Escrita

“TORNAR-SE NEGRA”: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA PERSONAGEM JANIE CRAWFORD, NA OBRA “OS SEUS OLHOS VIAM DEUS”, DE ZORA NEALE HURSTON

Yara Rodrigues Santos (UFPB)
Franciane Conceição Silva (UFPB)

RESUMO
Este trabalho pretende analisar o processo de construção identitária da personagem Janie Crawford no romance “Seus Olhos Viam Deus” (1937), de Zora Neale Hurston, escritora afro-estadunidense, em diálogo com as discussões promovidas pela disciplina “Literatura III — Identidade e Etnias”, ministrada pela Professora Dr.ª Franciane Conceição Silva, sobre a obra “Tornar-se Negro” (1983), de Neusa Santos Souza. A análise incorpora a perspectiva do feminismo negro e o conceito de autodefinição de Collins (2020) para investigar o processo emancipatório de Janie Crawford em sua busca por autonomia e afirmação da identidade negra. Além disso, iremos dialogar com a concepção de “amor interior” de bell hooks(2010) que destaca a relevância da afirmação identitária no processo de resgate de si. Nesse contexto, o presente estudo examinará a trajetória da personagem Janie Crawford sob a ótica do amor como prática e combustível para sua reafirmação identitária, investigando como a busca por uma materialização de si, diante de um contexto fragmentado pelo racismo e pela violência de gênero, revela a necessidade de subverter as opressões que permeiam a vida da protagonista. Traremos ainda uma breve análise biográfica da autora, Zora Neale Hurston, no intuito de compreender a sua luta pela criação de narrativas compostas por diversas vozes negras em espaço de poder, o que se alinha ao enfrentamento da concepção de Outridade (Kilomba, 2019) e estabelece a autoria coletiva não só em sua literatura, mas também nos seus registros fílmicos, pesquisas no campo da antropologia e, sobretudo, nas várias facetas de Janie Crawford ao longo da narrativa como uma força vital para uma identidade negra ressignificada e potencializada.
Palavras-chave:

INFÂNCIAS, QUILOMBOS E MEMÓRIAS EM QUADRINHOS: PRÁTICAS INTERCULTURAIS EM DIÁLOGOS INTERGERACIONAIS

Patricia Cristina de Aragao (UFPB)
Jackson Cícero França Barbosa (UEPB)
Waldeci Ferreira Chagas (UEPB)

RESUMO
Nas narrativas de memórias sobre os quilombos as pessoas idosas, os mais velhos das comunidades, apresentam repertório de saberes sobre suas experiências nas comunidades. Estas são fundantes, para reconhecimento das práticas sociais e culturais quilombolas. Estes conhecimentos em diálogos com as infâncias, permitem educar, colaborando para a dialogicidade entre gerações e permitindo múltiplos aprendizados. Este artigo tenciona discutir sobre o lugar dos quilombos em narrativas de pessoas idosas e a dimensão educativa destas práticas na formação das infâncias a partir de histórias em quadrinhos. Partimos de uma pesquisa bibliográfica e documental. Consideramos sumamente importante o diálogo intergeracional entre pessoas idosas e infâncias na valorização dos conhecimentos sobre quilombos. Compreender as memórias e histórias tecidas sobre os quilombos nestas narrativas contribui na educação escolar.
Palavras-chave: Quilombo. Histórias em Quadrinhos. Infâncias. Memórias. Diálogos intergeracionais.

A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS E MEMÓRIAS SOBRE A ESCRAVIDÃO ATRAVÉS DA LITERATURA: UM PROJETO PEDAGÓGICO COM "UM DEFEITO DE COR" NAS AULAS DE HISTÓRIA

Letícia de Carvalho Santos (SEEC RN)

RESUMO
Como Saidiya Hartman aponta em "Vênus em dois atos" (2008), a maioria dos relatos sobre pessoas escravizadas consiste em números ou descrições de violência. Normalmente nas páginas dos livros didáticos encontramos uma ausência de histórias de vidas de pessoas escravizadas, estas não foram narradas devido à subjetividade suprimida pela escravidão. Essa lacuna tem um impacto direto na nossa compreensão e memória desse período histórico. Durante as aulas de História, esse incômodo pela falta de histórias de vida foi sentido por muitos estudantes, que percebem como as caracterizações tendem a homogeneizar as pessoas escravizadas.Considerando essas lacunas de conhecimento, experimentei, em anos anteriores, trazer para a sala de aula a narração de "Um defeito de cor" (2006) de Ana Maria Gonçalves. Ao apresentar a personagem Kehinde, narradora do livro, a atenção dos alunos às aulas sobre escravidão mudou significativamente. A curiosidade aumentou e a pergunta recorrente era: "O que aconteceu com ela depois?" Com base nessa experiência inicial, decidi estruturar de forma mais aprofundada e transformar em um projeto pedagógico o uso do livro nas aulas sobre o período da escravidão. Este projeto visa preencher essas brechas de conhecimento, estimular reflexões críticas e humanizar as narrativas sobre as pessoas escravizadas. Para tanto, faremos um estudo exploratório e crítico de alguns livros didáticos e, posteriormente, analisaremos alguns documentos históricos. Em diálogo com o livro Um defeito de cor, o projeto inclui uma análise crítica de narrativas sobre mulheres escravizadas. Após compreender o contexto em estudo e pesquisar as histórias de vida das pessoas escravizadas, os estudantes serão incentivados a criar narrativas inspiradas nas reflexões de Hartman em “Vênus em dois atos”. Essas narrativas visam ampliar nosso conhecimento sobre esse período histórico, contribuindo, quem sabe, para a formação de uma nova memória em torno da escravidão.
Palavras-chave:

RELATO DE EXPERIÊNCIA: COMPARANDO AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS, O REGIONALISMO BRASILEIRO E A INFLUÊNCIA DAS LÍNGUAS NACIONAIS ANGOLANAS NO PORTUGUÊS COTIDIANO

Noemy Oliveira Santos (UFPA)
Thomas Massao Fairchild (UFPA)

RESUMO
A influência do português como língua oficial no Brasil e em Angola é um fator comum decorrente da colonização por Portugal. No entanto, as políticas linguísticas aplicadas nesses países tiveram diferentes impactos nas línguas nacionais e nos falares regionais. Em Angola, as línguas nacionais perderam prestígio, enquanto as línguas indígenas e os falares africanos foram apagados no Brasil. Apesar disso, as condições sociais e culturais mantiveram variações linguísticas, resultando em falares regionais no Brasil e influência das línguas nacionais em Angola. As trocas linguísticas também refletem relações de poder simbólico, conforme apontado por Bourdieu (2008). Em atividades realizadas no Instituto Superior de Educação do Sumbe, observamos diferenças entre o português falado nos dois países e também no ensino de português em sala de aula. Fizemos a observação de duas turmas de Licenciatura em Língua Portuguesa no Instituto Superior de Educação do Sumbe na atividade de planificação de aulas. E realizamos uma oficina em evento acadêmico: uma atividade de leitura guiada objetivando demonstrar como utilizar atividades escolares para mobilizar saberes linguísticos e literários, regatando os falares cotidianos dos dois países. Essas variedades da língua foram exemplificadas por meio do conto “Entre o medo, o ódio e a esperança” do escritor Preto Michel (2014). Dessa forma, pudemos observar diferenças entre o português falado nos dois países. Também promover discussões que demonstraram uma luz das questões étnico raciais em Angola por meio de perguntas que estimularam os participantes a se expressarem. Este relato de experiência visa ampliar discussões no âmbito da ocorrência de variações e políticas linguísticas, seja no falar regional do Brasil, ou na influência das línguas nacionais em Angola. Trazendo reflexões comparativas do uso do português nos dois países objetivando ampliar as perspectivas em sala de aula e promover o intercâmbio linguístico e cultural entre Brasil e Angola.
Palavras-chave:

DESTERRITORIALIZAÇÃO, TRAVESSIA E ERRÂNCIA: MARCAS DE COLONIALIDADE E IDENTIDADES PARTIDAS NOS ROMANCES ESSA TERRA E PONCIÁ VIVÊNCIO

Jeane Lima da Silva (UFPE)

RESUMO
Esta pesquisa propõe analisar, a partir dos romances Essa Terra, de Antônio Torres, e Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, desdobramentos de um processo de desterritorialização em que se envolve o indivíduo que vivencia espaços culturais e realidades opostas, observando como se realizam os mecanismos de deslocamentos, as perdas, as rupturas provocadas pelo desenraizamento e as consequências psíquicas e sociais no sujeito que vive a condição de migrante. O estudo das narrativas pretende destacar, também, abordagens de temáticas como: valores ideológicos e construção de estereótipos regionais, o deslocamento identitário e espacial, lugar e o não-lugar, silenciamentos de vozes subalternizadas, o sentido de pertencimento, a relação memorialística dos personagens com sua terra natal e, por fim, a fragmentação e invisibilidade do indivíduo errante no ambiente citadino. A relevância desse estudo se ancora no entendimento de que as narrativas em questão empreendem uma aguda reflexão sobre o sujeito deslocado no complexo mundo contemporâneo, onde as incertezas, as crises de valores e a competição são elementos imperativos. O lugar das grandes expectativas (grandes cidades) está em ruínas e o retorno às suas origens se faz necessário para recompor fragmentos de uma identidade partida, muito embora nem sempre isso seja possível. O homem, inserido nesse contexto, torna-se um ser desterritorializado, certamente por não mais pertencer (depois desse processo de desenraizamento) a nenhum lugar, nem a si mesmo. Portanto, os autores partem de experiências pessoais através da pesquisa biográfica, abrindo possibilidades para a produção narrativa e literária a partir de reflexões dos contextos sociais.
Palavras-chave: Desterritorialização; Travessia; errância

CRISTIANE SOBRAL: UMA ANÁLISE LITERÁRIA E PROPOSTAS DE ENSINO

Fabrício Guto Macêdo de Souza (IFRN)

RESUMO
A obra O Tapete Voador (2017), de Cristiane Sobral, é uma coletânea de contos que explora temas de empoderamento negro e discriminação racial, apresentando personagens femininas em busca de superação social. O objetivo deste artigo é analisar como Sobral (2017), através de narrativas envolventes, aborda a construção de uma identidade negra contemporânea e desafia preconceitos raciais e sociais e, também propor modos de abordar o texto em aulas de literatura do 3º ano do ensino médio das escolas da rede pública de ensino. Além disso, vê-se neste estudo a relevância de discutir tais temáticas em uma sociedade que ainda enfrenta as consequências de um passado escravocrata e a persistência do racismo estrutural. Baseando-se nas obras Pequeno Manual Antirracista, de Djamila Ribeiro (2019), e no artigo "Relações Raciais no Brasil e a Construção da Identidade da Pessoa Negra", de Pinto e Ferreira (2014), esse artigo também destaca a importância da conscientização e da resistência antirracista como ferramentas de transformação social. Como propostas para sala de aula, sugere-se sequências didáticas a fim de promover discussões que incentivem os alunos a refletirem e debaterem sobre as questões apresentadas na obra sobralina, a partir das proposições de Rildo Cosson (2006), promovendo um ambiente de aprendizado crítico, inclusivo e antirracista.
Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. O Tapete Voador. Cristiane Sobral. Ensino. Sequências Didáticas. Antirracismo.

griots

V CONGRESSO INTERNACIONAL DE LITERATURAS E CULTURAS AFRICANAS

amor e afetos em tempos de desigualdades, guerras, antirracismo, epidemias, justiça climática

23,24 e 25 de outubro 2024
Moçambique- África : Virtual
Brasil-UFRN: Presencial